

TITO LÍVIO CRUZ ROMÃO

TESE DE DOUTORADO

**O método de tradução de Friedrich Schleiermacher sob o olhar
crítico de Johann Albrecht Karl Schäfer**

Florianópolis

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Tito Lívio Cruz Romão

**O MÉTODO DE TRADUÇÃO DE FRIEDRICH
SCHLEIERMACHER SOB O OLHAR CRÍTICO DE
JOHANN ALBRECHT KARL SCHÄFER**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

Florianópolis

2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

ROMÃO , TITO LÍVIO CRUZ

O método de tradução de Friedrich Schleiermacher sob o
olhar crítico de Johann Albrecht Karl Schäfer / TITO LÍVIO
CRUZ ROMÃO ; orientador, WALTER CARLOS COSTA -
Florianópolis, SC, 2013.

221 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Teoria da Tradução. 3. Johann
Albrecht Karl Schäfer. 4. Friedrich Schleiermacher. 5.
Século XIX na Alemanha. I. COSTA, WALTER CARLOS . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Tito Lívio Cruz Romão

**O MÉTODO DE TRADUÇÃO DE FRIEDRICH
SCHLEIERMACHER SOB O OLHAR CRÍTICO DE
JOHANN ALBRECHT KARL SCHÄFER**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de DOUTOR EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO e aprovada em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de setembro de 2013.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof., Dr. Walter Carlos Costa
Orientador Presidente
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof. Dr. Júlio César Neves
Monteiro
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Pedro Heliodoro de
Moraes Branco Tavares
Universidade Estadual de
Campinas

Profa. Dra. Wiebke Röben de
Alencar Xavier
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Adja Balbino de
Amorim Barbieri Durão
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof.^a, Dr.^a Marie-Hélène Catherine
Torres,
Universidade Federal de Santa
Catarina

Em memória de minha mãe, Umbelina, e de meu pai, José, com muitas saudades.

Em memória da amiga Tünde Redl e do amigo Michael Barth, dois incentivadores.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Walter Carlos Costa;

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa Catarina;

À secretaria da PGET, nas pessoas de Fernando e Gustavo;

Aos meus irmãos Ruth, José, Margareth e Elisabete;

Aos meus amigos, aqui representados por Zélia Bastos, Teresa
Frota, Rogéria Costa Pereira, Francisco Gleiberson dos S. Nogueira,
Victoria Barth e Orlando Luiz Araújo.

Não existe uma musa da Filosofia, nem existe uma musa da Tradução.

Entretanto, elas não são banalidades, como querem alguns saltimbancos sentimentais.

(Benjamin, 2001: 205)

RESUMO

Esta tese insere-se na área de tradução comentada de textos sobre teoria da tradução e baseia-se na minha tradução para o português do ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*, do autor alemão Johann Albrecht Karl Schäfer (1800-1862). O objetivo principal desta pesquisa é debater algumas questões relevantes para a Teoria da Tradução extraídas do ensaio *Sobre os diferentes métodos de tradução*, apresentado por Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, primeiramente em forma de conferência, no ano de 1813, visando a contrastá-las com os pensamentos de Karl Schäfer contidos em seu ensaio publicado 26 anos mais tarde. A tradução do ensaio de Karl Schäfer é precedida de um estudo sobre a biografia do autor e de uma análise sobre a importância da tradução para os escritores de língua alemã desde o Barroco Alemão (aprox. 1600) até o início do Romantismo Alemão por volta de 1800. Em seguida, apresento o ensaio de Karl Schäfer traduzido pela primeira vez em língua portuguesa, acompanhado dos respectivos comentários sobre a minha tradução.

Palavras-chave: Métodos de tradução. Friedrich Schleiermacher. Karl Schäfer.

ABSTRACT

The area of research of this thesis is translation of texts about translation theory with commentaries, and it is based on my own translation from German into Portuguese of the essay *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* by Johann Albrecht Karl Schäfer (1800-1862). The major purpose of this research is to discuss some relevant questions for the field of Translation Theory that arise from the comparison of Friedrich Schleiermacher's article *On the Different Methods of Translation*, initially presented as an academic conference in 1813, and Karl Schäfer's essay which was written 26 years later. My translation is preceded by a study on Karl Schäfer's biography and on the most important aspects of his work, and by an analysis of the central role of translation in the midst of the German speaking literary scene from German Baroque (around 1600) to Early Romanticism in Germany around 1800. Finally, I present the translation of Karl Schäfer's essay for the first time in Portuguese and the commentaries on the translation.

Key-words: Translation methods. Friedrich Schleiermacher. Karl Schäfer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 KARL SCHÄFER EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO	22
1.1 VIDA E OBRA DE KARL SCHÄFER	22
1.2 DO BARROCO AO ROMANTISMO ALEMÃO: A CENTRALIDADE DA TRADUÇÃO	26
1.3 SCHLEIERMACHER E SEUS CONTEMPORANEOS NO DOMÍNIO DA TEORIA DA TRADUÇÃO	34
1.3.1 AUGUST BOECKH	34
1.3.2 LUDWIG SEEGER	35
1.3.3 KARL HEINRICH PUDOR	36
1.3.4 ROBERT EDUARD PRUTZ	37
1.4 KARL SCHÄFER <i>VERSUS</i> FRIEDRICH SCHLEIERMACHER	39
2 O ENSAIO <i>UEBER DIE AUFGABE DES UEBERSEZENS / SOBRE A TAREFA DE TRADUZIR</i>	81
2.1 NOTA INTRODUTÓRIA	81
2.2 ORIGINAL E TRADUÇÃO	84
3 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO	137
3.1 TERMOS-CHAVE NO CAMPO DA TRADUÇÃO	140
3.2 O TERMO <i>BILDUNG</i> E SEUS COMPOSTOS	145
3.3 OS TERMOS <i>ART</i> E <i>AUSARTUNG</i>	147
3.4 OS TERMOS <i>WEG</i> E (<i>SICH</i>) <i>BEWEGEN</i>	148
3.5 O TERMO <i>SCHRIFTSTELLER</i> E SEUS DERIVADOS	149
3.6 OS VERBOS <i>DÜRFEN</i> E <i>KÖNNEN</i>	150
3.7 USO DE COMPOSTOS <i>AD HOC</i>	153
3.8 TERMOS LIGADOS A NATUREZA	155
3.9 TERMOS DESIGNATIVOS DO QUE NÃO É ALEMÃO	164

CONCLUSÃO	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
BIBLIOGRAFIA	177
ANEXOS	181

INTRODUÇÃO

Esta tese insere-se na área de Estudos da Tradução, mais especificamente na área de tradução comentada de textos sobre história e teoria da tradução. O texto aqui escolhido para fins de tradução e comentário é um ensaio do professor e tradutor alemão Johann Karl Albrecht Schäfer, que publicou o ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* [Sobre a tarefa de traduzir] no ano de 1839, em que faz uma série de severas críticas ao método de tradução proposto por Friedrich Schleiermacher em seu célebre artigo *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* [Sobre os diferentes métodos de traduzir], publicado em 1813.

A escolha de verter o ensaio de Karl Schäfer para a língua portuguesa parece oportuna por trazer alguns novos pontos de vista para a discussão das ideias de Friedrich Schleiermacher sobre como deve ser uma tradução e como deve atuar o tradutor, justamente no ano em que seu ensaio comemora o bicentenário. De antemão, é preciso salientar que Karl Schäfer é praticamente desconhecido, mesmo entre estudiosos de teoria da tradução de língua alemã, tendo sido trazido novamente a lume apenas em tempos muito recentes, com a publicação do livro *Dokumente zur Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800* [Documentos sobre a teoria da tradução na Alemanha a partir de 1800], organizado por Josefine Kitzbichler, Katja Lubitz e Nina Mindt. No livro, alguns renomados teóricos da tradução, entre os quais August Wilhelm Schlegel, Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher e Wilhelm von Humboldt, são apresentados ao lado de outros que, apesar de não serem conhecidos pelo grande público, também deram seu contributo ao desenvolvimento de ideias no campo dos Estudos da Tradução – embora ainda não existisse, àquela época, tal disciplina – nos últimos dois séculos.

Embora mais reduzido em volume do que o artigo de Friedrich Schleiermacher, o texto escrito por Karl Schäfer merece destaque justamente por trazer uma série de provocações aos diferentes métodos de traduzir propostos pelo célebre hermeneuta alemão. Em seu texto, Karl Schäfer também não poupa críticas a Johann Heinrich Voß, o conhecido tradutor de obras de Homero e Aristófanes, cujo nome, de tão ilustre que se tornou, há alguns anos figura não apenas em um prêmio que é concedido, na Alemanha, ao autor da melhor obra de tradução lírica, drama ou ensaística, como também em um prêmio de literatura existente na cidade de Otterndorf, onde viveu durante alguns anos.

O Primeiro Capítulo desta tese situa Johann Albrecht Karl Schäfer (este era seu nome completo) em seu contexto histórico. Isto é tanto mais importante quanto foi difícil, para as organizadoras do livro *Dokumente zur Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800* [Documentos sobre a teoria da tradução na Alemanha a partir de 1800], Josefine Kitzbichler, Katja Lubitz e Nina Mindt, encontrar dados mínimos sobre a vida desse autor e professor do Liceu de Erlangen, tais como o ano de nascimento e de morte. Após uma insistente pesquisa, foi possível ter acesso a um fac-símile do texto original de Karl Schäfer através da Princeton University, bem como a uma resenha da época sobre seu ensaio, dois necrológios, além de umas poucas citações referentes a seu artigo, salpicadas em textos de alguns outros autores. Ainda no Primeiro Capítulo, apresenta-se um breve panorama da questão da centralidade da tradução entre os séculos XVIII e XIX, quando a maioria dos autores, grandes ou pequenos, tinham, no traduzir, uma das ferramentas para prestarem sua contribuição à língua alemã, que, naqueles tempos, ainda buscava uma identidade unificada, não apenas com referência a aspectos ortográficos, mas também gramaticais, assim como estilísticos e literários. No afã de resolverem esse problema, muitos autores, como se pode depreender do texto, recorriam a fontes literárias greco-latinas. O Primeiro Capítulo consagra-se, por fim, à discussão sobre Friedrich Schleiermacher e alguns de seus contemporâneos que teorizaram sobre o ato de traduzir: August Boeckh, Ludwig Seeger, Carl Heinrich Pudor e Robert Eduard Prutz. À guisa de fecho do Primeiro Capítulo, apresenta-se um confronto entre algumas ideias de Friedrich Schleiermacher e Karl Schäfer. Ali também são apresentadas considerações sobre o tradutor Johann Gustav Droysen, contemporâneo de Karl Schäfer e Friedrich Schleiermacher.

No Segundo Capítulo, após uma nota introdutória, são apresentados, lado a lado, o texto original *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* e sua tradução, feita pelo autor desta tese, *Sobre a tarefa de traduzir*.

No Terceiro Capítulo, são discutidas, de forma analítica, algumas dificuldades enfrentadas durante o processo de tradução do ensaio de Karl Schäfer. Primeiramente, trata-se de alguns termos inseridos no próprio campo da tradução, nomeadamente: *Übersetzung*, *Übertragung*, *Nachbildung*, *Nachahmung*, *Nachäffung*, *Dolmetschung*, além de termos mais gerais, mas que também desempenham um papel

importante nesse contexto, a saber: *Sprache, Ursprache e Muttersprache*. Abordam-se também os termos *Bildung* e seus compostos, tais como *Bildungsstufe* e *Geistesbildung*, além de termos mais genéricos, mas que no ensaio de Schäfer merecem especial atenção, como *Art* e *Ausartung*, *Weg* e *(sich) bewegen*, *Schriftsteller* e termos derivados deste; os substantivos *Undeutschheit*, *Undeutsch* e *Halbdeutsch*, o adjetivo/advérbio *undeutsch*; a problemática de tradução imposta pelos verbos *dürfen* e *können*; além de compostos formados *ad hoc* (*Ganz-deutsch-machen*, *Griechisch-Athenisch-Sophokleisch-deutsch*). Finalmente, são abordados termos ligados à natureza, tais como *unnatürlich*, *Unnatürlichkeit*, *unfruchtbares Samenkorn*, *Weib* e *Embryo* etc.

Esta tese é, sobretudo, uma tentativa de trazer à luz a obra, ainda que pequena, de um autor que, provavelmente devido à sua maneira tímida e reservada de se expor, de colocar-se no mundo das ideias de seu tempo, ficou esquecido durante mais de um século e meio. Para os teóricos brasileiros da área de Estudos da Tradução, trata-se, sem dúvida, de um texto inédito, que poderá contribuir para novos debates em torno do ato de traduzir e dos diferentes métodos de traduzir apresentados por Friedrich Schleiermacher, que, não raro, são adotados e aceitos como verdades incontestáveis.

1. KARL SCHÄFER EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Em geral, Karl Schäfer é praticamente desconhecido pela maioria dos estudiosos que atuam na área de Estudos da Tradução, inclusive por aqueles radicados nos países de língua alemã. Por conseguinte, raramente se veem citações envolvendo seu nome, inclusive na Alemanha e em outros países de expressão alemã. O silêncio em torno de Karl Schäfer somente veio a ser quebrado há pouco, mais precisamente no ano de 2009, com a publicação do livro *Dokumente zur Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800* [Documentos sobre a teoria da tradução na Alemanha a partir de 1800], organizado por Josefine Kitzbichler, Katja Lubitz e Nina Mindt. Não obstante, como se poderá ver ao longo desta tese, embora não tenha produzido uma obra muito ampla e extensa, Karl Schäfer deixou um importante ensaio sobre a tarefa de traduzir, no qual delineia uma postura a ser assumida pelo tradutor literário e caracteriza as feições do ato de traduzir, que, em linhas gerais, entram em choque com as prescrições determinadas por Friedrich Schleiermacher para o “intérprete e para o verdadeiro tradutor”¹.

1.1 VIDA E OBRA DE KARL SCHÄFER

Johann Albrecht Karl Schäfer nasceu em Ansbach, uma pequena cidade do atual estado alemão da Baviera, no dia 22 de maio de 1800², situada nas cercanias das cidades de Erlangen e Nurembergue.

¹ V. Friedrich Schleiermacher, 1999, p. 32s.: „Der Dolmetscher nämlich verwaltet sein Amt in dem Gebiete des Geschäftslebens, der eigentliche Uebersetzer vornämlich in dem Gebiete der Wissenschaft und der Kunst.“ [“O intérprete, na verdade, exerce seu ofício no campo dos negócios, o verdadeiro tradutor, principalmente no domínio da ciência e da arte”. Tradução minha.] (As traduções contidas nesta tese, salvo indicação em contrário, são de minha autoria.)

² A primeira notícia que o autor deste trabalho teve sobre Karl Schäfer e seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* foi no livro *Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800. Transformationen der Antike* (KITZBICHLER; LUBITZ; MINDT, 2009). Entretanto, as organizadoras do livro afirmam, numa nota de rodapé, que não havia sido possível encontrar as datas de nascimento e morte de Karl Schäfer. Além disso, agradecem as gentis informações que lhes foram repassadas pelo administrador do Arquivo Fridericianum em Erlangen. Eu, no entanto, tive

Faleceu no dia 30 de setembro de 1862, mas o obituário do jornal de sua terra natal, o jornal *Ansbacher Morgenblatt*, só anunciou sua morte no dia 3 de outubro do mesmo ano.

Quando contava seis anos, sua região natal passou a fazer parte do Reino da Baviera, o que perdurou até a Revolução de Novembro, ocorrida em 1918. Seu pai, Dr. Johann Adam Schäfer, um homem culto e afeito ao estudo das línguas clássicas, atuou primeiro como professor e, posteriormente, ocupou o cargo de diretor do Liceu de Ansbach durante algumas décadas. Não só o apego à Antiguidade Clássica foi herdado pelo filho Karl, mas também o gosto pela atividade pedagógica. O próprio Karl Schäfer, segundo consta no necrológio publicado em Leipzig (1864), escrito com base em uma homenagem que o Liceu de Ansbach lhe fez na publicação do *Jahresbericht von der Königlichen Studienanstalt zu Erlangen* [Relatório Anual do Liceu Real de Erlangen] no ano de 1863, gostava de recordar os anos de sua infância, descrevendo, com vivo agradecimento, a figura de seu pai, um homem que se destacara pela seriedade e dignidade e por ter educado os filhos com severa sobriedade.

Entre os anos de 1808 e 1817, Karl Schäfer foi aluno do Liceu de Ansbach, que, graças ao papel de enérgico diretor exercido por seu pai e também à atuação de zelosos professores, encontrava-se, naqueles idos, em franca prosperidade e gozava de grande prestígio na região. Concluiu, com pleno êxito, seus estudos no mesmo colégio e dedicou-se, durante dois anos, ao Curso de Direito da Universidade de Erlangen, que não chegou a concluir. Preferiu seguir para a capital do Reino da Baviera, onde, no ano de 1819, iniciou sua formação no Instituto de Filologia da Universidade de Munique, criado um ano antes pelo filólogo e professor Friedrich Wilhelm von Thiersch, conhecido como o pai da formação humanista da Baviera e, por este motivo, também chamado de *praeceptor Bavariae*. Dessa maneira, Karl Schäfer trilharia o mesmo caminho profissional do pai no domínio da pedagogia. Em

acesso a um necrológio (v. Anexo 1) de Karl Schäfer, com farta biografia, publicado no *Jahresbericht von der Königlichen Anstalt zu Erlangen* (Relatório Anual do Liceu Real de Erlangen) com data de 7 de agosto de 1863, ou seja, quase um ano após a morte de Schäfer. Obtive também um necrológio publicado no ano de 1864, nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik* (Novos Anuários de Filologia e Pedagogia), editados por Hermann Masius em Leipzig (v. Anexo 2), além de uma resenha sobre o ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* (v. Anexo 3), publicada nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik* no ano de 1841.

Munique, angariou a simpatia de seu orientador, Prof. Thiersch, de quem se manteve um grande e fiel admirador ao longo de toda a sua vida.

Após concluir com pleno êxito, no ano de 1821, os exames do Curso Pedagógico para Professores de Liceus, foi agraciado com uma bolsa do Reino da Baviera e, assim, pôde frequentar a Universidade de Leipzig, onde estabeleceu laços profissionais com seus novos professores e enriqueceu-se de valiosos conhecimentos, que muito lhe serviriam em sua futura carreira no magistério. Logo após retornar de Leipzig, mais precisamente no dia 10 de outubro de 1822, foi nomeado professor no Liceu de Erlangen. Dedicou quarenta anos de sua vida à atividade docente naquela instituição, tendo merecido, ainda em vida, o reconhecimento por seu competente trabalho: por três vezes, foi convidado pelo Ministério da Educação do Reino da Baviera a ocupar o cargo de diretor em liceus bávaros. Não obstante, mesmo sempre tendo sabido demonstrar sua gratidão pelo reconhecimento recebido, declinou todos os convites, pois seu desejo era permanecer em Erlangen em sua atividade de professor.

No Liceu de Erlangen, Karl Schäfer iniciou a docência em séries fundamentais, passando gradativamente a séries mais adiantadas, até ocupar, a partir de 1838, a cátedra da 3ª série do Liceu, que era a segunda mais elevada. Ali, guiado pelo bom gosto e pelo domínio da estilística alemã, latina e grega, dedicou-se primeiramente ao trabalho com textos de Horácio, Demóstenes, Isócrates, entre outros autores, tendo conseguido tornar as aulas muito profícuas. Durante anos, também proporcionou a seus alunos da 4ª série (a mais elevada) a leitura de Sófocles. Ademais, observava com zelo, como se pode deprender do *Jahresbericht von der Königlichen Studienanstalt zu Erlangen* [Relatório Anual do Liceu Real de Erlangen], publicado por J. Soergel no ano de 1863, todos os “fenômenos científicos” que diziam respeito a seus autores preferidos.

Karl Schäfer publicou alguns ensaios, todos escritos no âmbito do Programa Pedagógico do Liceu de Erlangen, a saber: *Observationes ad aliquota Demosthenis locos* (1829), *Ueber Biographien überhaupt und die Plutarchischen insbesondere, als Grundlage des ersten historischen Unterrichts* [Sobre biografias em geral e sobre a biografia de Plutarco em particular como base do primeiro ensino de História]

(1834) e, por último, *Ueber die Aufgabe des Uebersetzen*³ [Sobre a tarefa de traduzir]⁴ (1839), texto objeto desta pesquisa.

No dia 1º de janeiro de 1857, Maximiliano II, Rei da Baviera, condecorou-o com a Grã-Cruz de Cavaleiro da Ordem do Mérito de São Miguel, como reconhecimento pelos serviços prestados na área de educação. Durante sua longa permanência na cidade de Erlangen, também atuou em outras áreas ligadas diretamente à população local, entre outras, na qualidade de patrono de associações beneméritas. Em sua condição de homem solteiro, tentava ajudar a sanar, com os próprios meios financeiros de que dispunha, os problemas de pessoas menos favorecidas. Para seus alunos, a quem chegava a acompanhar após a conclusão dos estudos, era conhecido como um orientador magnânimo e um verdadeiro tutor.

Uma doença que o acometera durante as férias de outono de 1862 alastrou-se com tanta rapidez por seu organismo que, no dia 30 de setembro de 1862, Karl Schäfer veio a falecer. Morreu, portanto, no mesmo dia e mês da morte de São Jerônimo, o célebre tradutor do Velho Testamento para o latim, a *Vulgata*, que, graças às suas contribuições no campo da tradução, viria a tornar-se o patrono dos tradutores, cujo dia é festejado em 30 de setembro. O enterro de Karl Schäfer foi a primeira atividade que reuniu alunos e professores no início daquele ano letivo no Liceu de Erlangen, cujos docentes e discentes, segundo consta no Relatório Anual já mencionado, sempre se lembrariam dele como um professor que defendia os interesses da instituição com grande zelo e que ajudara a formar diversos alunos, sempre com muita dedicação profissional.

³ Mantereí nas citações a partir dos originais a respectiva grafia alemã usada em cada época. Por este motivo, surgirão termos com dupla escrita, mas que têm o mesmo significado, tais como: Uebersetzen / Übersetzen, Voss / Voß, Göthe / Goethe.

⁴ Observe-se que, no necrológio publicado nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik* [Novos Anuários de Filologia e Pedagogia] (1864), o título deste ensaio de Karl Schäfer foi escrito premonitoriamente, se pensarmos no ensaio que Walter Benjamin escreveria no ano de 1923, da seguinte forma: *Die Aufgabe des Uebersetzers* [A tarefa do tradutor], quando, na verdade, o verdadeiro título desse ensaio de Karl Schäfer é *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* [Sobre a tarefa de traduzir].

1.2 DO BARROCO AO ROMANTISMO ALEMÃO: A CENTRALIDADE DA TRADUÇÃO

Karl Schäfer viveu e ensinou gramática e tradução de línguas clássicas numa época em que, mais do que hoje, mesmo na Alemanha, reverenciavam-se os autores gregos e latinos como fonte de inspiração para os autores de expressão alemã, e como veículo para se aprimorar o ensino de conteúdos gramaticais e estilísticos do vernáculo do seu país. Não se pode negar que a inspiração greco-latina já dominara o imaginário da literatura alemã havia alguns séculos e, com isto, resultara na dedicação exacerbada dos alemães à tradução de autores gregos e latinos.

Durante o Barroco Alemão, que teve início por volta de 1600 e durou pouco mais de um século, tendo varado inclusive a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), alguns autores já olhavam com especial interesse o exemplo dos autores clássicos da Antiguidade Greco-Latina, como forma de depurar e elaborar a língua que, séculos mais tarde, viria a ser o idioma-padrão alemão. Na lírica barroca, à guisa de exemplo, registrava-se a presença de padres jesuítas que escreviam inclusive em latim ou ainda daqueles autores que, embora escrevessem em “alemão”⁵, até adotavam um nome latino. Este foi o caso, por exemplo, do católico convertido Johann Scheffler (1624-1677), que escrevia poemas de temática religiosa e adotou o pseudônimo de *Angelus Silesius*. Naquele tempo, muitos eruditos já começavam a preocupar-se de forma engajada com a questão da língua alemã. Como havia uma série de principados, ducados, reinos, ligas de nações, em que se falavam diferentes dialetos germânicos, alguns muito próximos entre si, outros nem tanto, já desde o grande impulso comercial que fora dado pelas cidades hanseáticas (Hamburgo, Bremen, Rostock, Lübeck, Stralsund) a partir do século XIII, fizera-se patente a necessidade de uma língua franca para aquela

⁵ É bom que se esclareça que somente no final do século XIX a língua alemã foi uniformizada com feições próximas das que apresenta nos dias de hoje. Antes dessa padronização ocorrida na Era de Bismarck, Martinho Lutero, com a sua tradução integral da Bíblia (1534) do hebraico antigo, do aramaico e do grego para o alemão, fora um dos primeiros a prestar uma valorosa contribuição – através da prática da tradução – visando à uniformização da língua alemã através da combinação de alguns dialetos. Em sua tradução, Lutero calcou-se principalmente nos falares *Ostmitteldeutsch* (dialetos do Centro-Leste alemão) e *Oberdeutsch* (dialetos das regiões do sul da Alemanha).

grande Alemanha não-unificada. A grande influência exercida por Martinho Lutero por meio da Reforma e, basicamente, graças à tradução da Bíblia para uma língua alemã construída a partir de alguns falares e dialetos, certamente fez com que cada vez mais estudiosos envidassem esforços tendo como mira um idioma comum que ajudasse a integrar o povo alemão.

Por volta do final do século XVI, haviam surgido as primeiras gramáticas de “língua alemã” ou, na verdade, de “língua luterana” (Žmegač/Škreb/Sekulić 1984, p. 71). Com a Guerra dos Trinta Anos, devido à perda de parte dos seus territórios para a França, o território alemão passara a preocupar-se cada vez mais com a questão da língua. Neste contexto, um dos grandes expoentes barrocos foi o poeta Martin Opitz, que, além de escritor, também era tradutor das línguas latina, grega, neerlandesa, francesa e italiana. Um dos grandes feitos de Opitz, inspirado em obras gregas e latinas, foi escrever um livro intitulado *Buch von der deutschen Poeterey* [Livro da poética alemã], em que, seguindo o que ensinara Aristóteles e Horácio, tentou estabelecer novas bases para o verso alemão, que muitas influências e – como afirma Karl Schäfer – “violências” sofreria através da adoção de métricas alienígenas através de severos regimes de traduções calcadas apenas na imitação e reprodução de modelos clássicos.

Nas primeiras décadas do século XVIII, os territórios de língua alemã viviam os primórdios da *Aufklärung* (Esclarecimento⁶). Ali despontava, na qualidade de figura mais importante, o professor de filosofia e literatura Johann Christoph Gottsched (1700-1766), que centrava seus trabalhos literários numa lírica classicista, bastante voltada para a poética aristotélica. Dedicou-se à tradução e à adaptação de diferentes obras de literatura estrangeira, mas, como bem observa

⁶ Opta-se, aqui, pelo termo *Esclarecimento* como tradução de *Aufklärung*, ao invés de *Iluminismo* ou *Século das Luzes*, por estar aquele mais próximo do termo definido posteriormente, no ano de 1783, por Kant: “Aufklärung ist der Ausgang des Menschen aus seiner verschuldeten Unmündigkeit. Unmündigkeit ist das Unvermögen, sich seines Verstandes ohne Leitung eines anderen zu bedienen.” Numa tradução do texto kantiano, houve tradutores que optaram pelo termo Esclarecimento: “Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes, 1974).

Bernardo (2009, p. 37), não deixou reflexões teóricas sobre o ato de traduzir.

Outro importante poeta que surgiu naquele período foi Friedrich Gottlieb Klopstock, que, segundo relata Karl Schäfer⁷ em *Sobre a tarefa de traduzir*, não apenas produziu odes, mas também as reproduziu ou as adaptou a partir de modelos clássicos. Vale salientar que, também naquele período em que se preparava o terreno para a *Aufklärung*, surgiram, na literatura germanófono, os suíço-alemães Johann Jakob Bodmer e Johann Jakob Breitinger, que, como bem realça Carpeaux (2011, p. 1246s.), destacaram-se “citando, pela primeira vez na Alemanha, o nome de Shakespeare, substituindo a influência francesa pela influência inglesa”.

Na literatura alemã do século XVIII e início do século XIX, um nome que merece destaque no campo da tradução de obras de William Shakespeare é Christoph Martin Wieland (1733-1813), que traduziu vinte e duas obras do poeta e dramaturgo inglês, além de ter sido um dos responsáveis pelo desenvolvimento do romance alemão, notadamente o “bürgerlicher Roman” (“romance social”). Para Wieland, a Antiguidade Clássica, com a democracia como símbolo de liberdade e de relações interpessoais, serviria de modelo para a criação de seus romances encenados na sociedade alemã do seu século.

Entre os anos de 1765 e 1790, surgia na Alemanha um movimento literário que tinha à frente uma geração jovem, que, ao contrário da *Aufklärung* centrada na Razão, tinha por princípios a paixão e a recusa da autoridade. Era o *Sturm und Drang* [Tempestade e Ímpeto]. Os nomes de maior destaque dessa época são Johann Wolfgang Goethe e Friedrich Schiller. O *Sturm und Drang*, que teve curta, embora intensa, duração, contribuiu para o declínio da doutrina literária barroca e classicista, processo este que seria finalizado durante o Romantismo do século XIX.

Ressalte-se que Goethe, Schiller, Wieland e Gottfried Herder também são representantes de um breve período da literatura alemã,

⁷ Cf. nota nº 7 no texto de Karl Schäfer: “Como se sabe, Klopstock, guiado por um sentimento correto, traduziu algumas de suas odes para o grego, e Lessing restituiu sua *Messsiade* aos hexâmetros latinos, porque ele só podia explicar muitos trechos da *Messsiade* com a ajuda do latim.”

entre a última década do século XVIII e a primeira década do século XIX, em que se cantava e decantava a estética da Antiguidade Clássica. Enquanto o *Sturm und Drang* tinha um cunho voltado para as raízes regionais e nacionais, o novo – e também brevíssimo – movimento, denominado *Weimarer Klassik*, voltava-se principalmente para as raízes gregas, em busca do ideal de harmonia de espírito e corpo, até ser encoberto pelo Romantismo.

Nas diferentes fases do Romantismo alemão, encontram-se alguns eruditos alemães que se dedicaram – uns mais, outros menos – à teorização, ainda que de forma indireta, sobre tradução. Dentre eles, merecem destaque Novalis, Schlegel e o próprio Goethe. Em uma carta dirigida a Schlegel, o barão Georg Philipp Friedrich (Freiherr⁸) von Hardenberg, que adotaria o pseudônimo de Novalis, escreve suas impressões sobre a tradução literária no final do século XVIII e sobre a necessidade de se escrever sobre a tarefa do tradutor:

Por mais que nós alemães traduzamos, por mais nacional que seja essa tendência pelo traduzir, não havendo praticamente nenhum escritor alemão importante que não tenha traduzido e que realmente disso não se gabe tanto quanto de suas obras originais, parece não haver, todavia, nada de que se saiba menos do que sobre o traduzir. (...) Além dos romanos, somos a única nação que sente de maneira tão irresistível a inclinação pelo traduzir, e somos imensamente devedores de formação neste domínio. (...) Traduzir é produzir poesia tão bem quanto realizar suas próprias obras – e com mais dificuldade, com mais raridade. No final, toda poesia é tradução.⁹ (*apud* Kloepfer, 1967, p. 12)

⁸ Em alemão, o título nobiliárquico normalmente vem antes do último nome e acompanhado da preposição “von”. “Freiherr” significa barão.

⁹ „Solange wir Deutschen übersetzen, so national dieser Hang des Übersetzens ist, in dem es fast keinen deutschen Schriftsteller von Bedeutung gibt, der nicht übersetzt hätte und wahrlich darauf soviel sich einbildet als auf Originalwerke, so scheint man doch über nichts unbelehrter zu sein als über das Übersetzen. (...) Außer den Römern sind wir die einzige Nation, die den Trieb des Übersetzens so unwiderstehlich gefühlt und ihm so unendlich viel Bildung schuldig sind. (...) Übersetzen ist so gut dichten als eigne Werke

Com essas palavras, Novalis fazia uma profissão de fé pela tradução, além de deixar patente o apego que os alemães sempre tiveram por essa área de atuação que se situa entre a Arte, a Filosofia e a Ciência. Ao se referir à falta de formação na área de tradução, antevia os embates teóricos que estariam por vir no final do século XVIII e que prosseguiriam ao longo do século XIX.

Gottfried Herder, em sua qualidade de eminente filósofo dedicado a estudos bastante sofisticados, como a origem da linguagem, influenciou toda uma geração de literatos, filósofos e pensadores em geral que se dedicaram a teorizar sobre o ato de traduzir. Fazendo menção a um jogo de palavras existente entre os dois verbos alemães *übersetzen* e *übersetzen*, Herder salienta uma dicotomia existente na compreensão do que é *traduzir*. Para melhor entendimento da definição apresentada por ele, já que contém um jogo de palavras, deve-se ter em mente o real significado dos dois verbos supracitados, bem como entender um pouco o que está por trás disto.

Para tanto, cabem, aqui, breves explicações sobre os verbos prefixados que existem abundantemente no idioma alemão. Em alguns desses verbos, a sílaba tônica cai na primeira sílaba, ou seja, justamente sobre o prefixo. Tomando-se como exemplo o verbo simples *setzen* [pôr, colocar], podem-se encontrar, graças à derivação prefixal, a título de ilustração, 3 grupos de verbos:

- a) *Verbos com prefixo separável*:¹⁰ *aussetzen* [abandonar, prometer, instituir], *einsetzen* [colocar, inserir, utilizar], *aufsetzen* [pôr, escrever] etc.; nestes verbos, a sílaba tônica sempre coincide com o prefixo; observe-se que há uma longa série de prefixos que se enquadram nesta regra;
- b) *Verbos com prefixo não-separável*:¹¹ *besetzen* [invadir]; *entsetzen* [assustar, horrorizar]; *zersetzen* [decompor, desagregar]; nestes verbos, a sílaba tônica cai sobre o radical do

zustande bringen – und schwerer, seltener. Am Ende ist alle Poesie Übersetzung.”

¹⁰ Significa que, ao se conjugar o verbo, flexiona-se a parte do radical segundo as desinências número-pessoais, enquanto o prefixo é posicionado separado do verbo. Ex.: Ich *setze* den Hut *auf*. [Ponho o chapéu na cabeça.]

¹¹ Significa que, ao se conjugar o verbo, não haverá separação entre radical e prefixo. Ex: Die Studenten *besetzen* ein Haus = Os alunos invadem uma casa.

verbo; observe-se que há um pequeno número de prefixos que se enquadram nesta regra;

- c) *Verbos com partícula que ora se separa, ora não se separa, de acordo com o significado do verbo: übersetzen* [levar para o outro lado]; *übersetzen* [traduzir]; trata-se, aqui, de uma lista bastante pequena de prefixos que surgem nessas formas duplas.

Cumpra lembrar que, na maioria dos casos em que há prefixos capazes de exercerem este duplo papel, é normal que, se o prefixo for separável, o significado do verbo seja o resultado das noções claramente denotativas do valor semântico do prefixo e do radical verbal. Por exemplo: *über* = para o outro lado + *setzen* = colocar, pôr, levar: *Der Fährmann setzt seine Passagiere für 10 Euro über*. [O balseiro leva os passageiros para o outro lado por 10 euros.]. Se, por outro lado, o prefixo não for separável, é normal que o conjunto do valor semântico representado pelo verbo mais o prefixo represente uma noção conotativa, metafórica, figurada, em que não mais se percebe de forma palpável o valor semântico concreto de cada uma dessas partes (radical e prefixo). Por exemplo: *übersetzen* = traduzir: *Ich übersetze einen Roman*. [Estou traduzindo um romance.].

Dito isto, fica mais fácil compreender a enunciação feita por Herder sobre o significado de *übersetzen*. É preciso deixar patente que sua intenção era jogar com um duplo significado desse verbo, ou seja, especificamente com o sentido metafórico¹² no sentido de *traduzir*:

Há muito tempo se fazia uma distinção entre dois tipos de *Übersetzen*. Um procura traduzir o original palavra por palavra, se possível com os tons das palavras, foi chamado de *Übersetzung*,

¹² Não é demais lembrar que a palavra grega *μεταφορά* [*metaphorá*], que nos dá a noção de metáfora, significa, originalmente, tradução / *Übersetzung* / *Übertragung*. Vem do verbo *μεταφέρω* [*meta-phérō*], que também traz em seus componentes um prefixo e um radical. Em sua *Poética* (1996, p. 51), Aristóteles nota que “metáfora é a transferência de um nome alheio do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra, ou por via de analogia”. Citação original: *μεταφορά δὲ ἐστὶν ὀνόματος ἄλλοτριῶν ἐπιφορά ἢ ἀπὸ τοῦ γένους ἐπὶ εἶδος ἢ ἀπὸ τοῦ εἶδους ἐπὶ τὸ γένος ἢ ἀπὸ τοῦ εἶδους ἐπὶ εἶδος ἢ κατὰ τὸ ἀνάλογον* (ARISTÓTELES, 1966), v. também

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0055%3Asection%3D1447b>.

pondo-se a tónica sobre o prefixo *Über*. O outro tipo *übersetzt*, ou seja, exprime a forma do autor, como ele, p.ex., falaria conosco, se tivesse compartilhado da nossa língua¹³. (*apud* Kloepper, 1967, p. 49)

Como se pode constatar, está-se aqui diante de um trecho em que a tentativa de tradução parece praticamente condenada ao malogro, justamente porque Herder faz uso de um belo jogo de palavras possível talvez apenas em sua própria língua. Pode-se perceber que ele, com esse engenhoso exemplo, parece sublinhar a existência de dois caminhos para o traduzir: no primeiro, dá-se mais atenção ao peso das palavras *per se*, ao passo que, no segundo tipo, dá-se especial atenção ao modo como o autor empresta forma a seu discurso. Valentín García Yebra (1983, p. 296) também apresenta uma proposta de tradução para o trecho supramencionado:

Este planeamiento no era, en realidad, nuevo. Herder presenta la distinción entre ambas maneras de traducir como establecida desde hacía mucho tiempo: Man hat längst eine zweifache Art der Übersetzung voneinander unterschieden. “Una – prosigue Herder, coincidiendo en lo sustancial com Schleiermacher y con Goethe — procura traer hasta nosotros el original palabra por palabra; incluso, cuando es posible, con los sonidos de las expresiones. Se le ha dado el nombre de *traducción* (Übersetzung), poniendo el acento em *über* [tra, trans, ‘al otro lado’]. El otro género *traduce* (*übersetzt*), es decir, presenta al autor tal como habría escrito para nosotros de haber tenido como suya nuestra lengua.

Observando-se a tradução em espanhol, vê-se que não faz sentido o destaque dado ao prefixo latino “tra” no primeiro tipo de tradução nem ao radical do verbo com a desinência número-pessoal

¹³ Man hat längst eine zweifache Art der Übersetzung voneinander unterschieden. Die eine sucht das Urbild Wort für Wort, ja womöglich mit den Tönen der Worte herüberzutragen, man hat sie *Übersetzung* genannt, indem man den Ton auf das *Über* legt. Die andere Gattung *übersetzt*, d.i. sie drückt die Gestalt des Autors aus, wie er für uns, wäre ihm unsere Sprache zu Theil geworden, etwa sprechen würde.

“duce” no segundo, pois, ao contrário da língua alemã, não existe o fenômeno acima explicado sobre prefixos e radicais verbais com diferentes acentos.

Na mesma linha de um duplo caminho para o ato de traduzir, não se pode deixar de recordar que Goethe deixou algumas importantes considerações sobre esse tema, notadamente suas “duas máximas na tradução” que, de certa forma, lembram o postulado de Schleiermacher sobre os dois caminhos a serem seguidos pelo “verdadeiro tradutor” (HEIDERMAN, 2001, p. 19):

Existem duas máximas na tradução: uma exige que o autor de uma nação desconhecida seja trazido até nós, de tal maneira que possamos considerá-lo nosso; a outra ao contrário, exige de nós que vamos ao encontro do estrangeiro e nos sujeitemos às suas condições, sua maneira de falar, suas particularidades. Graças a traduções exemplares, as vantagens de ambas são suficientemente conhecidas por qualquer homem culto. Nosso amigo que, também aqui procurou o meio termo, esmerou-se em combinar as duas; porém, como homem de sensibilidade e bom gosto, preferiu, em casos de dúvida, a primeira máxima. (*id. ib.*)

É interessante constatar como muitos pensadores dedicados ao estudo da tradução, vão, ao longo dos séculos, quase sempre fazer suas ideias girar em torno dessa dicotomia apresentada por Goethe ou daquela apresentada por Schleiermacher, devendo-se, todavia, sempre levar em consideração que tais máximas normalmente se empregavam e se empregam ao campo da tradução literária em seus diferentes gêneros. Embora muitos estudiosos da área sempre lembrem quão difícil é traduzir poesia, é digno de nota lembrar que Schleiermacher, como aponta Karl Schäfer em seu ensaio, dá especial ênfase ao problema representado pela tradução de comédias:

Em segundo lugar, *Schleiermacher* teme que uma tradução desse tipo deva necessariamente perder-se em reprodução. Ele faz a tentativa de demonstrá-lo a partir da impossibilidade de transpor a linguagem filosófica, totalmente fechada no seio de um determinado círculo, sem

nem parafrasear nem imitar, considerando essa tarefa, no caso da comédia, inteiramente inexecutável.

No decorrer de pelo menos quatro séculos, observa-se, portanto, que um grande número de literatos e eruditos alemães se empenhou em discutir os problemas imanentes ao ato de traduzir, como forma de enriquecer o estilo de sua própria produção literária.

1.3 SCHLEIERMACHER E SEUS CONTEMPORÂNEOS NO DOMÍNIO DA TEORIA DA TRADUÇÃO

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, que vivenciou o período em que se iniciou o Romantismo Alemão, teve como contemporâneos, além de grandes literatos, filósofos e cientistas, alguns estudiosos que se dedicaram aos Estudos Clássicos, à Filologia e, por conseguinte, à prática e à teoria da tradução. Entre estes últimos, destacar-se-ão quatro eruditos que, no afã de traduzir, ou seguiram os ensinamentos do método de tradução de Schleiermacher, ou, embora talvez não com a mesma veemência demonstrada por Karl Schäfer, de certa forma demonstraram algum tipo de oposição a Schleiermacher.

1.3.1 AUGUST BOECKH

August Boeckh (1785-1867) foi aluno de Schleiermacher, filólogo e historiador que se consagrou principalmente à Grécia Antiga. Ensinou nas Universidades de Heidelberg e Berlim, e publicou alguns livros sobre história grega e também sobre métrica grega. No excerto de seu ensaio *Encyclopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften* [Enciclopédia e Metodologia das Ciências Filológicas], Boeckh põe em relevo, ao se referir ao ato de traduzir, aquela famosa dicotomia de que já falavam Goethe e Schleiermacher, sem assumir uma posição totalmente clara, embora conste que foi discípulo de Schleiermacher. Na verdade, Boeckh salienta, antes de tudo, sua crença na Filologia, adotando uma postura muito próxima à dos defensores da tradução apenas como a necessidade de encontrar um meio para facilitar o ensino-aprendizagem, notadamente, de idiomas. Assemelha-se, portanto, aos postulados defendidos pelo método de ensino de línguas calcado na gramática-tradução, que, entre finais do século XIX e grande

parte do século XX, teve grande importância na Europa. Apesar de haver demonstrado respeito pelos trabalhos de Schlegel e Schleiermacher no tocante à teorização sobre tradução, Boeckh parece não ter acompanhado o vigor das premissas estabelecidas por seus dois precursores. Em seu texto, aborda aspectos como: ideal de tradução, método para o traduzir, filologia e tradução, além de alusões a autores e comentadores de traduções, como Schleiermacher, Voß, Droysen, Donner. Especialmente ricas são suas observações sobre Voß, normalmente muito aclamado por suas traduções de clássicos gregos; para Boeckh, Voß era bom em tradução, mas ruim em gramática.

1.3.2 LUDWIG SEEGER

Ludwig Seeger, nascido em 1810 e falecido em 1864, foi escritor e jornalista, além de haver atuado como professor de liceu e docente universitário em Berna. Traduziu obras do francês Pierre-Jean de Béranger e do comediógrafo grego Aristófanes. Seu prefácio às traduções do grande comediógrafo grego, no livro *Aristófanes*, é um testemunho de teorização sobre tradução em sua época. Ademais, era um contraponto ao método de tradução utilizado pelo poeta, filólogo clássico e tradutor alemão Johann Heinrich Voß¹⁴, que ficou célebre por suas traduções do grego clássico, sobretudo a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero. Seu texto, intitulado *Epistel an einen Freund als Vorwort* [Epístola a um amigo à guisa de prefácio]¹⁵ traz frases enfáticas como: “Wir müssen, das ist jetzt die Aufgabe, vor allem *deutsch* und *poetisch* übersetzen.” / “Precisamos, esta agora é a tarefa, sobretudo traduzir *em alemão* e *poeticamente*.”) Com estas palavras, Seeger opunha-se às imitações e reproduções de Voß, que, muitas vezes, optara por tornar alemã uma estrutura e até uma métrica tipicamente grega, atentando, como diria Schäfer, contra a natureza da língua nacional. As adaptações de Voß não passariam, segundo Seeger, de textos redigidos *in jenem berüchtigten ‘Übersetzerrotwelsch’* (naquele infame jargão de tradutor). É curioso observar que, da mesma forma que Schleiermacher (e muitos que os antecederam), Seeger recorre ao termo *Dolmetscher*, embora faça

¹⁴ Desde 1958, a *Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung* (Academia Alemã de Língua e Poesia) confere o Prêmio de Tradução Johann-Heinrich Voß para o autor da melhor obra de tradução de lírica, drama ou de ensaística. Existe também o Prêmio de Literatura Johann-Heinrich Voß, concedido pela cidade de Otterndorf, onde Voß viveu entre 1778 e 1782.

¹⁵ Tradução minha.

mais uso de *Übersetzer*. Em suas preocupações com a língua e com a cultura, assim como com a época dos clássicos e o período em que vivia, Seeger, apoiando-se em Robert Prutz, ressalta igualmente o fato de estar vivendo numa outra época, e que seria necessário entender as formas do mundo antigo tão-somente pela via histórica, sem querer transplantá-las para a época dele. Em suas observações, abre espaço para expressar um forte sentimento de nacionalismo alemão, o que também se pode sentir nas entrelinhas (e, às vezes, nas linhas) do ensaio de Karl Schäfer de que trata este trabalho.

1.3.3 KARL HEINRICH PUDOR

Karl Heinrich Pudor, que viveu entre os anos de 1777 e 1839, muito provavelmente foi professor de liceu da cidade da Prússia Ocidental de Kwidzyn (norte da atual Polônia). Em seu ensaio *Ueber die Farbengebung des Althertümlichen in Verdeutschung alter klassischer Prosa*¹⁶ [Sobre o colorido clássico na versão alemã de prosa da Antiguidade Clássica], Pudor aborda a questão da tradução de textos clássicos gregos, embora não se insira na linha seguida por Schleiermacher. Ressalta o valor das obras gregas, mas também, com extremado nacionalismo, enfatiza o valor da literatura nacional, engrandecendo os feitos de Lutero, Opitz e Goethe. Para ele, além de o tradutor possuir amplos conhecimentos linguísticos, deveria dominar a história e as peculiaridades da época de onde provinha o texto a ser traduzido. Em *Ueber Göthes Iphigenie* [Sobre a *Ifigênia* de Goethe], Pudor reconhece não apenas o valor de Goethe, mas realça a importância do tradutor Johann Heinrich Voß no âmbito da língua e da literatura alemã:

Para os romanos, Virgílio e Horácio tornam-se os exemplos de uma língua literária sancionada. Excelentes fundadores da moderna língua¹⁷ literária alemã foram principalmente Klopstock e, de uma maneira distinta, Goethe, Schiller, Tieck e A. W. Schlegel. Com pleno direito, a estes também juntaremos, para um determinado

¹⁶ In: Die Musen. Eine Nordeutsche Zeitschrift. Jahrgang 1814. Nr. 1-3. Friedrich Baron de La Motte Fouqué (Friedrich Heinrich Karl Fouqué) e Wilhelm Neumann. Berlin: Julius Eduard Hitzig, 1814.

¹⁷ O termo *Dichtersprache* tanto pode significar língua quanto linguagem literária.

domínio, Voß e reconheceremos nele um criador de uma língua de tradução com um colorido, que antes ninguém inventara. É verdade que a ampliação e o enriquecimento de uma língua no campo literário somente emanam e precisam emanar de literatos, e não de meros artistas da língua, antes conduzidos pela ideia que formados pela necessidade. Não há dúvida de que daqueles também deve fazer parte nosso Voß, e não simplesmente destes. (PUDOR, 1832, p. 92)¹⁸

Observe-se que, ao longo do ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzen (Sobre a tarefa de traduzir)*, Karl Schäfer faz severas críticas às criações linguísticas do tradutor Voß ao verter para a língua alemã obras da Antiguidade Clássica. Suas críticas vão, portanto, de encontro ao que afirmava Carl Heinrich Pudor, não reconhecendo, ao contrário deste, em Voß um reformador ou construtor da língua-linguagem literária alemã.

1.3.4 ROBERT EDUARD PRUTZ

Nascido em 30 de maio de 1816, em Stettin (Szczecin), cidade atualmente pertencente à Polônia, e morto em 21 de junho de 1872, na mesma cidade, Robert Eduard Prutz foi filólogo e escritor, tendo se dedicado, sobremaneira, à história da literatura. Na época em que ainda frequentava a escola no Marienstift-Gymnasium, em Stettin, Prutz faria suas primeiras incursões pelo mundo da lírica, apoiando-se na obra de poetas consagrados como Ludwig Uhland e Heinrich Heine. Entre 1834 e 1838, formou-se em Filologia Clássica, frequentando disciplinas nas universidades de Berlim, Breslau e Halle. Seus primeiros poemas foram

¹⁸ Den Römern werden Virgil und Horaz in ihren Gattungen die Muster einer sanktionierten Dichtersprache. Der neuern deutschen Dichtersprache vorzügliche Begründer wurden Klopstock, und in einer andern Art Gothe, Schiller, Tieck und A. W. Schlegel. Diesen werden wir für ein gewisses Gebiet auch Voß mit vollem Recht beigesellen, und in ihm einen Schöpfer einer Uebersetzungssprache mit einer Farbengebung, wie sie vor ihm kein anderer erfunden, erkennen. Wahr ist es, daß die Erweiterung und Bereicherung einer Sprache in dichterischer Beziehung nur von Dichtern ausgeht und ausgehen muß, und nicht von bloßen Sprachenkünstlern, unmittelbar von der Idee geboten, als aus Nothwendigkeit gebildet. Zu jenen muß doch auch unser Voß gezählt werden, und nicht bloß zu diesen.

publicados no *Musenalmanach* [Almanaque das Musas], editado por Adelbert von Chamisso e Karl August Varnhagen von Ense, entre outros, nos anos de 1804 a 1806. Prutz recebeu também forte influência de seu professor Franz Albert Wellmann, que era colaborador do *Grimms Wörterbuch* [Dicionário Grimm], passando a interessar-se pela filosofia de Hegel e entrando para o Círculo Hegeliano, comandado por Arnold Ruge. Seus trabalhos se notabilizaram pelo engajamento político contra o *status quo* vigente na Prússia naquele momento. Tal fato viria, porém, a prejudicar suas tentativas de obter o grau de livre-docente na Universidade de Halle, uma vez que, em diversos poemas, clamava por liberdade e exigia uma Constituição. Em seu ensaio *Zur Geschichte der deutschen Übersetzungs-Literatur: Sophokles* [Sobre a história da literatura traduzida alemã: Sófocles], de 1847, Prutz tenta opor à teoria de Schleiermacher uma apresentação histórica, rica em detalhes factuais, que também têm importância para a teoria da tradução. Numa afirmação que lembra Jorge Luis Borges, salienta a riqueza contida nas bibliotecas graças às traduções dos clássicos da Antiguidade Greco-Romana, que também designa como imitações e adaptações dos clássicos. Seu ensaio inclui um capítulo totalmente voltado para questões políticas, “Zur Politik” [Sobre a política], em que disserta sobre “a próxima guerra” e indaga sobre os valores da “pátria” e da “liberdade”, mas igualmente um capítulo diretamente voltado para questões literárias. Neste, aborda aspectos da história da literatura traduzida em língua alemã, em que faz incursões às teorias propostas por Goethe, Schleiermacher e Schlegel. Já na abertura do seu ensaio, Robert Prutz destaca o fato de a própria literatura alemã ser baseada no “nobre tronco da Antiguidade Clássica” (PRUTZ, 1847, p. 111). Destaca o famoso ensaio de Friedrich Schleiermacher, ressaltando, todavia, que tais considerações padecem de contradições por não se aterem a conteúdos históricos. Apesar de criticar Schleiermacher, rende homenagem aos feitos de Heinrich Voß, por suas traduções homéricas. Dá especial atenção à questão da forma, mas também expressa sua preocupação com o aspecto histórico-cultural:

Não mais somos as pessoas do mundo antigo, não mais temos sua língua, tampouco suas ideias e formas; o mundo grego permanece-nos sempre um outro, um mundo estranho, cujo cerne humano

mais interior ainda podemos voltar a encontrar, todavia, em nosso próprio peito (...).¹⁹

Ao longo de seu ensaio, Prutz faz críticas ao uso do trímetro grego em alemão, pregando a necessidade de rigoroso embasamento histórico e cultural por parte do tradutor. Louva a recriação empreendida por Goethe ao compor sua *Ifigênia*, reconhecendo este feito como um renascimento literário:

Por esse motivo, todo esse conhecimento somente alcança sua verdadeira ativação ao mesclar-se com o que é nosso – e assim, para aqueles profanos, a Antiguidade não ficará desperta apenas em traduções, em trímetros e cantos corais, mas somente quando um literato, um artista, mediante livre produção, processa o mundo clássico conforme nossa consciência e para esta, com força criativa autônoma: – a *Ifigênia* de Goethe (PRUTZ, 1847, p. 194)²⁰.

1.4 KARL SCHÄFER VERSUS FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (Breslau, 21/11/1768; Berlim, 12/02/1834) estudou Teologia Evangélica na cidade de Halle, tendo-se dedicado também aos estudos de Filosofia e Filologia Clássica. Antes de se formar, foi preceptor, na casa de uma importante família, até 1783, na cidade de Schlobitten, Prússia Ocidental, e professor em um orfanato em Berlim, até terminar seus estudos superiores e ordenar-se. Em 1794 assumiu funções eclesiásticas em Landsberg/Warthe. Escreveu várias obras de cunho filosófico e teológico, além de ter-se consagrado como tradutor das obras platônicas. Muito célebre é o seu ensaio *Ueber*

¹⁹ Wir sind nicht mehr die Menschen der alten Welt, wir haben weder ihre Sprache mehr, noch ihre Vorstellungen und Formen; die griechische Welt bleibt uns immer eine andere, eine fremde, deren innersten Kern wir allerdings noch in unserm eigenen Busen wieder finden (...).

²⁰ „Ihre wahre Bethätigung daher erlangt all diese Kenntniss des Fremden erst in der Verschmelzung mit dem, was unser ist – und so wird für jene Profanen das Alterthum nicht in Uebersetzungen, nicht in Trimetern und Chorgesängen wach, sondern da erst, wo ein Dichter, ein Künstler die antike Welt zu freier Production nach unserm und für unser Bewußtsein mit selbständig schöpferischer Kraft verarbeitet: - die Iphigenie von Göthe.“

die verschiedenen Methoden des Uebersetzens [Sobre os diferentes métodos de traduzir], apresentado como conferência na Academia Real de Ciências em Berlim no dia 24 de junho de 1813 e publicado em suas obras completas em 1838.

Em seu ensaio *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*²¹, Friedrich Schleiermacher faz seus primeiros questionamentos sobre a necessidade que o ser humano muitas vezes tem de comunicar algo que alguém apresentou num discurso. Nesse momento, poderá servir de intermediador, sem, todavia, utilizar as mesmas palavras que o enunciador, pois a estas imprimirá uma menor ou uma menor força, dependendo de como as percebe. Destaca que isso também ocorre com os nossos próprios discursos, que, depois de certo tempo, precisam ser recontados, devendo ser “retraduzidos” dentro de uma língua ou dialeto. Schleiermacher afirma que tal fato costuma ocorrer nos mais diversos campos do conhecimento: ciências, comércio, diplomacia. Aborda, em seguida, a dificuldade maior que se nos apresenta ao termos de traduzir ideias de uma língua estrangeira para uma língua vernacular. Nesse campo, distingue duas tarefas básicas: a do intérprete, que atua no campo dos negócios, e a do “verdadeiro tradutor”, que atua basicamente no campo da ciência e da arte. Revela que “traduzir produções científicas e artísticas de boca a boca”, ou seja, sem a forma escrita, como pode ocorrer no campo dos negócios com intérpretes, seria desnecessário e até parece impossível. Chega a ressaltar a importância da escrita para os negócios, mas afirma que a oralidade é própria do *métier* dos negócios. Na sua distinção entre o trabalho do intérprete e o do tradutor, distinção esta que deve ser entendida à luz da época em que Schleiermacher vivia, indica que a tarefa de quem traduz relatos de jornais ou de simples relatos de viagens se inseriria no campo de trabalho do intérprete. Em contrapartida, reconhece a relevância dos assuntos discutidos em negociações jurídicas, que, por seu cunho científico, demandam a atuação de um tradutor. Schleiermacher aborda a problemática daquelas línguas que não têm, entre si, grau de parentesco e que, por isso, não apresentam sequer relações morfológicas e gramaticais coincidentes, quanto mais no tocante à semântica e ao

²¹ As informações aqui apresentadas sobre o ensaio de Friedrich Schleiermacher tomam por base a antologia bilíngue *Clássicos da Tradução*, Vol. 1, Alemão-Português, organizado por HEIDERMANN (2001), em que o ensaio foi traduzido por Margarete von Mühlen Poll. Em outras partes desta tese, recorrer-se-á a outras edições, em que o texto foi vertido para o português por outros tradutores.

léxico. Tal situação se agrava, afirma o ensaísta, quando o tradutor se vê diante de produções nos campos das artes e das ciências, onde domina mais o pensamento. Além disso, ao contrário da situação do intérprete, na tradução de textos dos campos artístico e científico, não se conta, em geral, com a presença do intérprete *in loco*; ou seja, na hora e no local em que a produção do texto oral acontece, também ocorre a intermediação por parte do intérprete. Tal não seria, em geral, a situação de trabalho do tradutor de textos científicos e artísticos. Para Schleiermacher, é relevante e decisivo o fato de a pessoa ser dominada pela língua que fala, já que se é, portanto, um produto desta. Corroborando sua ideia, diz:

Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela.” (HEIDERMANN, 2001, p. 37)

Schleiermacher não se esquece de ressaltar que toda pessoa pensa de forma intelectualmente livre e também acaba formando, reformando e transformando a língua por meio de suas idiossincrasias. Dentro dessa linha de raciocínio, admite que “todo discurso livre e mais elevado” será marcado por dois fatores: a) pelo espírito da língua de cujos elementos o discurso é formado; e b) pela alma do enunciador. Sem um entendimento dessa interação, o discurso não seria compreendido.

Após reconhecer o grau de dificuldade de comunicação nessa esfera do discurso dentro de uma mesma língua, Schleiermacher volta-se para a problemática do discurso a ser intermediado entre duas línguas distintas. Ressalta, com veemência, a necessidade de os leitores, para entenderem o autor lido, captarem o modo de pensar e sentir particular de cada autor. Diante da tarefa de mediação entre autor e leitor oriundos de experiências distintas, Schleiermacher esclarece que, antes de se falar em tradução, é preciso registrar que há duas outras formas de mediação, de comunicação, por assim dizer, entre dois mundos linguísticos distintos. Por um lado, haveria a paráfrase, por outro, a imitação. Schleiermacher define o papel da paráfrase da seguinte forma:

O parafrazeador lida com os elementos de ambas as línguas como se fossem sinais matemáticos que se deixam levar aos mesmos valores por adição e subtração, e nem o espírito da língua traduzida, nem o da língua original conseguem aparecer nesse procedimento. (*id.* p. 41).

A imitação, por sua vez, é o ato de quem, por não poder ou não querer dominar a “irracionalidade das línguas”, não veria outra solução a não ser apresentar “um todo composto de elementos visivelmente diferentes dos do original, que, contudo, aproximasse o seu efeito daquele, tanto quanto as diferenças de material ainda lhe permitissem” (*id. ibd.*).

Por fim, Schleiermacher define quem seria o *verdadeiro* tradutor, aquele profissional “que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, e conduzir o último a uma compreensão e uma apreciação tão correta e completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna” (*id.* p. 43). Ao abrir suas explicações sobre a importância do *verdadeiro* tradutor, Schleiermacher logo aponta os dois únicos caminhos a serem percorridos por esse profissional: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa em paz o leitor e leva o autor até ele. Esses dois caminhos, segundo o ensaísta, implicariam, naturalmente, em metodologias distintas, a saber:

No primeiro caso, a saber, o tradutor está empenhado em substituir, através de seu trabalho, a compreensão da sua língua de origem, que falta ao leitor. Ele tenta transmitir aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que ele próprio teve através do conhecimento da língua de origem da obra, de como ela é, e tenta, pois, levá-los à posição dela, na verdade estranha para eles. Mas se, por exemplo, a tradução quer deixar seu autor romano discursar como ele teria discursado e escrito em alemão para alemães, então ela não leva o autor apenas até a posição do tradutor, pois também para este o autor não discursa em alemão, mas em romano, muito mais ela o empurra diretamente para dentro do mundo dos leitores

alemães e o torna igual a eles, e este é o outro caso. (*id.* p. 44s.)

Segundo Schleiermacher, no primeiro caso haveria uma tradução que, a seu modo, atingiria o grau da perfeição, imaginando-se que, na situação descrita por ele, em que o tradutor alemão assumisse a função do escritor, seria como, na verdade, se o próprio autor romano soubesse alemão como o tradutor sabia romano e houvesse escrito naquela língua. No outro caso, mostrar-se-ia o autor como ele teria escrito originalmente em alemão, mas como alemão. Diante do dilema que essa questão impõe, Schleiermacher lembra-nos a existência de um terceiro método:

Ambas as partes separadas precisam ou se encontrar em algum ponto intermediário, e esse sempre será o tradutor, ou um tem de se dispor completamente ao outro, e aqui somente aquela forma entra no campo da tradução; a outra entraria se, no nosso caso, os leitores alemães tivessem domínio total da língua romana ou, antes ainda, se esta se apoderasse completamente deles e até a transformação. (*id.* p. 45)

Da mesma maneira que muitos outros eruditos alemães de sua época, como Friedrich Schleiermacher, Karl Schäfer ressaltava as bases que os autores clássicos greco-romanos emprestaram à cultura alemã. Embora tivesse uma boa formação, não possuía os conhecimentos filosóficos que fizeram de Schleiermacher um nome célebre em sua época e, no tocante à repercussão de suas traduções e de suas considerações sobre o ato de traduzir, ainda nos dias de hoje. É digno de menção que Schleiermacher merece reconhecimento, atualmente, também por seus trabalhos na área da hermenêutica e teologia. Em *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens (Sobre a tarefa de traduzir)*, Schäfer critica de forma direta o modelo de tradução proposto por Friedrich Schleiermacher. Em sua crítica, toma como ponto de partida, além do próprio Schleiermacher, o tradutor Johann Heinrich Voß, um dos seguidores das ideias do hermeneuta alemão. Desse modo, Schäfer defende uma posição claramente oposta ao método de tradução de Schleiermacher, para quem, como já se mencionou anteriormente, haveria duas alternativas de aproximação entre autor e leitor, embora também mencionasse uma terceira possibilidade, a posição ocupada pelo tradutor. A tarefa deste seria, segundo os pressupostos de

Schleiermacher, comunicar ao leitor a imagem real, a impressão real, que ele próprio, tradutor, obtém a partir da obra como ela é, através do conhecimento da língua original.

A seguir, algumas citações extraídas do ensaio de Karl Schäfer permitirão situar suas críticas ao método de Schleiermacher:

“Como deve fazer o tradutor”, pergunta ele [Schleiermacher], “para transplantar também em seus leitores justamente essa sensação de estar perante conteúdos estrangeiros?” “A exigência indispensável do traduzir”, responde ele, “é uma postura da língua que não apenas não é cotidiana, mas que também sempre deixa pressentir que ela não se desenvolveu inteiramente livre, que ela, *curvou-se em direção a uma semelhança estrangeira.*” Portanto, em resumo, uma tradução não deveria ser *totalmente alemã*, mas apenas *meio alemã*, e o próprio tradutor somente deveria ter conduzido o leitor a uma *meia* compreensão do autor, deveria estar no meio entre o iniciante e o mestre, ou seja, ser um engabelador; e a tradução, no final das contas, não deveria valer sequer como um fim em si mesmo, mas tão-somente servir como um recurso auxiliar para compreender o autor e assumir o lugar de um comentário permanente.

Karl Schäfer era partidário da ideia de que uma tradução deveria ser, antes de tudo, *alemã (deutsch)* e atender aos critérios de uma formulação naturalmente vernacular, evitando, deste modo, as influências estrangeiras de ordem semântica, lexical e idiomática. Em oposição ao termo *deutsch/Deutsch*, faz uso, em seu texto, de termos diametralmente opostos a este, para definir aquilo que, em tradução, feriria o vernáculo alemão idealizado por ele: o substantivo *Undeutschheit* (caráter não-alemão da língua), o substantivo *Undeutsch* (o não-alemão), o adjetivo *undeutsch* (não-alemão) e o advérbio *undeutsch* (de forma não alemã)²². Para Schäfer, a língua alemã dispunha e podia fazer uso de meios suficientes – de natureza semântica, lexical, estilística, gramatical –, sem necessitar subordinar-se ou, nas palavras de Schleiermacher, a “curvar-se a um estranhamento

²² Esta questão será tratada com mais pormenores no Capítulo 3.

estrangeiro” (SCHLEIERMACHER, 2011, na tradução de Mauri Furlan). A crítica feita por Schäfer dirige-se igualmente ao tradutor Johann Heinrich Voß, uma vez que este, a título de exemplo, transportava para a língua alemã uma métrica grega, recorrendo a uma espécie de leito de Procusto²³: por um lado, o afamado tradutor das obras homéricas²⁴ para o alemão recorria a construções e a palavras gregas que resolvia adotar no léxico alemão e, por outro, utilizava vocabulário alemão equivalente aos termos gregos, forjando-os, contudo, dentro de uma matriz de versos gregos (no caso das epopeias homéricas, o hexâmetro²⁵ datílico), em grande parte não-aplicáveis à

²³ Sobre o mito do leito de Procusto, conta GRAVES (2008, p. 389s.): “Quando chegou a Coridaló, na Ática, Teseu matou Polipômene, pai de Sínis, apelidado de Procusto, que vivia às margens da estrada e tinha duas camas em casa, uma pequena e outra grande. Ao hospedar os viajantes que por ali passavam, ele colocava os homens baixos na cama grande e os torturava estirando-os até que se ajustassem ao tamanho do leito; e os homens altos ele colocava na cama pequena, cortando-lhes a parte das pernas que não coubesse na cama. Há quem afirme que ele tinha uma só cama, portanto estirava ou amputava seus hóspedes para que nela se encaixassem. De qualquer modo, Teseu fê-lo sentir na pele o sofrimento infligido aos outros.” De uma forma ou de outra, a figura pode ser aqui empregada para mostrar o grande desagrado sentido por Karl Schäfer ao ver que a língua alemã precisava ser moldada a partir de outras línguas, perdendo parte de sua natureza original.

²⁴ Ainda no presente, as traduções feitas por Johann Heinrich Voß são reeditadas na Alemanha. Na orelha da edição da *Iliada* (*Ilias*), em alemão (HOMER, 2010), publicada pela editora Anaconda, pode-se ler, dentre outras informações: “Singe den Zorn, o Göttin, des Peleiaten Achilleus”, so lautet die erste Zeile des Epos in der berühmten Hexameter-Übersetzung von Johann Heinrich Voß” (“Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles a ira tenaz” [trad. de Odorico Mendes, 1874], esta é a primeira linha da epopeia na célebre tradução de Johann Heinrich Voß em hexâmetros). No mesmo ano de 2010, a mesma editora Anaconda republicou a *Odisseia* (*Odyssee*) de Homero. Na página reservada aos créditos, lê-se: “Die Übersetzung von Johann Heinrich Voß erschien unter dem Titel *Homers Odyssee* erstmals 1781 auf Kosten des Verfassers im Selbstverlag in Hamburg“ (A tradução de Johann Heinrich Voß foi publicada sob o título de *Odisseia de Homero*, pela primeira vez em 1871, às expensas do autor [da tradução] em edição de sua própria responsabilidade).

²⁵ Hexâmetro: diz-se de ou verso grego ou latino composto de seis pés, podendo os quatro primeiros ser dátilos ou espondeus, sendo o quinto dátilo e o sexto espondeu (HOUAISS, 2000). No caso dos poemas épicos

língua alemã, dadas as diferentes estruturas de versificação existentes em ambas as línguas.

Em seu livro *Traité de métrique grecque*, A. Dain esclarece que desde seus primórdios, isto é, desde a época homérica, a métrica grega, como costuma ocorrer em toda versificação, recorre aos elementos existentes na própria língua, destacando que o ritmo do verso grego fundava-se na repetição periódica de sílabas com um determinado acento tônico. Citando A. Meillet, que realizou estudos em busca de reconhecer as origens indo-europeias dos ritmos primitivos, Dain (1965, p. 15) afirma:

(...) A. Meillet definiu o ritmo do verso grego dizendo que ele se baseava essencialmente na “repetição perceptível de um tempo marcável”. Teria havido, originariamente, grupos rítmicos compostos de sérias fixas de tempos fortes misturados a tempos fracos, cujo número era indiferente. Tempos percebidos como marcados são seguidos de tempos onde pode haver uma ou duas notas. O êxito obtido por uma ou outra dessas sequências encontrava-se no ponto de partida de certas formas que são chamadas de elementos rítmicos, com as quais se faz o verso. Esses elementos rítmicos são de base quantitativa e consistem na alternância, em determinadas condições, de sílabas longas e sílabas breves, em que uma sílaba longa tem, para o ouvido humano, uma duração sensivelmente igual a duas sílabas breves. Essa base quantitativa, que parece menos sensível ao ouvido moderno, era claramente percebida pelos antigos. (*id. ib.*)²⁶

homéricos, tratava-se de hexâmetros dátilos, que podem ser assim representados:

²⁶ (...) A. Meillet a défini le rythme du vers grec en disant qu’il était fondé essentiellement sur «le retour perceptible d’un temps marquable». Il y aurait eu, à l’origine, des groupes rythmiques composés de séries fixes de temps forts mêlés à des temps faibles dont le nombre était indifférent. A des temps perçus comme marqués, succèdent des temps où il peut y avoir une ou deux notes. Le succès obtenu par l’une ou l’autre de ces séquences fut au point de départ de certaines formes qu’on appelle éléments rythmiques, formes avec lesquelles on fait le vers. Ces *éléments rythmiques* sont à base *quantitative*

É importante observar que, na língua grega antiga, ainda segundo as explicações de Alphonse Dain, havia cinco ritmos naturais, que iriam condicionar estruturalmente o verso grego:

uma sílaba breve + uma sílaba longa ritmo iâmbico (iambo ou jambo)

uma sílaba longa + uma sílaba breve ritmo trocaico (troqueu ou coreu)

uma sílaba longa + uma breve + uma breve ritmo datílico (= dátilo)

duas sílabas breves + uma longa ritmo anapéstico (anapesto)

uma sílaba longa e três breves ritmo peônico (peônio)

As denominações gregas para os cinco diferentes tipos de ritmos naturais - iambo, troqueu, dátilo, anapesto e peônio - foram, em parte, assimiladas em outras línguas, mas, devido às especificidades de versificação de cada uma, adaptadas a novos contextos. De início, já se pode salientar que o próprio grego moderno não guardou, ao longo das transformações sofridas pela língua helênica, as mesmas possibilidades de sequências de ritmos ditos naturais em relação ao grego clássico, uma vez que perdeu, para as suas vogais, o diferencial da quantidade (vogais breves e vogais longas). A língua alemã, mesmo dispondo de vogais breves e longas, não tem, de forma natural, a mesma alternância de ritmos que permita copiar os modelos rítmicos da versificação do grego antigo, apresentando, em sua poética, uma métrica silábica. Em seu livro *Poetik in Stichworten*, Ivo Braak (1980, p. 68ss) afirma:

Uma vez que as denominações gregas iambo, troqueu, anapesto, dátilo não são, no fundo, aplicáveis à poética alemã, recomendam-se, ao invés disso, as expressões alemãs *Steiger – Faller – Doppelsteiger – Doppelfaller* (ritmo ascendente

et reposent sur l'alternance, dans des conditions déterminées, de syllabes longues et de syllabes brèves, une syllabe longue ayant, pour l'oreille, une durée sensiblement égale à deux syllabes brèves. Cette base quantitative, qui paraît moins sensible à une oreille moderne, était nettement perçue par les anciens. (*id. ib.*)

– ritmo descendente – duplo ritmo ascendente – duplo ritmo descendente).²⁷

Sobre o emprego de hexâmetros na língua alemã, é imprescindível lembrar que a língua alemã, mesmo dispondo de vogais longas e breves, não dispõe do natural emprego do conceito de quantidade que os gregos antigos aplicavam a seus versos, em que a quantidade era contada nas sílabas. Como vimos na explicação acima, os poetas alemães passam a utilizar o hexâmetro, que para os gregos era a versificação típica das epopeias homéricas e, para os latinos, da Eneida de Virgílio, embora precisassem adaptá-lo a um novo contexto de versificação. Em sua explanação específica sobre o conceito de hexâmetro na poética alemã, Braak lança luz sobre o tema desta forma:

Hexâmetro (do gr. *hex* seis e *métron* medida: de seis pés, constituído de seis pés datílicos, mas com a liberdade de substituir as duas sílabas curtas nos primeiros 4 pés através de uma sílaba longa, à exceção da penúltima cadência, ou seja, do 5º pé. O verso é cataléctico²⁸ (...), o último dáctilo é, portanto, incompleto (via de regra se trata de um troqueu).

Esquema: $\bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup}$.
(BRAAK, 1980, p. 107)²⁹

Ainda no tocante à presença de hexâmetros na poética de expressão alemã, é o poeta Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803)

²⁷ Da die gr. Bez. Jambus, Trochäus, Anapäst, Daktylus im Grunde für die deutsche Dichtung zutreffend sind, empfehlen sich statt dessen die dt. Ausdrücke Steiger – Faller – Doppelsteiger – Doppelfaller.

²⁸ Diz-se de ou verso grego ou latino a que se suprime uma sílaba ou mais em seu final, para que seja obtida medição perfeita; cataléctico (HOUAISS, 2000).

²⁹ Hexameter (gr. *Hex* sechs und *metron* Maß: Sechsmesser, aus 6 daktylischen Metren zusammengesetzt, doch mit der Freiheit, die 2 kurzen Silben in den ersten 4 Versfüßen durch eine lange Silbe zu ersetzen mit Ausnahme des vorletzten Taktes, des 5. Fußes. Der Vers ist katalektisch (...), der letzte Daktylos also unvollständig (in der Regel ein Trochäus).
Schema: $\bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup} \cup | \bar{\cup}$.

quem, por meio de seu poema épico *Der Messias*, logra fazer um ótimo uso do hexâmetro, que retira da poesia épica clássica:

Os três primeiros cantos de seu poema heróico *Der Messias* (1748-1773) impressionaram profundamente o público literário. Entretanto, a sua obra nunca conseguiu ultrapassar – numa época em que surgiam as criações de Voltaire e dos enciclopedistas franceses – os limites da língua alemã, caindo no esquecimento inclusive na Alemanha, antes de estar pronto. Atribui-se o sucesso inicial do poema *Der Messias*, em primeira linha, a falhas épicas: a ampla representação do estado anímico de seus personagens e, sobretudo, a linguagem lírica e sensível do escritor. A expressividade é reforçada através do uso do hexâmetro, adotado por Klopstock a partir da poesia épica clássica, porque tal uso, mediante o uso mais livre dos acentos rítmicos, adapta-se mais harmonicamente ao sentido dos versos do que o esquema de versificação do alexandrino romano, cuja imaleabilidade beirava a monotonia. (ŽMEGAČ, 1981, p. 88)³⁰

Homero fez uso do hexâmetros como marca da poesia épica grega, como destaca Aristóteles em sua *Poética*, aqui citada, em português, a partir da tradução espanhola de Valentín García Yebra:

³⁰ Die ersten drei Gesänge seines Heldengedichts *Der Messias* (1748-1773) beeindruckten die literarische Öffentlichkeit tief. Dennoch überschritt das Werk – in der Zeit Voltaires und der französischen Enzyklopädisten entstanden – nie die deutschen Sprachgrenzen und fiel schließlich selbst in Deutschland der Vergessenheit anheim, noch ehe es vollendet war. Der *Messias* verdankt seinen ursprünglichen Erfolg in erster Linie epischen Mängeln: der breiten Darstellung des Seelenzustands seiner Gestalten und vor allem der ausgesprochen lyrischen, empfindsamen Dichtersprache. Die Ausdrucksfähigkeit wird verstärkt durch den Gebrauch des Hexameters, den Klopstock vom antiken Epos übernahm, weil er sich durch die freiere Anwendung der rhythmischen Betonungen harmonischer dem Sinn der Verse anpaßt als das schon bis zur Monotonie erstarrte Schema des romanischen Alexandriners.

Quanto ao metro, a experiência demonstra que o heroico é o apropriado [para a epopeia]. Pois se alguém compusesse uma imitação narrativa num outro tipo de verso, ou em vários, ver-se-ia que era impróprio. E, por conseguinte, entre os metros, o heroico é o mais bem acomodado e amplo (por isto é o que melhor admite palavras estranhas e metáforas: pois também a imitação narrativa é mais extensa que as outras); em compensação, o iâmbico e o tetrâmetro são leves, e aptos, este para a dança, e aquele, para a ação. E seria ainda menos conveniente misturá-los, como Queremão. Por isto, ninguém fez uma composição de grande porte que não fosse no heróico; e, afinal de contas, como já afirmamos, a própria natureza ensina a discernir o que se adapta a ela. (ARISTÓTELES, 1999, p. 220s.)³¹

Para ampliar o entendimento das explicações aristotélicas supramencionadas, é de grande valia recorrer a algumas explicações de Valentín García Yebra acerca de alguns aspectos contidos no trecho recém citado:

O “metro heroico” da poesia grega é o hexâmetro datílico cataléctico. Como se sabe, consta de cinco dáctilos (— ◡ ◡) mais um troqueu (— ◡) ou espondeu (— —), podendo todos os dáctilos ser substituídos por espondeus. Tal substituição raramente se dá no quinto pé; quando isso acontece, temos um *hexâmetro espondaico*. A métrica das línguas modernas, em particular a das românicas, baseada fundamentalmente no número de sílabas e nos acentos de cada verso, não pode

³¹ En cuanto al metro, la experiencia demuestra que el heroico es el apropiado [para la epopeya]. Pues si alguien compusiera una imitación narrativa en otro tipo de verso, o en varios, se vería que era impropio. Y es que el heroico es el más reposado y amplio de los metros (por eso es el que mejor admite palabras extrañas y metáforas: pues también la imitación narrativa es más extensa que las otras); en cambio, el yámbico y el tetrámetro son ligeros, y aptos, éste para la danza, y aquél, para la acción. Y estaría aún más fuera de lugar mezclarlos, como Queremón. Por eso, nadie ha hecho una composición larga sino en el heroico; y es que, como hemos dicho, la naturaleza misma enseña a discernir lo que se adapta a ella.

reproduzir o ritmo do hexâmetro greco-latino. Todas as tentativas nesse sentido fracassaram. O verso heroico por excelência nessas línguas é o hendecassílabo. (...) (ARISTÓTELES, 1999, p. 335)³²

Sobre Queremão, Valentín García Yebra (*id.*, p. 248), afirma que era um “poeta dramático do final do século V e primeira metade do IV. Aristóteles (*Ret.* III 12, 1413b13) cita-o como um dos principais dramaturgos dentre os que escreveram suas obras para ser mais lidas que representadas.” Esta nota explicativa nos dá uma maior consciência de que os versos das epopeias homéricas prestavam-se não apenas à leitura, mas também à apresentação. Macambira (1983, p. 50) chega, inclusive, a estabelecer um paralelo entre os cantadores nordestinos e a poesia de Homero:

Isto não obstante, não há diferença entre o ritmo do verso grego e o ritmo do nosso verso, pois um e outro se apresentam com três teses, o compasso binário e o mesmo tipo de pés, exatamente os traços que o ouvido capta bem, e que podem ser exportados. Constata-se, em face do paralelo entre o heptassílabo e o hexâmetro, que o ritmo da poesia cantadoresca é idêntico ao ritmo dos poemas homéricos, que, transportado para Roma, foi utilizado por Virgílio nas imorredouras páginas da Eneida. Irmanaram-se o cego Aderaldo³³ e o cego Homero. (MACAMBIRA, 1983, p. 50s.)

³² El “metro heroico” de la poesía griega es el hexámetro dactílico cataléctico. Como es sabido, consta de cinco dáctilos (— ◡ ◡) más un troqueo (— ◡) o espondeo (— —), pudiendo todos los dáctilos ser sustituidos por espondeos. Tal sustitución rara vez se da en el quinto pie; cuando esto sucede tenemos un *hexámetro espondeico*. La métrica de las lenguas modernas, en particular la de las románicas, basada fundamentalmente en el número de sílabas y en los acentos de cada verso, no puede reproducir el ritmo del hexámetro grecolatino. Todos los intentos hechos en este sentido han fracasado. El verso heroico por excelencia en estas lenguas es el endecasílabo. (...)

³³ O cego Aderaldo (24.06.1878-29.06.1967), cujo nome completo era Aderaldo Ferreira de Araújo, nasceu na cidade do Crato, na Região do Cariri, sul do Ceará, e celebrou-se pela riqueza de seus repentes.

Ainda no tocante à questão do hexâmetro clássico, vejam-se as seguintes considerações sobre a métrica greco-latina, feitas pelo professor Rafael Sânzio de Azevedo:

Como ensina Ravizza, os versos latinos “não têm rima, nem se compõem de um número determinado de sílabas, mas resultam de combinações especiais de sílabas breves ou longas de cuja ordenada sucessão resulta um ritmo, isto é, um motivo musical”. Estas séries de sílabas são chamadas de *pés*, talvez pelo fato de os antigos marcarem com os pés a divisão dos compassos, como ainda lembra o latinista. O sistema é chamado de *quantitativo* e se baseia na quantidade de pés. Isto não vai corresponder à quantidade de sílabas, uma vez que há pés de duas, de três, e mesmo de quatro sílabas. Em Latim, as sílabas são, como foi dito, breves e longas, o que corresponde, não muito rigorosamente, às átonas e tônicas do Português, respectivamente. (...) Ora, sabendo-se que os latinos contavam os pés e não as sílabas, e que os pés podiam conter de duas a quatro sílabas, fica claro que não pode haver uma rigorosa uniformidade entre versos de um mesmo metro. O hexâmetro, por exemplo, é composto, como indica seu nome, por seis pés. Se buscarmos exemplos extremos, podemos encontrar um hexâmetro com 13 e outro com 17 sílabas, em nossa contagem. (AZEVEDO, 1997, p. 11s.)

Justamente por não disporem de sílabas longas e breves, os poetas das línguas modernas precisaram fazer algumas adaptações, a fim de introduzirem a noção do hexâmetro e dos diferentes pés métricos dele decorrentes (iambo, dátilo, troqueu, espondeu, peônio). Diante disto, os tradutores de obras greco-latinas veem-se diante do dilema de assumir ou não o hexâmetro encontrado nas epopeias. Ao adotarem o verso heróico, já sabem, de antemão, que este recurso não terá exatamente o mesmo valor que na língua original. Outra solução é ignorar a noção do hexâmetro, caso, dentro dos objetivos perseguidos pelo tradutor ou pela editora que o incumbiu da tradução, se queira primar, em primeira linha, pela transmissão do sentido do texto original, buscando-se fazê-lo com o

empenho de salvar o conteúdo veiculado por meios lexicais, idiomáticos, gramaticais e estilísticos.

Observe-se, a seguir, o trecho que abre a *Odisseia* de Homero, seguido da tradução de Johann Henrich Voß, que defendia a adoção de hexâmetros, assim como de uma versão brasileira, a de Donald Schüler, em versos livres.

- a) Versos de abertura do original da *Odisseia* (ἢ Ὀδύσσεια)³⁴ de Homero, em que os dois primeiros versos são escandidos:

ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλά

- U U - U U - U U - (-) - U U - U

πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσεν:

- U U - U U - (-) - U U - U U - U

πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω,

πολλὰ δ' ὃ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὄν κατὰ θυμόν,

ἀρνύμενος ἦν τε γυχίην καὶ νόστον ἐταίρων.

ἄλλ' οὐδ' ὣς ἐτάρους ἐρρύσατο, ἰέμενός περ:

αὐτῶν γὰρ σφετέρησιν ἀτασθαλίησιν ὄλοντο,

νήπιοι, οἳ κατὰ βοῦς Ὑπερίονος Ἥελίοιο

ἦσθιον: αὐτὰρ ὁ τοῖσιν ἀφείλετο νόστιμον ἦμαρ.

τῶν ἀμύθεν γε, θεᾶ, θύγατερ Διός, εἰπέ καὶ ἡμῖν.

- b) Versos iniciais da *Odisseia* de Homero na versão alemã de Johann Heinrich Voß (*Odyssee*), de 1781, em que, pela primeira vez, um tradutor do célebre poema épico grego procura estabelecer uma correspondência formal:

Sage mir, Muse, die Taten des vielgewanderten
Mannes,

- U U - U U - U U - (-) - U U - U

Welcher so weit geirrt, nach der heiligen Troja
Zerstörung,

- U U - U U - (-) - U U - U U - U

Vieler Menschen Städte gesehn, und Sitte gelernt
hat,

Und auf dem Meere so viel unnennbare Leiden
erduldet,

³⁴ Fonte:

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0135>

Seine Seele zu retten und seiner Freunde
Zurückkunft.
Aber die Freunde rettet' er nicht, wie eifrig er
strebte;
Denn sie bereiteten selbst durch Missetat ihr
Verderben:
Toren! welche die Rinder des hohen
Sonnenbeherrschers
Schlachteten; siehe, der Gott nahm ihnen den Tag
der Zurückkunft.
Sage hievon auch uns ein wenig, Tochter
Kronions.

- c) Versos iniciais da *Odisseia* de Homero, na versão brasileira de Donaldo Schüler:

O homem canta-me, ó Musa, o multifacetado, que
muitos
males padeceu, depois de arrasar Tróia, cidadela
sacra.
Viu cidades e conheceu costumes de muitos
mortais. No
mar, inúmeras dores feriram-lhe o coração,
empenhado em
não conseguir contê-los, ainda que abnegado.
Pereceram,
vítimas de suas presunçosas loucuras. Criações!
Forraram
a pança com a carne das vacas de Hélio Hipérion.
Este os
privou, por isso, do dia do regresso. Das muitas
façanhas,
Deusa, filha de Zeus, conta-nos algumas a teu
critério.

Merece destacar, aqui, que o tradutor brasileiro, com um propósito tradutório muito diferente do objetivo de Johann Heinrich Voß, faz, no prefácio, as seguintes afirmações:

Pretendemos, nesta tradução, afrouxar a carga
sintática e vocabular que abafa vozes juvenis.
Mantemos diálogo entre nosso tempo e outros

tempos. Tivemos em mira fazer personagens reviverem em nosso dizer coloquial. Se xingam, que xinguem em português. Quisemos criar ritmos livres, não subordinados a modelos, movimentos próximos à mobilidade do hexâmetro homérico. As repetições, lembrança da literatura oral, aparecem modificadas, moduladas, contornadas e, consonância com procedimentos da literatura escrita. Não estranhe *Odiseus* em lugar de *Ulisses*. A preservação de Odisseu nos permite reinventar truques homéricos: a invenção e o uso estratégico do nome. Percebida a sonoridade grega, insistimos em sonoridades na tradução. (HOMERO, 2007, p. 12)

É relevante a explicação de Donaldo Schüler, especialmente por se tratar de alguém que, em primeiro lugar, vive numa época muito distinta do tempo em que viveu o tradutor Johann Heinrich Voß. Este, contemporâneo de Schiller e Goethe, concorria com os grandes autores na (re)criação literária. Em segundo lugar, Donaldo Schüler elaborou uma versão brasileira para o público brasileiro jovem de hoje, bem diferente do público de Johann Heinrich Voß.

O tradutor brasileiro destaca o valor atribuído ao diálogo entre os dois tempos. Como não se ateu à métrica homérica, pôde apresentar conteúdos que, no texto de Voß, ficaram diluídos. Exemplo disto é o fato de o deus-sol *Hélio Hipérion* (Ἡλιόπιονος Ἡελίοιο), que aparece no trecho da *Odisseia* supracitado, ter sido reduzido, em alemão, ao “dominador do Sol” (*Sonnenbeherrscher*), contrariamente ao que afirma o texto original. Donaldo Schüler também consegue recuperar, no texto brasileiro, o realce que é dado à palavra do texto grego: *homem* (ἄνθρωπος, no acusativo grego), o que Voß não logra fazer. Saliente-se que o tradutor português Frederico Lourenço, na introdução à sua versão da *Odisseia*, destaca a importância dessa palavra inicial do texto homérico:

A primeira palavra do poema (em grego) é homem. Logo desde o primeiro verso somos convidados a empatizar com “o homem astuto que muito sofreu”, a ver nele a própria substanciação da inteligência humana (aqui referida por meio da ideia de “astúcia”) e da vocação do ser humano para o infinito sofrimento. (HOMERO, 2003, p. 13)

Apesar dessa observação, Frederico Lourenço não inicia seu texto homérico com a palavra “homem”:

Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou,
 Depois que de Tróia destruiu a cidadela sagrada.
 Muitos foram os povos cujas cidades observou,
 Cujos espíritos conheceu; e foram muitos no mar
 Os sofrimentos por que passou para salvar a vida,
 Para conseguir o retorno dos companheiros a suas casas.
 Mas a eles, embora o quisesse, não logrou salvar.
 Não, pereceram devido à sua loucura,
 Insensatos, que devoraram o gado sagrado de
 Hipérion,
 O Sol – e assim lhes negou o deus o dia do
 retorno.
 Destas coisas fala-nos agora, ó deusa, filha de
 Zeus.

Cumpremostrar aqui o trecho inicial da *Iliada*, com base na versão de Johann Heinrich Voß e na do brasileiro Odorico Mendes, adiantando-se, aqui, que este não recorreu a hexâmetros.

a) Versos iniciais originais da *Iliada* (Ἰλιάς):

μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
 οὐλομένην, ἣ μυρὶ Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε,
 πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν
 ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἐλώρια τεῦχε κύνεσσιν
 οἰωνοῖσιν τε πᾶσι, Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή,
 ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε
 Ἀτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς.

b) Versos iniciais da *Iliada*, na tradução de Johannes Heinrich Voß:

Singe den Zorn, o Göttin, des Peleiden Achilleus,
 Ihn, der entbrannt den Achaiern unnennbaren
 Jammer erregte,
 Und viel tapfere Seelen der Heldensöhne zum Aïs

Sendete, aber sie selbst zum Raub darstellte den Hunden,
 Und dem Gefögel umher. So ward Zeus Wille vollendet:
 Seit dem Tag, als erst durch bitteren Zank sich entzweiten
 Atreus Sohn, der Herrscher des Volks, und der edle Achilleus.

c) Versos iniciais da *Ilíada*, tradução de Odorico Mendes:

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles
 A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,
 Verdes no Orco lançou mil fortes almas,
 Corpos de heróis a cães e abutres pasto:
 Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem
 O de homens chefe e o Mirmidon divino
 Nume há que os malquistasse? (...)

Assim como Johann Heinrich Voß opta pelos hexâmetros, Odorico Mendes recorre a outro recurso métrico, como se pode depreender das seguintes palavras de Sávio Nienkötter no prefácio à tradução da *Ilíada* por Odorico Mendes:

Quanto à métrica, Odorico Mendes entendeu que em português o verso épico assenta melhor ao decassílabo, verso da épica de Camões. Conseguí, com esta escolha, imprimir ao verso a velocidade que Homero imprimiu. Sendo a língua portuguesa mais lenta que a grega, o verso decassílabo acaba imprimindo a velocidade que é própria do hexâmetro grego, contudo o decassílabo português é notadamente mais acelerado. (HOMERO, 2010, p. 29)

Sávio Nienkötter lança luz, assim, sobre um aspecto importante para a escolha do metro para traduzir o metro épico grego. Ao escolher a versificação consagrada em português por Camões, Odorico Mendes optou por um ritmo já conhecido pelos leitores de língua portuguesa. Voß, por sua vez, prefere ousar e implantar na língua e na literatura alemã um modelo que lhes era estranho, embora, desde Klopstock, já houvessem sido feitas algumas tentativas, como já foi afirmado anteriormente.

Karl Schäfer, por sua vez, faz ferozes críticas contra o método de traduzir de Schleiermacher. Na opinião deste, para traduzir a narrativa épica clássica, o tradutor poderia sujeitar sua língua materna aos ditames da métrica estrangeira em geral e do uso de hexâmetros, em particular. Em seu empenho de salvaguardar o idioma alemão, uma língua que ainda não contava com uma plena constituição ortográfica e gramatical uniformizada, Karl Schäfer agudiza suas reprimendas tanto a Schleiermacher quanto a Johann Heinrich Voß, por estes, assim entendia Schäfer, atacarem, violentarem e deformarem a língua de Goethe:

Como já foi observado anteriormente, *Voß*, desde longa data, já exercitava na prática o que *Schleiermacher* executa de forma sistemática, embora aquele fique para trás em relação às exigências deste, pois lhe falta o insinuar, o entrar nos mais diferentes elementos, em suma, aquele caráter proteiforme que *Schleiermacher* exige. Mas aquele greciza e latiniza a língua materna da mesma maneira que este, estando, assim, na mesma categoria que ele, embora tenham chegado à mesma prática a partir de diferentes posições. Na verdade, *Schleiermacher* acredita ser preciso expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, e *Voß* acredita ser fiel, se traduzir literalmente; mas como não consegue fazê-lo sem falar à moda estrangeira, sua linguagem é, portanto, tão não-alemã quanto a de *Schleiermacher*, e vice-versa. Não obstante, a fidelidade que o método de tradução de *Voß* exige para si põe-se a nu, curiosamente, através do fato de ele haver traduzido todo e qualquer autor da mesma maneira, naquela linguagem que ele havia criado, de uma vez por todas, naquele período em que formara originalmente seu ponto de vista.

Prosseguindo em suas críticas contra Schleiermacher e Voß, Karl Schäfer traz à baila o fato de, muitas vezes, os tradutores que seguiam o método de Schleiermacher fazerem soar o alemão artificial e de difícil compreensão. Argumenta que isso seria mais difícil de detectar em textos clássicos, pelo próprio fato de não se ter certeza de qual era o tom, o registro, o grau de familiaridade dos textos de Homero no seio da sociedade grega. Todavia, ao se acercar do mesmo problema em relação a autores mais próximos da realidade e da época em que ele próprio

vivia, no século XIX, referindo-se, por exemplo, a Shakespeare, Schäfer afirmava que o problema detectado nas traduções de Schleiermacher e Voß ganhava uma forma concreta, mais palpável, tornando-se, mais passível de ser analisado com maior legitimidade. Considere-se, neste sentido, o seguinte exemplo retirado do ensaio de Schäfer:

Foi na tradução de obras de Shakespeare que o procedimento de Voß mostrou-se com a maior evidência. Em se tratando dos clássicos, já se está inclinado, desde o princípio, a prescindir de fluência, inteligibilidade e graça nas traduções. Nosso respeito por elas é tão grande, já desde a escola, que não temos, absolutamente, a esperança de vê-las parecer entre nós de algum modo familiares e vernaculares. Acresça-se a isto que o grande intervalo de tempo e as lacunas de mediação – que dirá de tradução – permitem duvidar da possibilidade de compreensão, e onde a sensibilidade muitas vezes reprova com firmeza, faltam os recursos da prova. Todavia, no caso de um escritor tão próximo de nós, como *Shakespeare*, cujo mesmo ar nós próprios ainda respiramos, com quem, de certo modo, ainda pisamos o mesmo chão, onde temos, de forma mais presente, o complexo de relações e circunstâncias; no caso de um escritor dessa estirpe, não apenas é fácil perceber o caráter desnatural e inverídico da tradução, como também é possível, simultaneamente, mostrá-lo e prová-lo; e o fórum não é formado apenas por um ou outro iniciado, em quem o povo tenha de acreditar; ao invés disso, aparece, na qualidade de competente juiz, um grande público formado de peritos, para os quais, em parte, a língua do autor é sua língua materna.

A Karl Schäfer irritava profundamente o modo de traduzir em que não se buscavam as formas existentes na língua alemã. Quem assim agia, renunciava, portanto, a uma série de “palavras alemãs, construções alemãs, locuções alemãs (...), sistemas de conceitos e de seus símbolos”, preferindo recorrer a soluções cheias de invencionices e arbitrariedades. Schäfer chega a afirmar que “colocam-se os elementos lado a lado desordenadamente: numa permuta mecânica, coloca-se símbolo após

símbolo e crê-se seriamente ser possível criar, mediante esse amálgama de palavras e construções, uma nova língua”.

Nesse sentido, vale observar que, quase um século e meio mais tarde, J. C. Catford, em seu livro *Uma teoria linguística da tradução*, apresentaria uma definição de tradução “intencionalmente ampla”, que “pode definir-se como a substituição de material textual numa língua (LF³⁵) por material textual equivalente noutra língua (LM³⁶)” (CATFORD, 1980, p. 22). Catford afirma que haveria substituição de gramática e léxico da língua-fonte por gramática e léxico equivalentes na língua-meta, assim como uma substituição de grafologia entre uma língua e outra. Muito tempo antes de Catford, Schäfer já se mostrava preocupado com uma questão que ia muito além de meras substituições ou permutas de signos, que implicava a relação entre as culturas envolvidas. Sua crítica atinge Schleiermacher, que afirmara:³⁷

Contudo, se não se quiser alegrar-se por tão pouco, se não se quiser meter no mesmo saco o magistral com o principiante e com o pior, tem-se, pois, de admitir que uma exigência imprescindível deste método de traduzir refere-se a uma atitude da língua, que não apenas não é cotidiana, mas que também deixa intuir que ela não cresceu completamente livre, antes curvou-se em direção a uma semelhança alheia; e tem-se de confessar que fazer isto com arte e com medida, sem prejuízo próprio e sem prejuízo da língua, é, talvez, a maior dificuldade que nosso tradutor tem de superar.³⁸ (SCHLEIERMACHER, tradução de FURLAN, 2011)

³⁵ Língua-fonte.

³⁶ Língua-meta.

³⁷ Na tradução publicada na *Revista Scientia Traductionis* (SCHLEIERMACHER, 2011), os tradutores optaram por traduzir o título do ensaio de Friedrich Schleiermacher desta maneira: *Sobre os diferentes métodos de tradução* (Margarete von Mühlen Poll) e *Sobre os diferentes métodos de traduzir* (Celso R. Braidia e Mauri Fulan). Opta-se, aqui, pela segunda formulação, que se ajusta à ideia de tradução aqui defendida para o título do ensaio de Karl Schäfer, dando-se maior relevo ao ato de “traduzir” que ao produto final “tradução”.

³⁸ “Allein wenn man sich diese Freude nicht zu wolfeil machen will, wenn man nicht das meisterhafteste mit dem schülerhaftesten und schlechtesten in

Na opinião de Karl Schäfer, a língua alemã não precisava “curvar-se em direção a uma semelhança alheia”. Em seu juízo crítico, aponta que, enquanto Schleiermacher acreditava precisar expressar-se à maneira estrangeira para ser fiel, Voß acreditava ser fiel se traduzisse literalmente. Como Voß não lograva traduzir literalmente “sem falar à maneira estrangeira”, sua língua acabava por ser “tão não-alemã quanto a de *Schleiermacher*, e vice-versa”. Em diversas passagens, Schäfer usa diferentes palavras e imagens para trazer a lume a necessidade de se respeitar também a língua-cultura de chegada. Uma das imagens que ele utiliza é a da casca que envolve um fruto. Segundo ele, não se pode separar o ser humano de sua língua como o fruto de sua casca, já que ambos coexistem em uma relação orgânico-funcional, não sendo a casca do fruto “uma roupa que se despe a alguém para nele vestir outra”. Na visão de Schäfer, o tradutor alemão de *Schleiermacher* veste-se como o romano ou como o grego, de acordo com a necessidade. Tudo não passaria, portanto, de uma farsa, de uma encenação: o tradutor se vestia, apresentava-se em seu disfarce e dava início à sua comédia.

É útil notar que, na escolha de metáforas e de vocabulário para explicitar seu método de tradução, Schäfer, como fez com a imagem da “casca que envolve um fruto”, recorre, por vezes, a termos ligados à natureza. Talvez por isto insista também, ao criticar Schleiermacher e/ou Voß no uso do termo *unnatürlich* e seus derivados, aqui traduzido por *desnatural*, para se tentar manter o radical ligado à natureza, que está por trás do termo alemão. Dentre outros termos ligados à natureza, ele utiliza: *Verpflanzung* (*transplantação*), *verpflanzen* (*transplantar*), *fortpflanzen* (*transplantar*), *unfruchtbares Samenkorn* (*semente infrutífera*), que serão discutidos no Capítulo 3.

Para Karl Schäfer, um dos lemas principais era *traduzir do Belo para o Belo*. Ou seja: a tradução não deveria ser escrita em alemão ostentando um sabor da língua original. A exemplo de Seeger (ver, neste trabalho, 1.3.2.), exigia que a tradução fosse, antes de tudo, alemã, como

einem Bade ausschütten will: so muß man zugeben, ein unerläßliches Erforderniß dieser Methode des Übersetzens ist eine Haltung der Sprache, die nicht nur nicht alltäglich ist, sondern die auch ahnden läßt, daß sie nicht ganz frei gewachsen, vielmehr zu einer fremden Ähnlichkeit hinübergebogen sei; und man muß gestehen, dieses mit Kunst und Maaß zu thun, ohne eigenen Nachtheil und ohne Nachtheil der Sprache, dies ist vielleicht die größte Schwierigkeit die unser Übersetzer zu überwinden hat.“

deixa patente em seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzers* [Sobre a tarefa de traduzir]: “o caráter da nossa língua, enquanto forma de nossa maneira popular de pensar e sentir, ali precisa apresentar-se, conforme a sua singularidade, com suas características puras e nítidas”. Segundo Schäfer, cada um dos elementos da tradução, como “a ordem das palavras nas frases, a construção dos períodos, a combinação de orações, o uso dos modos, bem como a formação de palavras, a elocução, a escolha das metáforas e imagens –, em resumo, tudo e cada um dos elementos”, somente pode ser extraído da própria língua alemã. Embora concorde com que o tradutor de poesia deva ser, de certo modo, poeta, Schäfer observa que não seria viável esperar que surgisse um Êsquilo alemão para se traduzir as obras do dramaturgo grego:

Entretanto, com isso não se está afirmando que se exigiriam um talento e um gênio igualmente grandes, e que nós primeiramente teríamos de esperar surgir um *Êsquilo* alemão, a fim de obtermos uma reprodução alemã do original. Não se trata disto, o tradutor não tem de ser igual em força, apenas precisa ser capaz de absorver em si seu escritor, equiparar-se de certa maneira a este. A capacidade de penetrar no espírito do protótipo, de pôr-se na sua pele e de identificar-se com ele basta perfeitamente para representar a originalidade.

Se, por um lado, Karl Schäfer criticava Johann Heinrich Voß (1751-1826), nutria grande admiração por outro contemporâneo seu, o também tradutor Johann Gustav Droysen (1808-1884). Voß, que nasceu no seio de uma família sem recursos, a duras penas conseguiu fazer um curso superior de Filologia, mas logrou fazer uma carreira de professor e tradutor, chegando a ser diretor da Escola de Latim de Otterndorf, na Baixa Saxônia. Notabilizou-se por suas traduções da *Ilíada* e da *Odisseia*, além de ter vertido obras de Hesíodo, Teócrito, Bion, Moscos, Virgílio, Ovídio, Horácio, Tibulo, Propércio, entre outros clássicos. Apesar de idolatrado por muitos eruditos alemães de sua época e de épocas posteriores, Voß também contava com adversários quase tão obsessivos quanto Karl Schäfer, que não viam com bons olhos o fato de ele ter criado um Homero alemão e homerizado a dicção literária alemã. Essa homerização, Voß passou a concretizá-la a partir da publicação de sua segunda versão da *Odisseia* em 1793 (KITTEL; HERMANN, KOLLER; LAMBERT; FRITZ, 2006). Um dos fatores que levaram Voß

a grecizar o texto da *Odisseia* foi o fato de assumir a métrica grega como algo natural. Se Schäfer zombava das traduções de Voß, aplaudia os feitos de Droysen como tradutor das obras aristofânicas. Droysen deixou alguns prefácios, em que evidencia, dentre outras coisas, a necessidade de recorrer a paratextos - em geral, prefácios - para facilitar a compreensão dos leitores das comédias de Aristófanes, ricas em conteúdo político, social e cultural. Eis o que afirma Droysen em um de seus prefácios:

O plano original desta tradução, como figura no prefácio da primeira parte, prometia também, além das peças que ficaram preservadas, os fragmentos e uma biografia do escritor. (...) No início do meu trabalho, ainda não conseguia visualizar a dimensão que assumiriam as introduções a cada uma das peças e com que frequência elas forneceriam detalhes sobre as condicionantes pessoais do escritor. Há poucas informações biográficas sobre Aristófanes, e esse pouco que há é em parte incerto, em parte sem importância; em geral, são incapazes de assegurar um retrato nítido do autor, do seu modo de ver as coisas, do seu caráter poético e político, das suas relações com o seu tempo e seus contemporâneos, em suma, aquilo que empresta a uma biografia um interesse maior que o da erudição. (DROYSEN, 1838, p. V)³⁹

Nessas palavras de Droysen, vê-se a preocupação do tradutor em oferecer informações aos leitores, de modo que estes possam ter uma imagem mais completa sobre as idiossincrasias do escritor, sua época e

³⁹ Der ursprüngliche Plan dieser Uebersetzung, wie er in der Vorrede des ersten Theils angeben (sic!) worden, versprach außer den erhaltenen Stücken noch die Fragmente und eine Biografie des Dichters. (...) Beim Beginn der Arbeit konnte ich nicht übersehen, welche Ausdehnung die Einleitungen zu den einzelnen Stücken gewinnen und wie oft auf die persönlichen Verhältnisse des Dichters eingehen würden. Es giebt wenige biographische Nachrichten über Aristophanes, und dieß Wenige ist zum Theil unbedeutend, überall nicht von der Art, ein deutliches Bild des Dichters, seiner Anschauungsweise, seines poetischen und politischen Charakters, seines Verhältnisses zu seiner Zeit und seinen Zeitgenossen, kurz das, was einer Biographie ein höheres Interesse als das der Gelersamkeit giebt, zu gewähren.

seus coetâneos. Com esses dados, o tradutor tem mais margem para deixar a tradução mais fluente.

Tendo como apoio as preocupações de Droysen com os dados biográficos do autor, pode-se lembrar, aqui, que o tradutor atua como uma espécie de Hermes, um mensageiro. Assim agindo, pratica também um tipo de hermenêutica. A este respeito, Lorenza Rega (ULRYCH, 1997, p. 75) afirma:

A Hermenêutica é um termo que na Filosofia grega designa a arte ou a técnica da interpretação e que assumiu progressivamente um sentido mais geral, indicando no pensamento moderno os vários tipos de teoria geral da interpretação. É geralmente aceito que o termo Hermenêutica seja ligado a Hermes, que, entre suas múltiplas funções, tinha também a de transmitir e traduzir as mensagens dos deuses aos mortais. Se, por traduções, em geral se entende o fato de se passar um texto para outra língua, mas deixando inalterado, o máximo possível, o sentido do texto, em sua origem a Hermenêutica é, portanto, um verdadeiro sinônimo de tradução da linguagem divina para a linguagem humana.⁴⁰

Johann Gustav Droysen, a quem Schäfer tanto admirava, dedicou-se especialmente à tradução das comédias aristofânicas. Costumava sempre escrever prefácios e/ou introduções a suas versões alemãs, em que aproveitava para teorizar sobre seu método de traduzir. Ao mesmo tempo, expunha, a seus leitores, determinados pormenores sobre o texto original. No prefácio de seu primeiro volume de peças

⁴⁰ L'ermeneutica è un termine che nella filosofia greca designa l'arte o tecnica dell'interpretazione e che ha assunto poi progressivamente un senso più generale, indicando nel pensiero moderno vari tipi di teoria generale dell'interpretazione. È generalmente accettato che il termine ermeneutica sia legato a Hermes che, tra le sue molteplici funzioni, aveva anche quella di trasmettere e di tradurre i messaggi degli dèi ai mortali. Se per traduzione s'intende in generale la resa di un testo in un'altra lingua che ne lasci per quanto possibile immutato il senso, in origine l'ermeneutica è dunque un vero e proprio sinonimo di traduzione dal linguaggio divino a quello umano.

aristofânicas traduzidas (DROYSEN, 1835, p. VIII), Droysen faz algumas considerações sobre fidelidade na tradução:

Em tempos passados, já tive a oportunidade de externar, em público, minhas opiniões sobre o ato de traduzir poetas gregos. Se elas agora ainda são as mesmas em sua essência, afirme-se que a singularidade da comédia grega impõe algumas restrições ou ampliações daquele antigo trabalho, sobre as quais eu não posso me furtar de explicar em detalhe.

Se uma tradução fiel precisa ter o objetivo de reproduzir, o mais integralmente possível, a impressão do original, então logo se coloca a questão se, aqui, está-se falando da impressão que nós tivemos do original ou daquela que tiveram os atenienses em sua época. Durante um bom tempo, eu julguei possível a segunda opção; a peça *As aves*, que primeiro tentei traduzir, eu a trabalhei de forma tal que cada alusão a personagens atenienses, a versos gregos, a situações daquela época foi permutada por um elemento correspondente, retirado do nosso ambiente histórico, da mesma maneira que Goethe já havia transformado o início dessa mesma peça. Estávamos em finais de 1830, e as circunstâncias daquela época sugeriram-me uma tendência equivalente [para um trecho], que eu extraí do tempo então presente: o galo meda [persa] foi espontaneamente transformado em galo gaulês, e, ao invés da tiara, portava um gorro vermelho, e ainda hoje é o tirano etc. (DROYSEN, 1835, p. VIII)⁴¹

⁴¹ Ich habe früher einmal Gelegenheit gehabt, meine Ansichten in Betreff des Uebersetzens Griechischer Dichter öffentlich auszusprechen. Sind sie auch jetzt noch im Wesentlichen dieselben, so fordere doch die Eigenthümlichkeit der Griechischen Komödie mannigfache Beschränkung oder Erweiterung jenes Früheren, über welche ich nicht vermeiden darf, mich näher zu erklären. / Wenn eine treue Uebersetzung den Zweck haben muß, möglichst vollständig den Eindruck des Originals wiederzugeben, so fragt es sich gleich, ob hiermit der Eindruck, den wir, oder in ihrer Zeit die Athenäer von dem Original empfinden, gemeint ist. Ich habe eine Zeit lang das Letztere für möglich gehalten; die Vögel, an denen ich mich zuerst versuchte,

De forma muito clara, Droysen mostra como sua preocupação com o ato de traduzir levava-o a refletir sobre assuntos extremamente sérios como a questão da recepção do texto no tempo e no local de origem, assim como no momento em que está sendo traduzido. Justamente por se tratar de um texto de comédia, que se presta, em primeira linha, à encenação, suas preocupações e suas propostas de solução são extremamente práticas, e ele não se perde em elucubrações de ordem meramente filosófica. Droysen encontra uma saída perfeita para representar o galo falastrão da comédia *As aves*: o galo gaulês, figura que, naquele tempo, devia ser extremamente odiada em territórios alemães. O gorro vermelho, à guisa de “béret jacobin”, completa a imagem que, numa comédia a ser lida ou encenada na Alemanha de 1830, cumpria perfeitamente sua função. Vale observar que, numa tradução brasileira⁴², a ave em questão é uma “poupa”, uma ave que, também como o galo, ostenta uma crista, só que de penas. Na comédia de Aristófanes, a poupa é, na verdade, uma referência a Tereu, que devido a um crime que cometera, fora transformado em uma ave. Eis o que explica Robert Graves sobre esse mito grego:

Tereu, filho de Ares, governava os trácios que então ocupavam a Dáulis fócia – embora se diga também que ele era o rei de Pagas, em Mégara. Tendo atuado como mediador numa disputa de fronteira em nome de Pandião, rei de Atenas e pai dos gêmeos Butes e Erecteu, casou-se com a irmã deles, Procne, que lhe deu um filho, Ítis. (GRAVES, 2008, p. 199)

Como se pode ver através da explicação acima, Droysen capta muito bem o texto de Aristófanes, casando-o com o momento difícil que os territórios alemães ainda passavam em decorrência das investidas

bearbeitete ich in solcher Weise, daß jede Anspielung auf Athenische Personen, auf Griechische Verse, auf damalige Zustände, mit Entsprechendem aus unserem Gesichtskreise vertauscht wurde, wie denn Göthe schon den Anfang dieses Stückes in ähnlicher Art umgewandelt hatte. Es war das gegen Ende des Jahres 1830, die damaligen Zeitverhältnisse gaben mir eine entsprechende Tendenz aus der Gegenwart; aus dem Medischen Hahn machte sich wie von selbst der Gallische Hahn, der statt der Tiara die rote Müze trägt, und noch heute der böse Tyrann ist, u.s.w.

⁴² Cf. ARISTOFANES, 2000, p. 31.

napoleônicas na primeira metade do século XIX. Mediante mais um trecho extraído de um prefácio escrito pelo mesmo tradutor, pode-se confirmar como Droysen estava muito à frente de outros tradutores de seu tempo no tocante às reflexões práticas sobre o ato de traduzir e os efeitos deste sobre os leitores ou, no caso de peças encenadas, espectadores:

Aqui logo começaram muitas e grandes dificuldades: tratava-se, sobretudo, de reconhecer o tom, a cor do grego. Na tradução de uma tragédia, já se é bastante feliz em se poder acertar o tom com algum *páthos*; além disso, a linguagem dos autores de prosa grega possui, em linhas gerais, um caráter tão homogêneo e claro que, uma vez tendo apreendido cada estilo em sua totalidade, será possível também, no sentido deste, escrever também os pormenores. Aristófanes é bem diferente; ele passeia desde o sublime *páthos* às coisas mezinhas do cotidiano, voltando depois a passear desde a paródia dos diferentes tipos estilísticos até as formas confortáveis e leves do mais fino aticismo; e, com frequência, no meio de expressões cheias de encanto poético, surge algum tipo de grosseria extrema; ou, no meio de expressões idiomáticas de camponeses ingênuos, uma sublime palavra da tragédia torna-se um termo ridículo. Isso e muitas coisas do mesmo gênero, que os intérpretes raramente observam ou comentam superficialmente, o tradutor precisa reconhecer com a maior nitidez, a fim inventar um correspondente em sua língua; justamente em assuntos desse tipo, ele precisa comportar-se de maneira livre e racional, de forma que o leitor nunca seja lembrado de que está lendo um texto traduzido; e se algumas traduções foram elogiadas pelo fato de propiciarem aos leitores o deleite de retrotraduzi-las, por assim dizer, continuamente para a língua original, então isto me parece ser uma condenação do valor artístico de tais trabalhos. (DROYSEN, 1835, p IXs.)⁴³

⁴³ Hier begannen sogleich viele und große Schwierigkeiten; vor Allem galt es, den Ton, die Farbe des Griechischen zu erkennen. Beim Uebersetzen einer

Na passagem acima, vê-se a preocupação de Droysen, na sua qualidade de tradutor empenhado, com detalhes ligados ao estilo próprio do autor do texto original. Seu esforço acompanha também as questões que envolvem os diferentes tipos textuais da Grécia antiga, fato que, para ele, também tem grande relevância, para se evitar uma homogeneização de estilos e de tipos textuais. Uma tragédia grega, por exemplo, comporta uma carga vocabular e um espectro estilístico bem distinto do que oferece Aristófanos com as suas frequentes variações de estilo e registros dentro do mesmo texto; e é justamente este aspecto que faz a obra de Aristófanos ser reconhecida como distinta da obra de outros comediógrafos. Droysen mostra preocupação em salvar, mediante equivalentes alemães, esses pormenores linguístico-estilísticos dos textos do célebre comediógrafo grego.

Numa outra parte do trecho supracitado, Droysen lida com a questão da visibilidade do tradutor, tema que, mais de um século e meio mais tarde, seria discutido por diferentes autores e teóricos da tradução, embora tenha obtido maior repercussão o autor Lawrence Venuti. Em seu livro *The Translator's Invisibility*, apresenta, em meio a uma extensa explicação sobre o que entende por *invisibilidade*, o seguinte trecho:

Tragödie ist man glücklich genug, mit einigem Pathos zu treffen, und auch die Sprache der Griechischen Prosaiker hat im Ganzen einen so gleichmässigen und deutlichen Charakter, daß, wenn man erst eines jeden Styl im Ganzen aufgefasst hat, es möglich wird, auch das Einzelne in seinem Sinne zu schreiben. Sehr anders Aristophanes; er schweift von dem erhabenen Pathos zur alltäglichen Gewöhnlichkeit, wird wieder von der Travestie der verschiedensten poëtischen Stylarten zu den bequemen und leichten Formen des feinsten Atticismus; ja oft mitten in poëtisch reizende Wendungen tappt irgend eine crasse Gemeinheit hinein, oder in Mitten bäurischer und einfältiger Redensarten wird ein erhabener Ausdruck der Tragödie zur Lächerlichkeit. Dieß und vieles Aehnliche, was die Interpreten selten beachten oder oberflächlich notiren, muß der Uebersetzer bis auf das Deutlichste zu erkennen wissen, um Entsprechendes in seiner Sprache zu erfinden; gerade in Sachen dieser Art muß er sich in solcher Weise frei und einsichtig verhalten, daß der Leser keinen Augenblick daran erinnert wird, Uebersetztes zu lesen; und wenn man gewisse Uebersetzungen darum gepriesen hat, daß sie den Lesern den Genuß gewährten, sie fortwährend gleichsam in das Original zurück zu übersezen, so scheint mir das, dem künstlerischen Werthe solcher Arbeiten geradezu den Stab zu brechen.

Um texto traduzido, seja ele de prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é julgado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores, quando sua leitura é fluente, quando a ausência de quaisquer peculiaridades linguísticas ou estilísticas o faz parecer transparente, dando a impressão, em outras palavras, de que a tradução não é, na realidade, uma tradução, mas o “original”. (VENUTI, 1997, p. 1)⁴⁴

É digno de nota que Karl Schäfer também nutria respeito e admiração por Goethe. Embora dê a entender que sabia do gosto de Goethe pelos trabalhos de tradução *à la* Schleiermacher e Voß, rapidamente tenta apagar quaisquer dúvidas e suspeitas que pudesse ter levantado contra o bardo alemão; no entanto, afirma que Goethe seria leigo em línguas clássicas, fato pouco provável para quem havia estudado direito e se dedicado à recriação de obras como *Ifigênia em Táuris*. Vejam-se estes dois trechos do seu ensaio:

Com esse seu parecer, *Goethe* decerto não tinha em vista as traduções tardias de *Voß*, e seu juízo sobre *Romeu e Julieta* certamente pouco deve ter diferido do de seu amigo *Zelter*, que era avesso a toda desnaturalidade. Ademais, cumpre considerar que, para *Goethe*, na qualidade de leigo nas línguas clássicas, *Voß* sempre permaneceu, como antecessor e professor de *Goethe*, uma importante autoridade, que lhe inspirava tanto mais respeito quanto menos podia investigar sobre ele.

(...)

Por fim, não se pode esquecer que o próprio *Goethe* não fez nenhuma grande tentativa de tradução pelo modelo daquele mestre que admirava. Se houvesse compreendido uma obra dessa natureza, certamente teria alcançado o mesmo êxito, não com menos elegância e

⁴⁴ A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”.

engenhosidade, que a composição, em língua alemã, de seu poema *Heidenröslein*. Jamais teria desviado seu rumo, para incorrer numa desnaturalidade como a prescrita por *Schleiermacher*; ao invés disso, sua sensibilidade correta decerto haveria eliminado na prática, espontaneamente, os erros da teoria consentida.

No livro *Dichter-Porträts*, da editora Reclam (GRIMM ET ALII, 1992, p. 93), consta, na breve biografia de Johann Wolfgang Goethe, que o autor de Fausto, nascido em 1749, teve aulas de “latim, grego, francês e desenho” entre os anos de “1756 e 1759”. (p. 93). Nos anos de 1759 a 1763, estudou “italiano, inglês e hebraico”. É possível que Schäfer, talvez por sua função de professor, pesquisador e tradutor de obras da Antiguidade Clássica, tenha ousado afirmar que Goethe não seria bom conhecedor das obras clássicas no original.

No trecho a seguir, fica clara a posição de Karl Schäfer acerca da transplantação de elementos estrangeiros e estranhos ao vernáculo, procedimento que ele rechaça de maneira manifesta, beirando, por vezes, o purismo exacerbado ou quase o nacionalismo:

De que meios o nosso tradutor precisa fazer uso, como precisa proceder, resulta, por si só, do que foi afirmado até aqui. Ele não tem permissão para criar, nem por iniciativa própria nem por macaqueação, nem em prosa nem em poesia. Ele não tem permissão para querer inocular diretamente conteúdo estrangeiro; inversamente, tem de escolher o correspondente a partir do já existente, e o seu maior mérito mostrar-se-á no tato e na habilidade de, com a mão boa, extrair o análogo a partir da esfera da vida do povo ou da literatura existente.

Karl Schäfer censura, de maneira enérgica, a posição assumida pelo tradutor schleiermacheriano que, segundo ele, se fantasiava de uma nacionalidade tal e começava uma comédia, uma cena macaqueada:

Indubitavelmente, não se pode separar o ser humano de sua língua como o fruto de sua casca, e ela não é uma roupa que se despe a alguém para vesti-lo em seguida com outra roupa. Mas será que o tradutor de *Schleiermacher* trata essa

verdade de modo mais digno que nós? Ele se veste como o romano ou como o grego se vestia, apresenta-se, em seguida, nesse disfarce e começa a sua comédia! – Se o pensamento cria sua forma, do modo como a alma se cerca – de certo modo por si só – do corpo que lhe convém, então ele certamente também poderá fazer o mesmo mais uma vez, em alemão, o que já fez uma vez em grego. Portanto, trata-se apenas de o tradutor ter afinidade de espírito e ser dedicado o bastante para repensar o pensamento já pensado uma vez, ou seja, registrá-lo em si e deixá-lo reproduzir-se com o espírito livre (da mesma maneira como ocorre com a mulher para o embrião). De nós não é exigida nenhuma palhaçada, mas um ressurgir em um espírito homogêneo e em uma forma homogênea.

Para muitos autores e estudiosos daquela época, principalmente da metade do século XIX, assumir uma posição nacionalista era quase natural, levando-se em consideração a forte presença francesa na Europa a partir da Revolução Francesa de 1789. Este fato causou uma série de conflitos no Império Habsburgo. No ano de 1791, a Prússia e a Áustria estabeleceram um entendimento para se colocarem contra a Revolução Francesa; a França declara guerra à Áustria, e ocorre a primeira Guerra de Coligação contra a França revolucionária, que se estendeu até 1797. (cf. FREUND, 1979, p. 434). Entre 1799 e 1802, acontece uma segunda guerra e coligação contra a França. Os principados da Baviera, Württemberg e Saxônia, além de outros Estados alemães, formam a Liga Renana (*Rheinbund*; cf. *id. ib.*), tornando-se satélites da França de Napoleão. Até Napoleão ser vencido em 1815 na Batalha de Wellington, os estados alemães viram-se ameaçados, pois estavam perdendo terras e poder para os franceses. Para os literatos, escritores, pesquisadores e professores, preservar a língua e a literatura de expressão alemã era primordial. Não é à toa que, dentre coetâneos de Karl Schäfer que fizeram traduções e versaram sobre o ato de traduzir, alguns expressam seu nacionalismo de forma clara ou até exacerbada. Verifiquem-se, a seguir, alguns posicionamentos de contemporâneos de Karl Schäfer sobre nacionalismo.

Em seu texto *Epistel an einen Freund als Vorwort* [Epístola a um amigo à guisa de prefácio]⁴⁵, Ludwig Seeger segue a seguinte linha de reflexão:

Utilizemos o tempo que ainda nos resta antes da época crítica que está por vir, para abrir todas as eclusas que ainda possam aumentar mais o crescente caudal diário de uma formação cultural e do caráter, fortaleçamo-nos e refresquemo-nos na fonte da juventude eterna, na rica e clara nascente da poesia clássica, despertemos em todas as cabeças e corações, através de qualquer meio que seja digno de uma coisa tão cara, o sentimento nacional alemão, despertemo-lo também apresentando aos nossos o modelo de um povo que não deixou crescer o seu Estado, mas transformaram-no, eles próprios, naquilo que é digno de admiração de todos os tempos e povos, o exemplo de um povo, cujos poetas, aliás, pronunciaram sua autoestima de forma tão expressiva, tão vencedora, como escreveu Aristófanos: *Assolar o povo e os poderosos, um líder temido no Estado!* (SEEGER, 1845, p. 19)⁴⁶

Não se faz necessário entender o termo sentimento nacional alemão apenas como a degeneração do termo *nacional* (e de seus derivados, tais como nacionalista, nacionalismo), que viria a ocorrer quase cem anos após a frase de Seeger. Outro contemporâneo de Karl Schäfer, Friedrich Wilhelm Riemer (1774-1845), escreveu um texto

⁴⁵ Tradução minha.

⁴⁶ Benutzen wir die uns noch übrige Zeit vor der kritischen Epoche, die uns bevorsteht, um alle Schleusen zu öffnen, die den täglichen steigenden Strom einer gediegenen Geistes- und Charakterbildung noch höher anschwellen können, kräftigen und erfrischen wir uns an dem Quell der ewigen Jugend, dem reichen, klaren Born der antiken Poesie, erwecken wir in allen Köpfen und Herzen durch jedes Mittel, das einer so theuren Sache würdig ist, das deutsche Nationalgefühl, erwecken wir es auch dadurch, daß wir den Unsrigen das Muster eines Volkes vorhalten, das seinen Staat nicht wachsen ließ, sondern selbst zu dem machte, was ihn der Bewunderung aller Zeiten und Völker werth gemacht, eines Volkes, dessen Dichter namentlich ihr Selbstgefühl als freie Helenen so nachdrücklich, so siegreich aussprachen, wie z.B. Aristophanes: „Volk und Mächtige zu geißeln ein gefürchtet Haupt im Staat!“

intitulado *Einiges zur Geschichte des Uebersetzens* [Alguns aspectos de história do traduzir]⁴⁷, em que faz alguns comentários sobre a atuação dos judeus como tradutores em épocas mais antigas da história da humanidade:

Os hebreus, durante longo tempo um povo sem formação literária, cujos escritos, por último, restringiam-se a uma pequena biblioteca nacional, também não puderam atuar muito como tradutores a partir de outras línguas estrangeiras. De que modo eles deveriam, perante todo o seu orgulho nacional, preocupar-se em lidar, o mínimo que fosse, com a literatura dos povos que desprezavam e cujas religiões e costumes eram uma tortura para eles? Só se sentiam obrigados, em parte, a comentar suas escrituras sagradas e, em parte, a traduzi-las tanto para os dialetos aparentados de línguas semíticas quanto para o grego, devido a seus irmãos de fé que viviam no Egito helenizado. (KITZBICHLER; LUBITZ; MINDT, 2009, p. 117)⁴⁸

Ao publicar seu texto no ano de 1832, Friedrich Wilhelm Riemer abre-o com uma frase bastante elogiosa aos feitos alemães no campo da tradução:

Nós alemães nos orgulhamos não apenas de um número maior de traduções a partir de quase todas as línguas, mas também da especial excelência de

⁴⁷ Tradução minha.

⁴⁸ Die Hebräer, lange Zeit hindurch kein litterarisch gebildetes Volk, dessen Schriftwesen sich zuletzt nur auf eine kleine Nationalbibliothek beschränkte, konnten ebenso wenig als Uebersetzer aus fremden Sprachen auftreten. Wie sollten sie bey ihrem Nationalstolz sich um die Litteratur der Völker die sie verachteten und deren Religion und Sitten ihnen ein Gräuel war, im geringsten bekümmern oder gar damit befassen? Nur ihre eignen heiligen Schriften waren sie genöthigt theils zu commentiren, theils in die verwandten Dialecte semitischer Sprachen sowohl, als wegen ihrer im hellenisirten Aegypten lebenden Glaubensbrüder ins Griechische zu übertragen.

várias delas, em comparação a outras nações. (*id.* p. 115)⁴⁹

A frase de Riemer ressalta, portanto, os feitos quantitativos e também qualitativos dos tradutores alemães ao longo dos séculos. Após apresentar sua crítica às ações dos hebreus no campo da tradução, volta-se para os árabes, de quem também não tem façanhas a contar:

O juízo sobre os árabes durante a época de seu florescimento não seria tão agradável. Não se pode negar que traduziram várias obras dos gregos e romanos; somente pelo juízo proferido pelos conhecedores da língua e da literatura árabe, não deve haver algo mais suspeito e menos fidedigno do que essas suas adaptações de obras da literatura estrangeira, ampliadas ou reduzidas arbitrariamente, mescladas com estrangeirismos. (*id.* p. 117)

Como se pode notar, Riemer é, na sua breve exposição sobre os feitos dos árabes como tradutores, implacável. Esquece-se de levar em conta que uma grande obra cultivada em diferentes partes do mundo árabe, *As mil e uma noites*, que provavelmente é de origem indiana ou persa, já fora traduzida por diversos europeus, sofrendo, em praticamente todas as traduções, ampliações e/ou reduções.

Na busca de um motivo pelo qual os alemães seriam tradutores tão mais destacados do que os das outras nações, Riemer descarta a possibilidade de isto se dever apenas à estrutura e à expressividade da língua alemã. Segundo ele, isso também não residiria nos conhecimentos da nação alemã, embora estes certamente estivessem à frente de outros no tocante à universalidade. Dá como causa um terceiro aspecto:

Certamente ainda haverá uma terceira faculdade, através de cuja intercessão é que somente então se põem em movimento os elementos linguísticos e factuais e que se estimula aquele resultado

⁴⁹ Wir Deutschen rühmen uns nicht nur einer größeren Anzahl von Uebersetzungen aus fast allen Sprachen, sondern auch der ganz besondern Vorzüglichkeit mehrerer derselben, in Vergleich zu andern Nationen.

produtivo e vivo. Talvez esse terceiro aspecto se encontre no caráter e no temperamento da nação.⁵⁰ (*id.* p. 115)

Como se pode ver pelos exemplos supracitados, havia, à época de Karl Schäfer, entre intelectuais que se dedicavam à tradução ou à literatura traduzida, como ocorre com ele mesmo, certa tendência para destacar a importância da língua e da nação alemã. No caso de Schäfer, tal fato parece diluir-se na busca de uma tradução que, antes de tudo, não maltrate a língua alemã.

Portanto, a diferença principal na maneira de Schäfer opor-se a Schleiermacher reside no fato de aquele não aceitar a homerização, a grecização, a latinização da língua alemã nem a estrangeirização da maneira de ser dos alemães, como propunha Voß em suas traduções, realizadas segundo princípios semelhantes aos propostos por Schleiermacher. Como exemplo a ser seguido, e antagônico ao de Voß e Schleiermacher, Schäfer cita Droysen, que, segundo acreditava, reproduzira o poeta clássico de forma tal “que este acabou virando um dos nossos”. E, citando um crítico literário da época, prossegue:

O empenho de *Droysen* assume o papel do verdadeiro e definitivo processo de digestão de poetas clássicos, ao arrepio da tarefa empreendida por *Voß* de enriquecer nossa língua e nossa literatura com peculiaridades da Antiguidade Clássica. – Ele tenciona dar, e realmente o faz, uma tradução não apenas erudita e esquisitamente (?) elegante, como também poesia e o poeta clássico realmente viçoso e rejuvenescido, no espírito intelectual da língua alemã hodierna.

Enquanto Friedrich Schleiermacher é um nome consagrado no campo dos Estudos da Tradução, Karl Schäfer passa despercebido aos olhos da maioria dos estudiosos. Poucos autores citam este último e, quando o fazem, é no contexto do ensaio *Ueber die Aufgabe des*

⁵⁰ Es wird also wohl noch ein drittes Vermögen geben, dessen Hinzutritt die vorhandenen Sprach- und Sachelemente erst in Bewegung setzt, und zu jenem lebendig ergiebigen Resultat begeistert. Vielleicht findet sich dasselbe in Character und Temperament der Nation.

Uebersetzens. Um contemporâneo seu, August Boeckh, ao fazer considerações sobre questões de hermenêutica em sua extensa *Encyklopädie und Methodologie der Philologischen Wissenschaften* [Enciclopédia e Metodologia das Ciências Filológicas], faz as seguintes considerações:

A hermenêutica inteira somente tem por fito a compreensão dos monumentos; mas, para o fomento do estudo em conjunto, é importante que a compreensão seja representada de maneira adequada. A representação ocorre de dois modos, através da tradução e do comentário. Analisaremos primeiramente o valor da tradução. O ideal de uma tradução é que ela represente o original; isso seria perfeitamente o caso, se ela provocasse em nós, com nosso conhecimento das circunstâncias históricas, a mesma impressão que o texto original, no público original. De uma forma ou de outra, as condicionantes históricas da obra precisam, portanto, ser dadas através de uma explicação de outra natureza, caso a própria tradução precise ser realizada visando a exercer o efeito intencionado da forma mais perfeita possível. Sobre isto, existem duas posições antagônicas. Alguns afirmam que se deveria manter, o máximo possível, o estilo nacional da obra; outros exigem que o elemento nacional deva ser eliminado o máximo possível. A primeira opinião é defendida por Schleiermacher, *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Ensaios Acad. de 1813 (Obras sobre Filosofia 2. Vol.), a outra, por Carl Schäfer, *Sobre as tarefas (sic) de traduzir*. Erlangen 1839. 4. Ambos os métodos de traduzir têm suas vantagens e falhas. (BOECKH, 1877, p. 158)⁵¹

⁵¹ Die gesamte Hermeneutik hat nur das Verständniss der Denkmäler zum Zweck; für die Förderung des gemeinsamen Studiums ist es aber von Wichtigkeit, dass dies Verständniss in der geeigneten Weise dargelegt werde. Die Darlegung geschieht in doppelter Art, durch Uebersetzen und Commentiren. Wir untersuchen zuerst den Werth des Uebersetzens. Das Ideal einer Uebersetzung ist, dass sie das Original vertrete; dies würde in vollkommenem Maasse der Fall sein, wenn sie auf uns bei Kenntnis der

Neste trecho em que trata de hermenêutica, August Boeckh, ao analisar a função da tradução como via de acesso à compreensão de textos, de certa forma traz a lume - ou pelo menos dá a entender - que, naqueles idos de 1877, quando tanto Schleiermacher quanto Schäfer já haviam morrido, estes antagonistas, embora tivessem opiniões verdadeiramente díspares sobre o traduzir, acabavam desfrutando de igual mérito ao serem citados, por um importante erudito do século XIX, como os nomes que resumiam as duas tendências metodológicas da tradução. No que pese o texto bem cuidado de Boeckh, ele comete um pequeno engano no título do ensaio de Schäfer, ao grafar o termo *Aufgabe* (tarefa) com um “n” final, ou seja, no plural (tarefas). Um dado interessante que sobressai das palavras de Boeckh é que, ao afirmar que as condicionantes históricas da obra talvez devessem ser dadas através de uma explicação de outra natureza, deixa antever a necessidade de paratexto editorial para a compreensão da obra. O célebre filólogo alemão prossegue sua análise, apresentando os pontos positivos e negativos das duas posições defendidas pelos dois teóricos da tradução:

Aqueles que não traduzem o elemento nacional também não têm condições de exprimir por completo o elemento individual, já que ambos estão imbricados. Faz-se então mister, necessariamente, deixar em primeiro plano sua própria individualidade na tradução, como o faz Wieland. Além disso, eles verterão infielmente muitos detalhes, porque o significado gramatical, como já vimos, também depende de fatores nacionais. A tradução representará, portanto, em geral, o conteúdo, a forma interna e os meios de combinação da obra, ao passo que, em

historischen Verhältnisse denselben Eindruck machte wie das Original auf das ursprüngliche Publicum. Die historischen Voraussetzungen des Werkes müssen also auf jeden Fall durch anderweitige Erklärung gegeben werden, wenn die Uebersetzung selbst eingerichtet werden muss, um die beabsichtigte Wirkung möglichst vollkommen auszuüben. Hierüber stehen sich zwei Ansichten gegenüber. Einige behaupten, man müsse den nationalen Stil des Werkes möglichst beibehalten; andere verlangen, das Nationale solle möglichst abgestreift werden. Die erstere Ansicht vertritt Schleiermacher, Ueber die verschiedenen Methoden edes Uebersetzens. Akad. Abh. Von 1813 (Werke zur Philosophie 2. Bd.), die andere Carl Schäfer, Ueber die Aufgaben (*sic!*) des Uebersetzers. Erlangen 1839. 4. Beide Methoden des Uebersetzens haben ihre Vorzüge und Mängel.

contrapartida, as sutilezas da organização do texto e a respectiva forma externa obliteram-se. Mas, no âmbito desses limites, ela provoca uma compreensão como se fosse uma obra na língua materna, já que o caráter nacional é apagado o máximo possível. Por outro lado, no caso do método oposto, exercer-se-á uma violência contra a própria língua materna, com o intuito de reproduzir o caráter nacional da língua estrangeira; e como as duas línguas não são coincidentes, uma reprodução do original é, todavia, impossível. Não obstante, deve-se preferir este método, porque ele exprime mais daquilo que o tradutor tiver compreendido. Assim, ele procurará renunciar, da melhor maneira possível, à sua própria individualidade: não terá como meta originalidade nenhuma, coisa que, na tradução, é um erro, e assim logrará reproduzir razoavelmente também as sutilezas das formas de combinação e as da forma externa. É óbvio que a fidelidade no detalhe facilmente trará prejuízos à impressão que se terá do todo.⁵² (Boeckh, 1877, p. 158)

⁵² Diejenigen, welche das Nationale nicht übertragen, sind auch nicht im Stande das Individuelle völlig zum Ausdruck zu bringen, weil beides verwachsen ist. Es wird dann notwendig ihre eigene Individualität in der Uebersetzung hervortreten, wie dies bei Wieland der Fall ist. Ferner werden sie vieles Einzelne untreu wiedergeben, weil ja auch der grammatische Wortsinn, wie wir gesehen haben, national bedingt ist. Die Uebersetzung wird also den Inhalt und die innere Form und Combinationsweise des Werkes im Grossen und Ganzen darstellen, dagegen die Feinheiten der Gliederung und die entsprechende äußere Form verwischen. Innerhalb dieser Grenzen aber bewirkt sie, weil der fremde Nationalcharakter möglichst abgestreift ist, ein Verständnis wie ein Werl in der Muttersprache. Bei der entgegengesetzten Methode wird man dagegen der eigenen Sprache Gewalt anthun, um den nationalen Charakter der fremden nachzubilden, und da sich die Sprachen doch auch grammatischen nicht decken, ist eine treue Wiedergabe des Originals dennoch unmöglich. Trotzdem ist diese Methode vorzuziehen, weil sie von dem, was der Uebersetzer verstanden hat, mehr zum Ausdruck bringt. Er wird sich so seiner eigenen Individualität bestmöglich zu entäussern suchen: er wird keine Originalität erstreben, die bei der Uebersetzung ein Fehler ist, und so wird es ihm gelingen, auch die Feinheiten der Combinationsweise und der äusseren Form einigermassen

Fica patente que Boeckh toma partido pelo enfoque de Schleiermacher de preservar os elementos nacionais da língua-cultura estrangeira, defendendo o fato de tal método ser seguido pelos tradutores que não querem deixar sua marca individual na obra. Aos tradutores que perfilam com Schäfer, sobraria a pecha de quererem imprimir sua individualidade na tradução. Isto aconteceria porque, à força de eliminar, o máximo possível, o caráter nacional do original, o tradutor *à la* Schäfer provocaria uma perda de seus aspectos externos (divisão de parágrafos, métrica etc.), mas, ao mesmo tempo, faria o leitor ter a impressão de que estaria lendo uma obra escrita em sua própria língua. Para concluir este importante cotejo de como Schleiermacher e Schäfer concebem o ato de traduzir, vejamos estas ideias de Boeckh:

A poesia homérica, por exemplo, é toda natureza, totalmente desprovida de artificialismos; mas toda tradução tem algo de artificial, porque, mediante o recalçamento da própria individualidade, é inscrita numa alma estrangeira. Na melhor das hipóteses, ela é igual a um parque inglês simulacro da natureza; mas, não raro, a tradução mergulha em afetação inflexível como ocorre com a versão homérica de Voß, que é mal-ajambrada e áspera, e ainda pior é sua tradução de Aristófanos. O que menos se deixa traduzir são as peculiaridades do ritmo e do timbre, uma vez que as línguas modernas possuem uma lei rítmica diferente da existente nas línguas clássicas, e os tortuosos metros gregos, com suas frequentes sequências de várias vogais breves e longas, muitas vezes não são nem representáveis⁵³. (Boeckh, 1877, p. 159)

nachzubilden. Freilich wird die mögliche Treue im Einzelnen wieder leicht den Eindruck des Ganzen beeinträchtigen.

⁵³ Die Homerische Poesie z.B. ist ganz Natur, durchaus ungekünstelt; jede Übersetzung hat aber etwas Gekünsteltes, weil sie mit Unterdrückung der eigenen Individualität in eine fremde Seele hineingeschrieben ist. Sie gleicht im günstigsten Fall einem die Natur nachbildenden englischen Park; oft aber verfällt sie in steife Künstelei wie die Vossische Übersetzung des Homer, die stelzbeinig und rauh ist, und in noch schlimmer Weise seine Uebersetzung des Aristophanes. Am wenigsten lassen sich die Eigenthümlichkeiten des Rhythmus und des Klanges übertragen, da die

Ao apontar as imperfeições das traduções de Johann Heinrich Voß, August Boeckh mostra que, pelo menos neste aspecto, discorda de Schleiermacher. Desta forma, comungaria, pelo menos quanto à homerização da língua alemã por Voß, com as ideias de Schäfer, o que representaria, no mínimo, um contrassenso, já que, como se viu nos trechos anteriores, Boeckh advoga abertamente pelo método de tradução de Schleiermacher, que, por seu turno, coincidia com a prática tradutória de Voß.

Outro livro que cita, embora de maneira breve, Karl Schäfer e seu ensaio *Sobre a tarefa de traduzir* tem como título *Translation and translations – theory and practice* e foi publicado em Londres, no ano de 1922, por J. P. Postgate, que, àquela época, era professor emérito de latim na Universidade de Liverpool e presidente da Sociedade Filológica. Em seu livro, trata, entre outros temas, da questão do caráter nacional ou estrangeiro que a tradução deveria assumir, um assunto que ainda hoje é motivo de polêmicas:

Deixando de lado o som e passando para o discurso, a primeira coisa que devemos pedir de uma tradução é que ela seja idiomática. Com isto todos concordam. ‘O primeiro requisito de uma tradução inglesa é que ela seja inglesa’ (Jowett, citado por Warren, p. 105). ‘Antes de tudo, uma tradução precisa ser alemã.’ (K. Schäfer, *Sobre a tarefa de traduzir*, Erlangen 1839, p. 17).⁵⁴

neueren Sprachen ein anderes rhythmisches Gesetz als die alten haben und die verschlungenen griechischen Metra mit häufiger Aufeinanderfolge mehrerer Kürzen und Längen oft gar nicht darstellbar sind.

⁵⁴ Leaving sound and coming to speech, the first thing that we must ask from a translation is that it be idiomatic. On this all are agreed. ‘The first requisite of an English translation is that it be English’, Jowett, quoted by Warren, p. 105. ‘Eine Uebersetzung muss vor Allem deutsch sein’, Karl Schäfer (*Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*. Erlangen 1839, p. 17.)

2. O ENSAIO *UEBER DIE AUFGABE DES UEBERSEZENS / SOBRE A TAREFA DE TRADUZIR*

2.1 NOTA INTRODUTÓRIA

O original do ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* foi escrito por Karl Schäfer como resultado de seus anos de docência na qualidade de professor de língua grega e latina no Liceu Real de Erlangen. Como em outras instituições do gênero na Alemanha do século XIX, cultuavam-se, ali, os escritores clássicos da Antiguidade, e os textos destes serviam de base para o aprimoramento de estudos de Gramática, Estilística, Literatura, História e cultura geral, em que a tradução era um meio para se atingir esse fim.

Em seu ensaio, Karl Schäfer cita, na primeira nota de rodapé, que, “em contrapartida, os testes de tradução no Programa Pedagógico das Escolas de Erlangen do ano de 1833 representam um contraste, onde se ilustra, da maneira mais exitosa, o princípio de que todo escritor deve ser traduzido conforme o tom da sua língua, inclusive num tom alemão semelhante” (SCHÄFER, 1839, p. 12).⁵⁵

Examinando-se a introdução da publicação a que se refere Schäfer, feita pelo então Diretor Pedagógico do Liceu de Erlangen, Ludwig Döderlein, pode-se entender melhor a função dos testes de tradução nas escolas alemãs daquela época:

Os textos para tradução a seguir não têm o objetivo, por exemplo, de anunciar a realização de trabalhos mais completos nesta disciplina. Três outras considerações a serem feitas são o pretexto para fazer uso desse acaso, que, além da ordem para redigir um programa, me dá a oportunidade de fazer uma comunicação pública de tais textos.

Em primeiro lugar, gostaria de externar, com estes textos, minha opinião sobre que ponto mediano uma tradução deveria manter entre a reprodução

⁵⁵ „Einen schönen Kontrast bilden dagegen die Uebersetzungsproben in dem Erlanger Schulprogramm vom Jahre 1833, wo der Grundsatz, dass jeder Schriftsteller, je nach dem Ton seiner Sprache, auch in einem ähnlichen deutschen Ton übersezt werden muss, auf das glücklichste anschaulich gemacht ist“.

fiel e livre, quando este exercício praticado em liceus representa uma parte integrante do ensino de língua alemã e deverá ocupar, em parte, o espaço dos exercícios de Estilística Alemã.

Em segundo lugar, gostaria de ilustrar, mediante alguns textos escolhidos, um princípio maior da arte da tradução, o qual vem sendo parcialmente negligenciado, cabendo uma reprimenda, com direito, ao fundador nacional dessa arte, J. H. Voss; trata-se do princípio de que todo autor quer ser traduzido conforme o tom de sua língua, inclusive num tom semelhante alemão.

Em terceiro, este ensejo me oferece também uma desejada oportunidade de tornar próximo dos amigos e talvez também dos opositores dos Estudos Clássicos alguns fragmentos da Antiguidade, que se prestam, de acordo com seus conteúdos, a pôr em claro até a importância prática das instrutivas obras-primas gregas e romanas, assim como suas relações para com o presente e os interesses do nosso tempo.⁵⁶ (DÖDERLEIN, 1833: 3)

⁵⁶ Die nachfolgenden Uebersetzungsproben haben nicht etwas den Zweck, vollständigere Arbeiten in diesem Fach anzukündigen. Drei andere Rücksichten sind die Veranlassung, den Zufall, der mir ausser der Ordnung zur Abfassung eines Programmes Gelegenheit giebt, zu ihrer öffentlichen Mittheilung zu benützen. / Erstens wollte ich durch diese Proben meine Ansicht darlegen, welche Mitte zwischen treuer und freuer Nachbildung eine Uebersetzung halten müsse, wenn diese Uebung auf Gymnasien einen integrierenden Theil des deutschen Sprachunterrichts ausmachen und die deutschen Stilübungen zum Theil vertreten soll. / Zweitens möchte ich gern einen Hauptgrundsatz der Uebersetzungskunst, dessen theilweise Vernachlässigung dem vaterländischen Begründer dieser Kunst, J. H. Voss, mit Recht zum Vorwurf gemacht wird, durch einzelne Proben anschaulich machen; den Grundsatz nämlich, dass jeder Schriftsteller, je nach dem Tone seiner Sprache, auch in einem ähnlichen deutschen Ton übersetzt sein will. / Drittens bietet dieser Anlass zugleich erwünschte Gelegenheit, den Freunden und vielleicht auch Gegnern der klassischen Studien einige Bruchstücke des Alterthums nahe zu bringen, welche ihrem Inhalt nach geeignet sind, selbst die practische Bedeutsamkeit der griechischen und

Partindo-se dessas considerações feitas pelo diretor do Liceu de Erlangen, Ludwig Döderlein, é possível vislumbrar que realmente há uma relação entre as muitas afirmações – na verdade, ásperas críticas - feitas por Schäfer à conduta tradutória do decantado tradutor Johannes Heinrich Voß e os propósitos formulados no programa de Tradução do colégio onde ele ensinava. Em seu texto, dentre outras censuras que faz a Voß, Schäfer afirma:

A partir da tradução de *Homero*, de longe a mais meritória entre suas obras, apesar de mesmo esta não lograr o tom do original, pôs à nossa frente *Virgílio, Ovídio, Horácio, Teócrito, Tibulo*, no final até mesmo *Aristófanes*, todos com uma roupagem talhada no mesmo corte, com a mesmíssima fisionomia. Em todas as traduções, a mesma uniformidade, a mesma postura equânime da língua com o máximo de diversidade dos originais conforme a época, a temática e a edição.

Como se pode ver, sua análise crítica é bastante oportuna ainda nos dias de hoje, quando, não raro, se veem antologias de contos ou textos de diversos tradutores vertidos por uma única pessoa para uma mesma língua, de modo que o tradutor impõe seu estilo a todos os escritores traduzidos por ele. Desta forma, perdem os textos originais, que precisam ficar desprovidos de suas idiossincrasias estilísticas na nova língua de chegada.

2.2 ORIGINAL E TRADUÇÃO

ALEMÃO	Pal./Car .	PORTUGUÊS	Pal./Car .
Ueber die Aufgabe des Uebersetzens	5 / 29	Sobre a tarefa de traduzir	5 / 22
<p>Von den beiden Arten schriftstellerischer Thätigkeit, dem freien Schaffen und dem Nachbilden des Fremden, wird im Verhältniss der Bildungsstufe eines Volkes und seiner grössern oder geringern Selbständigkeit immer die eine oder die andere vorwiegen. Bei dem deutschen Volke, dessen Bildung sogleich von Anfang auf eine fremde Litteratur, die der Griechen und Römer, gegründet worden, das durch Bedürfniss und durch Achtung des Fremden zu den wissenschaftlichen Erzeugnissen der ihm in Geistesbildung vorangeeilten Nachbarvölker hingezogen und durch sie getragen wurde, das durch seine Weltstellung, seine Lage im Herzen Europa's zu ununterbrochenem Verkehr nach allen Richtungen hin</p>	<p>194 / 1120</p>	<p>Entre os dois tipos de atividade literária, o livre criar e o reproduzir obras estrangeiras, sempre prevalecerá, em função do nível cultural de um povo e de sua maior ou menor autonomia, ou um ou o outro. No caso do povo alemão, cuja cultura, já em seus primórdios foi baseada em uma literatura estrangeira, a dos gregos e romanos; o povo alemão que, por necessidade e por respeito ao elemento estrangeiro, foi atraído e conduzido por produções científicas dos povos vizinhos que se lhe anteciparam em instrução humanística; um povo que, por sua posição no mundo, sua localização no coração da Europa, é orientado e vocacionado para um tráfego ininterrupto em todas as direções: neste povo é natural que, dentre aqueles dois tipos de atividade literária, o da reprodução e apropriação do elemento</p>	<p>214 / 1059</p>

<p>angewiesen und berufen ist: bei diesem Volk ist es natürlich, dass von jenen beiden Arten des Schriftstellerthums die der Nachbildung und Aneignung des Fremden mit Vorliebe und viel fleissiger als bei andern Nationen geübt wird. Denn wenn man schon in den untergeordneten Sphären des Lebens Alles, was man in der Fremde kennen gelernt und liebgewonnen hat, gerne in den eigenen Haushalt verpflanzt und bei sich einheimisch zu machen sucht, um wie viel natürlicher ist es ein solches Verlangen da, wo es sich nicht um diese oder jene Behaglichkeit des körperlichen Daseins, sondern um die Bildung und Veredlung des Geistes handelt.</p>		<p>estrangeiro seja praticado com predileção e muito mais diligência do que em outras nações. Afinal de contas, quando alguém, já nas esferas inferiores da vida, gosta de transplantar para dentro de sua própria casa tudo aquilo que conheceu e a que se afeiçãoou no estrangeiro, e busca torná-lo familiar em seu próprio círculo, um desejo desses é muito mais natural quando não se refere a este ou àquele bem-estar da vida física, mas sim à cultura e ao enobrecimento do espírito.</p>	
<p>Um so wichtiger ist bei dieser Richtung und Eigenthümlichkeit unserer Litteratur die Beantwortung der Frage, welche Art der Verpflanzung und Aneignung fremder Werke die entsprechendste, oder welche Uebersetzungsmethode die beste sei.</p>	<p>31 / 203</p>	<p>Tanto mais importante é, nessa direção e especificidade da nossa literatura, a resposta à pergunta sobre que tipo de transplantação e apropriação de obras estrangeiras seria a mais apropriada, ou qual seria o melhor método de tradução.</p>	<p>37 / 199</p>
<p>Denn es ist bei dem Uebersetzen nicht wie bei dem freien Schaffen, dass</p>	<p>213 / 1205</p>	<p>Pois, no traduzir, não se dá como no livre criar, em que a forma se faz quase</p>	<p>234 / 1159</p>

<p>die Form sich fast unbewusst und unwillkürlich macht, sondern mehr als irgendwo wird hier dem Herkommen und dem Beispiel gehuldigt, wie denn die Erfahrung lehrt, dass eine rezipierte Manier oder eine gebilligte Erfindung alsbald ganze Schaaren von Uebersetzungen nach sich zu ziehen pflegt. Alle nur immer möglichen Arten und Ausartungen aber fallen zwischen die zwei Extreme, dass man dem Inhalte die Form oder der Form den Inhalt opfert. Soll nämlich die Aneignung nicht mit Aufopferung der Form geschehen, welche bei poetischen und rhetorischen Kunstwerken von nicht minderer Bedeutung, als der Inhalt selbst ist, d.h. soll die Uebersetzung nicht blos Dolmetschung oder auch Paraphrase sein: und soll hinwiederum nicht eine ganze fremde Form der des Originals substituirt werden, wobei dieses abermals die Hälfte des Seinigen einbüsset, d.h. soll nicht eine reine Nachbildung geliefert werden; so bleibt kein anderer Weg übrig, als dass ein gegenseitiges Nachgeben vermittelnd eintrete; denn wie bei</p>		<p>inconsciente e involuntária; contrariamente, mais do que em qualquer outro lugar, aqui se reverenciam a procedência e o exemplo, no modo como bem ensina a experiência de que um costume adotado ou uma invenção aprovada logo costumam atrair um grande número de traduções. Não obstante, quaisquer tipos e degenerações sempre possíveis cairão entre os dois extremos, sacrificando-se a forma em nome do conteúdo ou o conteúdo em nome da forma. Se, na verdade, a apropriação não deve ocorrer com o sacrifício da forma, que em obras de arte poéticas e retóricas não é menos importante que o próprio conteúdo, isto é, a tradução não deve simplesmente ser interpretação ou também paráfrase: e se, por outro lado, uma forma inteiramente estrangeira não deve dar lugar à forma do original, no que este, por seu turno, perca metade do seu teor, ou seja, não se deve gerar uma mera reprodução; então, o único caminho restante é ocorrer uma transigência mútua de modo mediador, pois, como em qualquer compartilhamento e</p>	
---	--	--	--

<p>jeder Mittheilung und Aneignung, so ist auch hier die Bedingung, dass der eine Theil dem andern entgegen komme, dass Bestimmtes aufgeopfert werde, um Bestimmtes dagegen einzutauschen. Welches aber die Gränzen dieser Aufopferung seien, und der Punkt, bei welchem beide Theile zusammentreffen, diess ist die Frage, um welche es sich hier handelt.</p>		<p>apropriação, também aqui a condição é que uma parte venha ao encontro da outra, que determinados aspectos sejam sacrificados, para que, em contrapartida, outros sejam permutados. Mas quais seriam os limites desse sacrifício e o ponto em que ambas as partes se encontrariam, eis a questão a ser aqui abordada.</p>	
<p><i>Schleiermacher</i> hat in seiner bekannten Abhandlung über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens (vorgeles. d. 24. Jun. 1813, abgedr. in den Abhandl. der philosoph. Klasse der Königl. Akad. der Wissensch. Berlin 1816, p. 143-172) die nämliche Frage zu erledigen gesucht. Allein die Grundsätze, zu denen er sich bekennt, und die Resultate, zu welchen ihn der Gang seiner Untersuchung geleitet hat, sind so auffallend und unnatürlich, dass diese Abhandlung als einer von den vielen Beweisen gelten kann, wie selbst scharfsinnigen und konsequenten Denkern, wenn sie einmal in einer bestimmten Praxis gefangen sind, und diese systematisch referferten</p>	<p>192 / 1154</p>	<p><i>Schleiermacher</i> tentou solucionar a mesmíssima questão em seu conhecido ensaio intitulado “Sobre os diferentes métodos de traduzir” (conferência proferida em 24 de junho de 1813, impressa nos Ensaios da Disciplina de Filosofia da Academia Real de Ciências, Berlin 1816, p. 143-172). Só que os princípios de que ele se declara partidário e os resultados a que o curso de sua pesquisa o conduziu já são tão fora do comum e desnaturais que esse seu ensaio pode valer como uma das muitas provas de como nem mesmo o discernimento de pensadores perspicazes e coerentes, ao se encontrarem imbuídos de uma determinada prática e ao quererem justificá-la sistematicamente, costuma</p>	<p>205 / 1126</p>

<p>wollen, ihr Verstand den Liebesdienst der Trugschlüsse nicht zu versagen pflegt. Die Praxis aber, welche jener Auseinandersetzung zu Grunde lag, ist die damals noch allgemein herrschende <i>Vossische</i> Methode. Wir werden demnach, wenn uns gelingt, <i>Schleiermacher</i> zu widerlegen, auch zugleich die Ausartung jener Uebersetzungsschule dargethan haben, um desto ungehindert dann zeigen zu können, mit welchem Rechte man nunmehr die Bahn, auf welche jene beiden Koryphäen, durch Wort und Werk, die Nation geleitet haben, allmählich zu verlassen beginnt. Es wird nun vor Allem nöthig sein, diejenigen Sätze, durch welche sich <i>Schleiermacher's</i> System am deutlichsten kund giebt, herauszuheben und zu beleuchten.</p>		<p>renegar o obséquio dos sofismas. Não obstante, a prática que subjazia àquela análise era o método de <i>Voß</i>, que ainda predominava, em geral, naquele tempo. Por conseguinte, se lograrmos contestar <i>Schleiermacher</i>, haveremos evidenciado, ao mesmo tempo, a degeneração daquela escola de tradução, para podermos, então, mostrar mais livremente com que direito doravante se começa a deixar, paulatinamente, o caminho a que aqueles dois corifeus, por meio de suas palavras e de suas obras, conduziram a Nação. Agora se fará necessário, principalmente, destacar e examinar aquelas sentenças, através das quais o sistema de <i>Schleiermacher</i> exprime-se de forma mais nítida.</p>	
<p>Derselbe nimmt zwei Möglichkeiten des Uebersetzens an: erstens, dass der fremde Autor zu dem Leser oder der Leser zu dem Autor sich hinbewege, zweitens dass beide sich auf einem mittlern Punkte d.h. auf dem Standpunkte des Uebersetzers treffen. „Die beiden getrennten</p>	<p>237 / 1279</p>	<p>Ele próprio pressupõe duas possibilidades para o traduzir: primeiramente, que o autor estrangeiro se encaminhe para o leitor, ou o leitor, para o autor; em segundo lugar, que ambos se encontrem num ponto intermediário, isto é, na posição do tradutor. “As duas partes separadas (autor e leitor) ou terão de</p>	<p>249 / 1263</p>

<p>Partheien (Schriftsteller und Leser) müssen entweder an einem mittlern Punkte zusammentreffen, und das wird immer der des Uebersetzers sein, oder die eine muss sich ganz zur andern verfügen, und hievon fällt nur die eine Art in das Gebiet der Uebersetzung, die andere würde eintreten, wenn in unserm Falle die deutschen Leser sich ganz z.B. der römischen Sprache oder vielmehr diese sich ihrer ganz und bis zur Umwandlung bemächtigte.“ Unter dem Hinverfügen des Lesers zum Autor versteht er das Lesen des Autors in der Ursprache, unter der Hinbewegung des Autors zum Leser das völlige Deutschmachen des Römers, so dass die Uebersetzung denselben nicht zeige, „wie er selbst würde übersezt, sondern wie er ursprünglich als Deutscher deutsch würde geschrieben haben.“ Da nun in dem erstern Falle der Begriff der Uebersetzung sich von selbst aufhebe, weil der Leser ihrer nicht bedürfe, und da der andere Fall unmöglich sei, so bleibe nur noch das Dritte übrig, nämlich der Standpunkt des Uebersetzers, dessen Aufgabe nach ihm ist,</p>		<p>encontrar-se num ponto intermediário, e este sempre será o do tradutor, ou uma delas terá de subordinar-se por completo à outra; e destes dois procedimentos apenas um pertence ao âmbito da tradução; o outro entraria em cena, se, em nosso caso, os leitores alemães se apoderassem completamente, à guisa de exemplo, da língua romana ou, ao contrário, esta deles se apoderasse a ponto de transformá-los.” Pela subordinação do leitor ao autor, entende ele a leitura do autor na língua original; pelo encaminhamento do autor para o leitor, a completa germanização do romano, de tal modo que a tradução não mostraria este “como ele próprio teria traduzido, mas como ele, originariamente como alemão, teria escrito em alemão”. Ora, uma vez que, no primeiro caso, o conceito de tradução, por si só, se anularia, porque o leitor não careceria desta, e já que o outro caso seria impossível, restaria, pois, apenas a terceira via, isto é, a posição do tradutor, cuja tarefa seria, segundo Schleiermacher, “comunicar aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que aquele mesmo obtivera pelo</p>	
---	--	---	--

<p>“das nämliche Bild, den nämlichen Eindruckk, welchen er selbst durch die Kenntnis der Ursprache von dem Werke, wie es ist, gewonnen, den Lesern mitzutheilen und sie also an seine ihnen eigentlich fremde Stelle hinzubewegen.“</p>		<p>conhecimento da língua original da obra, tal como ela é, e movê-los então para sua posição, que na verdade lhes é alheia.”</p>	
<p>Wenn wir nun aber fragen, welches Verstehen der Ursprache denn dieser Ueberserzer nachahmen wolle, oder auf welchem Standpunkte der Kenntniss wir uns denselben zu denken haben, so unterscheidet hier <i>Schleiermacher</i> ein doppeltes Verstehen: eines, welches die Uebersetzung nicht nachahmen <i>dürfe</i>, „ein schülerhaftes Verstehen, welches sich noch mühsam und fast ekelhaft durch das Einzelne hindurch stümpert und deshalb noch nirgend zu einem klaren Ueberschauen des Ganzen, zu einem lebendigen Festhalten des Zusammenhangs gedeiht.“ Diesem gegenüber liege ein anderes Verstehen, welches sie nicht nachahmen <i>könne</i>, das Verständniss jener seltenen Männer, welche sich so ganz in eine fremde Sprache und deren</p>	<p>258 / 1437</p>	<p>Mas se agora indagarmos que compreensão da língua original esse tradutor realmente tencionaria imitar, ou em que nível do conhecimento deveríamos imaginá-lo, <i>Schleiermacher</i> então distinguirá, aqui, entre duas compreensões. Na primeira, a tradução <i>estaria proibida</i> de imitar, trata-se de “uma compreensão escolar, que ainda se debate penosa e quase repugnantemente por entre os pormenores, e por isso ainda não logra, em nenhum lugar, um panorama do todo, uma percepção viva do conjunto.” Em oposição a essa compreensão, encontra-se uma outra que não <i>seria possível</i> imitar, a compreensão daqueles raros homens que passam a pensar e viver tão por completo dentro de uma língua estrangeira e das produções desta, que já não são mais conscientes</p>	<p>271/ 1428</p>

<p>Erzeugnisse hinein leben und denken, dass sie bei dem Lesen fremder Autoren ihrer Muttersprache sich nicht mehr bewusst sind, und welche also auf einem Punkte stehen, wo der Werth des Uebersetzers Null wird. Und so folgert denn Schleiermacher weiter: „Das Uebersetzen bezieht sich also auf einen Zustand, der zwischen diesen beiden mitten inne liegt, und der Uebersetzer muss also sich zum Ziel stecken, seinem Leser ein solches Bild und einen solchen Genuss zu verschaffen, wie das Lesen des Werks in der Ursprache dem so gebildeten Manne gewährt, den wir im bessern Sinne des Worts den Liebhaber und Kenner zu nennen pflegen, dem die fremde Sprache geläufig ist, aber doch immer <i>fremde bleibt</i>, der nicht mehr wie die Schüler sich erst das Einzelne wieder in der Muttersprache denken muss, ehe er das Ganze fassen kann, der aber doch auch da, wo er am ungestörtesten sich der Schönheiten eines Werkes erfreut, sich immer der <i>Verschiedenheit der Sprache von seiner Muttersprache bewusst</i></p>		<p>da sua própria língua materna, ao lerem autores estrangeiros, e que, por conseguinte, se encontram num ponto em que o valor do tradutor é zero. E dessa maneira prossegue Schleiermacher em suas conclusões: “O traduzir refere-se, desse modo, a um estado que se encontra no centro entre esses dois; e cumpre ao tradutor, portanto, ter como meta proporcionar a seu leitor uma imagem tal e um prazer tal, assim como a leitura da obra na língua original garante ao homem tão instruído, que costumamos chamá-lo, na melhor acepção da palavra, de amante e conhecedor, a quem a língua estrangeira é familiar, mas a quem sempre <i>continua estrangeira</i>; que não mais necessita, como os alunos de escolas, primeiramente pensar os pormenores na língua materna, antes de compreender o todo; mas que, também ali onde desfruta das belezas de uma obra com o máximo sossego, sempre <i>permanece consciente da dessemelhança existente entre a língua estrangeira e sua língua materna.</i>”</p>	
---	--	--	--

bleibt.“			
<p>Dass aber ein Uebersetzer dieser Art, seinem Standpunkte der Mittelmässigkeit entsprechend, „nur das nämliche Verständniss, dessen er sich selbst erfreut, dem nämlich die Spuren der Mühe aufgedrückt sind,“ eröffnen kann, dass er also seinem Leser nur eine solche Uebersetzung zu geben im Stande ist, welche diesen bei jedem Worte erinnert, dass er etwas Uebersetztes, etwas Fremdes liest, deren Verständniss ihm die nämlichen Schwierigkeiten bietet, wie der Autor dem Uebersetzer, ja, welche man sogar nicht einmal versteht, ohne das Original bei der Hand zu haben – Alles diess erkennt <i>Schleiermacher</i> nicht nur unbedenklich an, sondern er findet hierin gerade die Hauptaufgabe und den Haupttruhm der Methode! „Wie soll, fragt er, der Uebersetzer es machen, um eben dieses Gefühl, dass sie Ausländisches vor sich haben, auch auf seine Leser fortzupflanzen? Das unerlässliche Erforderniss des Uebersetzens, antwortet er, ist eine Haltung der Sprache, die nicht nur nicht alltäglich</p>	<p>237 / 1336</p>	<p>No entanto, o fato de um tradutor desse tipo, de acordo com sua situação de mediocridade, “tão-somente poder encetar a mesma compreensão de que ele próprio desfruta, na qual estão impressas, no fundo, as marcas do esmero”, o fato de ele apenas ser capaz, portanto, de dar a seu leitor uma tradução tal que sempre lembra a este, a cada palavra, que está a ler algo traduzido, algo estrangeiro, uma tradução cuja compreensão lhe oferece as mesmas dificuldades que o autor ao tradutor, e a qual até mesmo não se entende sem ter o original em mãos – tudo isto <i>Schleiermacher</i> não só reconhece como inofensivo, mas também enxerga, justamente aí, a tarefa principal e a glória maior de seu método! “Como deve fazer o tradutor”, pergunta ele, “para transplantar também em seus leitores justamente essa sensação de estar perante conteúdos estrangeiros?” “A exigência indispensável do traduzir”, responde ele, “é uma postura da língua que não apenas não é cotidiana, mas que também sempre deixa</p>	<p>265 / 1319</p>

<p>ist, sondern die auch stets ahnen lässt, dass sie nicht ganz frei gewachsen, <i>vielmehr zu einer fremden Aehnlichkeit hinübergebogen ist.</i>“ Also, um es kurz zu sagen, eine Uebersetzung soll nicht ganz, sondern nur <i>halb deutsch</i> sein, und der Uebersetzer selbst soll es nur zu einem halben Verstehen des Autors gebracht haben, soll zwischen Anfänger und Meister in der Mitte stehen, das heisst ein Stümper sein, und die Uebersetzung soll endlich nicht einmal als Zweck für sich gelten, sondern nur als Aushilfsmittel zum Verstehen des Autors dienen, und die Stelle eines fortlaufenden Kommentars vertreten.</p>		<p>presentir que ela não se desenvolveu tão inteiramente livre, que ela, muito mais, <i>curvou-se em direção a uma semelhança estrangeira.</i>” Portanto, em resumo, uma tradução não deveria ser <i>totalmente alemã</i>, mas apenas <i>meio alemã</i>, e o próprio tradutor somente deveria ter conduzido o leitor a uma <i>meia</i> compreensão do autor, deveria estar no meio entre o iniciante e o mestre, ou seja, ser um amador; e a tradução, no final das contas, não deveria valer sequer como um fim em si mesmo, mas tão-somente servir como um recurso auxiliar para compreender o autor e assumir o lugar de um comentário permanente.</p>	
<p>Blikken wir, überrascht durch diese Sätze, noch einmal auf den Gang der Untersuchung zurück, und forschen, wie es möglich war, sich zu so unnatürlichen Behauptungen zu verirren, so begegnet uns sogleich beim Anfange der Argumentazion ein logischer Fehler. Nachdem nämlich <i>Schleiermacher</i> richtig zwischen Paraphrase, Nachbildung und Uebersetzung unterschieden und die</p>	<p>164 / 934</p>	<p>Se, surpreendidos por essas frases, fizermos um retrospecto da evolução desta análise e examinarmos como foi possível perder-se em meio a afirmações tão desnaturais, deparamo-nos, logo no início da argumentação, com um erro lógico. Na verdade, após <i>Schleiermacher</i> haver corretamente distinguido entre paráfrase, imitação e tradução, e haver designado as duas primeiras como marcos</p>	<p>169 / 896</p>

<p>beiden erstern als Gränzzeichen für das Gebiet der letztern bezeichnet hat, wird trotz dem der Begriff des Uebersetzers so gefasst, dass ein Theil davon handgreiflich ausserhalb der Definition gelegen ist. Für den <i>eigentlichen Uebersetzer</i>, sagt er, giebt es nur zwei Wege: „entweder der Uebersetzer lässt den Schriftsteller möglichst in Ruhe und bewegt den Leser ihm entgegen, oder er lässt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen.“ Und nun werden diese zwei Wege so angegeben, dass auf dem einen das <i>Nachbilden</i> oder Ganz-deutschmachen, auf dem andern das <i>Uebersetzen</i> liege. Zwar enthalte, äussert er weiter unten, jener erstere Weg auch das <i>Belassen in der Ursprache</i>, aber diess falle ja von selbst weg.</p>		<p>dos limites do domínio da última, o conceito de tradutor é, apesar disso, expresso de modo tal que uma parte desse conceito fica visivelmente fora da definição. Para o <i>verdadeiro tradutor</i>, afirma ele, somente existem dois caminhos: “ou o tradutor deixa o escritor, o máximo possível, em paz e encaminha, na direção deste, o leitor, ou deixa o leitor, o máximo possível, em paz e encaminha, para este, o escritor.” Ora, esses dois caminhos são anunciados de tal modo que num deles se encontra o <i>reproduzir</i> ou a completa germanização. Embora aquele primeiro caminho, explica ele mais à frente, abrangesse também a <i>manutenção do texto na língua original</i>, isto já se excluiria por si só.</p>	
<p>Indem er auf solche lustige Weise den Uebersetzer zwischen das Belassen im Grundtexte und das Ganz-deutschmachen hineinpraktiziert hat, glaubt er dem staunenden Publikum bewiesen zu haben, dass jenem zur Sprache ein Kauderwelsch von Halbdeutsch oder</p>	<p>377 / 2199</p>	<p>Havendo lançado o tradutor, tão curiosamente, entre a manutenção do texto original e a completa germanização, crê ele haver provado ao espantado público que a este conviria, como língua, uma algaravia de semialemão ou não-alemão. Isto ele exprime com bastante clareza, ao</p>	<p>402 / 2203</p>

<p>Undeutsch gebühre. Recht deutlich drückt er diess vollends dadurch aus, dass er meint, nicht so vollkommen deutsch müsse man den fremden Autor reden lassen, wie wenn er in Deutschland geboren und erzogen wäre, sondern so, wie er allenfalls deutsch würde schreiben gelernt haben, wenn er es auf dem nämlichen Wege erlernt hätte, auf welchem der Uebersetzer die Sprache des Autors erlernen musste. Ganz konsequent beweist er nun weiter, dass die Uebersetzungslitteratur ihre eigene Sprache haben müsse, welche sich in so viele Zweige theile, als es Völker gebe, deren Litteratur wir uns aneignen wollen, so dass wir auf diese Weise eine Menge von Sprach-Tonarten gewinnen, deren Farbe den kundigen Leser sogleich bei dem ersten Blicke erkennen lasse, in welcher Sprache das Original einheimisch sei. So erhalten wir denn ein Griechisch-, ein Römisch-, ein Italiänisch-, ein Spanisch-deutsch! Denn, sagt er, der Zweck sei offenbar damit noch nicht erreicht, dass ein überhaupt fremder Geist den Leser anwehe, sondern, wenn er eine</p>		<p>opinar que não seria necessário fazer o autor estrangeiro falar tão perfeitamente alemão, como se houvesse nascido e sido educado na Alemanha, mas sim como se ele eventualmente tivesse aprendido a escrever alemão, se tivesse aprendido pelo mesmo caminho pelo qual o tradutor teve de aprender a língua do autor. Ora, coerentemente, prova, em seguida, que a literatura traduzida teria de ter a sua própria linguagem, que esta se dividiria em tantos ramos quantos povos houvesse, de cujas literaturas quiséssemos apropriar-nos, de tal forma que, por essa via, acabaríamos obtendo uma porção de tonalidades linguísticas, cuja cor, logo à primeira vista, permitiria, ao leitor versado, reconhecer em que língua vernacular estaria escrito o original. Desse modo, obtemos, então, um greco-alemão, um romano-alemão, um italiano-alemão e um hispano-alemão! Afinal de contas, afirma ele, a meta aparentemente não teria sido atingida pelo fato de um espírito estrangeiro inspirar o leitor; ao contrário, se este devesse ter uma noção da língua original e daquilo que a</p>	
--	--	--	--

<p>Ahnung bekommen solle von der Ursprache und von dem, was das Werk dieser verdankt, so müsse er nicht nur die ganz unbestimmte Empfindung bekommen, dass, was er liest, nicht ganz einheimisch klingt, sondern <i>es müsse ihm nach etwas Bestimmtem klingen</i>. Und wenn er Vergleichen in Masse anstellen könne, so werde sich ihm allmählich ein Gehör an bilden, nicht nur, Altes von Neuerem, sondern auch, hellenischen von römischem Ursprung oder italiänischen von spanischem zu unterscheiden. Damit begnügt er sich aber keineswegs, sondern diese Individualisierung noch weiter fortführend, verlangt er, dass neben der Verschiedenheit der Nationen, selbst auch die Bildungsperioden derselben, ja sogar die Eigenthümlichkeiten der einzelnen Autoren ausgeprägt werden sollen. „Und doch ist auch dieses, sagt er, an das Obige anknüpfend, noch kaum der höchste Zweck, sondern der Leser der Uebersetzung wird dem bessern Leser des Werks in der Ursprache erst dann gleich kommen, wenn er neben dem Geiste der</p>		<p>obra deve a esta, não somente precisaria ter a sensação totalmente indefinida de que aquilo que ele está a ler não soa inteiramente vernacular, mas que isso também <i>teria de soar-lhe como uma determinada coisa</i>. E, caso ele possa tecer demasiadas comparações, acabará sendo, gradativamente, dotado de um ouvido para distinguir tanto entre o antigo e o moderno quanto entre a origem helênica e a romana ou entre a italiana e a espanhola. Entretanto, <i>Schleiermacher</i> não se dá, absolutamente, por satisfeito com isso; ao contrário, ainda insistindo nessa individualização, exige que, além da dessemelhança entre as nações, também devam ser manifestados os períodos de formação destas e até mesmo as singularidades dos diferentes autores. “E, contudo”, afirma ele, referindo-se ao supramencionado, “isso ainda sequer chega a ser a meta suprema; ao invés disso, o leitor da tradução somente se equipará ao melhor leitor da obra na língua original, se estiver em condições de presentir e, paulatinamente, de entender, para além do espírito da língua, também</p>	
--	--	--	--

<p>Sprache auch den eigenthümlichen Geist des Verfassers in dem Werke zu ahnden und allmählich aufzufassen vermag.“ So dass wir denn in diesem Uebersetzungsdeutsch neben dem Griechisch-deutschen nun nicht nur ein Griechisch-Athenisch-deutsch, sondern auch ein Griechisch-Athenisch-Sophokleisch-deutsch erhalten!</p>		<p>o espírito específico do autor na obra.” De tal modo que, nesse momento, obtemos, no seio desse alemão de tradução, para além do greco-alemão, não apenas um greco-ático-alemão, mas também um greco-ático-sofocliano-alemão!</p>	
<p>Aber wie ist es möglich, fragen wir, diese unendliche Aufgabe mit den Mitteln zu lösen, welche der deutsche Uebersetzer hat, da ihm doch nur deutsche Worte, deutsche Konstruktionen, deutsche Wendungen zu Gebote stehen, und da, wie ja <i>Schleiermacher</i> selbst bemerkt, das System der Begriffe und ihrer Zeichen in der Sprache des Uebersetzers ein ganz anderes ist, als in der Ursprache, und die Wortstämme, anstatt sich gleichlaufend zu decken, vielmehr einander in den wunderlichsten Richtungen durchschneiden? Wir antworten getrost: <i>Schleiermacher lässt den Uebersetzer sich seine Sprache selbst machen.</i> Freilich kann er diess nicht Wort haben wollen, denn er erinnert selbst,</p>	<p>403 / 2300</p>	<p>Mas como é possível, perguntamo-nos, solucionar essa infinita tarefa com os meios que possui o tradutor alemão, já que só lhe estão à disposição palavras alemãs, construções alemãs, locuções alemãs, e já que, como observa o próprio <i>Schleiermacher</i>, o sistema dos conceitos e dos símbolos destes na língua do tradutor é inteiramente diferente do seu correspondente na língua original, e os radicais das palavras, ao invés de coincidirem em sincronia, acabam por cruzar-se entre si nas mais esquisitas direções? Respondemos a essa pergunta sem receio: <i>Schleiermacher deixa o tradutor criar sua própria língua.</i> Certamente ele não pode estar querendo afirmar isso, pois ele mesmo lembra que as</p>	<p>433 / 2313</p>

<p>dass Sprachen nicht erfunden werden und dass alles rein willkürliche Arbeiten an ihnen und in ihnen Thorheit ist. Aber lässt sich eine grössere Willkühr denken, als die Muttersprache zu <i>einer fremden Aehnlichkeit hinüberbiegen zu wollen</i>, und diess ist ihm ja die Hauptaufgabe des Uebersetzers! Heisst diess etwas Anderes, als sich seine Sprache selbst machen? Denn was geschieht, um der Muttersprache die Farbe des griechischen oder lateinischen Elementes zu geben? Man nimmt ihr das Kleid, in welchem sie sich frei und behaglich bewegt, und presst sie in das steife Gewand einer dem fremden Idiome nachgebildeten Wortstellung Man zwingt ihr Formen, Konstruktionen, Wendungen und Bilder auf, gegen welche der Genius der Sprache sich sträubt. Um ein dem Ausdruck des Originals nahe kommendes oder entsprechendes Wort zu gewinnen, wählt man willkührlich aus dem Reichthume der Muttersprache, ohne Rücksicht auf den Unterschied der Zeiten und Umstände, Altes wie Neues und stellt es bunt</p>		<p>línguas não são inventadas, e que todos os trabalhos puramente arbitrários com as línguas e nas línguas não passam de tolice. Mas será que se pode imaginar maior arbitrariedade do que <i>querer curvar a língua materna a uma semelhança estrangeira</i>, sendo isto para ele, aliás, a principal tarefa do tradutor! Isto significa outra coisa além de criar sua própria língua? Afinal de contas, o que acontece para que se dê, à língua materna, a cor do elemento grego ou latino? Tiram-lhe a roupa em que ela se movimenta com liberdade e conforto, e a comprimem na rígida vestimenta de uma ordem de palavras reproduzida do idioma estrangeiro. Impingem-lhe formas, construções, locuções e imagens, contra as quais se opõe o gênio da língua. Para se conseguir uma palavra próxima ou correspondente à expressão do original, escolhe-se arbitrariamente a partir da riqueza da língua materna, sem atentar para a diferença dos tempos e das circunstâncias, entre o antigo e o moderno, e colocam-se os elementos uns ao lado dos outros de um modo desordenado:</p>	
--	--	---	--

<p>neben einander: man setzt in mechanischem Austausch Zeichen für Zeichen, und glaubt in allem Ernste durch eine solche Zusammenkittung von Worten und Konstruktionen eine neue Sprache bilden zu können. Ein künstliches Produkt soll etwas Lebendiges ersetzen, einen Organismus, der sich unbewusst aber frei aus dem Leben der Völker und der Einzelnen herausbildet, dessen Theile sich wie die Glieder unseres eigenen Körpers gegenseitig tragen und bedingen! Ein Uebersetzen, welches sich solcher Mittel bedient, ist nicht mehr Nachahmung, es trägt das Gepräge der Nachäffung. Denn während jene von Seite des Nachahmers einen eigenen Standpunkt und Charakter voraussetzt, den er nach seinem Urbilde zu formen strebt, feiert diese den Triumph der Unfähigkeit, welche dem Urbilde sich gleich dünkt, wenn sie sich mit Lappen unwesentlicher Einzelheiten behängt, und Geberden, Gang und Haltung glücklich sich aneignet, denn ganz und gar passt auf solche Manier das <i>Schiller'sche</i> Wort: Wie er räuspert und wie er spukkt, das habt ihr</p>		<p>numa permuta mecânica, coloca-se símbolo após símbolo e acredita-se seriamente ser possível criar, mediante esse amálgama de palavras e construções, uma nova língua. Um produto artificial deverá substituir a algo vivo, a um organismo que se forma inconsciente, porém livre, a partir da vida dos povos e dos indivíduos, cujas partes carregam-se e condicionam-se mutuamente como os membros de nosso próprio corpo! Um traduzir que se serve de tais recursos não mais é imitação, traz a característica da macaqueação. Pois enquanto aquela pressupõe, por parte do imitador, uma posição e um <i>caráter</i> próprios, que ele aspira formar de acordo com o seu protótipo, este celebra o triunfo da incapacidade, ao ver-se igual ao protótipo, enfeitando-se com retalhos de singularidades insignificantes e apropriando-se, com satisfação, de gestos, andar e postura; afinal de contas, a esta artificialidade, aplicam-se muito bem as seguintes palavras de <i>Schiller</i>: o modo de ele cuspir e pigarrear, vocês souberam</p>	
---	--	--	--

ihm glücklich abgeguckt!		copiar prazerosamente!	
<p>Am auffallendsten giebt sich dieses mechanische Verfahren bei Uebertragungen poetischer Produktionen kund. Angenommen, dass wir, was nicht der Fall ist, die zu solcher sklavischen Vertauschung nothwendigen Mittel in unserer Sprache vorhanden hätten, dass wir z.B. im Stande wären, das Metrum des Urbildes mit der nämlichen Form wiederzugeben, so ist schon an und für sich eine wörtliche Uebertragung eines Dichterwerks eine Unmöglichkeit, und die Schwierigkeiten, welche die Vereinigung des musikalischen Sprachelements, das sich in Rhythmus und Tonwechsel offenbart, mit der dialektischen und grammatischen Sphäre als unausführbar erscheinen lassen, beleuchtet <i>Schleiermacher</i> selbst zur Genüge.</p>	92 / 604	<p>Esse procedimento mecânico chama o máximo de atenção em versões de produções poéticas. Suponhamos que nós, o que não é o caso, tivéssemos em nossa língua os recursos necessários para tal permuta servil, que nós tivéssemos condições, por exemplo, de restituir o metro do protótipo com a mesmíssima forma, é lícito, então, afirmar que, por si só, uma tradução literal da obra de um poeta já se configura como uma impossibilidade; e as dificuldades que fazem parecer irrealizável a associação do elemento musical da língua, que se revela no ritmo e na mudança de cadência, com a esfera dialetal e gramatical, estas o próprio <i>Schleiermacher</i> examina em profundidade.</p>	108 / 554
<p>Aber wie erst, wenn wir keinen Rhythmus, kein Versmaas aus einer andern, alten oder neuern Sprache unmittelbar in die unsrige verpflanzen können, ohne dass beides nicht ein ganz anderes würde, weil wir nicht die nämlichen Mittel und</p>	209 / 1146	<p>Mas como seria, se não pudéssemos transplantar nem o ritmo nem a métrica de uma outra língua, antiga ou moderna, diretamente para a nossa, sem que ambas se tornassem algo totalmente diferente, uma vez que não possuímos os mesmos</p>	230 / 1116

<p>Werkzeuge dazu besitzen! Prosodie und Akzent unsrer Sprache sind bekanntlich total verschieden von dem griechischen und lateinischen. Während der eine die Höhe und Tiefe des Tons bezeichnet, bedeutet der andere die Stärke und Schwäche der Silbe. Ein eigentliches Metrum fehlt uns ganz und gar, denn wir haben nur ein relatives, verhältnismässig geringeres oder grösseres Gewicht der Silbe. Es ist uns darum nicht möglich, mehrere gleiche Kürzen oder Längen aneinander zu fügen, eben weil das Gewicht der Silbe immer durch die Nachbarsilbe in der Weise bestimmt wird, dass gewöhnlich die vorangehende lange eine darauffolgende kurze Silbe, und umgekehrt, erzeugt. Unser Rhythmus ist ein Auf- und Abwogen in Trochäen und Jamben, in Daktylen und Anapästen, und alle andern Füsse sind uns im Grund versagt. Aber selbst diese Trochäen und Jamben, diese Daktylen und Anapästen entsprechen nicht den antiken Metren gleichen Namens. Man darf nur z.B. an das Gesez der Dipodie, nur an die Regelmässigkeit denken,</p>		<p>meios e ferramentas para isso! É sabido que a prosódia e a entonação da nossa língua são inteiramente diferentes das do grego e do latim. Enquanto uma marca a agudez e a gravidade do timbre, importam, àquela outra, a força e a fraqueza da sílaba. Falta-nos, por completo, um verdadeiro metro, pois temos apenas um relativo peso da sílaba, proporcionalmente menor ou maior. Por este motivo, não nos é possível colocar diversas sílabas longas e breves umas ao lado das outras, justamente porque o peso duma sílaba sempre é determinado pela sílaba contígua, de tal forma que normalmente a sílaba longa é seguida de uma sílaba breve, e vice-versa. O nosso ritmo consiste num subir e descer em troqueus e iambos, em dátilos e anapestos, e todos os outros pés nos são, no fundo, impossíveis. Não obstante, mesmo esses troqueus e iambos, mesmo esses dátilos e anapestos não correspondem aos antigos metros que levam o mesmo nome. Para se perceber isso com clareza, basta pensar, por exemplo, na lei da dipodia, basta pensar na regularidade com a qual o dátilo e o anapesto sempre, no metro</p>	
--	--	---	--

<p>mit welcher im antiken Metrum immer Daktylus und Anapäst dem Spondeus gleich gewesen sind, um diess klar zu erkennen.</p>		<p>clássico, são iguais ao espondeu.</p>	
<p>Wenn nun gleichwohl versucht wird, ohne Weiteres und mit Gewalt einen in Form und Inhalt getreuen Abdruck eines fremden Urbildes, sei es in Prosa oder Poesie, herzustellen, was wird und muss die Folge davon sein? Es entsteht eine monströse Zusammensetzung, ein Gemisch aller möglichen Sprachweisen, ein buntschekkgiges, unnatürliches Produkt, welches von vorne herein auf den Charakter des Aesthetischen und Schönen verzichtet. Denn was schön ist, sagt <i>Horaz</i>, muss eben gerade einfach, in sich selbst eins und übereinstimmend sein.</p>	<p>78 / 453</p>	<p>Mas se agora tentar-se produzir, sem maiores delongas e com violência, uma imagem fiel, em forma e conteúdo, de um protótipo estrangeiro, em prosa ou poesia, qual será e deverá ser a consequência disso? Surgirá uma combinação monstruosa, uma mistura de todos os tipos de linguagem possíveis, um produto matizado, desnatural, que, já de início, renuncia ao caráter do estético e do belo. Afinal de contas, aquilo que é belo, diz <i>Horácio</i>, precisa realmente ser, em si mesmo, justamente singelo, uno e condizente.</p>	<p>83 / 424</p>
<p>Sehen wir uns im Bereiche der Erfahrung nach den Resultaten solcher Uebersetzungsweise um, und bemessen wir die Richtigkeit der Methode nach den vorhandenen Proben, so giebt uns <i>Schleiermacher</i> durch seine Uebersetzung der <i>Platonischen Werke</i> selbst den Beleg, welch einen unerquikklichen Eindruck</p>	<p>513 / 3105</p>	<p>Se, no domínio da experiência obtida com os resultados desse tipo de tradução, olharmos em volta e aferirmos a correção do método utilizado conforme as provas existentes, o próprio <i>Schleiermacher</i>, com sua tradução das obras de <i>Platão</i>, fornece-nos uma prova de que impressão desagradável</p>	<p>589 / 3662</p>

<p> <i>eine solche zu fremder Aehnlichkeit hinübergebogene Sprache</i> nothwendig erzeugen muss. Noch deutlicher und anschaulicher würde diess freilich werden, wenn wir die langen Reihen von Uebersetzungen aus der <i>Vossischen</i> Schule betrachten wollten, denn der Fehler des Lehrers hat sich in den Produkten der nachtretenden Menge, alle Stadien der Sprachverrenkung durchlaufend, bis zur Karrikatur gesteigert. Aber es genügt zu unserm Zwecke das einzige Beispiel des Meisters. <i>Voss</i> hatte, wie bereits bemerkt, längst praktisch geübt, was <i>Schleiermacher</i> systematisch ausführt, ob er gleich hinter den Anforderungen desselben zurückbleibt, weil ihm das Anschmiegen, das Eingehen in die verschiedensten Elemente, mit Einem Worte, das Proteusartige fehlt, was <i>Schleiermacher</i> fordert. Aber er gräzisiert und latinisiert die Muttersprache wie jener, und steht insofern in gleicher Kategorie mit ihm, wenn sie gleich von verschiedenen Standpunkten aus zur nämlichen Praxis gelangt sind. Denn </p>		<p> <i>uma tal língua curvada à semelhança estrangeira</i> necessariamente terá de produzir. Certamente, isto ficaria ainda mais evidente e mais claro, se quiséssemos observar as longas séries de traduções da escola de <i>Voß</i>, pois o equívoco do professor alçou-se nos produtos do seu grande público seguidor, percorrendo todos os estágios da distorção linguística até chegar à caricatura. Entretanto, para o objetivo aqui almejado, o exemplo único do mestre já nos basta. Como já foi observado anteriormente, <i>Voß</i>, desde longa data, já exercitava na prática o que <i>Schleiermacher</i> executa de forma sistemática, embora aquele fique para trás em relação às exigências deste, pois lhe falta o insinuar, o entrar nos mais diferentes elementos, e suma, aquele caráter proteiforme que <i>Schleiermacher</i> exige. Mas aquele greciza e latiniza a língua materna da mesma maneira que este, estando, assim, na mesma categoria que ele, embora tenham chegado à mesma prática a partir de diferentes posições. Na verdade, <i>Schleiermacher</i> acredita ser preciso expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, e </p>	
---	--	---	--

<p><i>Schleiermacher</i> glaubt fremd sprechen zu müssen, um treu zu sein, und <i>Voss</i> glaubt treu zu sein, wenn er wörtlich übersezt; da er aber diess nicht thun kann, ohne fremd zu sprechen, so ist seine Sprache so undeutsch, wie die <i>Schleiermacher's</i> und umgewendet. Die Treue aber, welche die Uebersetzungsmethode <i>Vossens</i> für sich in Anspruch nimmt, zeigt sich sonderbarer Weise dadurch, dass er jeglichen Schriftsteller in gleicher Weise übersezt hat, in diejenige Sprache, welche er sich ein für allemal in jener Periode geschaffen hatte, wo er sich seinen Standpunkt originell gestaltete. Von <i>Homer's</i> Uebersetzung an, dem bei weitem verdienstlichsten seiner Werke, obgleich selbst diess den Ton des Originals verfehlt, hat er <i>Virgil</i>, <i>Ovid</i>, <i>Horaz</i>, <i>Theokrit</i>, <i>Tibull</i>, endlich gar <i>Aristophanes</i>, Alle in dem nämlichen Zuschnitt des Gewandes, in der nämlichen Physiognomie vor uns vorübergeführt. Ueberall dieselbe Einförmigkeit, dieselbe gleichschwebende</p>		<p><i>Voß</i> acredita ser fiel, se traduzir literalmente; mas como não consegue fazê-lo sem falar à moda estrangeira, sua linguagem é, portanto, tão não-alemã quanto a de <i>Schleiermacher</i>, e vice-versa. Não obstante, a fidelidade que o método de tradução de <i>Voß</i> exige para si põe-se a nu, curiosamente, através do fato de ele haver traduzido todo e qualquer autor da mesma maneira, naquela linguagem que ele havia criado, de uma vez por todas, naquele período em que formara originalmente seu ponto de vista. A partir da tradução de <i>Homero</i>, de longe a mais meritória entre suas obras, apesar de mesmo esta não lograr o tom do original, pôs à nossa frente <i>Virgílio</i>, <i>Ovídio</i>, <i>Horácio</i>, <i>Teócrito</i>, <i>Tíbulo</i>, no final até mesmo <i>Aristófanes</i>, todos com uma roupagem talhada no mesmo corte, com a mesmíssima fisionomia. Em todas as traduções, a mesma uniformidade, a mesma postura equânime da língua com o máximo de diversidade dos originais conforme a época, a temática e a edição¹. Mas, por certo, a</p>	
--	--	--	--

¹ Em contrapartida, os textos para tradução no Programa Pedagógico das Escolas de Erlangen do ano de 1833 representam um contraste, onde se

<p>Haltung der Sprache bei der grössten Verchiedenheit der Originale nach Zeit, Stoff und Bearbeitung¹. Solchen Uebersetzungen bleibt doch offenbar kein anderes Verdienst, als das eines Kommentars, insofern sie demjenigen, welchem die Ursprache nicht recht geläufig ist, als Beihilfe zum Verständniss dienen, aber sie sind weit davon entfernt, ein Portrait des Urbildes in Ton, Farbe und Eigenthümlichkeit zu geben, und vernichten so geradezu den ganzen Reiz der Persönlichkeit des Schriftstellers. Es könnte Jemand glauben, den Grund dieser gerügten Mängel nicht im Prinzip, sondern in der Persönlichkeit des Mannes suchen zu dürfen. Allein dem ist nicht also! Von <i>Vossens</i> Neigung zum Uebertriebenen, Hochtrabenden, von seiner Vorliebe für provinzielle Kraftausdrücke und den Mund mehr als den Sinn füllende Wortbildungen gänzlich abgesehen, liegt</p>		<p>tais traduções, não cabe outro mérito que o de um comentário, na medida em que servem, àqueles que não dominam bem a língua original, como subsídio para a compreensão, embora estejam muito longe de reproduzir um retrato do protótipo em tom, cor e singularidade, aniquilando, dessa forma, por completo, todo o encanto da personalidade do escritor. Alguém bem que poderia acreditar ter o direito de buscar o motivo dessas falhas aqui criticadas não no princípio, mas na personalidade do homem! Pois não se trata apenas disso! Deixando-se de lado a tendência de <i>Voß</i> para o exagero, para o empolado, a sua predileção por expressões provincianas vulgares e por formações de palavras que encham mais a boca do que fazem sentido, o erro realmente reside na suposição de poder e de ter de reproduzir o original literalmente, obedecendo à</p>	
--	--	---	--

ilustra, da maneira mais exitosa, o princípio de que todo escritor deve ser traduzido conforme o tom da sua língua, inclusive num tom alemão semelhante.

¹ Einen schönen Kontrast bilden dagegen die Uebersetzungsproben in dem Erlanger Schulprogramm vom Jahre 1833, wo der Grundsatz, dass jeder Schriftsteller, je nach dem Ton seiner Sprache, auch in einem ähnlichen deutschen Ton übersetzt werden muss, auf das glücklichste anschaulich gemacht ist.

<p>der Fehler an und für sich schon in der Annahme, das Original nach Form und Inhalt wörtlich wiedergeben zu können und zu müssen. Denn daraus folgt mit Einem Worte – jener Charakter der mehr quantitativen als qualitativen Uebertragung, der seine Uebersezungen alle bezeichnet.</p>		<p>forma e ao conteúdo. Pois é daí que resulta, em poucas palavras, aquele caráter da tradução mais quantitativa que qualitativa, que é uma característica de todas as suas traduções.</p>	
<p>Am deutlichsten hat sich dieses Verfahren <i>Vossens</i> bei der Uebersezung <i>Shakespeare's</i> kund gegeben. Bei den Alten ist man schon von vorne herein geneigt, auf Geläufigkeit, Verständlichkeit und Anmuth der Uebersezungen zu verzichten. Unser Respekt vor ihnen ist schon von der Schule her so gross, dass wir gar nicht hoffen, sie irgend familiär und heimisch bei uns erscheinen zu sehen. Dazu kömmt, dass der grosse Zeitabstand und die Lücken der Vermittlung in hundert Fällen an der Möglichkeit des Verständnisses, geschweige denn der Uebertragung verzweifeln lassen, und wo oft das Gefühl mit Entschiedenheit verwirft, fehlen die Mittel des Beweises. Aber bei einem uns so nahe stehenden</p>	<p>260 / 1787</p>	<p>Foi na tradução de obras de Shakespeare que o procedimento de <i>Vofß</i> mostrou-se com a maior evidência. Em se tratando dos clássicos, já se está inclinado, desde o princípio, a prescindir de fluência, inteligibilidade e graça nas traduções. Nosso respeito por elas é tão grande, desde a escola, que não temos, absolutamente, a esperança de vê-las parecer entre nós de algum modo familiares e vernaculares. Acresça-se a isto que o grande intervalo de tempo e as lacunas de mediação – que dirá de tradução – permitem duvidar da possibilidade de compreensão, e onde a sensibilidade muitas vezes reprova com firmeza, faltam os recursos da prova. Todavia, no caso de um escritor tão próximo de nós, como <i>Shakespeare</i>, cujo ar nós próprios ainda respiramos,</p>	<p>329 / 1941</p>

<p>Schriftsteller, wie <i>Shakespeare</i>, in dessen Lebensatmosphäre wir selbst noch athmen, mit dem wir gewissermassen auf Einem Grund und Boden stehen, wo wir den Komplex der Beziehungen und Zustände klarer haben, bei einem solchen Schriftsteller fühlt man der Uebersetzung nicht nur leicht das Unnatürliche und Unwahre an, sondern kann es zugleich darthun und beweisen, und das Forum bildet nicht ein und der andere Eingeweihte, dem die Menge glauben muss, sondern ein grosses Publikum von Sachverständigen, dem die Sprache des Autors zum Theil die Muttersprache ist, erscheint als kompetenter Richter. Die Vossische Uebersetzung hat das Verdienst der nämlichen Gewissenhaftigkeit und Sorgfalt wie Alles Uebrige, was aus den Händen des hochverdienten Mannes hervorgegangen ist, aber der Grundsatz, oder die Gewalt, welche dem Genius der deutschen Sprache angethan ist, hat sich hier, der <i>Schlegel-Tieck</i>'schen Uebersetzung gegenüber, am</p>		<p>com quem, de certo modo, ainda pisamos o mesmo chão, onde temos, de forma mais presente, o complexo de relações e circunstâncias; no caso de um escritor dessa estirpe, não apenas é fácil perceber o caráter desnatural e inverídico da tradução, como também é possível, simultaneamente, mostrá-lo e prová-lo; e o fórum não é formado apenas por um ou outro iniciado, em quem o povo tenha de acreditar; ao invés disso, aparece, na qualidade de competente juiz, um grande público formado de peritos, para os quais, em parte, a língua do autor é sua língua materna. A tradução de <i>Voß</i> tem o mérito da mesma meticulosidade e do mesmo cuidado, assim como tudo mais que foi produzido pelas mãos desse louvável homem; entretanto, o princípio, ou a violência que é causada ao gênio da língua alemã, aqui se vingou da maneira mais perceptível perante a tradução de <i>Schlegel</i> e de <i>Tieck</i>, o que também afirmamos em relação à tradução de “Sonho de uma noite de verão” (do <i>Voß</i> pai)⁵⁷, que talvez</p>	
--	--	--	--

⁵⁷ Os filhos de Johann Heinrich Voß, Heinrich und Abraham Voß, trabalharam na tradução de nove volumes de obras de Shakespeare com o pai.

empfindlichsten gerächt, und diess behaupten wir auch vom Sommernachtstraum (von <i>Voss</i> dem Vater), der vielleicht als die gelungenste Parthie dieser Uebersetzungen gelten kann.		possa ser considerada a parte mais bem sucedida dessas traduções.	
Diesem gegen <i>Voss</i> ausgesprochenen Urtheile tritt indess ein Achtung und Ehrfurcht gebietender Richter entgegen. Diess ist kein anderer, als der König unsrer Dichter und Prosaisten selbst, <i>Goethe</i> ² , indem er die <i>Voss</i> sische Uebersetzungsmethode als die dritte und letzte oder vollkommenste anerkennt und dann also fortfährt: „Diese Art erlitt anfangs den grössten Widerstand; denn der Uebersetzer, der sich fest an sein Original anschliesst, giebt mehr oder weniger die Originalität seiner Nazion auf, und so entsteht ein Drittes, wozu der Geschmakk der Menge sich erst herabilden muss. Der nie genug zu schätzende <i>Voss</i> konnte das Publikum zuerst nicht befriedigen, bis man sich nach und nach in die neue Art hinein hörte, hinein	182/ 1268	Entretanto, a este juízo emitido contra <i>Voß</i> , opõe-se um juiz que impõe respeito e veneração. Trata-se de ninguém menos que o próprio rei dos nossos poetas e prosadores, <i>Goethe</i> ² , ao reconhecer o método de tradução de <i>Voß</i> como o terceiro e último ou o mais perfeito, ao afirmar o seguinte: “Esse procedimento sofreu no início a maior resistência; pois o tradutor que se atém firmemente a seu original abdica mais ou menos da originalidade de sua nação, e assim surge um terceiro elemento, para o qual o gosto do público primeiramente precisa desenvolver-se. De início, o <i>Voß</i> passível de jamais ser apreciado a contento não logrou satisfazer ao público, até que aos poucos as pessoas foram acostumando e	207 / 1092

² In den Noten und Abhandlungen zum West-östlichen Divan. Thl. VI. p. 239.

² Nas notas e nos ensaios acerca do *West-östlicher Divan* [Divã oriental-occidental], Parte VI, p. 229.

<p>bequemte. Wer nun aber jetzt übersieht, was geschehen ist, welche Versatilität unter die Deutschen gekommen, welche rhetorische, rhythmische, metrische Vortheile dem geistreich talentvollen Jüngling zur Hand sind, wie nun Ariost und Tasso, Shakespeare und Calderon, als eingedeutschte Fremde, uns doppelt und dreifach vorgeführt werden, der darf hoffen, dass die Litterar-Geschichte unbewunden aussprechen werde, wer diesen Weg unter mancherlei Hindernissen einschlug.“</p>		<p>acomodando o ouvido ao novo gênero. Mas quem neste instante ignora o que aconteceu, a versatilidade que aportou entre os alemães, os privilégios retóricos, rítmicos e métricos de que dispõe o inventivo e talentoso jovem, a maneira como <i>Ariosto</i> e <i>Tasso</i>, <i>Shakespeare</i> e <i>Calderón</i>, como estrangeiros germanizados, são doravante apresentados para nós dupla e triplamente, pode ter a esperança de que a história literária declarará abertamente quem seguiu esse caminho enfrentando diversos obstáculos.”</p>	
<p>Dieses Urtheil ist den Worten nach gegen das unsre gerichtet, der Sache und dem Sinn nach keineswegs. Denn wir erkennen mit <i>Goethe</i> das Verdienstvolle der ersten Leistungen <i>Vossens</i> an, mit denen er Bahn brach und jene Versatilität der Sprache hervorbrachte: wir bekämpfen aber die Ausartungen seiner selbst und seiner Nachahmer und die <i>theoretischen</i> Uebertreibungen <i>Schleiermacher</i>'s. Die nämlichen Beispiele und Muster, welche <i>Goethe</i> anführt, <i>Shakespeare</i> und <i>Calderon</i> von <i>Tieck</i> und <i>Schlegel</i>, gelten auch uns</p>	<p>131 / 799</p>	<p>Conforme suas palavras, esse juízo é contrário ao nosso, mas não o é, em absoluto, no que tange a seu objeto e seu sentido. Pois reconhecemos, juntamente com <i>Goethe</i>, o grande mérito dos primeiros trabalhos de <i>Voß</i>, com que ele abriu caminho e produziu aquela versatilidade da língua: mas combatemos as degenerações dele próprio e as de seus imitadores, bem como os exageros teóricos de <i>Schleiermacher</i>. Os mesmos exemplos e modelos elencados por <i>Goethe</i>, isto é, <i>Shakespeare</i> e <i>Calderón</i>,</p>	<p>156 / 807</p>

<p>als Muster guter Uebersetzungen. Weiterbildung der Sprache endlich wollen auch wir, aber nur keine gewaltsamere als bei anderem Schriftstellerthum. Die Kluft, wie sie <i>Schleiermacher</i> zwischen die Uebersetzungslitteratur und die selbständige stellte, wollen wir entfernt wissen. Wir wollen die Treue der Form, nach welcher <i>Voss</i> strebte, verbunden mit dem Gefühl, Takt und Geschmakk eines <i>Schiller</i>, <i>Bürger</i>, <i>Wieland</i>, <i>Wolf</i>, <i>Jakobs</i>.</p>		<p>de <i>Tieck</i> e <i>Schlegel</i>, também são considerados por nós como paradigmas de boas traduções. Afinal de contas, também nós queremos uma evolução da língua, contanto que não seja mais violenta do que em outra prática literária. O fosso, como é colocado por <i>Schleiermacher</i>, entre a literatura traduzida e a autônoma, queremos sabê-lo distante. Queremos a fidelidade da forma a que aspirava <i>Voß</i>, vinculada à sensibilidade, ao trato e ao bom gosto de um <i>Schiller</i>, <i>Bürger</i>, <i>Wieland</i>, <i>Jakobs</i>.</p>	
<p><i>Göthe</i> hat bei diesem Urtheile die späteren <i>Vossischen</i> Uebersetzungen gewiss nicht im Auge gehabt, und sein Urtheil über <i>Romeo</i> und <i>Julie</i> wird sicherlich kaum anders gelautet haben, als das seines Freundes <i>Zelter</i>, dem alle Unnatur zuwider war³. Zudem muss man berücksichtigen, dass für</p>	<p>233/ 1349</p>	<p>Com esse seu parecer, <i>Goethe</i> decerto não tinha em vista as traduções tardias de <i>Voß</i>, e seu juízo sobre <i>Romeu e Julieta</i> certamente pouco deve ter diferido do de seu amigo <i>Zelter</i>, que era avesso a toda desnaturalidade³. Ademais, cumpre considerar que, para <i>Goethe</i>, na qualidade de leigo nas línguas clássicas,</p>	<p>259 / 1380</p>

³ Briefw. III. Thl. p. 169. “Gleich darauf habe ich *Vossens* Uebersetzung nachgelesen und sage noch einmail: das Stück ist unverwüstlich. Wer es gesehen, geschaut, gelesen – Englisch, Deutsch, der lese es auch *Vossisch*: es ist unverwüstlich.

³ Briefwechsel [Correspondência], Parte III, p. 169: “Logo em seguida, verifiquei a tradução de *Voss* e digo mais uma vez: a peça é irrepreensível. Quem a viu, olhou, leu – em inglês, em alemão -, também a leia na linguagem de *Voss*: é irrepreensível!”

<p><i>Goethe</i>, als Laien in den alten Sprachen, <i>Voss</i> als Vorgänger und Lehrer immer eine wichtige Autorität blieb, die ihm um so mehr Achtung einflösste, je weniger er ihm nachrechnen konnte. Man vergleiche in dieser Hinsicht, welche Bedenken und geheime Skrupel ihm <i>Vossens</i> Andeutungen über die Verbesserung des Hexameters⁴ verursachten, indem er weder für sich selbst und mit eigenen Kräften die Sache ausgleichen und vermitteln, noch auch bei <i>Vossens</i> Geheimthun dahinter kommen konnte, wie es derselbe meine. Endlich darf man nicht vergessen, dass <i>Goethe</i> selbst keinen grössern Uebersetzungsversuch nach dem Vorbilde jenes von ihm bewunderten Meisters gemacht hat. Hätte er ein solches Werk unternommen, so wäre es gewiss nicht minder geschmackvoll und sinnig, wie die Verdeutschung seines <i>Haidenrösleins</i> ausgefallen. Nie hätte er sich zu solcher Unnatur verirrt, wie <i>Schleiermacher</i> sie vorschreibt, sondern sein richtiges Gefühl würde</p>		<p><i>Voß</i> sempre permaneceu, como antecessor e professor, uma importante autoridade, que lhe inspirava tanto mais respeito quanto menos podia investigar sobre ele. Compare-se, a esse respeito, que ponderações e objeções secretas lhe causavam as insinuações de <i>Voß</i> sobre o aprimoramento do hexâmetro⁴, não podendo nem conciliar e mediar a questão para si mesmo e com suas próprias forças, nem perceber por trás do mistério de <i>Voß</i> de que modo este queria expressá-lo. Por fim, não se pode esquecer que o próprio <i>Goethe</i> não fez nenhuma grande tentativa de tradução pelo modelo daquele mestre que admirava. Se houvesse empreendido uma obra dessa natureza, certamente teria alcançado o mesmo êxito, não com menos elegância e engenhosidade, que a composição, em língua alemã, de seu poema <i>Haidenröslein</i>. Jamais teria desviado seu rumo, para incorrer numa desnaturalidade como a prescrita por <i>Schleiermacher</i>; ao invés disso, sua sensibilidade</p>	
--	--	---	--

⁴ *Goethe's Werke*. B. XXX. p. 272.273.

⁴ *Goethes Werke* [Obras de Goethe], Vol. XXX, p. 272-273.

gewiss in der Praxis unwillkürlich das Fehlerhafte der gebilligten Theorie beseitigt haben.		correta decerto haveria eliminado na prática, espontaneamente, os erros da teoria consentida.	
Die Alten haben uns auch in dieser Hinsicht den allein wahren Weg vorgezeichnet, denn in der richtigen Erkenntnis der Unnatürlichkeit des Bestrebens, fremde Originalwerke eben so geistig als wörtlich treu wiederzugeben, haben dieselben bekanntlich entweder sich mit Umschreibungen und Bearbeitungen begnügt, oder wo sie wirklich übersezt haben, da finden wir, dass sie sich den fremden Stoff im Geiste ihrer Sprache angeeignet und in das Lateinische lateinisch übersezt haben. Es würde hier zu weit führen, diese Thatsache mit Beispielen einzelner Uebersetzungen zu belegen ⁵ , desto weniger	364/ 2063	Também nesse aspecto, os antigos indicaram-nos o único caminho verdadeiro, pois, ao reconhecerem corretamente a desnaturalidade do afã de reproduzir obras originais estrangeiras com fidelidade tanto intelectual quanto literal, ou bem se satisfizeram, como se tem conhecimento, com paráfrases e adaptações, ou bem consideramos que, quando efetivamente traduziram, apropriaram-se do tema estrangeiro no espírito da língua deles e traduziram latinamente para o latim. Seria ir demasiadamente longe comprovar este fato com exemplos de diferentes amostras de traduções ⁵ , e muito menos queremos privar-nos de ouvir um	390/ 2148

⁵ Abgesehen von den einzelnen Versen, welche sich z.B. bei *Horaz* aus Alcäus und Sappho, bei *Virgil*, in der Aeneide aus Homer, in den Eklogen aus Theokrit, im Landbau aus Hesiod, Nikander, besonders aus *Aratus*, oft wörtlich übersezt finden, kann man die Probe am besten mit grössern Stücken machen, wie also z.B. mit *Cicero*'s Uebersetzungen aus *Aratus*, dann *Cato M. 22.* aus *Xenoph. Cyrop. 8.7.*, namentlich *Catull C.LI.* aus Sappho. Cornel. Im Themist. 9. aus Thucyd. I.137. etc. Was von den Griechen aus dem Lateinischen übertragen worden ist, findet sich zusammengestellt (worunter auch Uebersetzungen, zu denen das Original fehlt, die aber gleichwohl viel Licht geben, wie Polyb. III. 22.2 e c.24.) in einem Programm von C.F.Weber: *De latine scriptis quae graeci veteres in linguam suam transtulerunt. Cassellis MDCCCXXXV.*

<p>mögen wir es uns versagen, über die Grundsätze der Alten einen Alten selbst zu hören: es ist <i>Cicero</i>⁶, welcher seine Uebersetzung der zwei Streitreden des <i>Demosthenes</i> und <i>Aeschines</i> mit folgenden Worten bei seinen Landsleuten einführte: <i>Nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis iisdem et earum formis, tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis: in quibus non</i></p>		<p>próprio clássico falar sobre os princípios dos clássicos: foi Cícero⁶ quem introduziu, junto a seus concidadãos, sua tradução dos dois discursos forenses de Demóstenes e Ésquino com as seguintes palavras: <i>Nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis iisdem et earum formis, tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis: in quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus</i></p>	
---	--	--	--

⁵ Abstraindo-se alguns versos, p.ex. em *Horácio* a partir de Alceu e Safo, na *Eneida* de *Virgílio*, a partir de Homero, nas *Éclogas* (Bucólicas) a partir de Teócrito, no *Cultivo da Terra* (Geórgicas) a partir de Hesíodo, Nicandro principalmente a partir de *Arato*, que não raro se encontram traduzidos literalmente, pode-se fazer o teste da melhor maneira com peças maiores, p.ex. com as traduções feitas por *Cícero* de obras de Arato, em seguida as feitas por *Catão*, o Jovem, da *Ciropédia* (8.7.) de Xenofonte, especialmente as de *Catulo* a partir de obras de Safo, Cornélio em seu *Temístocles* 9, a partir de Tucídides etc. Os textos traduzidos do latim pelos gregos (dentre os quais também traduções com originais perdidos, p.ex. Polyb. III 22,2 e Cap. 24) estão organizados numa programa elaborado por C. F. Weber: *De latine scriptie quae Graeci veteres in linguam suam transtulerunt. Cassellis MDCCCXXXV.*

⁶ *De opt. Gen. Oratt. C.5.* [aber ich habe sie nicht als Dolmetsch übertragen, sondern als Redner, mit denselben Gedanken samt ihren Redeformen und Wendungen, wobei die Wörter unserer Gewohnheit angepasst wurden. Hierin habe ich es nicht für notwendig erachtet, ein Wort durch das andere wiederzugeben, sondern ich habe die Ausdrucksweise im ganzen und die Bedeutung aller Wörter beibehalten: denn ich meinte, man solle dies dem Leser nicht vorzählen, sondern gleichsam vorwägen.“]

⁶ *De optimo genere oratorum, Cap. 5.* [E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considere necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las. (Trad. de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira & Pedro Colombaroli Zoppi)]

<p><i>verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omnium verborum vimque servavi: non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam adpendere.</i></p>		<p><i>omnium verborum vimque servavi: non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam adpendere.</i></p>	
<p>Aber auch von den neueren Nationen ist es namentlich Engländern und Franzosen nie in den Sinn gekommen, Wort und Gedanken des fremden Idioms zugleich in ihrer Sprache widergeben zu wollen. Nur wir Deutsche umarmen diese Ixionswolke eines Uebersetzungsideals, und bilden uns noch etwas Erklekliches darauf ein, dem Unmöglichen ohne Mitbewerber und Nebenbuhler nachzujagen. Allerdings erfreut sich unsre Sprache einer grössern Empfänglichkeit und Bildungshaftigkeit, als jede andere der neuern Sprachen. Aber wir dürfen uns dieser Vorzüge weder zu viel, noch zu wenig bewusst sein: das eine führt zum Uebermuth, das andere zur Abhängigkeit: beides aber ist unsrer jezigen Stellung gleich unwürdig.</p>	<p>100 / 595</p>	<p>Não obstante, também entre as nações mais novas, jamais veio à mente de ingleses e franceses querer reproduzir simultaneamente palavras e ideias do idioma estrangeiro na sua respectiva língua. Apenas nós, alemães, abraçamos essa nuvem de Íxion, simulacro de um ideal de tradução, e ainda inculcamos uma ideia grandiosa: perseguir o impossível sem concorrentes e rivais. Contudo, nossa língua goza de uma maior receptividade e suscetibilidade de formação de palavras do que qualquer outra das línguas modernas. Mas cumpre não termos nem demasiada nem muito pouca consciência desses méritos: a primeira circunstância leva-nos à arrogância, a segunda, à dependência. Mas ambas são igualmente indignas da nossa atual posição.</p>	<p>108 / 614</p>
<p>In der Mitte des vorigen Jahrhunderts war es</p>	<p>241/</p>	<p>Em meados do século passado, se as traduções</p>	<p>250 /</p>

<p>verzeihlich, wenn die Uebersetzungen der Deutschen undeutsch waren, denn das Volk hatte seit dem 30jährigen Krieg mit seiner Selbständigkeit auch seine Sprache eingebüsst, und da sich unsre Litteratur nur an den Mustern des Alterthums allmählich wieder aufrichten konnte, so war es natürlich, dass man den Schriftstellern, welche hier Bahn brachen, namentlich den Dichtern, ihre fremden Lehrer anfühlte⁷. Wenn aber <i>Schleiermacher</i> noch in unsern Tagen in der Undeutschheit die rechte Aufgabe des Uebersetzers suchte und fand, und die Zumuthung stellte, dass das deutsche Ohr sich an das Undeutsche gewöhnen müsse, so heisst diess die Unvernunft zum Gesez erheben und sich an der Sprache versündigen. In jenen traurigen Tagen, als die deutsche Nazione französischer Herrschaft unterthan war, und ihr Sinn zur Knechtschaft</p>	1441	<p>dos alemães eram não-alemãs, podia-se perdoar esse fato, pois desde a Guerra dos 30 Anos o povo, juntamente com sua autonomia, também perdera sua língua; e como nossa literatura somente pôde reerguer-se progressivamente à luz dos modelos da Antiguidade, era natural que se sentisse nos escritores que abriram caminho àquela época, nomeadamente, nos poetas, a presença de seus mestres estrangeiros⁷. Em todo caso, se <i>Schleiermacher</i>, ainda em nossos dias, buscou e encontrou, no caráter não-alemão, a correta tarefa de traduzir, e impôs a pretensão de que o ouvido alemão devesse acostumar-se ao não-alemão, isto significa, pois, elevar a insensatez ao grau de lei e cometer pecados contra sua língua. Naqueles tristes dias em que a nação alemã esteve submetida à dominação francesa, e o seu sentido</p>	1333
--	------	--	------

⁷ *Klopstock* übersezte bekanntlich, von einem richtigen Gefühle geleitet, einige seiner Oden in das Griechische, und *Lessing* gab seine *Messiade* den lateinischen Hexametern wieder zurück, weil er (wie er im II. Theile seiner Schriften p. 244-251. Frankfurt u. Leipzig 1770 mit verstellter Naivität versichert) viele Stellen der *Messiade* Andern nur mit Hilfe des Lateinischen erklären konnte. Das beste Urtheil aber fällt *Novalis* (S. Schr. Berl. 1802.p.372): *Klopstock's* Werke scheinen grösstentheils freie Uebersetzungen und Bearbeitungen eines unbekanntes Dichters, durch einen sehr talentvollen aber unpoetischen Philologen zu sein.

hinneigte, da kamen in ähnlicher Weise Gelehrte, und suchten darzuthun, dass diese Knechtschaft die eigentliche Freiheit sei ⁸ .		propendia para a sujeição, surgiram, de maneira semelhante, eruditos que tentaram mostrar que essa sujeição seria a verdadeira liberdade ⁸ .	
Seitdem hat sich Gottlob unsre Sprache zur Mündigkeit herangebildet und ist berufen, selbständig ihre eigne Bahn hinzuwandeln. Wie es aber damals galt, sich eine Sprache zu gewinnen, so stellt unsre Zeit an das Geschlecht die Aufgabe, sie zu behaupten, und nicht in übermüthigem Vertrauen auf ihre Universalität sie zur Nachäffung jeder ausländischen Sprach- und Dichtweise in widerlicher Sprachverrenkung zu misbrauchen. Denn wie sich die kräftige Persönlichkeit jedes Einzelnen darin ausdrückt, dass sie Alles, was ihr nicht gemäss ist, ferne hält und ausstösst, so muss die deutsche Nation jetzt ihre	174 / 1061	Desde então, a nossa língua, graças a Deus, atingiu a sua maioridade e está vocacionada a seguir autonomamente a sua própria trajetória. Todavia, da mesma forma como se aplicava outrora para a conquista de uma língua, o nosso tempo incumbe à nossa geração a tarefa de afirmá-la e de não fazê-la um mau uso que a leve, por uma confiança arrogante na sua universalidade, à macaqueação de qualquer outra língua e literatura estrangeira, numa distorção linguística vil. Pois, assim como a forte personalidade de cada indivíduo manifesta-se em distanciar-se de tudo e rejeitar tudo o que não estiver em conformidade	195 / 1053

⁷ Como se sabe, *Klopstock*, guiado por um sentimento correto, traduziu algumas de suas odes para o grego, e *Lessing* restituiu sua *Messiade* aos hexâmetros latinos, porque ele só podia explicar muitos trechos da *Messiade* com a ajuda do latim. Mas é *Novalis* quem chega à melhor conclusão (v. *Schriften* [Escritos], Berlim 1802, p. 372): as obras de *Klopstock* parecem ser, em sua maioria, traduções livres e adaptações de um poeta desconhecido, por intermédio de um filólogo muito talentoso, mas apocético.

⁸ Vergl. v. *Strombeck*: *Darstellungen aus meinem Leben* II. Thl. p.51.

⁸ Cf. von *Strombeck*: *Darstellungen aus meinem Leben* [Representações da minha vida], Parte II, p. 51.

<p>Sprache, als das heiligste Palladium der Nazionalität, wahren und das kräftig-schöne Gebilde vor Verbildung behüten. Es scheint allerdings eine ehrenwerthe Bestimmung unsres Volkes zu sein, die verschiedensten Richtungen, in der Wissenschaft wie im Leben, aufzunehmen und zu vermitteln. Aber um so mehr zu beherzigen ist auch die Aufgabe, bei solchem Zuströmen fremder Bildungselemente, bei dem überwiegenen Einflusse bereits fertiger und scharf ausgeprägter Nazionalität anderer Völker, aus der Vielfachheit der Berührung Vortheil zu ziehen, ohne dass die eigne Individualität in unbestimmte Umrisse sich auflöse und verschwimme.</p>		<p>consigo, cumpre agora à nação alemã conservar sua língua como o mais sacro paládio da nacionalidade e proteger da deformação essa bela e forte criação. Todavia, parece ser uma honrosa determinação de nosso povo assimilar e transmitir as mais diversas correntes tanto na ciência quanto na vida. Todavia, com essa afluência de elementos estrangeiros formadores, com a influência da nacionalidade – já pronta e muito bem caracterizada – de outros povos, cumpre ainda mais empenhar-se pela tarefa de tirar proveito da diversidade desse contato, sem que a própria individualidade venha a dispersar-se e desvanecer-se em contornos imprecisos.</p>	
<p>Welches sind nun aber die Anforderungen, die wir selbst an eine Uebersetzung stellen? Sie muss vor Allem <i>deutsch</i>⁹ sein, d.h. der Charakter</p>	<p>363/ 2033</p>	<p>Entretanto, quais são, agora, as exigências que nós mesmos fazemos a uma tradução? Antes de tudo, é preciso que ela seja <i>alemã</i>⁹, ou seja, o caráter</p>	<p>411/ 2063</p>

⁹ Wer deutsch reden will, der muss nicht der hebräischen Worte Weise führen, sondern darauf sehen, wenn er den ebräischen Mann versteht, dass er den Sinn fasse und denke also: Lieber, wie redet der deutsche Mann in solchem Fall? Wenn er nun die deutschen Worte hat, die dazu dienen, so lasse er die ebräischen Worte fahren und spreche frei den Sinn heraus *aufs beste deutsch, so er kann.* (Weish. Luth. 2te Aufl.p.165).

⁹ Quem quer falar alemão não precisa fazer uma demonstração dos vocábulos hebraicos, mas, ao entender o judeu, cuidar em captar o sentido e, portanto,

<p>unsrer Sprache, als der Form unsres volkstümlichen Denkens und Empfindens, muss sich darin nach seiner Eigenthümlichkeit rein und klar ausgeprägt darstellen. Jedes einzelne Element derselben, Wortstellung, Periodenbau, Satzverbindung, Modusgebrauch, dann die Wortbildung, die Weise des Ausdrucks, die Wahl der Tropen und Bilder, – kurz Alles und Jedes darf nur dem Bereiche des deutschen Sprachidioms entnommen sein. <i>Schleiermacher</i> opfert dieses Erforderniss ganz und gar seiner Theorie; weil er aber selbst nicht umhin kann, die Verpflichtung zur Reinheit der Sprache als einen Vorzug der von ihm verworfenen Methode anzuerkennen, so hören wir diess am liebsten aus seinem eignen Munde: „So viel sehen wir gleich, dass die Sprache des Uebersetzers von dieser Methode nicht das Mindeste zu befürchten hat. Seine erste Regel muss sein, sich wegen des</p>		<p>da nossa língua, enquanto forma de nossa maneira popular de pensar e sentir, ali precisa apresentar-se, conforme sua singularidade, com suas características puras e nítidas. Cada um dos elementos da tradução – a ordem das palavras nas frases, a construção dos períodos, a combinação de orações, o uso dos modos, bem como a formação de palavras, a elocução, a escolha das metáforas e imagens –, em resumo, tudo e cada um dos elementos, só se pode depreender do campo da língua alemã. <i>Schleiermacher</i> sacrifica completamente essa exigência em nome de sua teoria; mas, como ele próprio não pode abster-se de reconhecer a pureza da língua como um mérito do método por ele rejeitado, nós preferimos, então, ouvir isto da sua própria boca: “Logo veremos que a língua do tradutor não tem o que temer o mínimo deste método. A primeira regra do tradutor terá de ser, por causa da relação em que seu trabalho se encontra perante uma</p>	
---	--	---	--

pensar: meu caro, como é que o alemão fala numa situação dessas? Se ele agora tem os vocábulos alemães que servem para tanto, então é só deixar as palavras hebraicas irem-se e falar livremente pelo sentido, *no melhor alemão que puder* (*Weisheiten* [Sabedorias], Lutero, 2ª edição, p. 165).

<p>Verhältnisses, in dem seine Arbeit zu einer fremden Sprache steht, nichts zu erlauben, was nicht auch jeder ursprünglichen Schrift gleicher Gattung in der heimischen Sprache erlaubt ist.“ Korrekt also muss die Uebersetzung sein, deutsch ohne alle Härte, ohne alle aufgezwungene Sprachbildungen und auffällige Neuerungen. Der Uebersetzer kann und darf Wort und Wendungen bilden, neue Bedeutungen schaffen, aber durchaus nicht mehr, als jeder andre Schriftsteller. Alles aber, was er uns giebt und bietet, muss uns natürlich, homogen, unsrer Eigenthümlichkeit entsprechend sein. So nur wird uns eine neue Stellung, ein neues Wort, sei es wirklich erst gebildet oder aus dem eignen Sprachschätze in den Gebrauch zurückgerufen, nicht als Neuerung erscheinen, sondern das Gegebene wird uns schon beim ersten Anblick gewohnt und heimisch vorkommen, wie wir oft im Leben eine uns verwandte Natur bei der ersten Erscheinung schon als längst gekannt und als ersehnte Ergänzung unsres Innern</p>		<p>língua estrangeira, não se permitir nada que também não seja permitido a todo escrito original do mesmo gênero na língua nacional.” Portanto, a tradução tem de ser correta, alemã sem qualquer dureza, sem quaisquer criações linguísticas impingidas e sem inovações extravagantes. O tradutor tem a capacidade e a permissão de formar palavras e expressões, criar novos significados, mas, de forma alguma, não pode ir além do que faria qualquer outro escritor. Porém, tudo o que ele nos der e oferecer precisa ser, para nós, natural e homogêneo, e corresponder à nossa especificidade. Só assim, uma nova colocação, uma nova palavra, recém-criada ou lembrada para o uso, não parecerá uma novidade; ao contrário, a suposta inovação nos parecerá, já à primeira vista, usual e familiar, assim como em nossa vida costumamos saudar, já no primeiro contato, uma natureza análoga à nossa, como se fosse há muito tempo conhecida e como um acréscimo desejado pelo nosso íntimo.</p>	
--	--	---	--

begrüssen.			
<p>Es genügt jedoch nicht, dass der Sprache negativ ihr Recht widerfahre und ihr nicht Gewalt angethan werde, sondern die Sprache der Uebersetzung muss neben der Korrektheit auch anmuthig¹⁰, gefällig, wohlthuend, harmonisch sein. Auch hier möge <i>Schleiermacher</i> für uns sprechen. „Nicht nur nichts zu fürchten hat die Sprache von jener Methode, sondern der Ueberserzer hat so sehr als irgend einer die Pflicht, <i>wenigstens</i> dieselbe Sorgfalt für die Reinigkeit und Vollendung der Sprache zu beobachten, derselben Leichtigkeit und Natürlichkeit des Styls nachzustreben, die seinem Schriftsteller in der Ursprache nachzurühen ist.“ Wir werden nicht mit ihm darüber rechten, dass er hierbei dasjenige zu einem Minimum der Uebersetzungsaufgabe zu machen scheint, was uns</p>	<p>350/ 2055</p>	<p>Contudo, não basta que os direitos da língua não sejam violados e não lhe seja aplicada nenhuma violência; na verdade, a língua traduzida, além de correta, também precisa ser elegante¹⁰, agradável, deleitante, harmônica. Deixemos, também aqui, que <i>Schleiermacher</i> fale por nós: “Não apenas a língua nada tem a temer daquele método, como também o tradutor tem o dever, como qualquer indivíduo, de <i>pelo menos</i> observar o mesmo cuidado quanto à pureza e ao acabamento da língua, de aspirar à mesma leveza e naturalidade do estilo que devem ser creditados ao escritor da língua original.” Não vamos polemizar com <i>Schleiermacher</i> sobre o fato de ele, aqui, parecer transformar num <i>mínimo</i> da tarefa da tradução aquilo que consideramos ser o máximo; ao contrário, indaguemos tão-</p>	<p>388/ 1986</p>

¹⁰Der Ueberserzer muss den Schein der vollkommensten Freiheit mit der vollkommensten Gesezmässigkeit behaupten. Es ist nicht genug, Schwierigkeiten zu beseitigen, *auch der Schweiss muss verborgen bleiben, den der Sieg gekostet hat.* (Jacobs Verm. Schrif. II. Th. p.19)

¹⁰O tradutor precisa afirmar a aparência da mais perfeita liberdade com a mais perfeita regularidade. Não basta eliminar dificuldades, *também precisa ficar oculto o suor que a vitória custou* (Jacobs: *Vermischte Schriften* [Obras Mistas de Jacob]. Parte II, p. 19).

<p>als das Höchste gilt, sondern wir fragen nur: Wer die Form der alten Schriftwerke nachzubilden sich bestrebt, kann der ein andres Ziel kennen, als Anmuth und Schönheit? Worin liegt denn jener eigenthümliche Reiz der Schriften des Alterthums, welchem keine Zeit seine Blüthe abzustreifen vermag, jener unwiderstehliche Zauber, welcher die Bewunderung aller Jahrhunderte fesselt? Es ist die Grazie selbst, die nie alternde, ewig blühende! Darum ist und bleibt die höchste Aufgabe alles Uebersetzens: Aus dem Schönen ins Schöne! Und wer diess Ziel nicht erstreben kann oder will, der ist des hohen Berufs der Vermittlung zwischen alter und neuer Zeit unwürdig, der trübe den lautern Quell klassischer Rede nicht durch unreine Hände, und halte sich fern von dem Alterthum¹¹.</p>		<p>somente: aquele que se empenha em reproduzir a forma das escrituras clássicas pode conhecer outro objetivo senão a graciosidade e a beleza? Em que reside mesmo aquele verdadeiro encanto dos escritos da Antiguidade, cujo apogeu nenhum tempo logra desfazer, em que consiste aquela magia irresistível que cativa a admiração de todos os séculos? É a própria Graça, a que nunca envelhece, a que está eternamente em flor! Por este motivo, é e continua a ser a tarefa suprema de todo traduzir: do Belo para o Belo! E quem não puder ou quiser ambicionar esta meta é indigno da alta missão de mediação entre o tempo antigo e o moderno, e não turve a fonte pura do discurso clássico com mãos sujas e mantenha-se distante da Antiguidade¹¹.</p>	
--	--	--	--

¹¹ Muss den nicht durch solche Uebersetzungen, wie wir sie namentlich von *Tazitus* haben, das Urtheil über den künstlerischen Werth der Schriftsteller des Alterthums, also die Vorstellung vom Alterthum selbst gänzlich verkehrt werden? – Der *Woltmann*'schen Uebersetzung widerfährt, was ihr gebührt, von dem Rez.in der Hall. Allg. Lz. 1826.89: „Wer wird nicht, wenn er *Woltmanns* Uebersetzung liest, meinen, *Tazitus* habe ein latein geschrieben, so rauh, so ungefüge und barbarisch, als der Kriegsgesang der alten Germanen war, den Ammianus Marcellinus mit dem Rollen eines Rüstwagens über einen Knüppeldamm verglich.“

¹¹ Será que, mediante essas traduções, como as temos principalmente de obras de Tácito, o juízo sobre o valor artístico dos escritores da Antiguidade, i.e., a

<p>Was <i>Goethe</i>¹² ziemlich unverständlich ausdrückt, wenn er als die dritte und höchste Uebersetzungs-Epoche diejenige bezeichnet, wo man die Uebersetzung dem Original identisch machen möchte, so dass eins <i>nicht anstatt des andern, sondern an der Stelle des andern gelten solle</i>, diess enthält das dritte Erforderniss, welches wir an eine Uebersetzung stellen, dass sie nämlich etwas an sich sei. Sie soll nicht blos ein Surrogat, ein Ersaz für die Unzugänglichkeit des Originals sein. Wir wollen eine Uebersetzung, welche man für sich geniessen kann, und nicht erst in die Urschrift zurückübersetzen braucht, um sie geniessbar zu machen¹³. Sie darf nicht erst ihren Werth durch ihr Vorbild erhalten, darf nicht einem Symbole</p>	<p>277 / 1516</p>	<p>O que Goethe¹² exprime de modo bastante enigmático, ao designar como a terceira e mais sublime época de tradução aquela em que se quer tornar a tradução idêntica ao original, de modo que um <i>não</i> deva valer <i>em vez do outro</i>, mas sim <i>no lugar do outro</i>, encerra a terceira exigência que pleiteamos de uma tradução, isto é, que ela seja <i>propriamente algo</i>. Ela não deverá ser tão-somente um sucedâneo, um substituto da inacessibilidade do original. Queremos uma tradução que as pessoas possam desfrutar para si, sem primeiramente necessitar retrovertê-la para a escrita original a fim de torná-la desfrutável. É inadmissível que ela somente obtenha seu valor</p>	<p>311 / 1526</p>
--	-----------------------	---	-----------------------

ideia sobre a própria Antiguidade, não precisa ser totalmente invertido? – Com a tradução de *Woltmann* acontece o que lhe cabe, pelo crítico do *Hallesche Allgemeine Literaturzeitung*, 1826, 89: “Quem não pensará, ao ler a tradução de *Woltmann*, que *Tácito* escreveu um latim tão rude, tão avultado e barroco quanto o era o canto de guerra dos antigos germânicos, que Amiano Marcelino comparou com um carro de guerra rolando sobre um caminho de troncos”.

¹²S. W. Thl. VI. p. 239.

¹³Und wenn man gewisse Uebersetzungen darum gepriesen hat, dass sie dem Leser den Genuss gewährten, sie fortwährend gleichsam in das Original zurück zu übersetzen, so scheint mir das dem künstlerischen Werthe solcher Arbeiten geradezu den Stab zu brechen. (Droysen in s. *Aristoph. I. Th. Vorr. P. IX*)

¹²*Sämtliche Werke* [Obras completas] Parte VI, p. 239.

<p>gleichen, welches seine Bedeutung erst durch das gewinnt, woher es genommen ist, nicht einer Reliquie, welche nur durch das, woran sie erinnert, das ist, was sie ist. Die Uebersetzung wird aber dieser Aufgabe entsprechen, wenn sie jene beiden ersten Erfordernisse in sich enthält, denn ein Werk, welches Korrektheit und Grazie in sich vereinigt, ist schon etwas an sich, ein Selbständiges, und wenn <i>Solger</i> vermeint, eine Uebersetzung sei kein Kunstwerk, weil sie nichts aus dem Gemüthe darstelle, und ein Produkt der Gelehrsamkeit sei, so mag diese Definition für seine Zeiten passen, und wir begnügen uns mit der Erwiderung, dass einer Uebersetzung wenigstens das wesentlichste Merkmal eines Kunstwerks nicht fehlen dürfe, die Vollendung in sich selbst.</p>		<p>através de seu protótipo, é inadmissível que se assemelhe a um símbolo que somente vem a ganhar significado através daquilo de onde foi retirado, ou a uma relíquia que somente é aquilo que é por meio daquilo que faz lembrar. Em todo caso, a tradução corresponderá a essa tarefa, se contiver em si aquelas duas primeiras exigências, afinal de contas, uma obra que reúne em si correção e graça já é propriamente algo em si, já é uma entidade autônoma; e quando <i>Solger</i> presume que uma tradução não seria uma obra de arte¹³, uma vez que ela não representaria nada extraído da alma e apenas seria um produto da erudição, tal definição até pode adequar-se à época dele; e quanto a nós, contentamo-nos em retrucar que a uma tradução não deve faltar pelo menos a marca essencial de uma obra de arte: a completude em si mesma.</p>	
--	--	--	--

¹³ E se certas traduções foram elogiadas por garantirem ao leitor o prazer de as retroverterem continuamente, de algum modo, para o original, então isso me parece condenar francamente o valor artístico desses trabalhos. (Droysen em suas *Des Aristophanes Werke* [Obras de Aristófanes], Parte I, Prefácio, p. XIX).

<p>Eine Uebersetzung darf endlich kein willkürliches, handwerksmässiges Fertigen einer Waare sein, wie sie der Markt der Uebersetzungsfabriken alljährig zur Schau stellt. Wenn der Zweck alles Uebersetzens Vermittlung des Alterthums und der Gegenwart ist oder sein soll, so ergibt sich, dass die Zeit selbst in sich die Möglichkeit und das Bedürfniss einer solchen Vermittlung enthalten muss. Denn ohne das Vorhandensein einer bestimmten Aehnlichkeit der allgemeinen Zustände und einer gewissen Gleichheit der Stimmung ist ein richtiges Verständniss des wiedergeborenen Schriftstellers undenkbar, und ohne die Grundlage solcher analoger Färbungen der Gegenwart, welche allein nur Empfänglichkeit und Anklang bedingen, bleibt eine Uebersetzung ein unfruchtbares Samenkorn, ein fremder Stoff, den der Verdauungs-prozess der Zeit ausstösst, ohne in das Blut des Bewusstseins aufzunehmen. Vollends aber muss die Persönlichkeit des Uebersetzers in einer genauen Beziehung zu seinem Original stehen.</p>	<p>298 / 1793</p>	<p>Por fim, é inadmissível que uma tradução seja uma confecção arbitrária e artesanal de uma mercadoria, como o mercado das fábricas de traduções a apresenta todos os anos. Se o fim de todo traduzir é ou deve ser mediação da Antiguidade ou da contemporaneidade, resulta, pois, que o próprio tempo tem de abrigar em si a possibilidade e a necessidade de uma mediação dessa natureza. Pois sem a existência de uma determinada semelhança das condições gerais e de uma certa paridade do estado de espírito, é impensável um correto entendimento do escritor renascido; e sem a base desses matizes análogos do presente, os quais, sozinhos, condicionam apenas receptividade e acolhimento, uma tradução permanece sendo uma semente infrutífera, uma substância estranha que o processo digestivo do tempo expulsa, sem absorvê-lo no sangue da consciência. Mas a personalidade do tradutor precisa estar, por completo, numa relação exata com seu original. É preciso ser mesmo um poeta para poder traduzir um poeta. Entretanto, com isso não se está afirmando</p>	<p>351 / 1789</p>
--	-----------------------	---	-----------------------

<p>Man muss selbst ein Dichter sein, um einen Dichter uebersezen zu können. Damit ist jedoch nicht gesagt, dass ein gleich grosses Talent und Genie erfordert werde, und dass wir erst einen deutschen <i>Aeschylus</i> erwarten müssten, um ein deutsches Abbild des Originals zu gewinnen. Nicht diess, nicht gleich an Kraft, nur fähig, seinen Schriftsteller in sich aufzunehmen, ihm gleichsam eben-bürtig muss der Ueberserzer sein. Das Vermögen, in den Geist des Urbilds einzugehen, sich in ihn einzuempfinden und einzufühlen, reicht vollkommen hin, um die Originalität darzustellen. Es muss ein Verhältniss zwischen Schrift-steller und Ueberserzer sein, wie es <i>Gothe</i>¹⁴ zwischen <i>Wieland</i> und <i>Cicero</i> oder <i>Horaz</i> annimmt, oder, wie es zwischen <i>Gothe</i> selbst und <i>Eckermann</i> Statt findet. Wenn somit ein Ueberserzer nicht bestellt werden kann, wenn es der Fügung über-lassen werden muss, wann und wo er ertsteht, so sind doch die Bedin-gungen seiner Erscheinung nicht so hoch gestellt, dass die Zeit berufene Ueberserzer nur in langen Zwischenräumen, wie die grossen Originale selbst, zu schauenbekäme.</p>		<p>que se exigiriam um talento e um gênio igualmente grandes, e que nós primeiramente teríamos de esperar surgir um <i>Ésquilo</i> alemão, a fim de obtermos uma reprodução alemã do original. Não se trata disto, o tradutor não tem de ser igual em força, apenas precisa ser capaz de absorver em si seu escritor, equiparar-se de certa maneira a este. A capacidade de penetrar no espírito do protótipo, de pôr-se na sua pele e de identificar-se com ele basta perfeitamente para representar a originalidade. É necessário haver uma relação entre o escritor e o tradutor, como <i>Goethe</i>¹⁴ a supõe entre <i>Wieland</i> e <i>Cícero</i> ou <i>Horácio</i>, ou como aquela existente entre o próprio <i>Goethe</i> e <i>Eckermann</i>. Se com isso não for possível constituir um tradutor, se for necessário entregar ao sabor do destino quando e onde ele surgirá, assim mesmo, as condições para a sua entrada em cena acabam por não serem tão elevadas, a ponto de o tempo somente passar a ver tradutores talentosos, da mesma forma que acontece com os grandes originais, tão-somente entre longos intervalos.</p>	
---	--	--	--

¹⁴ S. W. Thl. XXXII. p.251.

¹⁴ *Sämliche Werke* [Obras completas], Parte XXXII, p. 251.

<p>Welcher Mittel sich unser Uebersezer zu bedienen, wie er zu verfahren hat, ergiebt sich aus dem bisher Gesagten von selbst. Er darf nicht selbst machen, weder auf seine eigne Faust noch durch Nachäffung, weder in Prosa noch in Poesie. Er darf nichts Fremdes unmittelbar einimpfen wollen, sondern er muss unter dem bereits Vorhandenem das Entsprechende nehmen, und sein Hauptverdienst wird sich in dem Takt und Geschick zeigen, aus dem Bereich des Volksleben oder aus der vorhandenen Litteratur mit glücklicher Hand das Analoge herauszugreifen. So war es ein guter Gedanke von <i>Lange</i>, <i>Herodot</i> in dem Gewande der <i>Lutherischen</i> Sprache wiederzugeben, denn allerdings steht diese zu uns in einem ähnlichen Verhältnisse, wie die Sprache <i>Herodot's</i> zu seiner Zeit. Das Milde und doch Kräftige, das Vertrauliche, Redselige, Treuherzige, das Schmucklose und Schlichte, alle diese Elemente sind beiden Sprachen gemeinsam, und daher gewinnen wir aus der <i>Lange'schen</i> Uebersezung einen ähnlichen Eindruck, wie ihn das Original erzeugt.</p>	<p>575 / 3191</p>	<p>De que meios o nosso tradutor precisa fazer uso, como precisa proceder, resulta, por si só, do que foi afirmado até aqui. Ele não tem permissão para criar, nem por iniciativa própria nem por macaqueação, nem em prosa nem em poesia. Ele não tem permissão para querer inocular diretamente conteúdo estrangeiro; inversamente, tem de escolher o correspondente a partir do já existente, e o seu maior mérito mostrar-se-á no tato e na habilidade de, com a mão boa, extrair o análogo a partir da esfera da vida do povo ou da literatura existente. Desse modo, foi uma boa ideia de <i>Lange</i> reproduzir <i>Heródoto</i> nas vestes da língua de <i>Lutero</i>, pois certamente esta se encontra numa relação para conosco semelhante à existente entre a língua de <i>Heródoto</i> e o seu tempo. O suave, mas forte, o familiar, o loquaz, o cordial, o desadornado e sóbrio, todos esses elementos são comuns às duas linguagens; e por isso temos com a tradução de <i>Lange</i> uma impressão semelhante com a produzida pelo original, embora em <i>Lange</i> pareça, em parte, rebuscado o que em <i>Heródoto</i> é natural: ele</p>	<p>630 / 3130</p>
--	-----------------------	--	-----------------------

<p>aber bei <i>Lange</i> erscheint zum Theil gesucht, was bei <i>Herodot</i> natürlich ist: er artet in Manier aus, und wird dadurch widerlich. Darum gebührt ihm das Verdienst des Gedankens, aber die Ausführung ist noch einem Glücklichen vorbehalten. Sogar die Wahl der Anspruchsform¹⁵, um ein Beispiel von scheinbar Gleichgiltigerem zu wählen, ist von der grössern Bedeutung, wenn es gilt, das Entsprechende und Analoge aus der Muttersprache zu finden. Am meisten hat man alles nationale und volksthümliche Gefühle bei Nachahmung der antiken Metren verläugnet¹⁶, als wenn man so ohne Weiteres das Gleiche mit einem ganz</p>		<p>degenera em afetação, tornando-se, com isto, repugnante. Por essa razão, cabe-lhe o mérito da ideia, mas a realização ainda está reservada a alguém mais feliz. Até mesmo a opção sobre o uso dos pronomes de tratamento¹⁵, para escolher um exemplo de valores aparentemente iguais, é da maior importância, quando se trata de encontrar o correspondente e análogo no seio da língua materna. Na maioria das vezes, negou-se todo e qualquer sentimento nacional e popular com a imitação dos metros clássicos¹⁶, como se fosse possível, sem maiores delongas, reproduzir a mesma coisa com um material totalmente diferente, por</p>	
--	--	--	--

¹⁵ Sehr Lesenswerthes s. hierüber in einem Schulprogramm meines ehrwürdigen Vaters, J.A. *Schäfer*, Ansb. 1794 und in den Vorr. zu seiner Uebers. Der Briefe des *Plinius*.

Der alte *Gellert* fühlt das Nothwendige und allein Fruchtbringende des Analoges sehr richtig, wenn er in seiner praktischen Abhandlung von dem guten Geschmack in Briefen bei einem Plinianischen briefe *Tu* und *Sie* übersetzt und dabei sagt: Bei einem einzelnen Brief, den ich als Exempel anführe, schien mir das Sie nöthig zu sein, um die Aehnlichkeit der alten und unserer Briefe fühlbar zu machen, und den Leser geschwinder zu überzeugen, dass die Regeln eines guten Briefs allezeit ebendieselben gewesen sind.

¹⁶ *Fischart*, der deutsche *Rabelais*, fügt, nachdem er seiner Muttersprache wegen der Fähigkeit, auch den Hexameter nachzuahmen, ein Lob gesungen, hinzu: Wenn sie (die deutschen Verse) nicht die Prosodie oder Stimmässigung also abergläubig, wie bei den Griechen, halten, so ist es erst billig, denn wie sie ihre Sprach *nit von andern haben*, also wollen sie auch *nit nach andern traben*. Eine jede Sprach hat ihre *sondere angeartete Tönung* und soll auch *bleiben bei derselben Angewöhnung*.

<p>verschiedenen Material wiederherstellen, etwa eine Brücke aus Stein nach demselben Plane wie eine hölzerne, oder eine eiserne gerade wie eine Brücke aus Stein bauen könnte, und nicht vielmehr jeder Stoff seine eigenen Gesetze der Anwendung in sich trüge¹⁷. Einen unbefangenen Uebersetzer wird sein eignes Gefühl leiten, was er zu opfern oder aufzunehmen, und was er in der Muttersprache als Ersatz für das Geopferte zu substituieren habe. Dabei ist wohl zu beachten, dass, nachdem unsere Sprache durch manchen schönen</p>		<p>exemplo, construir uma ponte de pedra com o mesmo projeto de uma ponte de madeira ou uma ponte de ferro exatamente como uma de pedra, e como se, antes, cada substância não trouxesse em si suas próprias leis de aplicação¹⁷. Um tradutor imparcial será conduzido pelo seu próprio sentimento em relação ao que deverá sacrificar ou absorver e ao que deverá usar na língua materna para substituir a parte sacrificada. Nesse caso, é preciso observar que, após a nossa língua haver sido enriquecida por alguns belos acréscimos de</p>	
---	--	---	--

¹⁵ Sobre esse tema há boa leitura em um Programa Pedagógico do meu venerável pai, J. A. *Schäfer*, publicado em Ansbach no ano de 1794, bem como no prefácio de sua tradução das Cartas de *Plínio*.

O velho *Gellert* entende como muito correta a analogia, vista como necessária e única capaz de gerar frutos, quando, em seu ensaio prático sobre o bom gosto em cartas plinianas, traduz *Tu* por *Sie*, afirmando: “Em uma carta que apresento como exemplo, *Sie* pareceu-me necessário para tornar perceptível a semelhança entre as cartas da Antiguidade Clássica e as nossas, e para convencer mais rapidamente o leitor de que as regras de uma boa carta sempre foram as mesmas.”

¹⁶ *Fischart*, o *Rabelais* alemão, acrescenta, após entoar loas à capacidade de sua língua materna de imitar também o hexâmetro: “Se eles (os versos alemães) não mantêm a credulidade da prosódia e da afinação como nos gregos, então é perfeitamente justo que, assim como *não devem sua língua a outrem*, também *não querem andar no galope de outrem*. Toda língua tem sua *tonalidade especial inata* e assim também deverá *permanecer com o mesmo hábito*.”

¹⁷ Ueber die Art, wie ein sinniger Uebersetzer im Metrischen zu verfahren habe, muss man *Droysen's* Vorrede zu s. Aristoph. T. Thl. p. XVI nachlesen.

¹⁷ Sobre a maneira como um tradutor sensato deverá proceder em relação à métrica, é mister conferir o prefácio de *Droysen* à sua tradução de *Des Aristophanes Werke, I. Theil* [As obras de Aristófanes, Parte I], p. XI a XVI.

<p>Zuwachs von allmählich akklimatisirten Metren aus den alten und neuern Sprachen wirklich bereichert worden ist, wir nicht mehr so viel, wie vordem, zu opfern haben, sondern es steht uns bereits ein weites Feld von einheimischen Mitteln offen, um alte Originale mit genügender Wahrheit der Form darstellen zu können.</p>		<p>metros paulatinamente aclimatizados, já não temos tanto a sacrificar como antes, mas, muito mais, já se nos encontra aberto um amplo campo de recursos vernaculares, para podermos apresentar antigos originais com bastante veracidade formal.</p>	
<p>Wie bekämpft aber <i>Schleiermacher</i> diese von uns vertretene Methode, deren Ziel ist, dahin zu wirken, dass wir die Alten so, wie sie lebten und lebten, endlich auch in unsrer Muttersprache genießen können? Er verzichtet auf eine solche Uebersetzung nicht, weil er ihre Vorzüge verkannte, sondern weil er sie für unmöglich hält. „Wie kann man einen Menschen von seiner angeboren Sprache trennen wollen, und meinen, es könne ein Mensch oder auch nur eine Gedankenreihe eines Menschen eine und dieselbe werden in zwei Sprachen? Oder wenn sie denn auf gewisse Weise verschieden sind, wie kann man sich anmassen, die Rede bis in ihr Innerstes aufzulösen, den Antheil der Sprache daran auszuschneiden, und durch</p>	<p>132 / 713</p>	<p>Mas como <i>Schleiermacher</i> combate este método defendido por nós, cujo objetivo é trabalhar para que finalmente possamos apreciar os antigos, em nossa língua materna, da maneira como eles viviam? Ele prescinde de uma tradução dessa natureza, não porque a menospreze, mas porque a considera impossível. “Como se pode querer separar uma pessoa de sua língua nativa e achar que uma pessoa ou mesmo apenas uma sequência de ideias de uma pessoa possam ser as mesmíssimas em duas línguas? Ou mesmo que, de certa maneira, sejam distintas, como pode alguém arvorar-se em decompor o discurso até atingir seu âmago, excretar daí a parte da língua e, mediante um novo processo igualmente</p>	<p>128 / 638</p>

<p>einen neuen, gleichsam chemischen Prozess sich das Innerste derselben verbinden zu lassen mit dem Wesen und der Kraft einer andern Sprache?“</p>		<p>químico, deixar que o âmago da língua se associe à essência e à força de uma outra língua?”</p>	
<p>Allerdings kann man den Menschen von seiner Sprache nicht, wie die Frucht von der Schale, lostrennen, und sie ist kein Kleid, das man einem auszieht, um ihm ein andres dafür anzuziehen. Handelt denn aber <i>Schleiermacher's</i> Ueberserzer dieser Wahrheit würdiger als wir? Er kleidet sich, wie der Römer oder Grieche gekleidet war, präsentirt sich dann in dieser Vermummung und beginnt seine Komödie! – Wenn der Gedanke sich seine Form schafft, wie die Seele sich gleichsam selbstthätig mit dem ihr gebührenden Körper umgiebt, so kann er doch wohl das Nämliche noch einmal, im Deutschen, thun, was er bereits einmal, im Griechischen, gethan hat. Es handelt sich also nur darum, dass der Ueberserzer geistesverwandt, und dass er hingebend genug sei, um den schon einmal gedachten Gedanken nachzudenken d.h. in sich aufzunehmen und in freiem Geiste (gleich wie</p>	<p>200 / 1100</p>	<p>Indubitavelmente, não se pode separar o ser humano de sua língua como o fruto de sua casca, e ela não é uma roupa que se despe a alguém para vesti-lo em seguida com outra roupa. Mas será que o tradutor de <i>Schleiermacher</i> trata essa verdade de modo mais digno que nós? Ele se veste como o romano ou como o grego se vestia, apresenta-se, em seguida, nesse disfarce e começa a sua comédia! – Se o pensamento cria sua forma, do modo como a alma se cerca – de certo modo por si só – do corpo que lhe convém, então ele certamente também poderá fazer o mesmo mais uma vez, em alemão, o que já fez uma vez em grego. Portanto, trata-se apenas de o tradutor ter afinidade de espírito e ser dedicado o bastante para repensar o pensamento já pensado uma vez, ou seja, registrá-lo em si e deixá-lo reproduzir-se com o espírito livre (da mesma maneira como ocorre com a mulher para o embrião). De nós não é exigida nenhuma palhaçada, mas</p>	<p>227 / 1055</p>

das Weib beim Embryo) sich reproduzieren zu lassen. Nicht eine Mummerei, sondern ein nochmaliges Entstehen in einem homogenen Geiste und homogenen Elemente wird von uns gefordert ¹⁸ .		um ressurgir em um espírito homogêneo e em uma forma homogênea ¹⁸ .	
Zum Zweiten fürchtet <i>Schleiermacher</i> , eine solche Uebersetzung müsse nothwendig sich in Nachbildung verlieren. Er sucht diess aus der Unmöglichkeit nachzuweisen, die Philosophische, innerhalb der Gränzen eines bestimmten Kreises gänzlich abgeschlossene, Sprache überzutragen, ohne entweder zu paraphrasiren oder nachzubilden, und findet die Aufgabe vollends unausführbar bei der Komödie.	47 / 339	Em segundo lugar, <i>Schleiermacher</i> teme que uma tradução desse tipo deva necessariamente perder-se em reprodução. Ele faz a tentativa de demonstrá-lo a partir da impossibilidade de transpor a linguagem filosófica, totalmente fechada no seio de um determinado círculo, sem nem parafrasear nem imitar, considerando essa tarefa, no caso da comédia, inteiramente inexecuível.	52 / 318
In der Philosophie ist man nun einmal gewohnt, dass jeder Philosoph und jede Philosophie sich eine eigne Kunstsprache <i>bilde</i> und <i>mache</i> . So wollen wir denn auch dem <i>Plato</i> und	338 / 2084	Ora, na Filosofia já se está acostumado a que todo filósofo e toda filosofia <i>crie e faça</i> uma linguagem artificial própria. Assim, também queremos deixar <i>Platão</i> e <i>Aristóteles</i> com	387 / 2049

¹⁸ Es ist mir vorgekommen, dass, wer einen solchen grossen Alten unserm Jahrhundert darstellen will, sich in ihn verwandeln und nicht sclavisch, sondernwie die Schrift sagt, κατ' ἐξουσίαν den Charakter seines Ausdrucks vortragen soll. Joh. v. Müller. S. W. VIII p.413.

¹⁸ Ocorreu-me que quem pretende apresentar um grande da Antiguidade ao nosso século nele deverá transformar-se, não de forma escravizada, mas proferir, conforme reza a Escritura, κατ' ἐξουσίαν, o caráter da expressão do autor. Johannes von Müller. *Sämtliche Werke* [Obras completas] VIII, p. 412.

<p><i>Aristoteles</i> die ihrige lassen und ihrem Uebersetzer gestatten, dass er hier besondere Ausdrücke <i>sich mache</i>, so weit das technische Gebiet der Begriffsbestimmungen es fordert. In der Komödie aber wird der Uebersetzer allerdings nicht umhin können, <i>theilweise</i> Nachbildner zu sein. Dadurch ist jedoch nur ein gradweiser, nicht ein spezifischer Unterschied von den andern Uebersetzungen bedingt. <i>Theilweise</i> ist jede Uebersetzung, auch die <i>Vossisch-Schleiermacher'sche</i>, Nachbildung. Denn <i>durchgängiges</i> Substituiren lauter neuer Dinge, so dass ein Werk ganz und gar aus seiner Umgebung herausgerissen und der unsrigen einverleibt wird, ist Nachbildung, <i>theilweises</i> aber ist Uebersetzung. Wenn übrigens <i>Schleiermacher</i> gerade <i>Aristophanes</i> wählt, um die Unausführbarkeit unsrer Methode darzuthun, so hätte er nicht glücklicher für uns wählen können. Denn hier haben wir nicht nur durch <i>Goethe</i> ein Beispiel der Nachbildung, gegenüber der Uebersetzung, sondern</p>		<p>sua língua e permitir a seu tradutor que, neste caso, <i>crie</i> expressões especiais, na medida em que o campo das definições técnicas o exigir. Na comédia, porém, o tradutor não poderá deixar de ser, <i>em parte</i>, um reproduzidor. Desse modo, porém, apenas uma diferença gradual, não uma específica, é condicionada pelas outras traduções. Toda tradução, inclusive a de <i>Voß</i> e <i>Schleiermacher</i>, é <i>em parte</i> reprodução. Pois uma substituição <i>geral</i> de uma série de coisas novas, de modo que uma obra seja totalmente arrancada do seu ambiente e incorporado ao nosso, é reprodução, mas substituição parcial é <i>tradução</i>. Aliás, quando <i>Schleiermacher</i> escolhe justamente <i>Aristófanes</i> para mostrar a inviabilidade do nosso método, ele então, para nós, não poderia ter feito uma melhor escolha. Pois, aqui, não apenas temos, por intermédio de <i>Goethe</i>, um exemplo de reprodução perante a tradução, mas também, nesta última disciplina, dois desempenhos que nós não teríamos mesmo sido capazes de encontrar mais</p>	
--	--	--	--

<p>auch in dem leztern Fache zwei Leistungen, wie wir sie passender selbst nicht hätten auffinden können. Nach dem Vorgange <i>Wolfs</i>¹⁹, und nach dem misslungenen Versuche <i>Vossens</i>²⁰, hat uns <i>Droysen</i> den alten Dichter so wiedergegeben, dass er einer der unsrigen geworden ist, oder, wie ein geistvoller Rezensent^{†21} sagt: „<i>Droysen</i>’s Bemühung hat die Stellung des wirklichen definitiven Verdauungsprozesses alter Dichter im Gegensatz gegen die <i>Vossische</i> Aufgabe, unsre Sprache und Dichtung mit altklassischer Eigenthümlichkeit zu bereichern. – Er will geben und gibt wirklich</p>		<p>convenientes. Conforme o processo de <i>Wolf</i>¹⁹ e segundo a tentativa fracassada de <i>Voß</i>²⁰, <i>Droysen</i> reproduziu-nos o poeta clássico de maneira tal que este acabou se transformando num dos nossos ou, como afirma um engenhoso crítico literário^{†21}: “O empenho de <i>Droysen</i> assume o papel do verdadeiro e definitivo processo de digestão de poetas clássicos, ao arrepio da tarefa empreendida por <i>Voß</i> de enriquecer nossa língua e nossa poética com especificidades da Antiguidade Clássica. – Ele tenciona dar, e realmente dá, uma tradução não apenas erudita e esquisitamente (?) elegante, mas também</p>	
---	--	--	--

¹⁹ S. im *Schütz*’schen Briefw. I. p.220. *Jacobs*’s Urtheil über *Wolf* und *Voss*.

²⁰ Die *Vossische* Uebersetzung ist und bleibt zwar ein merkwürdiges moralisches Phänomen unsrer Zeit, durch diese hervorgerufen und gefördert, dürfte aber in ästhetischem und technischem Betracht selbst noch nicht für ein gelungenes, sondern künftigem Gelingen vorarbeitendes Unternehmen angesprochen werden. Jenes dürfte nicht ausbleiben, wenn wir des Gottes eignen Rath beherzigen: (*Frösche* 1445) *Sprich etwas ungelehrter und verständlicher*. Rez. Im *Hermes* XVII. p.7.

²¹ Hall. Jahrb. 1839.1.

¹⁹ V. na Briefwechsel [Correspondência] de *Schütz*, Parte I, p. 220, o parecer de *Jacob* sobre *Wolf* e *Voss*.

²⁰ Na verdade, a tradução de *Voss* é e permanece um curioso fenômeno moral do nosso tempo, causado e fomentado por este, mas, do ponto de vista estético e técnico, não deveria ser avaliada sequer para uma iniciativa bem sucedida de preparação para um futuro êxito. Este deveria fazer-se presente, se tomássemos a peito um conselho de Deus: (*Frösche* [As rãs] 1445) “Fale um pouco menos erudito e mais compreensível.” Crítica em *Hermes* XVII, p. 7.

²¹ Hallische Jahrbücher 1839 1.

<p>nicht eine nur gelehrte und schrullenhaft (?) elegante Uebersetzung, sondern Poesie und den Alten wirklich frisch und verjüngt im geistigen Hauche der deutschen Gegenwart.“</p>		<p>poesia e o poeta clássico realmente viçoso e remoçado, no espírito intelectual da contemporaneidade alemã.”</p>	
<p>In solchem Geiste und in solchem Sinne muss das ganze Alterthum genähert werden. Lasse man immerhin die Befangenheit fürchten, dass die Beimischung von dem Wesen und der Persönlichkeit des Uebersetzers den Autor entstellen, und dass uns sein Bild, durch dieses Medium erblickt, nicht ganz in dem nämlichen Lichte erscheinen möchte! Nimmt auch der Uebersetzer einen Theil des Interesses für seine Persönlichkeit in Anspruch, so zeigt er uns zum Ersatz dafür an seinem eignen Beispiele, was eine treue Beschäftigung mit dem Originale gewinnen lasse, und wird unser Führer nicht allein mit den Worten, sondern auch mit der That. Und solchen Gewinn sollen wir bei der Beschäftigung mit den Alten Alle erstreben; aber wir können uns desselben nicht eher erfreuen, als bis wir jene durch und durch und von Grund aus</p>	<p>266 / 1410</p>	<p>Nesse espírito e nesse sentido, toda a Antiguidade Clássica precisa ser trazida para perto de nós. Deixe-se temer, ainda assim, o conflito de interesses de que a mistura entre o caráter e a personalidade do tradutor possa desfigurar o autor, e de que a imagem deste, observada por esse meio, não se nos possa manifestar totalmente na mesma luz! Se também o tradutor reivindicar uma parte do interesse por sua personalidade, em troca ele também nos mostrará, através de seu próprio exemplo, o que se pode obter a partir de uma fiel dedicação ao original, e se tornará nosso guia não apenas com suas palavras, mas também com seus atos. E, em meio a esta dedicação aos antigos, nós todos devemos aspirar a um ganho desses; mas não podemos usufruir deste, sem que antes entendamos aqueles a fundo e por completo, de modo que nos tornemos, nós a eles, e</p>	<p>284 / 1389</p>

<p>verstehen, so dass wir in ihnen und sie bei uns ganz heimisch werden. Auf halbem Wege wird aber hier Nichts erreicht. Nur selbstische Menschen oder Schwächlinge bringen halbe Hilfe statt ganzer: jene, indem sie dafür sorgen wollen, dass man ihrer Dienste niemals entrathen könne, diese, weil sie es nicht besser vermögen. Der tüchtige Mensch und der Meister seines Faches drückt nicht mit der einen Hand nieder, indem er mit der andern emporhilft. Nur durch Vermittlungen solcher Art, wie wir sie fordern, wird die Aufgabe gelöst, welche wir dem Althertum gegenüber, als einem Theil der Weltgeschichte, selbst an uns zu stellen haben, und nur so kann und wird es allmählich erreicht werden, dass dasselbe endlich aufhöre, für uns ein bloser Name zu sein, und das lähmende Anstaunen des Unbegriffenen sich in ein freudiges Erkennen und begeistertes Nachahmen verwandle!</p>		<p>eles a nós, inteiramente familiares. Não obstante, com meio caminho andado, aqui nada se logrará. Apenas as pessoas egoístas ou os fracotes prestam meia ajuda ao invés de ajuda inteira: aquelas, tratando de fazer com que nunca se possa prescindir dos seus serviços, e estes, por não poderem fazê-lo melhor. A pessoa competente, o mestre de sua própria disciplina, não oprime com uma mão para ajudar a subir com a outra. Somente através de mediações dessa espécie, como as exigidas por nós, soluciona-se a tarefa que, perante a Antiguidade Clássica como uma parte da história mundial, temos de nos propor, e apenas assim poderá ser alcançado, paulatinamente, que a mesma deixe de ser um mero nome, e que a contemplação paralisante diante do incompreendido transforme-se em um prazeroso descobrir e em um entusiástico imitar!</p>	
<p style="text-align: center;">—</p>		<p style="text-align: center;">—</p>	
<p>Ich gehe nunmehr zu dem eigentlichen Zweck dieses</p>	<p>38 / 258</p>	<p>Passando agora ao verdadeiro ensejo deste</p>	<p>44 / 260</p>

<p>Programms über, und lade im Namen des Rektorats und sämtlicher Lehrer alle Gönner und Freunde der Jugendbildung ergebenst ein, die angekündigte Feier der Preisverleihung mit Ihrer Gegenwart beehren zu wollen.</p>		<p>evento, em nome da Diretoria e de nosso quadro de professores, tenho a honra de convidar todos os patronos e amigos da formação de jovens a brindar-nos com sua presença na já anunciada solenidade de entrega de prêmios.</p>	
<p>Erlangen am 28. August 1839.</p>	<p>5 / 24</p>	<p>Erlangen, 28 de agosto de 1839.</p>	<p>6 / 26</p>
<p>Prof. D. Karl Schäfer</p>	<p>4 / 18</p>	<p>Prof. D. Karl Schäfer</p>	<p>4 / 18</p>
	<p>7781 / 44381</p>		<p>8611 / 45358</p>

3 COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

Em primeiro lugar, cabe observar que, para a tradução do texto *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* foi necessário tomar algumas decisões primeiras a respeito do tom que o texto deveria ter, ou seja, como deveria soar, no conjunto do texto traduzido para o português do Brasil, a mensagem de Karl Schäfer: como um texto de um erudito brasileiro do século XIX ou como um texto erudito atual? É certo que ambos os caminhos apresentam dificuldades. Por um lado, escrever como um erudito do século XIX pode, no final, soar falso, pedante, desnecessariamente amaneirado ou até mesmo desestimulante para a leitura. Por outro, escrever como o texto de um erudito atual não é tarefa das mais fáceis, pois seria preciso definir ou ter em mente quem seria um erudito brasileiro atual. No final, optou-se por escrever um texto, na medida do possível, num português atual com algumas pitadas de termos e construções mais clássicas, um registro e estilo encontrados, por exemplo, na escrita de professores universitários que utilizam um registro moderado no dizer de CUNHA & CINTRA⁵⁸ (1995, p. 7).

É mister salientar que o texto de Karl Schäfer, com que se trabalhou para a realização desta pesquisa e para a escrita desta tese, é um fac-símile do original e encontra-se escrito com a ortografia do alemão do início do século XIX. Ademais, vale lembrar que, naqueles idos de 1839, quando veio a lume o ensaio de Karl Schäfer, a língua alemã ainda estava em processo de uniformização ortográfica e até mesmo fonética. Mesmo entre a escrita de Friedrich Schleiermacher, que durante 34 anos foi contemporâneo de Schäfer, e a escrita deste, embora haja muitas semelhanças também há diferenças ortográficas. O primeiro usava, a título de exemplo, o “Eszett” (β), uma letra utilizada na língua alemã desde o século XIV com o valor da sibilante desvozeada [s], enquanto que o segundo a substituíra, como muitos outros autores da primeira metade do século XIX, por “ss”.

Obviamente, se a decisão sobre o tom do texto houvesse sido tomada visando a reproduzir um texto em português do Brasil de

⁵⁸ “Entre as atitudes extremadas – dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais -, há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa.”

meados do século XIX, não teria sido uma solução das mais pertinentes buscar a ortografia do português da época. Nesse caso, a preocupação deveria ter girado, muito mais, em torno da escolha do vocabulário, que deveria soar, para os dias de hoje, antiquado e, por conseguinte, empolado. A escolha que se fez para esta tese, a de se escrever um texto de cunho “erudito moderado” para os dias atuais, permite que, em menor escala, se usem certos termos e certas construções cada vez menos usados no Brasil, como ocorre com a mesóclise.

No tom de século XIX que exala o texto de Karl Schäfer há aspectos que foram mantidos, pois dizem respeito estritamente a escolhas semântico-estilísticas do autor, que, se suprimidas ou substituídas, muito roubariam do caráter de erudito afeito a conteúdos da Antiguidade Clássica. Dessa forma, quando o autor usa o termo *Grazie* (*Graça*), seguido do aposto *die nie alternde, ewig blühende* (*a que nunca envelhece, a que está eternamente em flor!*), teve-se o cuidado de escrever o termo *Graça* com maiúscula, pois o autor fazia, ali, uma alusão direta a uma das três Graças, mais especificamente *Talia*, a que faz brotar flores, filha de Zeus com Eurínome e irmã de *Aglaia* e *Eufrosina* (BRANDÃO, 2009, p. 167). Como os substantivos em alemão, mesmo àquela época, são escritos todos com inicial maiúscula, há sempre o perigo de se fazer uma má escolha em português, quando, como no caso aqui analisado, o termo preciso exige maiúscula, embora ele, por também existir em sua qualidade de substantivo comum genérico, possa ofuscar o tradutor, impedindo-o da opção pelo substantivo próprio grafado com inicial maiúscula.

No campo de termos ou metáforas alusivas a termos extraídos da Antiguidade Clássica, ressalte-se ainda o vocábulo *Palladium*. Ao referir-se ao idioma alemão, que, segundo ele, a nação alemã deveria manter e preservar, Schäfer utiliza esse termo para designar a língua de seu país. O termo, que não é de uso corriqueiro também em alemão, foi mantido em português, conservando-se, assim, o ar clássico que o termo empresta ao texto, embora se saiba de nem todo leitor saberá, sem uma consulta prévia, que *Paládio* era o nome tutelar da cidade de Roma, mais tarde assimilada à Palas grega (HOUAISS 2000). Tampouco saberá que esta palavra, em sentido metafórico e escrita com inicial minúscula, assume o significado de “qualquer objeto sagrado à guarda do qual se confiava a segurança de uma cidade ou estado” (*id.*). Termos como estes emprestam, de qualquer maneira, um colorido de texto escrito no século XIX, quando ainda, mais do que no século XX e no

atual, se recorria a muitos termos greco-latinos para gerar, nos textos, conteúdos cheios de erudição e cultura.

Ainda na área de vocabulário oriundo da Antiguidade Clássica, é digno de menção o uso da expressão *Ixionswolke*, quando Schäfer quer mostrar o modo como os alemães entendem o método ou o ato de traduzir, que, segundo ele, é bem diferente dos procedimentos de tradução de outros povos, tais como ingleses e franceses: *Nur wir Deutsche umarmen diese Ixionswolke eines Uebersetzungsideals, und bilden uns noch etwas Erklekliches darauf ein, dem Unmöglichen ohne Mitbewerber und Nebenbuhler nachzujagen* (Apenas nós alemães abraçamos essa nuvem de Íxion, simulacro de um ideal de tradução, e ainda inculcamos uma ideia grandiosa: perseguir o impossível sem concorrentes e rivais). Para se compreender melhor a simbologia empregada por Schäfer, veja-se este relato sobre Íxion num contexto com a deusa Hera:

Íxion, rei dos Lápitais, tentou seduzi-la, mas acabou envolvendo em seus braços uma nuvem, que Zeus confeccionara à semelhança da esposa. Dessa “união” nasceram os Centauros. Para castigá-lo, Zeus fê-lo alimentar-se de ambrosia, o manjar da imortalidade, e depois lançou-o no Tártaro. Lá está ele girando para sempre numa roda de fogo. Protegeu o navio Argo, fazendo-o transpor as perigosas Rochas Ciâneas, as Rochas Azuis, e guiou-o no estreito fatídico entre Cila e Caribdes. (BRANDÃO, 2009^a, p. 298s.)

Certo é que, tanto Schäfer quanto Schleiermacher, viveram numa época em que os autores clássicos greco-romanos estavam em alta. Os escritores alemães da melhor estirpe, Goethe e Schiller, à frente de todos, apresentavam uma *allure* classicista, chegando, inclusive, a recriar obras clássicas, como a já citada recriação, por Goethe, da tragédia *Ifigênia em Táuris*, do grego Eurípides. Ressalte-se também que os liceus alemães tinham o grego e o latim como matérias fundamentais, em que se praticavam não apenas os conceitos gramaticais e os conteúdos semânticos, mas a tradução e a exegese de textos clássicos de diversos autores.

A seguir serão feitos alguns comentários sobre a tradução do texto, mais precisamente sobre algumas escolhas semânticas feitas pelo

autor deste trabalho. Não raro, trata-se, aqui, de vocábulos que chegam a ostentar um valor terminológico dentro do texto de Karl Schäfer.

3.1 TERMOS-CHAVE NO CAMPO DA TRADUÇÃO

Para compor seu texto, que é uma crítica aberta e negativa ao célebre texto de Friedrich Schleiermacher *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* [Sobre os diferentes métodos de traduzir], Karl Schäfer faz uso de conceitos referentes à teorização que então se fazia acerca do ato de traduzir. Em geral, os termos coincidem, portanto, com os usados pelo hermeneuta alemão, já que ambos foram contemporâneos. Tais termos encerram nuances que a língua alemã consegue ilustrar muito bem, mas que muitas vezes, perdem um pouco de seu vigor através da tradução ou podem ganhar, inclusive, outras conotações. Vejam-se, a seguir, alguns exemplos dos termos originais e as opções que se fizeram neste trabalho de pesquisa.

O termo *Uebersetzen* presente no título do ensaio de Karl Schäfer, da mesma forma que surge no título do texto de Friedrich Schleiermacher, é um verbo substantivado, fenômeno muito comum na língua alemã, que, embora talvez com menos frequência de uso, também existe na língua portuguesa. Escolheu-se, para este trabalho, o termo *traduzir*, como forma de verter este termo para o português, porque o infinitivo substantivado (*a tarefa de traduzir*) leva o leitor a entender que ali se fez uma referência ao ato em si (*o traduzir*) e não ao produto final (*a tradução*). Saliente-se, aqui, que Antoine Berman, ao verter o texto de Schleiermacher para o francês (SCHLEIERMACHER, 1999, p. 31, também optou pelo infinitivo substantivo: *Des différentes méthodes du traduire*. Numa publicação brasileira do texto original *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, em que este é confrontado com três traduções em língua portuguesa (FURLAN, 2011, p. 3), verificam-se as seguintes soluções: a tradutora Margarete von Mühlen Poll recorre ao substantivo (*Sobre os diferentes métodos de tradução*), ao passo que os outros dois tradutores, Mauri Furlan e Cerlso R. Braidá, decidiram-se, de forma idêntica, pelo uso do verbo substantivado: *Dos diferentes métodos de traduzir*.

Ainda sobre o título do ensaio de Karl Schäfer, cumpre destacar que, no tocante ao termo *Aufgabe*, aqui não se quis fazer nenhuma alusão a um possível duplo entendimento dessa palavra alemã, que admitiria pelo menos duas traduções em português, *tarefa* e *renúncia*,

como já se viu acontecer com traduções do famoso ensaio de Walter Benjamin, *Die Aufgabe des Übersetzers*. Vale lembrar que o título desse ensaio benjaminiano já foi traduzido, no Brasil, como *A tarefa-renúncia do tradutor*, embora, numa segunda edição revisada da mesma tradução, se tenha preferido suprimir o termo *renúncia*. Ambas as traduções foram feitas por Susana Kampff Lages, sendo que, na segunda, ao prescindir do segundo sentido de *Aufgabe*, a tradutora apresentou o jogo de palavras numa nota explicativa no final do texto.

Outro termo que merece ser analisado é *Nachbildung*, que já surge no início do texto de Schäfer e que também já fazia parte das conceitualizações de Schleiermacher. O termo não é criação de nenhum dos dois. No *Deutsches Wörterbuch* von Jacob und Wilhelm Grimm [Dicionário Alemão de Jacob e Wilhelm Grimm], versão *on-line*, doravante DW GRIMM, iniciado em 1838, há exemplos do termo utilizado por diferentes autores (Klopstock, Wieland, Goethe etc.). Em seu texto *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, Schleiermacher (1999, p. 46s.) utiliza esse termo, que Berman (*id.*, p. 46) traduz como *imitation*, embora, no mesmo trecho, quando o autor refere-se a um termo da mesma família, *Nachbild*, Berman recorre à palavra *reprodução*. Nas três traduções apresentadas por Furlan (2011, p. 20), dois tradutores optam por imitação para *Nachbildung* e *Nachbild*, e um terceiro por imitação para *Nachbildung* e cópia para *Nachbild*. Há de se esclarecer que *Nachbildung* é o ato em si, enquanto que *Nachbild* é o resultado da ação. Em seu texto, Schäfer emprega algumas vezes o termo *Nachbildung*, mas nunca *Nachbild*, embora use uma vez o termo *Nachbildner*, que seria o agente que pratica a determinada ação expressa pelo verbo *nachbilden*, usado por Schäfer já na primeira frase do seu texto. Neste trabalho, com base em exemplos encontrados, p.ex., no DW GRIMM, onde se vê que, ao lado de imitar, esse verbo significa também reproduzir, optou-se pelo termo *reprodução* para *Nachbildung*, sobretudo porque Schäfer usará, posteriormente, o termo *Nachahmung* (*imitação*) e o termo *Nachäffung* (*macaqueação*). Não se pode negar que os dois primeiros termos por ele utilizados surgem como sinônimos; o termo *Nachäffung*, por seu turno, surge com o mesmo tom pejorativo que sua tradução em português (*macaqueação*). Um termo que surge associado ao verbo *nachbilden*, justamente pela opção de tradução deste por *reproduzir*, merece uma explicação. Na primeira linha do seu texto, Schäfer afirma: (...) *dem freiem Schaffen und dem Nachbilden des Fremden* (...) [(...) *o livre criar e o reproduzir obras estrangeiras* (...)]. *Das Fremde* (*des Fremden* declinado no genitivo) significa,

literalmente, *o estrangeiro, aquilo que é estrangeiro*. Em português, optar por *reproduzir o estrangeiro* ou *reprodução do estrangeiro* traria dificuldades ao texto, devido às diferentes leituras que se poderiam fazer. Claro que, caso se optasse pelo verbo *imitar* ou pelo substantivo *imitação*, esse problema deixaria de existir. Todavia, para se tentar manter a variedade criada por Schäfer, preferiu-se recorrer ao termo *reproduzir*, que, na frase em questão, ficou acompanhado de *obras estrangeiras*.

A questão levantada por Schleiermacher, ao exibir, em alemão, o hiperônimo *Uebertragen*, sob o qual coloca *Dolmetschung* e *Uebersezen*, certamente se encontra também no texto de Schäfer. Ainda como referência ao termo recém-discutido, vale dizer que, no texto de Schleiermacher (1999, p.46s.), sob o conceito de *Uebersezen*, surgem as discussões sobre *Nachbildung* e *Paraphrase*. Sabe-se que, em algumas línguas - em português, por exemplo -, não é tarefa fácil manter o jogo entre *Uebertragen*, *Uebersezen* e *Dolmetschung/dolmetschen*. Em sua tradução do famoso ensaio de Schleiermacher, Antoine Berman até que tenta encontrar uma forma de sanar, em parte, o problema: cria um glossário, em que afirma:

Schleiermacher usa três termos para exprimir a atividade da tradução: *übertragen*, *übersetzen*, *dolmetschen*. Às vezes apresentados como sinônimos, e devendo ser tomados como tais, todavia, algumas nuances importantes os distinguem. *Übersetzen* significa para Schleiermacher “traduzir” em sentido estrito, ou seja, transpor um discurso de uma língua a outra. Literalmente, *übersetzen* é “transpor” ou “transferir” e designa, originariamente, como bem lembra Heidegger, a obra do balseiro que conduz os homens de uma margem à outra. *Übertragen*, que significa “transportar”, “transmitir” ou “traduzir”, é extremamente próximo de *übersetzen*. Mas seu significado é mais geral, e Schleiermacher designa, com isso, toda sorte de transposição, que ela ocorra ou não no elemento do discurso. (...) Quanto a *dolmetschen*, é o termo mais antigo, vindo da Ásia e transplantado para o alemão a partir do turco e do magiar. *Dolmetschen*

é interpretar no sentido de traduzir.⁵⁹
(SCHLEIERMACHER, 1999, p. 135s.)

Em que pese o glossário produzido por Berman, em sua tradução ele faz uso, indiferentemente, dos sinônimos *traduire* et *transposer*, de modo que não se pode encontrar a ideia do hiperônimo existente em alemão com o termo *übertragen* utilizado por Schleiermacher. Por outro lado, opta por *interpréter* para traduzir *dolmetschen*, embora use, igualmente, o termo *truchement*, que é mais antigo e também pode significar, além da atividade, o próprio intérprete, correspondendo, em português, se buscarmos termos mais antigos, a drogomano (ou dragomano) e turgimão, os quais, da mesma forma que a palavra francesa, provêm todos da língua árabe. É evidente a dificuldade que se tem, nesse caso, com a maneira de melhor verter os vocábulos *uebertragen / uebersetzen*. No texto de Schäfer, esses conceitos aparecem como sinônimos, por isso são traduzidos como *traduzir*. De maneira análoga, os dois substantivos deste decorrentes, *Uebersetzung* e *Uebertragung*, são traduzidos como *tradução*. No que concerne ao vocábulo *Dolmetschung*, preferiu-se traduzi-lo, na tradução do texto de Schäfer, da seguinte forma: *interpretação (tradução oral)*. Quis-se, com isso, evitar quaisquer outros entendimentos, que seriam errôneos, em torno do vocábulo *interpretação* em português.

Quando quer se referir ao original, ao texto de partida, Schäfer, também de forma semelhante a Schleiermacher, emprega diferentes termos: *Original* e *Urbild*. Tentou-se, na tradução aqui comentada,

⁵⁹ Trois termes rendent l'activité de la traduction chez Schleiermacher: *übertragen*, *übersetzen*, *dolmetschen*. Parfois présentés comme synonymes, et à prendre alors pour tels, des nuances importantes les distingues cependant. *Übersetzen* signifie pour Schleiermacher «traduire» au sens strict, c'est-à-dire transposer un discours d'une langue dans une autre. Littéralement, *übersetzen* est «transposer» ou «transférer» et désigne à l'origine, comme le rappelle Heidegger, l'œuvre du passeur qui conduit les homes d'une rive à l'autre. *Übertragen*, qui signifie «transporter», «transmettre» ou «traduire», est extrêmement proche de *übersetzen*. Mais sa signification est plus générale, et Schleiermacher désigne par là toute espèce de transposition, qu'elle se fasse ou non dans l'élément du discours. (...) Quant à *dolmetschen*, c'est le terme plus ancien, venu d'Asie et transplanté en allemand à partir du turc et du magyar. *Dolmetschen*, c'est interpréter au sens de traduire.

também manter dois termos distintos, que são usados como sinônimos, a saber: *original* e *protótipo*. Com o termo *protótipo* recupera-se em português, de certa forma, o sentido do prefixo alemão *ur-* (*primevo, primeiro, original*), que coincide com a ideia do prefixo de origem grega *proto*. No Dicionário HOUAISS (2000), a título de ilustração, veem-se, dentre outras, as seguintes definições para o vocábulo *protótipo*: *primeiro tipo criado; original; algo feito pela primeira vez e, muitas vezes, copiado ou imitado; modelo, padrão, cânone*. Não se pode esconder que a língua alemã, que dispõe, muitas vezes, de termos duplos, um de origem germânica e outro de procedência greco-latina, aqui apresenta uma sinonímia mais clara, mais fácil de ser deduzida, do que com a variação, em português, entre os termos *original* e *protótipo*. De qualquer maneira, deu-se preferência, aqui, a essa variação, numa tentativa de acompanhar o espírito do texto de partida.

Ainda no campo mais ligado a termos mais próximos da ideia de tradução, são merecedoras de menção e comentário estas palavras: *fremde Sprache, Ursprache, Muttersprache* e *Sprache*. A primeira refere-se, normalmente, sem quaisquer problemas, ao termo língua materna em português. *Ursprache* traduziu-se como *língua original*, não se tendo recorrido a termos como *língua-fonte* ou *língua de partida*, que são, na verdade, termos mais modernos, que fazem parte do desenvolvimento dos Estudos da Tradução recentes e contemporâneos. *Muttersprache* também se traduziu, sem nenhum problema, como *língua materna*. O problema surge, porém, com o termo *Sprache* em sua forma simples, ou seja, sem fazer parte de uma palavra composto. Apesar de o alemão ser uma língua muito reputada por aparentemente ter um termo para designar cada coisa, ou seja, apresenta talvez, comparativamente, menos abundância de polissemia que, por exemplo, a língua portuguesa, *Sprache* pode significar *língua* ou *linguagem*. E há situações, no texto traduzido aqui apresentado, em que se deve escolher entre este ou aquele termo. Vejam-se estes exemplos:

Die Treue aber, welche die Uebersetzungsmethode Vossens für sich in Anspruch nimmt, zeigt sich sonderbarer Weise dadurch, dass er jeglichen Schriftsteller in gleicher Weise übersezt hat, in diejenige Sprache, welche er sich ein für allemal in jener Periode geschaffen hatte, wo er sich seinen Standpunkt originell gestaltete.

Não obstante, a fidelidade que o método de tradução de *Voß* exige para si põe-se a nu, curiosamente, através do fato de ele haver traduzido todo e qualquer autor da mesma maneira, naquela linguagem que ele havia criado, de uma vez por todas, naquele período em que formara originalmente seu ponto de vista.

So war es ein guter Gedanke von *Lange*, *Herodot* in dem Gewande der *Lutherischen* Sprache wiederzugeben, denn allerdings steht diese zu uns in einem ähnlichen Verhältnisse, wie die Sprache *Herodot's* zu seiner Zeit.

Desse modo, foi uma boa ideia de *Lange* reproduzir *Heródoto* nas vestes da língua de *Lutero*, pois certamente esta se encontra numa relação para conosco semelhante à existente entre a língua de *Heródoto* e o seu tempo.

Nem sempre essa decisão em torno dos termos *língua* e *linguagem* é fácil, muitas vezes a fronteira entre os dois pode ser bastante tênue, como se nota no segundo exemplo. Ocorre que a língua de Lutero pode ser entendida como o alemão local que ele falava, enquanto que a linguagem de Lutero pode ser entendida como as maneiras em que Lutero se expressava na língua que usou para fazer sua reconhecida tradução da Bíblia.

3.2 O TERMO *BILDUNG* E SEUS COMPOSTOS

Muito já se escreveu sobre a dificuldade de se traduzir, nas mais diversas línguas, o termo alemão *Bildung*. Essa palavra já surge, de forma desafiadora, no primeiro parágrafo do texto de Schäfer, tanto em sua forma simples, *Bildung* (duas vezes), como em um substantivo composto, *Bildungsstufe* (uma vez). Cumpre lembrar que nesse mesmo primeiro parágrafo também surge a palavra *Nachbildung*, derivada de *Bildung*, mas que já foi tratada na seção anterior. Na apresentação do livro *Humboldt: Linguagem, Literatura, Bildung*, os organizadores da publicação tratam de apresentar de maneira explícita a dificuldade encerrada nesse termo, que, devido à sua grande complexidade, coloca muitos tradutores em situações-limite:

Como já o título deste volume indica nitidamente, há um problema sério de tradução do conceito tipicamente alemão de *Bildung*, ao mesmo tempo abrangente e central para a obra e vida de Wilhelm von Humboldt como para a cultura alemã e seu conceito social de educação em si. No dicionário dos irmãos Grimm de 1854, *Bildung* (derivado da raiz *Bild* – imagem) é definido etimologicamente primeiro como criação paralela ao latim *imago*, depois também abrangendo os significados do latim *forma* e *species*, referindo-se às formas e formações físicas da natureza, citando exemplos deste uso em textos de Lessing, Klopstock, Tieck, Kant, Schiller e Goethe (século XVIII e início do século XIX) (...). Segundo pesquisa do referido dicionário, em paralelo a esta acepção nasce o significado *cultus animi / humanitatis*, ou seja, desenvolvimento dirigido das faculdades humanas e *formation / institutio* – formação, instituição. No início do século XIX surgem composições com *Bildung* em textos de Schelling, Fichte, Kant, Schlegel, Goethe e J. Paul. Ao longo do século XIX, então, *Bildung* começou a ser usado no sentido mais abstrato de: “formação e desenvolvimento intelectual geral”, “instrução”, “erudição” ou “até nível cultural almejado / alcançado”, baseado na ideia do aperfeiçoamento tanto do indivíduo quanto do seu ambiente social, cultural e universal, e, ao mesmo tempo, implicando o compromisso ético com estes valores e a dedicação à sua preservação e divulgação. Os aspectos mais concretos de “formação”, como em “formação profissional”, porém, são expressos pela derivação prefixada *Ausbildung*. (HEIDERMANN / WEININGER, 2006, p.XIIs.)

Na tradução do texto de Schäfer, optou-se pelo termo *cultura* para *Bildung*, entendendo-se, com isto, “o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber” (HOUAISS, 2000) do povo alemão àquela época, mas como resultado da “formação e desenvolvimento intelectual geral” de que nos falam os organizadores do livro sobre Humboldt na citação acima. Seguindo essa linha de raciocínio, *Bildungsstufe* é traduzido por *nível cultural*. Já no caso do termo *Geistesbildung*, optou-se por recorrer

a outro segmento de significado que *Bildung* comporta, isto é, *instrução*. O composto foi então traduzido como *instrução humanística*, ressaltando-se que o próprio termo *Geist* já contém muitas dificuldades, visto que encerra diversos significados (*espírito, alma, alento, respiração, intelecto, raciocínio, mente, inteligência, compreensão, entendimento, capacidade mental, fantasma, espectro, gênio, talento, engenho, imaginação criadora* etc.).

3.3 OS TERMOS *ART* E *AUSARTUNG*

Na tradução do termo *Art* para o português, tentou-se, primeiramente, estabelecer e manter uma relação com o termo *Ausartung*, derivado de *Art*, que também aparece no texto. *Art* significa: *tipo, espécie, sorte, gênero* (enquanto sinônimos). *Ausartung* significa *degeneração*. Para alcançar, no português, o mesmo eco que a palavra *Art* produz em *Ausartung*, haveria de se trabalhar com os vocábulos *gênero* e *degeneração*. Ocorre que, já nas primeiras palavras do ensaio de Schäfer, é possível se ver como o termo *gênero* poderia causar confusão devido à polissemia do termo do vernáculo brasileiro:

Von den beiden Arten schriftstellerischer Tätigkeit, dem freien Schaffen und dem Nachbilden des Fremden (...)

Entre os dois tipos de atividade literária, o livre criar e o reproduzir obras estrangeiras (...)

Pelo motivo acima exposto, preferiu-se recorrer, para a tradução do termo *Art*, a um vocábulo bastante simples em português, *tipo*, que, no contexto do ensaio de Schäfer, está isento de criar associações inoportunas na mente dos leitores da tradução. Quanto ao termo *Ausartung*, foi traduzido como *degeneração*, como se pode ver neste exemplo:

Wir werden demnach, wenn uns gelingt, Schleiermacher zu widerlegen, auch zugleich die Ausartung jener Uebersetzungsschule dargethan haben, um desto ungehindert dann zeigen zu können, mit welchem Rechte man nunmehr die

Bahn, auf welche jene beiden Koryphäen, durch Wort und Werk, die Nation geleitet haben, allmählich zu verlassen beginnt.

Por conseguinte, se logarmos contestar *Schleiermacher*, haveremos evidenciado, ao mesmo tempo, a degeneração daquela escola de tradução, para podermos, então, mostrar mais livremente com que direito doravante se começa a deixar, paulatinamente, o caminho a que aqueles dois corifeus, por meio de suas palavras e de suas obras, conduziram a Nação.

3.4 OS TERMOS *WEG* E (*SICH*) *BEWEGEN*

Tanto o substantivo *Weg* (caminho, via, estrada, rumo etc.) quanto o verbo (*sich bewegen* (*mover-se, movimentar-se, encaminhar-se*)) são termos-chave utilizados por *Schleiermacher*. Estão presentes nas suas – quiçá – mais importantes frases, que servem de fundamentação para a defesa de suas ideias no famoso ensaio já abordado neste trabalho, como se pode ver a seguir, na citação contida no texto de Schäfer:

Für den *eigentlichen Uebersetzer*, sagt er, giebt es nur zwei Wege: „entweder der Uebersetzer lässt den Schriftsteller möglichst in Ruhe und bewegt den Leser ihm entgegen, oder er lässt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen. Und nun werden diese zwei Wege so angegeben, dass auf dem einen das *Nachbilden* oder Ganz-deutsch-machen, auf dem andern das *Uebersetzen* liege.“

Para o *verdadeiro tradutor*, afirma ele, somente existem dois caminhos: “ou o tradutor deixa o escritor, o máximo possível, em paz e encaminha, na direção deste, o leitor, ou deixa o leitor, o máximo possível, em paz e encaminha, para este, o escritor.” Ora, esses dois caminhos são anunciados de tal modo que num deles se encontra o *reproduzir* ou a completa germanização.”

Como se pode depreender a partir dos exemplos acima, optou-se, na tradução do ensaio de Schäfer para o português, por recorrer ao termo *caminho* para *Weg* e ao verbo correlato *encaminhar* para *bewegen*, de modo que continuasse o eco etimológico em ambas as palavras, da mesma maneira como *Weg* ecoa em *bewegen*. No texto de Schäfer, aparecerão outros termos com o radical *Weg*, como é o caso do termo *Hinbewegung*, aqui traduzido como *encaminhamento para*:

Unter dem Hinverfügen des Lesers zum Autor versteht er das Lesen des Autors in der Ursprache, unter der Hinbewegung des Autors zum Leser das völlige Deutschmachen des Römers, so dass die Uebersetzung denselben nicht zeige, „wie er selbst würde übersezt, sondern wie er ursprünglich als Deutscher deutsch würde geschrieben haben.“

Pela subordinação do leitor ao autor, entende ele a leitura do autor na língua original; pelo encaminhamento do autor para o leitor, a completa germanização do romano, de tal modo que a tradução não mostraria este “como ele próprio teria traduzido, mas como ele, originariamente como alemão, teria escrito em alemão”.

Nas traduções do ensaio de Schleiermacher para o português, normalmente se recorre ao substantivo *caminho*, mas, no caso do verbo *bewegen*, utiliza-se o verbo *levar*, de modo que não deixa entrever, nessa escolha vocabular, a correlação semântica entre os termos.

3.5 O TERMO *SCHRIFTSTELLER* E SEUS DERIVADOS

O vocábulo alemão *Schriftsteller* significa *escritor*. No texto de Schäfer, surgem, além desta palavra, duas outras que derivam dela: *schriftstellerisch* e *Schriftstellertum*. A primeira, um adjetivo, significa *próprio do escritor*, ou ainda, o que é mais viável para a frase que abre o ensaio de Schäfer, *literário*:

Von den beiden Arten schriftstellerischer Thätigkeit, dem freien Schaffen und dem Nachbilden des Fremden, wird im Verhältniss der Bildungsstufe eines Volkes und seiner grössern

oder geringern Selbständigkeit immer die eine oder die andere vorwiegen.

Entre os dois tipos de atividade literária, o livre criar e o reproduzir obras estrangeiras, sempre prevalecerá, em função do nível cultural de um povo e de sua maior ou menor autonomia, ou um ou o outro.

O substantivo *Schriftstellertum* normalmente não se encontra em dicionários bilíngues e, muitas vezes, sequer em dicionários monolíngues alemães. O DW GRIMM (*on-line*) traz tão-somente um exemplo com essa palavra, sem, contudo, dar uma explicação referente a seu emprego. Todavia, entende-se que esse termo significa a *atividade de escritor* ou, em outras palavras, *a atividade literária*. Esta última foi a solução preferida na tradução objeto desta pesquisa, como mostra o exemplo original seguido de sua tradução:

(...) bei diesem Volk ist es natürlich, dass von jenen beiden Arten des Schriftstellerthums die der Nachbildung und Aneignung des Fremden mit Vorliebe und viel fleissiger als bei andern Nationen geübt wird.

(...) neste povo é natural que, dentre aqueles dois tipos de atividade literária, o da reprodução e apropriação do elemento estrangeiro seja praticado com predileção e muito mais diligência do que em outras nações.

3.6 OS VERBOS *DÜRFEN* E *KÖNNEN*

Können e *dürfen* são dois verbos modais alemães que têm, em princípio, significados bastante distintos entre si, embora, em algumas situações notadamente coloquiais, possam ser usados como sinônimos, principalmente na linguagem falada. Em geral, o verbo modal *können* traz a ideia de capacidade física ou mental, habilidade para fazer algo, podendo, muitas vezes, ser traduzido em português por *poder*, *ser capaz de*, *ser apto para*, *ter capacidade de*, *saber* etc. Exemplos: *Ich kann lesen und schreiben* = Sei ler e escrever. *Ich kann schwimmen* = Sei nadar / Posso nadar (tenho capacidade para nadar).

O verbo modal *dürfen*, por sua vez, geralmente encerra, quando usado em orações positivas, ou seja, sem a presença de nenhum advérbio de negação, a ideia de permissão, autorização, podendo ser traduzido em português como *poder*, *ter a permissão de*, *ser admissível* etc. Se usado em frases negativas, terá, por outro lado, o sentido de proibição. Exemplos: *Darf ich bitte mal rein?* = Posso entrar? *Man darf hier nicht rauchen* = Aqui é proibido fumar / não se pode fumar.

Sobretudo na linguagem coloquial, é possível que o verbo modal *dürfen*, quando usado no sentido de permissão, seja substituído pelo verbo modal *können*. Exemplos: *Du darfst / kannst hier schlafen* = Podes dormir aqui (ou seja, não é proibido).

Em português, é sabido que a flexibilidade semântica no uso do verbo modal *poder* é tão grande que, em determinados casos, é preciso atentar bastante para o contexto, para evitar uma confusão entre o sentido de *capacidade / habilidade*, por um lado, e *permissão / autorização*, por outro, já que se costuma usar o mesmo verbo modal *poder* para cobrir essas duas modalidades distintas.

O ensaio original de Karl Schäfer contém algumas frases com os verbos modais *können e dürfen* que, ao serem traduzidas para o português, poderiam ficar com sentido ambíguo, caso se utilizasse, no texto brasileiro, simplesmente o verbo modal *poder*. Por este motivo, recorreu-se, na tradução aqui apresentada a algumas perífrases, a fim de deixar evidente o sentido original concebido pelo autor alemão. Observem-se os seguintes exemplos do texto original de Schäfer, acompanhados da respectiva tradução para o português:

Der Uebersetzer kann und darf Wort und Wendungen bilden, neue Beudeutungen schaffen, aber durchaus nicht mehr, als jeder andre Schriftsteller.

O tradutor tem a capacidade e a permissão de formar palavras e expressões, criar novos significados, mas, de forma alguma, não pode ir além do que faria qualquer outro escritor.

No exemplo original acima, aparecem os dois verbos modais *können e dürfen* ligados a um mesmo sujeito, a saber, *der Uebersetzer*. Operar com o verbo modal *poder*, nesse caso, como tradução tanto para

können quanto para *dürfen*, seria uma solução descabida ou no mínimo inábil, pois este verbo da língua portuguesa não revelaria o real valor de cada um dos dois verbos alemães no exemplo supracitado. E, agindo-se dessa forma, alterar-se-ia o sentido das palavras de Schäfer. Optou-se, na tradução objeto desta tese, pelo emprego de duas expressões perifrásticas com o verbo *ter* (ter a capacidade de / ter a permissão de), que traduzem a mesma modalidade expressa pelo verbo modal *poder* nas suas duas diferentes nuances, acima já referidas, e que deixam inequívoco o significado de cada um dos dois verbos modais alemães empregados por Schäfer. Examinem-se, abaixo, estes exemplos também extraídos do mesmo texto:

Welcher Mittel sich unser Uebersetzer zu bedienen, wie er zu verfahren hat, ergiebt sich aus dem bisher Gesagten von selbst. Er darf nicht selbst machen, weder auf seine eigne Faust noch durch Nachäffung, weder in Prosa noch in Poesie. Er darf nichts Fremdes unmittelbar einimpfen wollen, sondern er muss unter dem bereits Vorhandenem Litteratur mit glücklicher Hand das Analoge herauszugreifen.

De que meios o nosso tradutor precisa fazer uso, como precisa proceder, resulta, por si só, do que foi afirmado até aqui. Ele não tem permissão para criar, nem por iniciativa própria nem por macaqueação, nem em prosa nem em poesia. Ele não tem permissão para querer inocular diretamente conteúdo estrangeiro; inversamente, tem de escolher o correspondente a partir do já existente, e o seu maior mérito mostrar-se-á no tato e na habilidade de, com a mão boa, extrair o análogo a partir da esfera da vida do povo ou da literatura existente.

No exemplo original, Schäfer utiliza o verbo modal *dürfen* acompanhado do advérbio negativo *nicht* ou do pronome indefinido negativo *nichts*, exprimindo, assim, o sentido de *proibição*, de *não ter permissão*. Supondo-se que fosse utilizado, na versão em português, o verbo *poder*, o sentido deste verbo nas frases traduzidas a partir do original de Schäfer ficaria ambíguo; poder-se-ia pensar, neste caso, que a modalização em questão era referente à falta de capacidade ou habilidade: “Ele *não pode* criar, nem por iniciativa própria nem por

macaqueação, nem em prosa nem em poesia”. O mesmo aconteceria com a frase seguinte: “Ele *não pode* querer inocular diretamente conteúdo estrangeiro”. Ao se recorrer à expressão perifrástica *não ter permissão*, tentou-se transmitir a mesma ideia do texto original.

3.7 USO DE COMPOSTOS *AD HOC*

Uma das características mais marcantes do idioma alemão é a facilidade com que se criam novas palavras por justaposição e/ou derivação prefixal e sufixal. Esse procedimento empresta à língua alemã, em muitos casos, uma certa concisão que é difícil de se traduzir em outras línguas que não disponham dos mesmos processos de formação de palavras. Tais compostos exibem um maior grau de complexidade quando são construídos para um uso meramente momentâneo, ou seja, *ad hoc*. Ressaltem-se, aqui, alguns exemplos, a começar pelo seguinte, acompanhado dos devidos comentários:

Indem er auf solche lustige Weise den Ueberserzer zwischen das Belassen im Grundtexte und das Ganz-deutsch-machen hineinpraktiziert hat, glaubt er dem staunenden Publikum bewiesen zu haben, dass jenem zur Sprache ein Kauderwelsch von Halbdeutsch oder Undeutsch gebühre.

Havendo lançado o tradutor, tão curiosamente, entre a manutenção do texto original e a completa germanização, crê ele haver provado ao espantado público que a este conviria, como língua, uma algaravia de semialemão ou não-alemão.

O termo *Ganz-deutsch-machen* é, no mínimo, ousado, mas perfeitamente possível numa língua que faz vasto uso de todo o cabedal de possibilidades de composição de palavras. Pense-se, aqui, à guisa de exemplo, no vocabulário utilizado por Heidegger (*das Da-sein* = o ser-aí, *das Sein-bei* = o ser junto a, *das Mit-sein* = o ser-com etc.)⁶⁰. No caso do termo utilizado por Schäfer, temos as seguintes palavras individualizadas: *ganz* = inteiro, completo; *deutsch* = alemão; *machen* = verbo fazer substantivado. Como não é possível criar, nesse exemplo, uma única palavra em português, propôs-se, neste trabalho, a expressão

⁶⁰INWOOD, 2002.

completa germanização. Outra solução seria completa alemanização, onde se tiraria o conteúdo mais genérico de germânico, dando-se ênfase ao elemento alemão.

No mesmo exemplo, surgem duas palavras que, devido à facilidade, inerente ao idioma alemão, de compor palavras, são facilmente compreensíveis quando lidas naquele idioma: *Halbdeutsch* e *Undeutsch*. *Halb* quer dizer *meio*, *semi*, e o prefixo *un-* dá a ideia de negação. Em português, por mais que seja possível a criação das duas palavras (*semialemão e não-alemão*), elas chamam muito mais a atenção de quem as ouve do que as duas palavras alemãs para ouvintes germanófonos.

Na mesma linha, podem-se elencar alguns exemplos que mostram a criatividade de Schäfer, ao tentar ilustrar o malogro, num certo sentido, do método de Schleiermacher, quando este dá a entender que a língua traduzida deveria ter uma linguagem própria. Eis o exemplo:

„Und doch ist auch dieses, sagt er, an das Obige anknüpfend, noch kaum der höchste Zweck, sondern der Leser der Uebersetzung wird dem bessern Leser des Werks in der Ursprache erst dann gleich kommen, wenn er neben dem Geiste der Sprache auch den eigenthümlichen Geist des Verfassers in dem Werke zu ahnden und allmählich aufzufassen vermag.“ So dass wir denn in diesem Uebersetzungsdeutsch neben dem Griechisch-deutschen nun nicht nur ein Griechisch-Athenisch-deutsch, sondern auch ein Griechisch-Athenisch-Sophokleisch-deutsch erhalten!

“E, contudo”, afirma ele, referindo-se ao supramencionado, “isso ainda sequer chega a ser a meta suprema; ao invés disso, o leitor da tradução somente se equipará ao melhor leitor da obra na língua original, se estiver em condições de pressentir e, paulatinamente, de entender, para além do espírito da língua, também o espírito específico do autor na obra.” De tal modo que, nesse momento, obtemos, no seio desse alemão de tradução, para além do greco-alemão, não apenas um greco-ático-alemão, mas também um greco-ático-sofocliano-alemão!

Pode-se perceber, no exemplo acima, que a utilização da composição por justaposição é um procedimento estilístico de Schäfer, para marcar o exagerado *crescendo* de exigências que seriam então feitas ao tradutor, que cada vez mais deveria individualizar as linguagens em que traduziria os diferentes contextos a ele apresentados nos textos escritos em diferentes línguas / dialetos e oriundos de diferentes culturas. Desta forma, o *Übersetzungsdeutsch* / *alemão de tradução*, chega ao *Griechisch-deutsch* / *greco-alemão*, como *língua / linguagem do tradutor* que se ocupasse em traduzir uma obra do grego para o alemão. Essa tarefa ficaria mais severa, se, no contexto cultural dessa língua grega em questão, também ainda entrassem aspectos do ático, da língua e cultura especificamente de Atenas. Deveria então recorrer ao *Griechisch-Athenisch-deutsch* / *greco-ático-alemão*. E se o texto fosse de Sófocles, as tentativas do tradutor, segundo essa doutrina, desembocariam em um *Griechisch-Athenisch-Sophokleisch-deutsch* / *greco-ático-sofocliano-alemão*. Mesmo que tais criações, nessa proporção hiperbólica, soem exageradas em alemão, certamente não o são tanto quanto soam em português.

3.8 TERMOS LIGADOS À NATUREZA

Como já foi afirmado anteriormente, por vezes Karl Schäfer usa, em suas argumentações sobre o ato de traduzir, termos ligados à *natureza*, *ao natural*, como se pretendesse emprestar um conteúdo de organização orgânica à tarefa de traduzir. A partir do radical alemão *Pflanz* (planta), surgem algumas alusões ao fato de se transplantarem elementos de uma língua estrangeira para outra, numa operação que, pelo uso desse termo típico da natureza, parece querer-se emprestar uma maior aceitação ao fato, já que tudo ocorreria de forma *natural*. Nas traduções para o português, optou-se por manter a mesma ideia, utilizando-se vocábulos calcados na palavra *planta*. Observem-se, abaixo, os exemplos retirados do texto de Karl Schäfer:

a) *Verpflanzung* / *transplantação*:

Um so wichtiger ist bei dieser Richtung und Eigenthümlichkeit unserer Litteratur die Beantwortung der Frage, welche Art der *Verpflanzung* und Aneignung fremder Werke die entsprechendste, oder welche Uebersetzungsmethode die beste sei.

Tanto mais importante é, nessa direção e especificidade da nossa literatura, a resposta à pergunta sobre que tipo de *transplantação* e apropriação de obras estrangeiras seria a mais apropriada, ou qual seria o melhor método de tradução.

b) *verpflanzen* / *transplantar*:

Denn wenn man schon in den untergeordneten Sphären des Lebens Alles, was man in der Fremde kennen gelernt und liebgewonnen hat, gerne in den eigenen Haushalt *verpflanzt* und bei sich einheimisch zu machen sucht, um wie viel natürlicher ist es ein solches Verlangen da, wo es sich nicht um diese oder jene Behaglichkeit des körperlichen Daseins, sondern um die Bildung und Veredlung des Geistes handelt.

Final de contas, quando alguém, já nas esferas inferiores da vida, gosta de *transplantar* para dentro de sua própria casa tudo aquilo que conheceu e a que se afeiçãoou no estrangeiro, e busca torná-lo familiar em seu próprio círculo, um desejo desses é muito mais natural quando não se refere a este ou àquele bem-estar da vida física, mas sim à cultura e ao enobrecimento do espírito.

Aber wie erst, wenn wir keinen Rhythmus, kein Versmaas aus einer andern, alten oder neuern Sprache unmittelbar in die unsrige *verpflanzen* können, ohne dass beides nicht ein ganz anderes würde, weil wir nicht die nämlichen Mittel und Werkzeuge dazu besitzen! Prosodie und Akzent unsrer Sprache sind bekanntlich total verschieden von dem griechischen und lateinischen. Während der eine die Höhe und Tiefe des Tons bezeichnet, bedeutet der andere die Stärke und Schwäche der Silbe.

Mas como seria, se não pudéssemos *transplantar* nem o ritmo nem a métrica de uma outra língua, antiga ou moderna, diretamente para a nossa, sem que ambas se tornassem algo totalmente diferente, uma vez que não possuímos os mesmos meios e

ferramentas para isso! É sabido que a prosódia e a entonação da nossa língua são inteiramente diferentes das do grego e do latim. Enquanto uma marca a agudez e a gravidade do timbre, importam, àquela outra, a força e a fraqueza da sílaba.

É relevante destacar que os mesmos termos empregados por Schäfer com o radical *Pflanz* são também recorrentes na dicção de Schleiermacher, que os utiliza em seu ensaio *Sobre os métodos de traduzir*. Vejam-se alguns exemplos, observando-se que, no primeiro, Schleiermacher aplica o termo em seu sentido denotativo, para, em outros exemplos, assumir a metáfora:

c) *Hineinverpflanzen* / *transplantação*:

Wie vielleicht erst durchvielfältiges *Hineinverpflanzen* fremder Gewächse unser Bodenselbst reicher und fruchtbarer geworden ist, und unser Klima anmuthiger und milder: so fühlen wir auch, daß unsere Sprache, weil wir sie der nordischen Trägheit wegen weniger selbst bewegen, nur durch die vielseitigste Berührung mit dem fremden recht frisch gedeihen und ihre eigne Kraft vollkommen entwickeln kann.

Assim como, talvez mediante uma variada *transplantação* de flora estrangeira, nosso solo se tornou mais rico e fértil, e nosso clima mais agradável e temperado, também sentimos que nossa língua, porque a movemos pouco por causa da indolência nórdica, somente pode prosperar viçosa e desenvolver plenamente sua força própria mediante o contato multifacetado com o estrangeiro.

d) *Verpflanzen* / *transplantar*:

Bei den Erzeugnissen der Kunst und Wissenschaft aber, wenn sie aus einer Sprache in die andere *verpflanzt* werden sollen, kommt zweierlei in Betracht, wodurch das Verhältniß ganz geändert wird.

Com respeito à produção da arte e da ciência, no entanto, quando estas devem ser *transplantadas* de uma língua a outra, duas coisas importam, pelas quais a relação é completamente alterada.

Aqui também cabe lembrar que, para se referir criticamente contra certos procedimentos tradutológicos, Karl Schäfer usa o termo mecanicamente, que, de certa forma, surge em oposição aos procedimentos naturais. É o que se vê neste exemplo:

a) *Mechanisch / mecânico*:

Schäfer expressa, através do uso do termo *mechanisch / mecânico*, sua indignação contra a forma irrefletida com que alguns tradutores fazem suas escolhas a partir do grande cabedal de possibilidades originais existentes na própria língua do tradutor.

Um ein dem Ausdruck des Originals nahe kommendes oder entsprechendes Wort zu gewinnen, wählt man willkürlich aus dem Reichthume der Muttersprache, ohne Rücksicht auf den Unterschied der Zeiten und Umstände, Altes wie Neues und stellt es bunt neben einander: man setzt in *mechanischem* Austausch Zeichen für Zeichen, und glaubt in allem Ernste durch eine solche Zusammenkittung von Worten und Konstruktionen eine neue Sprache bilden zu können.

Para se conseguir uma palavra próxima ou correspondente à expressão do original, escolhe-se arbitrariamente a partir da riqueza da língua materna, sem atentar para a diferença dos tempos e das circunstâncias, entre o antigo e o moderno, e colocam-se os elementos uns ao lado dos outros de um modo desordenado: numa permuta *mecânica*, coloca-se símbolo após símbolo e acredita-se seriamente ser possível criar, mediante esse amálgama de palavras e construções, uma nova língua.

e) *mechanisch / mecânico*:

Para Schäfer, recorrer a um método “mecanicista” de tradução para a versão de poesias é um procedimento que ainda salta mais aos olhos. Aproveita, nesse trecho, para condenar a adoção mecânica do metro estrangeiro, tema que já foi extensamente debatido neste trabalho.

Am auffallendsten giebt sich dieses *mechanische* Verfahren bei Uebertragungen poetischer Produktionen kund. Angenommen, dass wir, was nicht der Fall ist, die zu solcher sklavischen Vertauschung nothwendigen Mittel in unserer Sprache vorhanden hätten, dass wir z.B. im Stande wären, das Metrum des Urbildes mit der nämlichen Form wiederzugeben, so ist schon an und für sich eine wörtliche Uebertragung eines Dichterwerks eine Unmöglichkeit, und die Schwierigkeiten, welche die Vereinigung des musikalischen Sprachelements, das sich in Rhythmus und Tonwechsel offenbart, mit der dialektischen und grammatischen Sphäre als unausführbar erscheinen lassen, beleuchtet *Schleiermacher* selbst zur Genüge.

Esse procedimento *mecânico* chama o máximo de atenção em versões de produções poéticas. Suponhamos que nós, o que não é o caso, tivéssemos em nossa língua os recursos necessários para tal permuta servil, que nós tivéssemos condições, por exemplo, de restituir o metro do protótipo com a mesmíssima forma, é lícito, então, afirmar que, por si só, uma tradução literal da obra de um poeta já se configura como uma impossibilidade; e as dificuldades que fazem parecer irrealizável a associação do elemento musical da língua, que se revela no ritmo e na mudança de cadência, com a esfera dialetal e gramatical, estas o próprio *Schleiermacher* examina em profundidade.

Em seu texto, ao se referir ao mecanicismo de certos métodos de tradução, Schäfer também faz uso dos termos *handwerkmaässiges Fertigen / confecção artesanal* e *Markt der Uebersetzungsfabriken / mercado das fábricas de traduções*, para criar mais uma oposição a

procedimentos mais refletidos, em que o tradutor realmente recorra aos mais diversos aparatos naturais que sua própria língua oferece. Em sua crítica, ao falar de mercado das fábricas de traduções, e destas como mercadorias, Schäfer parece adivinhar o que, no futuro, realmente aconteceria em larga escala no tocante ao mercado de traduções. Verifiquem-se, aqui, os exemplos:

Eine Uebersetzung darf endlich kein willkürliches, handwerksmässiges Fertigen einer Waare sein, wie sie der Markt der Uebersetzungsfabriken alljährig zur Schau stellt. Wenn der Zweck alles Uebersetzens Vermittlung des Alterthums und der Gegenwart ist oder sein soll, so ergibt sich, dass die Zeit selbst in sich die Möglichkeit und das Bedürfniss einer solchen Vermittlung enthalten muss.

Por fim, é inadmissível que uma tradução seja uma confecção arbitrária e artesanal de uma mercadoria, como o mercado das fábricas de traduções a apresenta todos os anos. Se o fim de todo traduzir é ou deve ser mediação da Antiguidade ou da contemporaneidade, resulta, pois, que o próprio tempo tem de abrigar em si a possibilidade e a necessidade de uma mediação dessa natureza.

Nessa mesma linha de argumentação, Schäfer também utiliza a metáfora da *semente infrutífera*. Com isso, quer ressaltar que, se não houver uma busca, por parte do tradutor, no sentido de entender o autor cuja obra está traduzindo, bem como a época deste, e se não se procurar estabelecer relações naturais com o mundo de sua própria esfera de vida, a semente da tradução não germinará. Ao invés disso, será, inclusive, como um corpo estranho, expelida do organismo pelo processo digestivo do próprio tempo. A tradução não chegará, portanto, a ingressar na corrente sanguínea da consciência da sociedade em que venha a estar inserida.

f) *unfruchtbares Samenkorn / semente infrutífera:*

Denn ohne das Vorhandensein einer bestimmten Aehnlichkeit der allgemeinen Zustände und einer gewissen Gleichheit der Stimmung ist ein

richtiges Verständniss des wiedergeborenen Schriftstellers undenkbar, und ohne die Grundlage solcher analoger Färbungen der Gegenwart, welche allein nur Empfänglichkeit und Anklang bedingen, bleibt eine Uebersetzung ein *unfruchtbares Samenkorn*, ein fremder Stoff, den der Verdauungsprozess der Zeit ausstösst, ohne in das Blut des Bewusstseins aufzunehmen.

Pois sem a existência de uma determinada semelhança das condições gerais e de uma certa paridade do estado de espírito, é impensável um correto entendimento do escritor renascido; e sem a base desses matizes análogos do presente, os quais, sozinhos, condicionam apenas receptividade e acolhimento, uma tradução permanece sendo uma *semente infrutífera*, uma substância estranho que o processo digestivo do tempo expulsa, sem absorvê-lo no sangue da consciência.

Outra metáfora ligada à natureza, mais precisamente à natureza orgânica do ser humano, é a figura do *embrião* e da *mulher*. Para Schäfer, traduzir um mundo estrangeiro é pensar e escrever, numa outra língua, modos de vida, comportamentos, situações etc. que já foram esboçados numa outra língua humana. Os pensamentos que já foram pensados numa língua precisariam apenas ser reproduzidos numa outra língua. Nesse sentido, Schäfer faz uma correlação entre a mulher (a mãe) e o embrião, sendo este a metáfora para a expressão da reprodução, ou seja, da tradução em, enquanto a mulher representaria o texto-fonte. Uma ideia que se insere nesta argumentação é a preocupação de Johann Gottfried Herder com a linguagem humana. Em sua obra *Ensaio sobre a origem da linguagem*, tece os seguintes comentários:

Os alfabetos orientais, no fundo, são um só. Os alfabetos grego, latino, rúnico, alemão, etc., são derivações. O alfabeto alemão ainda tem caracteres em comum com o alfabeto copta; e os irlandeses foram suficientemente ousados para chegarem a dizer que Homero teria sido traduzido da sua língua. Levando em conta ou não estes factos, quem poderia negar totalmente o *parentesco* fundamental das línguas? Tal como sobre a terra há *um* único povo de seres humanos,

também só existe uma língua de seres humanos. Mas tal como essa grande espécie se nacionalizou em tantas e tão pequenas formas regionais, o mesmo aconteceu com a linguagem.

Herder talvez tenha exagerado, de certo modo, nessa sua afirmação referente à existência (ideal) de uma única língua para os seres humanos. Todavia, seria pertinente lembrar, aqui, que os seres humanos podem, sim, recorrer a uma supralinguagem /supralíngua inatamente humana⁶¹, para assim entenderem situações já ocorridas, pensadas, idealizadas, realizadas etc. num contexto de uma língua partida. Havendo a necessidade de traduzir essas mesmas situações, pode o tradutor, em se tratando de línguas consideradas cultas⁶², fazendo uso de sua capacidade e dom natural da linguagem humana, recorrer aos repertórios específicos de sua língua e cultura materna, para reproduzir as ditas situações na nova língua. Observe-se, a seguir, o exemplo de Schäfer com a metáfora da *mulher* e do *embrião*:

g) *das Weib / a mulher - das Embryo / o embrião*:

Es handelt sich also nur darum, dass der Ueberserzer geistesverwandt, und dass er hingebend genug sei, um den schon einmal gedachten Gedanken nachzudenken d.h. in sich

⁶¹ Em seu ensaio *Die Aufgabe des Übersetzers (A tarefa-renúncia do tradutor)*, Walter Benjamin (HEIDERMAN, 2001, p. 205, trad. de Susana Kampff Lages) afirma: „Pois o grande tema da integração das várias línguas em uma única, verdadeira, é o que acompanha o seu trabalho [do tradutor]. Essa língua, porém, em que frases, obras e juízos isolados jamais se entendem, razão pela qual permanecem dependentes de tradução é aquela na qual, entretanto, as línguas coincidem entre si, completas e reconciliadas no seu modo de designar. Contudo, se de fato existir uma língua da verdade [*Sprache der Wahrheit – die wahre Sprache*], na qual estão guardados sem tensão e mesmo silenciosamente os últimos segredos que o pensamento se esforça por perseguir, então essa língua da verdade é a verdadeira língua. É precisamente esta, em cujo pressentimento e descrição se encontra a única perfeição pela qual o filósofo pode esperar, que se encontra intensamente oculta nas traduções. Não existe uma musa da filosofia; nem existe uma musa da tradução. Entretanto, elas não são banalidades, como querem alguns saltimbancos sentimentais.”

⁶² Existem línguas indígenas em que os numerais, por exemplo, não vão além de dois.

aufzunehmen und in freiem Geiste (gleich wie das Weib beim *Embryo*) sich reproduzieren zu lassen. Nicht eine Mummerei, sondern ein nochmaliges Entstehen in einem homogenen Geiste und homogenen Elemente wird von uns gefordert.

Portanto, trata-se apenas de o tradutor ter afinidade de espírito e ser dedicado o bastante para repensar o pensamento já pensado uma vez, ou seja, registrá-lo em si e deixá-lo reproduzir-se com o espírito livre (da mesma maneira como ocorre com a mulher para o *embrião*). De nós não é exigida nenhuma palhaçada, mas um ressurgir em um espírito homogêneo e em uma forma homogênea.

É nítido que Karl Schäfer insiste num vocabulário ligado à *natureza* ou, por vezes, à antítese desta. Utiliza, por vezes, os adjetivos *natürlich* e *unnatürlich*, bem como o substantivo *Unnatürlichkeit*. Na tradução do seu ensaio, optou-se, aqui, por manter a mesma ideia de emprego do vocabulário por Schäfer, ou seja, neste trabalho, operou-se com o adjetivo *natural* e com seus derivados, mesmo havendo certa estranheza, ao se escrever ou ler, em português, o adjetivo *desnatural*. Este, todavia, existe em português. Da mesma forma, *desnaturalidade*, como tradução de *Unnatürlichkeit*, também causa certo estranhamento. Preferiram-se essas traduções ao uso dos termos *artificial/artificialidade*, justamente por estes perderem o sentido de *natureza* que há dentro dos termos escolhidos.

h) *natürlich* / *natural*:

Denn wenn man schon in den untergeordneten Sphären des Lebens Alles, was man in der Fremde kennen gelernt und liebgewonnen hat, gerne in den eigenen Haushalt verpflanzt und bei sich einheimisch zu machen sucht, um wie viel *natürlicher* ist es ein solches Verlangen da, wo es sich nicht um diese oder jene Behaglichkeit des körperlichen Daseins, sondern um die Bildung und Veredlung des Geistes handelt.

Afinal de contas, quando alguém, já nas esferas inferiores da vida, gosta de transplantar para dentro de sua própria casa tudo aquilo que

conheceu e a que se afeiçãoou no estrangeiro, e busca torná-lo familiar em seu próprio círculo, um desejo desses é muito mais *natural* quando não se refere a este ou àquele bem-estar da vida física, mas sim à cultura e ao enobrecimento do espírito.

i) *Unnatürlichkeit / desnaturalidade:*

Die Alten haben uns auch in dieser Hinsicht den allein wahren Weg vorgezeichnet, denn in der richtigen Erkenntnis der Unnatürlichkeit des Bestrebens, fremde Originalwerke eben so geistig als wörtlich treu wiederzugeben, haben dieselben bekanntlich entweder sich mit Umschreibungen und Bearbeitungen begnügt, oder wo sie wirklich übersezt haben, da finden wir, dass sie sich den fremden Stoff im Geiste ihrer Sprache angeeignet und in das Lateinische lateinisch übersezt haben.

Também nesse aspecto, os antigos indicaram-nos o único caminho verdadeiro, pois, ao reconhecerem corretamente a desnaturalidade do afã de reproduzir obras originais estrangeiras com fidelidade tanto intelectual quanto literal, ou bem se satisfizeram, como se tem conhecimento, com paráfrases e adaptações, ou bem consideramos que, quando efetivamente traduziram, apropriaram-se do tema estrangeiro no espírito da língua deles e traduziram latinamente para o latim.

3.9 TERMOS DESIGNATIVOS DO QUE NÃO É ALEMÃO

Em seu texto, Schäfer deixa bastante claro que uma tradução precisa, antes de tudo, ser *alemã*. Ao se referir àquilo que não condiz com sua língua nacional, costuma usar termos como *undeutsch* (adj. / adv.: *não-alemão*), *Undeutsch* (subst.: caráter não-alemão), *Halbdeutsch* (subst.: *semi-alemão*) e *Undeutschheit* (subst.: *não-alemão*). Os termos alemães, que são de fácil formação numa língua que faz largo uso de prefixação e sufixação, não têm correspondentes dicionarizados em português, mas também são facilmente deriváveis, embora possam soar, de certo modo, estranhos. De qualquer forma, uma vez mantidos também no português, o jogo de palavras que o ensaísta faz a partir da palavra *deutsch*, a estratégia dele fica salva.

a) *undeutsch / não-alemão*:

Denn *Schleiermacher* glaubt fremd sprechen zu müssen, um treu zu sein, und *Voss* glaubt treu zu sein, wenn er wörtlich übersezt; da er aber diess nicht thun kann, ohne fremd zu sprechen, so ist seine Sprache so *undeutsch*, wie die *Schleiermacher*'s und umgewendet.

Na verdade, *Schleiermacher* acredita ser preciso expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, e *Voß* acredita ser fiel, se traduzir literalmente; mas como não consegue fazê-lo sem falar à moda estrangeira, sua linguagem é, portanto, tão *não-alemã* quanto a de *Schleiermacher*, e vice-versa.

b) *Halbdeutsch / semialemão; Undeutsch / não-alemão*:

Indem er auf solche lustige Weise den Uebersetzer zwischen das Belassen im Grundtexte und das Ganz-deutsch-machen hineinpraktiziert hat, glaubt er dem staunenden Publikum bewiesen zu haben, dass jenem zur Sprache ein Kauderwelsch von *Halbdeutsch* oder *Undeutsch* gebühre.

Havendo lançado o tradutor, tão curiosamente, entre a manutenção do texto original e a completa germanização, crê ele haver provado ao espantado público que a este conviria, como língua, uma algaravia de *semialemão* ou *não-alemão*.

c) *Undeutschheit / caráter não-alemão*

Wenn aber *Schleiermacher* noch in unsern Tagen in der *Undeutschheit* die rechte Aufgabe des Uebersetzens suchte und fand, und die Zumuthung stellte, dass das deutsche Ohr sich an das Undeutsche gewöhnen müsse, so heisst diess die Unvernunft zum Gesez erheben und sich an der Sprache versündigen.

Em todo caso, se *Schleiermacher*, ainda em nossos dias, buscou e encontrou, *no caráter não-alemão*, a correta tarefa de traduzir, e impôs a pretensão de que o ouvido alemão devesse

acostumar-se ao não-alemão, isto significa, pois, elevar a insensatez ao grau de lei e cometer pecados contra sua língua.

CONCLUSÃO

Após uma leitura atenta do ensaio de Karl Schäfer e um exame rigoroso da sua biografia e das contribuições dos seus contemporâneos nos campos da teoria e prática da tradução, pode-se concluir que, no século XIX, realmente havia um grande interesse pelos Estudos da Tradução, pelo ato de traduzir e pela postura adotada pelos tradutores, notadamente em relação àqueles que se consagraram através de suas traduções, como foi o caso de Wieland, Voß e Droysen. Os detalhes sobre a vida acadêmica de Schäfer, sobre sua atividade de professor em um liceu alemão onde se ensinavam línguas clássicas, sobre a história de vida acadêmica de seu pai, este também dedicado ao ensino e às línguas clássicas, todos esses elementos evocam um período em que, mesmo em meio a tantas incertezas políticas, praticava-se, nos territórios de língua alemã, tanto a teoria quanto a prática tradutória.

Através do exame detido do ensaio de Schäfer, pude ter acesso a outros importantes documentos sobre o ato de traduzir. Entre os autores destes documentos merecem menção especial: August Boeckh, Robert Eduard Prutz, Carl Heinrich Pudor e, *last but not least*, Johann Gustav Droysen, cujos trabalhos de tradução e notadamente os prefácios às traduções certamente serviram de farol para que Karl Schäfer reforçasse sua crença em lutar por uma técnica e um método de tradução que levasse em conta, em primeira linha, a língua de chegada, especialmente na tradução literária.

Nessa linha de pensamento, Karl Schäfer abre os olhos de seus leitores, com veementes argumentos, para a necessidade de a tradução ser, antes de mais nada, vernacular, ou seja, *alemã por excelência*. O tradutor deve ter como objeto principal a própria língua do país onde será lida e não, inversamente, ter como meta estrangeirizar uma língua nacional dada. Suas preocupações acerca deste tema certamente não diziam respeito apenas a questões semânticas e lexicais, mas também, por seu ensaio tratar de uma discussão no âmbito da tradução dos grandes clássicos da literatura greco-latina, aos problemas representados pela introdução de metros desconhecidos e muito estranhos à estrutura da língua poética alemã. Esta é, inclusive, uma discussão que sempre dividirá os teóricos e os praticantes da tradução em pelo menos dois partidos: uns advogarão pelo recurso aos metros naturais da linha de chegada, os outros argumentarão que, se possível, a adoção de metros estrangeiros poderá significar um enriquecimento da linha de chegada.

Se Schleiermacher, em seu famoso artigo *Sobre os diferentes métodos da tradução*, discorre de forma cética sobre o conceito de *Nachbildung* (imitação/reprodução), Schäfer prefere afirmar que “*em parte*, toda tradução, inclusive a de *Voss* e *Schleiermacher*, é reprodução”. Sustenta sua tese, afirmando ainda que uma substituição *geral* de uma série de coisas novas, de modo que uma obra seja totalmente arrancada do seu ambiente e incorporado ao nosso, é *reprodução*, mas também é, em parte, *tradução*.

Um dos pontos principais de divergências entre os dois pensadores consiste no fato de Schäfer acreditar no poder de decisão do tradutor guiado por sua própria personalidade, ressaltando que “a personalidade do tradutor precisa estabelecer uma relação exata com o seu original”, afinal de contas, seria preciso ser poeta para poder traduzir ou reproduzir um poeta. No mesmo momento, tratava de deixar claro que, obviamente, não se devia esperar que primeiramente surgisse um Êsquilo alemão para poder-se desfrutar das obras de Êsquilo em língua alemã.

Schäfer exalta que se deve enfrentar, sim, o medo da colisão que poderá surgir entre a personalidade do autor e a do tradutor. Conclui que este, mediante seus atos e suas palavras, será um guia para que o leitor conheça os contextos originais lidos em sua própria língua materna, sem grandes estranhamentos. Para Schäfer, um grande expoente da prática da tradução que seguia esta mesma linha era Johann Gustav Droysen. No sentido de sua opção pelo método tradutório *à la* Droysen, fica patente a crítica ferrenha que Schäfer tece contra Voß, por este reproduzir diferentes autores com uma mesma dicção, com uma mesma e única personalidade, numa linguagem e num estilo ásperos e repetitivos. Droysen, por sua vez, defende, em seus prefácios às traduções aristofânicas, um reconhecimento de aspectos ligados à vida do autor, ao estilo próprio de cada autor, ao tempo histórico do autor, mas também à necessidade de se considerar, sobretudo no caso da tradução de comédias, o momento histórico em que o texto antigo será apresentado ao público.

Pelas alusões que faz a Johann Gustav Droysen em seu ensaio, pode-se concluir que Karl Schäfer refletia sobre os aspectos linguísticos internos e externos da tradução, dando especial atenção a questões pragmáticas, como costumava ocorrer nos trabalhos de Droysen. Em sua opinião, Droysen tencionava produzir – e, segundo o ensaísta, lograva

fazê-lo – uma tradução que não apenas era erudita e elegante, mas também poesia, com o condão, ainda, de apresentar um poeta clássico *realmente viçoso e remoçado*, no espírito intelectual da língua alemã da época. Schäfer advogava, aí, pela produção de uma tradução erudita, mas ajustada ao momento histórico da língua-meta e da cultura-meta no momento da produção e publicação do texto traduzido.

Quanto ao fato de Voß simplesmente transplantar modelos greco-romanos – estilísticos, gramaticais, métricos – para a língua-cultura alemã, Schäfer conclui, como um prenúncio de antropofagia linguístico-cultural, que Droysen consegue fazer uma boa digestão dos clássicos e apresentá-los aos leitores alemães em bom vernáculo. Afinal de contas, para ambos, o interesse maior girava em torno *de traduzir do Belo para o Belo*. Nas entrelinhas do texto de Schäfer, é possível ler que Voß encaminhava, na direção da língua alemã, os textos greco-latinos em sua roupagem totalmente original; e aquela língua, por ter outro corpo, não se adaptava àquela roupagem que nem sempre lhe servia ou se lhe ajustava.

Por conter uma série de aspectos que vão de encontro com as ideias de Friedrich Schleiermacher, o ensaio de Schäfer é de grande relevância para os Estudos da Tradução no seu atual estado, pois permite vislumbrar, sobretudo, que, na época em que foi publicado, o notável artigo de Schleiermacher também foi alvo de severas críticas. É igualmente útil para, a partir das leituras paralelas de outros teóricos da tradução do mesmo século XIX, a maioria deles bastante ou totalmente desconhecidos na área de Estudos da Tradução inclusive da Alemanha, mas seguramente do Brasil, se chegar a novas argumentações, a novos critérios e parâmetros que levem a uma discussão mais rica de pormenores em torno do trabalho de Friedrich Schleiermacher.

Apesar de o título do ensaio de Schäfer conter palavras muito facilmente encontráveis em denominações de livros, capítulos de livros e ensaios, é pertinente lembrar o que já foi afirmado no início deste trabalho: o título do afamado ensaio de Walter Benjamin, *Die Aufgabe des Übersetzers*, publicado em 1923, soa como um eco do título do ensaio de Schäfer, *Die Aufgabe des Uebersetzens*. Ambos os autores também utilizam, em seus respectivos ensaios, a metáfora do *fruto* e da *casca do fruto*. Pode-se, aqui, também simplesmente afirmar que esta talvez fosse uma metáfora recorrente. Vejam-se abaixo,

respectivamente, o excerto do texto de Schäfer e, em seguida, o excerto do texto de Walter Benjamin, em que surge a mesma metáfora:

Allerdings kann man den Menschen von seiner Sprache nicht, wie die Frucht von der Schale, lostrennen, und sie ist kein Kleid, das man einem auszieht, um ihm ein andres dafür anzuziehen. Handelt denn aber *Schleiermacher*'s Uebersetzer dieser Wahrheit würdiger als wir?

Indubitavelmente, não se pode separar o ser humano de sua língua como o fruto de sua casca, e ela não é uma roupa que se despe a alguém para vesti-lo em seguida com outra roupa. Mas será que o tradutor de *Schleiermacher* trata essa verdade de modo mais digno que nós?

Es ist nicht übertragbar wie das Dichterwort des Originals, weil das Verhältnis des Gehalts zur Sprache völlig verschieden ist in Original und Übersetzung. Bilden nämlich diese im ersten eine gewisse Einheit in Frucht und Schale, so umgibt die Sprache der Übersetzung ihren Gehalt wie ein Königsmantel in weiten Falten.⁶³

Não é traduzível como a palavra poética do original, pois a relação do conteúdo com a língua é completamente diversa no original e na tradução. Pois, se no original eles formam uma certa unidade, como a casca com o fruto, na tradução, a língua recobre seu conteúdo em amplas pregas, como um manto real.⁶⁴

Cumpra também enfatizar que, além da metáfora do fruto e da casca do fruto, ainda surge uma certa semelhança na metáfora do manto real, no texto de Benjamin, e da roupa, no texto de Schäfer. Não obstante, não se pode assegurar que Walter Benjamin teve acesso ao texto de Klaus Schäfer e muito menos que reproduziu algumas de suas ideias.

O ensaio de Schäfer não turva, em geral, as grandes ideias desenvolvidas por Schleiermacher, mas lançam algumas indagações que

⁶³ HEIDERMANN, 2001, p. 200.

⁶⁴ HEIDERMANN, 2001, p. 201, tradução de Susana Kampff Lages.

merecem ser relativizadas entre os ensaios dos dois autores. Uma delas é a questão da importância do vernáculo, da língua de chegada, do alemão: Schäfer não quer aceitar simplesmente a existência de dois caminhos para o ato de traduzir. Tanto o ensaio de Schleiermacher quanto o de Schäfer, consagram-se à tradução literária e, notadamente, à tradução poética. Nesta perspectiva, o lema maior de Karl Schäfer era: *do Belo para o Belo!* Sua apologia dessa pureza da tradução encontra-se nesta passagem do seu texto:

Worin liegt denn jener eigenthümliche Reiz der Schriften des Alterthums, welchem keine Zeit seine Blüthe abzustreifen vermag, jener unwiderstehliche Zauber, welcher die Bewunderung aller Jahrhunderte fesselt? Es ist die Grazie selbst, die nie alternde, ewig blühende! Darum ist und bleibt die höchste Aufgabe alles Uebersetzens: Aus dem Schönen ins Schöne! Und wer diess Ziel nicht erstreben kann oder will, der ist des hohen Berufs der Vermittlung zwischen alter und neuer Zeit unwürdig, der trübe den lautern Quell klassischer Rede nicht durch unreine Hände, und halte sich fern von dem Alterthum.

Em que reside mesmo aquele verdadeiro encanto dos escritos da Antiguidade, cujo apogeu nenhum tempo logra desfazer, em que consiste aquela magia irresistível que cativa a admiração de todos os séculos? É a própria Graça, a que nunca envelhece, a que está eternamente em flor! Por este motivo, é e continua a ser a tarefa suprema de todo traduzir: do Belo para o Belo! E quem não puder ou quiser ambicionar esta meta é indigno da alta missão de mediação entre o tempo antigo e o moderno, e não turve a fonte pura do discurso clássico com mãos sujas e mantenha-se distante da Antiguidade.

Estranha-se, principalmente, que o texto de Schäfer tenha caído em esquecimento durante mais de um século e meio. Seu ressurgimento certamente ainda representará um grande contributo para a Teoria da Tradução, justamente por se opor ao mais consagrado teórico da tradução do século XIX, Friedrich Schleiermacher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓFANES. **As aves**. Tradução de Adriane da Silva Duarte. Edição bilíngue. São Paulo: Hucitec. 2000.

ARISTOTLE. R. Kassel (Ed.). **Aristotle's Ars Poetica**. Oxford: Clarendon Press, 1966.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Edição trilingue (grego, latim e espanhol). Tradução de Valentín García Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

AZEVEDO, RAFAEL SÂNZIO DE. **Para uma teoria do verso**. Fortaleza: Editora da UFC, 1997.

BOECKH, August. **Encyklopädie und Methodologie der Philologischen Wissenschaften**. Leipzig: Teubner, 1877.

BRAAK, IVO. **Poetik in Stichwörtern**. Kiel: Verlag Ferdinand Hirt, 1980.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. I. Petrópolis: Editora Vozes, 2009a.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. II. Petrópolis: Editora Vozes, 2009b.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. III. Petrópolis: Editora Vozes, 2009c.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. São Paulo: Leya, 2011.

CATFORD, J. C. **Uma teoria linguística da tradução**. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980.

DAIN, ALPHONSE. **Traité de métrique grecque**. Paris: Éditions Klincksieck, 1965.

DROYSEN, Johann Gustav. **Des Aristophanes Werke**. Erster Theil. Berlin: Verlag von Veit und Comp., 1835.

DROYSEN, Johann Gustav. **Des Aristophanes Werke**. Dritter Theil. Berlin: Verlag von Veit und Comp., 1838.

GRAVES, Robert. **O grande livro dos mitos gregos**. Tradução de Fernando Klabin. São Paulo: Ediouro, 2008.

FREUND, Michael. **Deutsche Geschichte. Von den Anfängen bis zur Gegenwart**. Munique: Bertelsmann Verlag, 1979.

GRIMM, GUNTER ET ALII. **Dichter-Porträts. Bilder und Daten**. Stuttgart: Philipp Reclam jun. GmbH & Co., 1992.

HEIDERMANN, Werner. **Clássicos da teoria tradução. Antologia bilíngue, alemão-português**; vl. 1 (1ª edição). Florianópolis: UFSC, 2001.

HEIDERMANN, Werner. **Clássicos da teoria tradução. Antologia bilíngue, alemão-português**; vl. 1 (2ª edição revisada e ampliada). Florianópolis: UFSC, 2010.

HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus. J. (orgs.). **Humboldt. Linguagem, Literatura, Bildung**. Florianópolis: UFSC, 2006.

HERDER, Johann Gottfried. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Tradução de José M. Justo. Lisboa: Edições Antígona, 1987.

HOMER. **Ilias**. Tradução de Johann Heinrich Voß. Köln: Anaconda Verlag, 2010.

HOMER. **Odysee**. Tradução de Johann Heinrich Voß. Köln: Anaconda Verlag, 2010.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Edições Cotovia, Lda. E Frederico Lourenço, 2003.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Tradução de Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

JAHRESBERICHT von der königlichen Studienanstalt zu Erlangen im Rezatkreis. Erlangen: Jungesche Universitäts-Buchdruckerei, 1833.

JAHRESBERICHT von der königlichen Studienanstalt zu Erlangen. Erlangen: Druck der Universitäts-Buchdruckerei von Junge & Sohn, 1863.

KANT, Immanuel. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? In.: **Akademie-Textausgabe**, Bd. 08. Berlin: de Gruyter, 1968; Anmerkungen, Berlin/New York: de Gruyter, 1977.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento? Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes In: **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974.

KITTEL, Harald; FRANK, Armin Paul; HERMANN, Norbert; KOLLER, Werner; LAMBERT, José; FRITZ, Paul. **Übersetzung – Translation – Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungswissenschaft / An international Encyclopedia of Translation Studies / Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction**. Vol. 2. Berlin / Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2004.

KITZBICHLER, Josefine; LUBITZ, Katja; MINDT, Nina. **Dokumente zur Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800**. Berlin / Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2009.

KLOEPFER, Rolf. **Die Theorie der literarischen Übersetzung**. Munique: Wilhelm Fink Verlag

MACAMBIRA, José Rebouças de. **Estrutura musical do verso e da prosa**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

PUDOR, Karl Heinrich. Ueber die Farbengebung des Althertümlichen in Verdeutschung alter klassiker Prosa. In: **Die Musen. Eine Norddeutsche Zeitschrift**. Jahrgang 1814. Nr. 1-3. Friedrich Baron de La Motte Fouqué (Friedrich Heinrich Karl Fouqué) e Wilhelm Neumann. Berlin: Julius Eduard). Berlin: Julius Eduard Hitzig, 1814.

PRUTZ, R. E. **Kleine Schriften zur Politik und Literatur**. Erster Band. Merseburg: Louis Garck, 1847.

PUDOR, C. H. **Göthe's Iphigenie. Ein ästhetisch-literatischer Versuch, als Beitrag zu Vorstudien über Göthe.** Marienwerder: Verlag A. Baumann, 1832.

SEEGER, LUDWIG. **Aristophanes. Erster Band.** Frankfurt am Main: Literarische Anstalt (J. Hütten), 1843.

SCHÄFER, Karl. **Die Aufgabe des Uebersetzens.** Erlangen: Jung'sche Universitäts-Buch-Druckerei, 1839.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Des différentes méthodes du traduire et autre texte.** Tradução de A. Berman e C. Berner. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir.** Tradução de Margarete von Mühlen Poll, Celso R. Braidá, Mauri Furlan. In: *Scientia traductionis*, nº 9. Florianópolis: UFSC, 2011.

SEEGER, L. Epistel an einen Freund. In: **Aristophanes. Erster Band.** Frankfurt am Main: Literarische Anstalt (J. Rütten), 1845.

SOERGEL, J. **Jahresbericht von der Königlichen Studienanstalt zu Erlangen.** Erlangen: Druck der Universitäts- Buchdruckerei von Junge & Sohn, 1863.

ULRYCH, Margherita (org.). **Tradurre. Un approccio multidisciplinare.** Turim: UTET Libreria, 1997.

VENUTI, LAWRENCE. **The translator's invisibility. A history of translation.** Londres / Nova Iorque: Routledge, 1997.

ŽMEGAČ, Voktor; ŠKREB, Zdenko; SEKULIĆ, Ljerka. **Kleine Geschichte der deutschen Literatur.** Frankfurt am Main: Scriptor Verlag, 1981.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BAILLY, Anatole. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000.

BERLIN, Isaiah. **Vico e Herder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BERMAN, Antoine. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger**. Paris: Gallimard, 1984.

BERNARDO, Ana Maria Garcia. **A tradutologia contemporânea. Tendências e perspectivas no espaço de língua alemã**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

CUNHA, CELSO; CINTRA, LINDLEY. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995.

DELISLE, JEAN; WOODSWORTH, JUDITH (eds.). **Translators through history**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

DELISLE, JEAN; WOODSWORTH, JUDITH (eds.). **Os tradutores na história**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: editora Ática, 1998.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ECO, Umberto. **La ricerca della lingua perfetta nella cultura europea**. Roma / Bari: Editori Laterza, 1993.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. Tradução de Antonio Angonese. São Paulo: EDUSC, 2002.

FLEISCHER, *Wolfgang et alii* (eds.). **Kleine Enzyklopädie Deutsche Sprache**. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut, 1983.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm** (versão online).

HANSMEIER, Antonia *et alii* (eds.). **dtv-Lexikon in 24 Bänden**. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. Tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KITTEL, Harald; FRANK, Armin Paul (orgs.). **Die literarische Übersetzung. Stand und Perspektiven ihrer Erforschung**. Berlin: Erich Schmidt, 1988.

KITZBICHLER, Josefina; LUBITZ, Katja; MINDT, Nina. **Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800. Transformationen der Antike**. Berlin / Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2009.

LEVEFERE, André. **Translation, History, Culture. A sourcebook**. Londres / Nova Iorque: Routledge, 1992.

MASIUS, Hermann. **Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik**. Leipzig: Verlag von G. B. Teubner, 1864.

JAHN, Johannes Christian; KLOTZ, Reinhold; SEEBODE, Gottfried. **Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik**. Leipzig: Druck und Verlag von G.B. Teubner, 1841.

MANN, Thomas. **O escritor e sua missão. Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros**. Tradução de Stefan Fornos Klein . Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MEYER, Martin (ed.). **Vom Übersetzen. Zehn Essays**. Munique / Viena: Carl Hanser Verlag, 1990.

PIERINI, Patrizia (org.). **L'atto del tradurre. Aspetti teorici e pratici della traduzione**. Roma: Bulzoni Editore, 1999.

PLATONE. **Tutte le opere**. Roma: Grandi Tascabili Economici, 1997.

POSTGATE, J. P. **Translation and translations - theory and practice**. Londres: G. Bell and Sons, Ltd., 1922.

PROPYLÄEN GESCHICHTEN DER LITERATUR. 4. Band. **Aufklärung und Romantik**. 1700-1830. Berlin: Propyläen Verlag, 1988.

REY, A.; REY-DEBOVE, J. **Le Petit Robert**. Paris: Le Robert, 1989.

ROBINSON, Douglas. **Western translation theory. From Herodotus to Nietzsche**. Manchester UK / Northampton MA: St. Jerome Publishing, 2002.

STÖRIG, Hans Joachim. **Das Problem des Übersetzens**. Stuttgart: Henry Goverts Verlag, 1963.

TORRES, Marie-Hélène C.; FURLAN, Mauri; GUERINI, Andréia. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Florianópolis: Copiart, 2012.

VEGA, Miguel Ángel (ed.). **Textos clásicos de teoría de la traducción**. Madri: Cátedra, 1994.

VERMEER, Hans-J. **Skizzen zu einer Geschichte der Translation. Anfänge von Mesopotamien bis Griechenland, Rom und das frühe Christentum bis Hieronymus**. Vol. 1. Frankfurt: Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 1992.

VERMEER, Hans-J. **Skizzen zu einer Geschichte der Translation. Altenglisch, Altsächsisch, Alt- und Frühmittelhochdeutsch**. Vol. 2. Frankfurt: Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 1992.

YEBRA, Valentín García. **En torno a la traducción. Teoría, crítica, historia**. Madri: Editorial Gredos, 1988.

PÁGINAS CONSULTADAS NA INTERNET

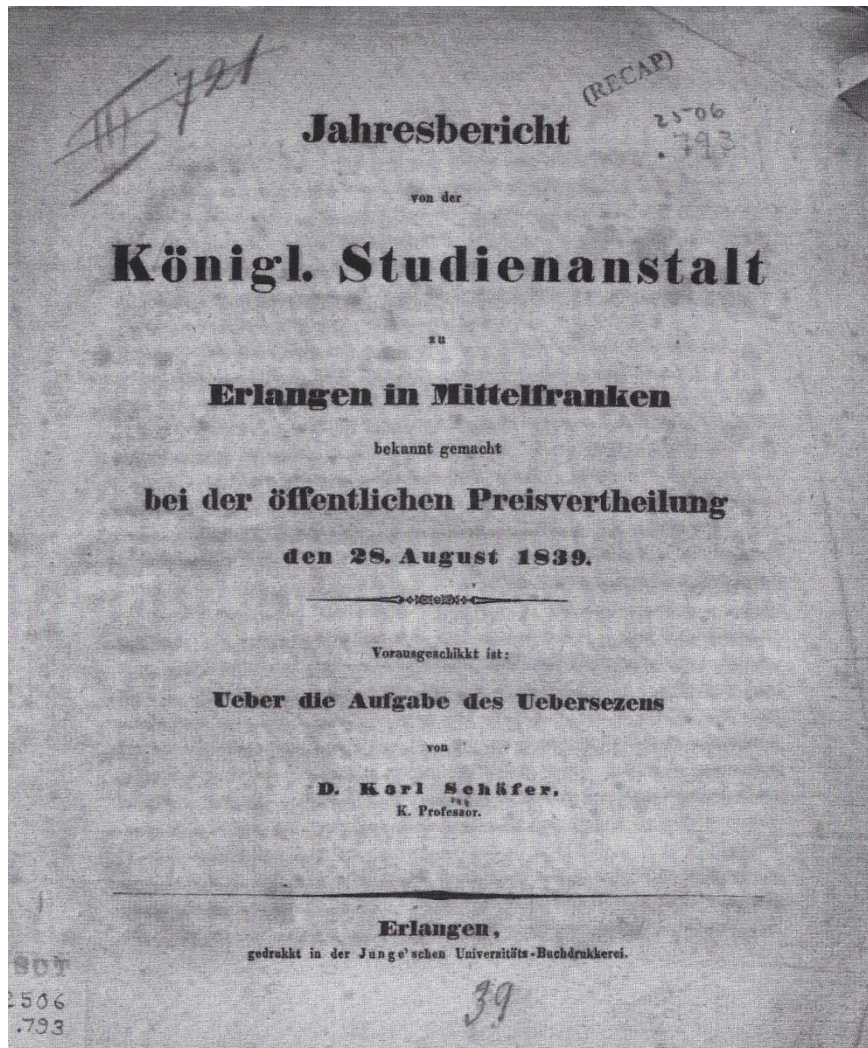
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0055%3Asection%3D1447b>

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0135>

ANEXOS

ANEXO I

Cópia escaneada do texto original do ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*, da autoria de Johann Albrecht Karl Schäfer (Erlangen, 1839)



Ueber die Aufgabe des Uebersetzens.

Von den beiden Arten schriftstellerischer Thätigkeit, dem freien Schaffen und dem Nachbilden des Fremden, wird im Verhältniß der Bildungsstufe eines Volkes und seiner größern oder geringern Selbständigkeit immer die eine oder die andere vorwiegen. Bei dem deutschen Volke, dessen Bildung, sogleich von Anfang auf eine fremde Litteratur, die der Griechen und Römer, gegründet worden, das durch Bedürfniß und durch Achtung des Fremden zu den wissenschaftlichen Erzeugnissen der ihm in Geistesbildung vorgeeilten Nachbarvölker hingezogen und durch sie getragener wurde, das durch seine Weltstellung, seine Lage im Herzen Europas zu ununterbrochenem Verkehr nach allen Richtungen hin angewiesen und berufen ist: bei diesem Volke ist es natürlich, daß von jenen beiden Arten des Schriftstellertums die der Nachbildung und Aneignung des Fremden mit Vorliebe und viel fleißiger als bei andern Nationen geübt wird. Denn wenn man schon in den untergeordneten Sphären des Lebens Alles, was man in der Fremde kennen gelernt und Hebgewonnen hat, gerne in den eigenen Haushalt verpflanzt und bei sich einheimisch zu machen sucht, um wie viel natürlicher ist ein solches Verlangen da, wo es sich nicht um diese oder jene Behaglichkeit des körperlichen Daseins, sondern um die Bildung und Veredlung des Geistes handelt.

Um so wichtiger ist bei dieser Richtung und Eigenthümlichkeit unserer Litteratur die Beantwortung der Frage, welche Art der Verpflanzung und Aneignung fremder Werke die entsprechendste, oder welche Uebersetzungsmethode die beste sei.

I *

4

Denn es ist bei dem Uebersetzen nicht wie bei dem freien Schaffen, daß die Form sich fast unbewußt und unwillkürlich macht, sondern mehr als irgendwo wird hier dem Herkommen und dem Beispiel gehuldigt, wie denn die Erfahrung lehrt, daß eine rezipirte Manier oder eine gebilligte Erfindung alsbald ganze Schaaren von Uebersetzungen nach sich zu ziehen pflegt. Alle nur immer möglichen Arten und Ausartungen aber fallen zwischen die zwei Extreme, daß man dem Inhalte die Form oder der Form den Inhalt opfert. Soll nämlich die Aneignung nicht mit Aufopferung der Form geschehen, welche bei poetischen und rhetorischen Kunstwerken von nicht minderer Bedeutung, als der Inhalt selbst ist, d. h. soll die Uebersetzung nicht blos Dolmetschung oder auch Paraphrase sein: und soll hinwiederum nicht eine ganz fremde Form der des Originals substituirt werden, wobei dieses abermals die Hälfte des Seinigen einbüßet, d. h. soll nicht eine reine Nachbildung geliefert werden; so bleibt kein anderer Weg übrig, als daß ein gegenseitiges Nachgehen vermittelnd eintrete; denn, wie bei jeder Mittheilung und Aneignung, so ist auch hier die Bedingung, daß der eine Theil dem andern entgegen komme, daß Bestimmtes aufgeopfert werde, um Bestimmtes dagegen einzutauschen. Welches aber die Gränzen dieser Aufopferung seien, und der Punkt, bei welchem beide Theile zusammentreffen, diese ist die Frage, um welche es sich hier handelt.

Schleiermacher hat in seiner bekannten Abhandlung über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens (vorgeles. d. 24. Jun. 1813, abgedr. in den Abhandl. der philosoph. Klasse der Königl. Akad. der Wissensch. Berlin 1816. p. 143—172.) die nämliche Frage zu erledigen gesucht. Allein die Grundsätze, zu denen er sich bekennt, und die Resultate, zu welchen ihn der Gang seiner Untersuchung geleitet hat, sind so auffallend und unnatürlich, daß diese Abhandlung als einer von den vielen Beweisen gelten kann, wie selbst scharfsinnigen und consequenten Denkern, wenn sie einmal in einer bestimmten Praxis befangen sind, und diese systematisch rechtfertigen wollen, ihr Verstand den Liebesdienst der Trugschlüsse nicht zu versagen pflegt. Die Praxis aber, welche jener Auseinandersetzung zu Grunde lag, ist die damals noch allgemein herrschende Vofs'sche Methode. Wir werden demnach, wenn es uns gelingt, Schleiermacher zu widerlegen, auch zugleich die Ausartung

jener Uebersetzungsschule dargethan haben, um desto ungehinderter dann zeigen zu können, mit welchem Rechte man nunmehr die Bahn, auf welche jene beiden Koryphäen, durch Wort und Werk, die Nation geleitet haben, allmählich zu verlassen beginnt. Es wird nun vor Allem nöthig sein, diejenigen Sätze, durch welche sich Schleiermacher's System am deutlichsten kund giebt, herauszuheben und zu beleuchten.

Derselbe nimmt zwei Möglichkeiten des Uebersetzens an: erstens, dafs der fremde Autor zu dem Leser oder der Leser zu dem Autor sich hinbewege, zweitens dafs beide sich auf einem mittlern Punkte d. h. auf dem Standpunkte des Uebersetzers treffen. „Die beiden getrennten Partheien (Schriftsteller und Leser) müssen entweder an einem mittlern Punkte zusammentreffen, und das wird immer der des Uebersetzers sein, oder die eine mufs sich ganz zur andern verfügen, und hievon fällt nur die eine Art in das Gebiet der Uebersetzung, die andere würde eintreten, wenn in unserm Falle die deutschen Leser sich ganz z. B. der römischen Sprache oder vielmehr diese sich ihrer ganz und bis zur Umwandlung bemächtigte.“ Unter dem Hinverfügen des Lesers zum Autor versteht er das Lesen des Autors in der Ursprache, unter der Hinbewegung des Autors zum Leser das völlige Deutschmachen des Römers, so dafs die Uebersetzung denselben nicht zeige, „wie er selbst würde übersezt, sondern wie „er ursprünglich als Deutscher deutsch würde geschrieben haben.“ Da nun in dem erstern Falle der Begriff der Uebersetzung sich von selbst aufhebe, weil der Leser ihrer nicht bedürfe, und da der andere Fall unmöglich sei, so bleibe nur noch das Dritte übrig, nämlich der Standpunkt des Uebersetzers, dessen Aufgabe nach ihm ist, „das nämliche Bild, den nämlichen Eindruck, welchen er selbst durch die Kenntnifs der Ursprache von dem Werke, wie es ist, gewonnen, den Lesern mitzutheilen und sie also an seine ihnen eigentlich fremde Stelle hinzubewegen.“

Wenn wir nun aber fragen, welches Verstehen der Ursprache denn dieser Uebersetzer nachahmen wolle, oder auf welchem Standpunkte der Kenntnifs wir uns denselben zu denken haben, so unterscheidet hier Schleiermacher ein doppeltes Verstehen: eines, welches die Uebersetzung nicht nachahmen dürfe, „ein schülerhaftes Verstehen, welches sich noch mühsam und fast ekelhaft durch das Einzelne hindurch-

stümpert und deshalb noch nirgend zu einem klaren Ueberschauen des Ganzen, zu einem lebendigen Festhalten des Zusammenhangs geseht.“ Diesem gegenüber liegt ein anderes Verstehen, welches sie nicht nachahmen können, das Verständniß jener seltenen Männer, welche sich so ganz in eine fremde Sprache und deren Erzeugnisse hinein leben und denken, daß sie bei dem Lesen fremder Autoren ihrer Muttersprache sich nicht mehr bewußt sind, und welche also auf einem Punkte stehen, wo der Werth des Uebersetzens Null wird. Und so folgert denn Schleiermacher weiter: „Das Uebersetzen bezieht sich also auf einen Zustand, der zwischen diesen beiden mitten inne liegt, und der Uebersetzer muß also sich zum Ziel stecken, seinem Leser ein solches Bild und einen solchen Genuß zu verschaffen, wie das Lesen des Werks in der Ursprache dem so gebildeten Manne gewährt, den wir im bessern Sinne des Wortes den Liebhaber und Kenner zu nennen pflegen, dem die fremde Sprache geläufig ist, aber doch immer fremde bleibt, der nicht mehr wie die Schüler sich erst das Einzelne wieder in der Muttersprache denken muß, ehe er das Ganze fassen kann, der aber doch auch da, wo er am ungestörtesten sich der Schönheiten eines Werkes erfreut, sich immer der Verschiedenheit der Sprache von seiner Muttersprache bewußt bleibt.“

Daß aber ein Uebersetzer dieser Art, seinem Standpunkte der Mittelmäßigkeit entsprechend, „nur das nämliche Verständniß, dessen er sich selbst erfreut, dem nämlich die Spuren der Mühe aufgedrückt sind,“ eröffnen kann, daß er also seinem Leser nur eine solche Uebersetzung zu geben im Stande ist, welche diesen bei jedem Worte erinnert, daß er etwas Uebersetztes, etwas Fremdes liest, deren Verständniß ihm die nämlichen Schwierigkeiten bietet, wie der Autor dem Uebersetzer, ja, welche man sogar nicht einmal versteht, ohne das Original bei der Hand zu haben — Alles dies erkennt Schleiermacher nicht nur unbedenklich an, sondern er findet hierin gerade die Hauptaufgabe und den Haupttruhm der Methode! „Wie soll, fragt er, der Uebersetzer es machen, um eben dieses Gefühl, daß sie Ausländisches vor sich haben, auch auf seine Leser fortzupflanzen? Das unerläßliche Erforderniß des Uebersetzens, antwortet er, ist eine Haltung der Sprache, die nicht nur nicht alltäglich ist, sondern die auch stets ahnen läßt, daß sie

nicht ganz frei gewachsen, vielmehr zu einer fremden Aehnlichkeit hinübergebogen ist.⁶⁰ Also, um es kurz zu sagen, eine Uebersetzung soll nicht ganz, sondern nur halb deutsch sein, und der Uebersetzer selbst soll es nur zu einem halben Verstehen des Autors gebracht haben, soll zwischen Anfänger und Meister in der Mitte stehen, das heisst ein Stümper sein, und die Uebersetzung soll endlich nicht einmal als Zweck für sich gelten, sondern nur als Aushilfsmittel zum Verstehen des Autors dienen, und die Stelle eines fortlaufenden Kommentars vertreten.

Wirkten wir, überrascht durch diese Sätze, noch einmal auf den Gang der Untersuchung zurück, und forschen, wie es möglich war, sich zu so unnatürlichen Behauptungen zu verirren, so begegnet uns sogleich beim Anfange der Argumentazion ein logischer Fehler. Nachdem nämlich Schleiermacher richtig zwischen Paraphrase, Nachbildung und Uebersetzung unterschieden und die beiden erstern als Gränzzeichen für das Gebiet der letztern bezeichnet hat, wird trotz dem der Begriff des Uebersetzers so gefasst, das ein Theil davon handgreiflich ausserhalb der Definition gelegen ist. Für den eigentlichen Uebersetzer, sagt er, giebt es nur zwei Wege: „entweder der Uebersetzer läßt den Schriftsteller möglichst in Ruhe, und bewegt den Leser ihm entgegen, oder er läßt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen.“⁶¹ Und nun werden diese zwei Wege so angegehen, das auf dem einen das Nachbilden oder Ganz-deutsch-machen, auf dem andern das Uebersetzen liege. Zwar enthalte, äussert er weiter unten, jener erstere Weg auch das Belassen in der Ursprache, aber dies falle ja von selbst weg.

Indem er auf solche lustige Weise den Uebersetzer zwischen das Belassen im Grundtexte und das Ganz-deutsch-machen hineinpraktisirt hat, glaubt er dem staunenden Publikum bewiesen zu haben, das jenem zur Sprache ein Kauderwelsch von Halbdeutsch oder Undeutsch gebühre. Recht deutlich drückt er dies vollends dadurch aus, das er meint, nicht so vollkommen deutsch müsse man den fremden Autor reden lassen, wie wenn er in Deutschland geboren und erzogen wäre, sondern so, wie er allenfals deutsch würde schreiben gelernt haben, wenn er es auf dem nämlichen Wege gelernt hätte, auf welchem der Uebersetzer die Sprache des Autors erlernen mußte.

Ganz konsequent beweist er nun weiter, daß die Uebersetzungslitteratur ihre eigene Sprache haben müsse, welche sich in so viele Zweige theile, als es Völker gebe, deren Litteratur wir uns aneignen wollen, so daß wir auf diese Weise eine Menge von Sprach-Tonarten gewinnen, deren Farbe den kundigen Leser sogleich bei dem ersten Blicke erkennen lasse, in welcher Sprache das Original einheimisch sei. So erhalten wir denn ein Griechisch-, ein Römisch-, ein Italiänisch-, ein Spanisch-deutsch! Denn, sagt er, der Zweck sei offenbar damit noch nicht erreicht, daß ein überhaupt fremder Geist den Leser anwehe, sondern, wenn er eine Ahnung bekommen solle von der Ursprache, und von dem, was das Werk dieser verdankt, so müsse er nicht nur die ganz unbestimmte Empfindung bekommen, daß, was er liest, nicht ganz einheimisch klingt, sondern es müsse ihm nach etwas Bestimmtem klingen. Und wenn er Vergleichungen in Masse anstellen könne, so werde sich ihm allmählich ein Gehör an-bilden, nicht nur, Altes von Neuem, sondern auch, hellenischen von römischen Ursprung oder italiänischen von spanischem zu unterscheiden. Damit begnügt er sich aber keineswegs, sondern diese Individualisirung noch weiter fortführend, verlangt er, daß neben der Verschiedenheit der Nationen, selbst auch die Bildungsperioden derselben, ja sogar die Eigenthümlichkeiten der einzelnen Autoren ausgeprägt werden sollen. „Und doch ist auch dieses, sagt er, an das Obige anknüpfend, noch kaum der höchste Zweck, sondern der Leser der Uebersetzung wird dem bessern Leser des Werks in der Ursprache erst dann gleich kommen, wenn er neben dem Geiste der Sprache auch den eigenthümlichen Geist des Verfassers in dem Werke zu ahnden und allmählich aufzufassen vornag.“ So daß wir denn in diesem Uebersetzungsdeutsch neben dem Griechisch-deutschen nun nicht nur ein Griechisch-Athenisch-deutsch, sondern auch ein Griechisch-Athenisch-Sophokleisch-deutsch erhalten!

Aber wie ist es möglich, fragen wir, diese unendliche Aufgabe mit den Mitteln zu lösen, welche der deutsche Uebersetzer hat, da ihm doch nur deutsche Worte, deutsche Konstruktionen, deutsche Wendungen zu Gebote stehen, und da, wie ja Schleiermacher selbst bemerkt, das System der Begriffe und ihrer Zeichen in der Sprache des Uebersetzers ein ganz anderes ist, als in der Ursprache, und die Wortstämme



anstatt sich gleichlaufend zu decken, vielmehr einander in den wunderlichsten Richtungen durchschneiden? Wir antworten getrost: Schleiermacher läßt den Uebersetzer sich seine Sprache selbst machen. Freilich kann er dieß nicht Wort haben wollen, denn er erinnert selbst, daß Sprachen nicht erfunden werden und daß alles rein willkürliche Arbeiten an ihnen und in ihnen Thorheit ist. Aber läßt sich eine größere Willkür denken, als die Muttersprache zu einer fremden Aehnlichkeit hinüberbiegen zu wollen, und dieß ist ihm ja die Hauptaufgabe des Uebersetzers! Heißt dieß etwas Anderes, als sich seine Sprache selbst machen? Denn was geschieht, um der Muttersprache die Farbe des griechischen oder lateinischen Elementes zu geben? Man nimmt ihr das Kleid, in welchem sie sich frei und behaglich bewegt, und preßt sie in das steife Gewand einer dem fremden Idiome nachgebildeten Wortstellung. Man zwingt ihr Formen, Konstruktionen, Wendungen und Bilder auf, gegen welche der Genius der Sprache sich sträubt. Um ein dem Ausdruck des Originals nahe kommendes oder entsprechendes Wort zu gewinnen, wählt man willkürlich aus dem Reichthume der Muttersprache, ohne Rücksicht auf den Unterschied der Zeiten und Umstände, Altes wie Neues und stellt es bunt neben einander: man setzt in mechanischem Austausch Zeichen für Zeichen, und glaubt in allem Ernste durch eine solche Zusammenkittung von Worten und Konstruktionen eine neue Sprache bilden zu können. Ein künstliches Produkt soll etwas Lebendiges ersezen, einen Organismus, der sich unbewußt aber frei aus dem Leben der Völker und der Einzelnen herausbildet, dessen Theile sich wie die Glieder unseres eigenen Körpers gegenseitig tragen und bedingen! Ein Uebersetzen, welches sich solcher Mittel bedient, ist nicht mehr Nachahmung, es trägt das Gepräge der Nachäffung. Denn während jene von Seite des Nachahmers einen eigenen Standpunkt und Charakter voraussetzt, den er nach seinem Urbilde zu formen strebt, feiert diese den Triumph der Unfähigkeit, welche dem Urbilde sich gleich dünkt, wenn sie sich mit Lappen unwesentlicher Einzelheiten behängt, und Geberden, Gang und Haltung glücklich sich angeeignet, denn ganz und gar paßt auf solche Manier das Schiller'sche Wort: Wie er räuspert und wie er spuket, das habt ihr ihm glücklich abgeguckt!

10

An auffallendsten giebt sich dieses mechanische Verfahren bei Uebertragungen poetischer Produktionen kund. Auch angenommen, daß wir, was nicht der Fall ist, die zu solcher sklavischen Vertauschung nothwendigen Mittel in unserer Sprache vorhanden hätten, daß wir z. B. im Stande wären, das Metrum des Urbildes mit der nämlichen Form wiederzugeben, so ist schon an und für sich eine wörtliche Uebertragung eines Dichterwerks eine Unmöglichkeit, und die Schwierigkeiten, welche die Vereinigung des musikalischen Sprachelements, das sich in Rhythmus und Tonwechsel offenbart, mit der dialektischen und grammatischen Sphäre als unausführbar erscheinen lassen, beleuchtet Schleiermacher selbst zur Genüge.

Aber wie erst, wenn wir keinen Rhythmus, kein Versmaas aus einer andern, alten oder neuern Sprache unmittelbar in die unsrige verpflanzen können, ohne daß beides nicht ein ganz anderes würde, weil wir nicht die nämlichen Mittel und Werkzeuge dazu besitzen! Prosodie und Akzent unsrer Sprache sind bekanntlich total verschieden von dem griechischen und lateinischen. Während der eine die Höhe und Tiefe des Tons bezeichnet, bedeutet der andere die Stärke und Schwäche der Silbe. Ein eigentliches Metrum fehlt uns ganz und gar, denn wir haben nur ein relatives, verhältnißmäßig geringeres oder größeres Gewicht der Silbe. Es ist uns darum nicht möglich, mehrere gleiche Kürzen oder Längen aneinander zu fügen, eben weil das Gewicht der Silbe immer durch die Nachbarsilbe in der Weise bestimmt wird, daß gewöhnlich die vorangehende lange eine darauffolgende kurze Silbe, und umgekehrt, erzeugt. Unser Rhythmus ist ein Auf- und Abwogen in Trochäen und Jamben; in Daktylen und Anapäst, und alle andern Füße sind uns im Grunde versagt. Aber selbst diese Trochäen und Jamben, diese Daktylen und Anapästen entsprechen nicht den antiken Metren gleiches Namens. Man darf nur z. B. an das Gesez der Dipodie, nur an die Regelmäßigkeit denken, mit welcher im antiken Metrum immer Daktylus und Anapäst dem Spondeus gleich gewesen sind, um dies klar zu erkennen.

Wenn nun gleichwohl versucht wird, ohne Weiteres und mit Gewalt einen in Form und Inhalt getreuen Abdruck eines fremden Urbildes, sei es in Prosa oder Poesie, herzustellen, was wird und muß die Folge davon sein? Es entsteht eine

II

monströse Zusammensetzung, ein Gemisch aller möglichen Sprachweisen, ein buntschekziges, unnatürliches Produkt, welches von vorne herein auf den Charakter des Aesthetischen und Schönen verzichtet. Denn was schön ist, sagt Horaz, muß eben gerade einfach, in sich selbst eins und übereinstimmend sein.

Sehen wir uns im Bereiche der Erfahrung nach den Resultaten solcher Uebersetzungsweise um, und bemessen wir die Richtigkeit der Methode nach den vorhandenen Proben, so giebt uns Schleiermacher durch seine Uebersetzung der Platonischen Werke selbst den Beleg, welcher einen unerquikklichen Eindruck einer solche zu fremder Aehnlichkeit hinübergebogene Sprache nothwendig erzeugen muß. Noch deutlicher und anschaulicher würde dies freilich werden, wenn wir die langen Reihen von Uebersetzungen aus der Vofs'schen Schule betrachten wollten, denn der Fehler des Lehrers hat sich in den Produkten der nachtretenden Menge, alle Stadien der Sprachverrenkung durchlaufend, bis zur Karrikatur gesteigert. Aber es genügt zu unserm Zwecke das einzige Beispiel des Meisters. Vofs hatte, wie bereits bemerkt, längst praktisch geübt, was Schleiermacher systematisch ausführt, ob er gleich hinter den Anforderungen desselben zurückbleibt, weil ihm das Anschmiegen, das Eingehen in die verschiedensten Elemente, mit Einem Worte, das Proteusartige fehlt, was Schleiermacher fordert. Aber er gräzisiert und latinisiert die Muttersprache wie jener, und steht insofern in gleicher Kategorie mit ihm, wenn sie gleich von verschiedenen Standpunkten aus zur nämlichen Praxis gelangt sind. Denn Schleiermacher glaubt fremd sprechen zu müssen, um treu zu sein, und Vofs glaubt treu zu sein, wenn er wörtlich übersetzt; da er aber dies nicht thun kann, ohne fremd zu sprechen, so ist seine Sprache so undeutsch, wie die Schleiermacher's und umgewendet. Die Treue aber, welche die Uebersetzungsmethode Vofsens für sich in Anspruch nimmt, zeigt sich sonderbarer Weise dadurch, daß er jeglichen Schriftsteller in gleicher Weise übersetzt hat, in diejenige Sprache, welche er sich ein für allemal in jener Periode geschaffen hatte, wo er sich seinen Standpunkt originell gestaltete. Von Hömer's Uebersetzung an, dem bei weitem verdienstlichsten seiner Werke, obgleich selbst dies den Ton des Originals verfehlt, hat er Virgil, Ovid, Horaz, Theokrit,

12

Tibull, endlich gar Aristophanes, Alle in dem nämlichen Zerschnitt des Gewandes, in der nämlichen Physionomie vor uns vorübergeführt. Ueberall dieselbe Einförmigkeit, dieselbe gleichschwebende Haltung der Sprache bei der größten Verschiedenheit der Originale nach Zeit, Stoff und Bearbeitung*). Solchen Uebersetzungen bleibt doch offenbar kein anderes Verdienst, als das eines Kommentars, insofern sie demjenigen, welchem die Ursprache nicht recht geläufig ist, als Beihilfe zum Verständniß dienen, aber sie sind weit davon entfernt, ein Portrait des Urbildes in Ton, Farbe und Eigenthümlichkeit zu geben, und vernichten so geradezu den ganzen Reiz der Persönlichkeit des Schriftstellers. Es könnte Jemand glauben, den Grund dieser gerügten Mängel nicht im Prinzip, sondern in der Persönlichkeit des Mannes suchen zu dürfen. Allein dem ist nicht also! Von Vofsens Neigung zum Uebertriebenen, Hochtrabenden, von seiner Vorliebe für provinzielle Kraftausdrücke und den Mund mehr als den Sinn fällende Wortbildungen gänzlich abgesehen, liegt der Fehler an und für sich schon in der Annahme, das Original nach Form und Inhalt wörtlich wiedergeben zu können und zu müssen. Denn daraus folgt mit Einem Worte — jener Charakter der mehr quantitativen als qualitativen Uebertragung, der seine Uebersetzungen alle bezeichnet.

Am deutlichsten hat sich dieses Verfahren Vofsens bei der Uebersetzung Shakspeare's kund gegeben. Bei den Alten ist man schon von vorne herein geneigt, auf Geläufigkeit, Verständlichkeit und Anmuth der Uebersetzungen zu verzichten. Unser Respekt vor ihnen ist schon von der Schule her so groß, daß wir gar nicht hoffen, sie irgend familiär und heimisch bei uns erscheinen zu sehen. Dazu kömmt, daß der große Zeitabstand und die Lücken der Vermittlung in hundert Fällen an der Möglichkeit des Verständnisses, geschweige der Uebertragung zweifeln lassen, und wo oft das Gefühl mit Entschiedenheit verwirft, fehlen die

*) Einen schönen Kontrast bilden dagegen die Uebersetzungsproben in dem Erlanger Schulprogramm vom Jahre 1858, wo der Grundsatz, daß jeder Schriftsteller, je nach dem Ton seiner Sprache, auch in einem ähnlichen deutschen Ton übersetzt werden muß, auf das glücklichste anschaulich gemacht ist.

13

Mittel des Beweises. Aber bei einem uns so nahe stehenden Schriftsteller, wie Shakespeare, in dessen Lebensatmosphäre wir selbst noch athmen, mit dem wir gewissermaßen auf Einem Grund und Boden stehen, wo wir den Komplex der Beziehungen und Zustände klarer haben, bei einem solchen Schriftsteller fühlt man der Uebersetzung nicht nur leicht das Unnatürliche und Unwahre an, sondern kann es zugleich darthun und beweisen, und das Forum bildet nicht ein und der andere Eingeweihte, dem die Menge glauben muß, sondern ein großes Publikum von Sachverständigen, dem die Sprache des Autors zum Theil die Muttersprache ist, erscheint als kompetenter Richter. Die Vofsische Uebersetzung hat das Verdienst der nämlichen Gewissenhaftigkeit und Sorgfalt wie Alles Uebrige, was aus den Händen des hochverdienten Mannes hervorgegangen ist, aber der Grundsatz, oder die Gewalt, welche dem Genius der deutschen Sprache angethan ist, hat sich hier, der Schlegel-Tieck'schen Uebersetzung gegenüber, am empfindlichsten gerächt, und dies behaupten wir auch vom Sommernachtstraum (von Vofs dem Vater), der vielleicht als die gelungenste Parthie dieser Uebersetzungen gelten kann.

Diesem gegen Vofs ausgesprochenen Urtheile tritt indess ein Achtung und Ehrfurcht gebietender Richter entgegen. Dies ist kein anderer, als der König unsrer Dichter und Prosaisten selbst, Göthe*), indem er die Vofsische Uebersetzungsmethode als die dritte und letzte oder vollkommenste anerkennt und dann also fortfährt: „Diese Art erlitt anfangs den größten Widerstand; denn der Uebersetzer, der sich fest an sein Original anschließt, giebt mehr oder weniger die Originalität seiner Nation auf, und so entsteht ein Drittes, wozu der Geschmakk der Menge sich erst heranbilden muß. Der nie genug zu schätzende Vofs konnte das Publikum zuerst nicht befriedigen, bis man sich nach und nach in die neue Art hinein hörte, hinein bequeme. Wer nun aber jetzt übersieht, was geschehen ist, welche Versatilität unter die Deutschen gekommen, welche rhetorische, rhythmische, metrische Vortheile dem geistreich talentvollen Jüngling zur Hand sind, wie nun Ariost und Tasso, Shakespeare und Calderon, als eingedeutschte Fremde, uns doppelt

*) In den Noten und Abhandlungen zum West-östlichen Divan. Thl. VI. p. 239.

14

und dreifach vorgeführt werden, der darf hoffen, daß die Litterar-Geschichte unbewunden aussprechen werde, wer diesen Weg unter mancherlei Hindernissen einschlug.“

Dieses Urtheil ist den Worten nach gegen das unsre gerichtet, der Sache und dem Sinne nach keineswegs. Denn wir erkennen mit Göthe das Verdienstvolle der ersten Leistungen Vofsens an, mit denen er Bahn brach und jene Versutilität der Sprache hervorbrachte: wir bekämpfen aber die Ausartungen seiner selbst und seiner Nachahmer und die theoretischen Uebertreibungen Schleiermacher's. Die nämlichen Beispiele und Muster, welche Göthe anführt, Shakspeare und Calderon von Tieck und Schlegel, gelten auch uns als Muster guter Uebersetzungen. Weiterbildung der Sprache endlich wollen auch wir, aber nur keine gewaltsamere als bei anderem Schriftstellerthum. Die Kluft, wie sie Schleiermacher zwischen die Uebersetzungslitteratur und die selbständige stellte, wollen wir entfernt wissen. Wir wollen die Treue der Form, nach welcher Vofs strebte, verbunden mit dem Gefühl, Takt und Geschmakk eines Schiller, Bürger, Wieland, Wolf, Jakobs.

Göthe hat bei diesem Urtheile die späteren Vofsischen Uebersetzungen gewiß nicht im Auge gehabt, und sein Urtheil über *Romeo und Julie* wird sicherlich kaum anders gelaute haben, als das seines Freundes Zelter, dem alle Unnatur zuwider war *). Zudem muß man berücksichtigen, daß für Göthe, als Laien in den alten Sprachen, Vofs als Vorgänger und Lehrer immer eine wichtige Autorität blieb, die ihm um so mehr Achtung einflößte, je weniger er ihm nachrechnen konnte. Man vergleiche in dieser Hinsicht, welche Bedenken und geheime Skrupel ihm Vofsens Andeutungen über die Verbesserung des Hexameters verursachten **), indem er weder für sich selbst und mit eigenen Kräften die Sache aus-

*) Briefw. III. Thl. p. 169. „Gleich darauf habe ich Vofsens Uebersetzung nachgesehen und sage noch einmal: das Stück ist unverwüsthlich. Wer es gesehen, geschaut, gelesen — Englisch, Deutsch, der lese es auch Vofsisch: es ist unverwüsthlich!“

***) Göthe's Werke. B. XXX. p. 272. 273.

15

gleichen und vermitteln, noch auch bei Vossens Geheimthun dahinter kommen konnte, wie es derselbe meine. Endlich darf man nicht vergessen, daß Göthe selbst keinen größern Uebersetzungsversuch nach dem Vorbilde jenes von ihm bewunderten Meisters gemacht hat. Hätte er ein solches Werk unternommen, so wäre es gewiß nicht minder geschmackvoll und sinnig, wie die Verdeutschung seines Haidenrösleins ausgefallen. Nie hätte er sich zu solcher Unnatur verirrt, wie Schleiermacher sie vorschreibt, sondern sein richtiges Gefühl würde gewiß in der Praxis unwillkürlich das Fehlerhafte der gebilligten Theorie beseitigt haben.

Die Alten haben uns auch in dieser Hinsicht den allein wahren Weg vorgezeichnet, denn in der richtigen Erkenntniß der Unnatürlichkeit des Bestrebens, fremde Originalwerke eben so geistig als wörtlich treu wiederzugeben, haben dieselben bekanntlich entweder sich mit Umschreibungen und Bearbeitungen begnügt, oder wo sie wirklich übersezt haben, da finden wir, daß sie sich den fremden Stoff im Geiste ihrer Sprache angeeignet und in das Lateinische lateinisch übersezt haben. Es würde hier zu weit führen, diese Thatsache mit Beispielen einzelner Uebersetzungsproben zu belegen*), desto weniger mögen wir es uns versagen, über die Grundsätze der Alten einen Alten selbst zu hören: es ist Cicero**, welcher seine Uebersetzung der zwei Streitreden des Demosthenes und Aeschines mit folgenden Worten bei seinen Landsleuten einführte: *Nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis isdem et eorum formis, tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudi-*

*) Abgesehen von den einzelnen Versen, welche sich z. B. bei Horaz aus Alcäus und Sappho, bei Virgil, in der Aeneide aus Homer, in den Eklogen aus Theokrit, im Landbau aus Hesiod, Nikander, besonders aus Aratus, oft wörtlich übersezt finden, kann man die Probe am besten mit größern Stücken machen, wie also z. B. mit Cicero's Uebersetzungen aus Aratus, dann Cato M. 22. aus Xenoph. Cyrop. 8. 7., namentlich Catull C. LI. aus Sappho. Cornel. im Themist. 9. aus Thucyd. I. 137. etc. Was von den Griechen aus dem Lateinischen übergetragen worden ist, findet sich zusammengestellt (worunter auch Uebersetzungen, zu denen das Original fehlt, die aber gleichwohl viel Licht geben, wie Polyb. III. 22, 2. und c. 24.) in einem Programm von C. F. Weber: *De latine scriptis quae Graeci veteres in linguam suam transtulerunt. Cassellii MDCCCXXXV.*

***) *De opt. gen. oratt. c. 5.*

16

nem apis: in quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omnium verborum vimque servavi: non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam adpendere.

Aber auch von den neueren Nationen ist es namentlich Engländern und Franzosen nie in den Sinn gekommen, Wort und Gedanken des fremden Idioms zugleich in ihrer Sprache wiedergehen zu wollen. Nur wir Deutsche umarmen diese Ixionswolke eines Uebersetzungsideals, und bilden uns noch etwas Erklekliches darauf ein, dem Unmöglichen ohne Mitbewerber und Nebenbuhler nachzujagen. Allerdings erfreut sich unsre Sprache einer größern Empfänglichkeit und Bildungsfähigkeit, als jede andere der neuern Sprachen. Aber wir dürfen uns dieser Vorzüge weder zu viel, noch zu wenig bewußt sein: das eine führt zum Uebermuth, das andere zur Abhängigkeit: beides aber ist unsrer jezigen Stellung gleich unwürdig.

In der Mitte des vorigen Jahrhunderts war es verzeihlich, wenn die Uebersetzungen der Deutschen undentsch waren, denn das Volk hatte seit dem 30jährigen Kriege mit seiner Selbständigkeit auch seine Sprache eingebüßt, und da sich unsre Litteratur nur an den Mustern des Alterthums allmählich wieder aufrichten konnte, so war es natürlich, dafs man den Schriftstellern, welche hier Bahn brachen, namentlich den Dichtern, ihre fremden Lehrer anföhlte*). Wenn aber Schleiermacher noch in unsern Tagen in der Undeutschet die rechte Aufgabe des Uebersetzens suchte und fand, und die Zumuthung stellte, dafs das deutsche Ohr sich an das Undeutsche gewöhnen müsse, so heifst diefs die Unvernunft zum Gesez erheben und sich an der Sprache versündigen. In jenen traurigen Tagen, als die deutsche Nation französischer Herrschaft unterthan war, und ihr Sinn zur Knechtschaft

*) Klopstock übersezte bekanntlich, von einem richtigen Geföhle geleitet, einige seiner Oden in das Griechische, und Lessing gab seine Messade den lateinischen Hexametern wieder zuröck, weil er (wie er im II. Theile seiner Schriften p. 244—251, Frankfurt u. Leipzig 1770. mit verstellter Naivität versichert) viele Stellen der Messade Anders nur mit Hilfe des Lateinischen erklären konnte. Das beste Urtheil aber fällt Novalis (S. Schr. Berl. 1802. p. 372.): Klopstock's Werke scheinen gröfstentheils freie Uebersetzungen und Bearbeitungen eines unbekanntem Dichters, durch einen sehr talentvollen aber unpoetischen Philologen zu sein.

hinneigte, da kamen in ähnlicher Weise Gelehrte, und suchten darzuthun, daß diese Knechtschaft die eigentliche Freiheit sei*).

Seitdem hat sich Gottlob unsre Sprache zur Mündigkeit herangebildet und ist berufen, selbständig ihre eigne Bahn hinzuwandeln. Wie es aber damals galt, sich eine Sprache zu gewinnen, so stellt unsre Zeit an das Geschlecht die Aufgabe, sie zu behaupten, und nicht in übermüthigem Vertrauen auf ihre Universalität sie zur Nachäffung jeder ausländischen Sprach- und Dichtweise in widerlicher Sprachverrenkung zu misbrauchen. Denn wie sich die kräftige Persönlichkeit jedes Einzelnen darin ausdrückt, daß sie Alles, was ihr nicht gemäß ist, ferne hält und ausstößt, so muß die deutsche Nation jetzt ihre Sprache, als das heiligste Palladium der Nationalität, wahren und das kräftig-schöne Gebilde vor Verbildung behüten. Es scheint allerdings eine ehrenwerthe Bestimmung unsres Volkes zu sein, die verschiedensten Richtungen, in der Wissenschaft wie im Leben, aufzunehmen und zu vermitteln. Aber um so mehr zu beherzigen ist auch die Aufgabe, bei solchem Zuströmen fremder Bildungselemente, bei dem überwiegenden Einflusse bereits fertiger und scharf ausgeprägter Nationalität anderer Völker, aus der Vielfachheit der Beeinflussung Vortheil zu ziehen, ohne daß die eigne Individualität in unbestimmte Umrisse sich auflöse und verschwinde.

Welches sind nun aber die Anforderungen, die wir selbst an eine Uebersetzung stellen? Sie muß vor Allem deutsch**) sein, d. h. der Charakter unsrer Sprache, als der Form unsres volkstümlichen Denkens und Empfindens, muß sich darin nach seiner Eigentümlichkeit rein und klar ausgeprägt darstellen. Jedes einzelne Element derselben; Wortstellung, Periodenbau, Satzverbindung, Modusgebrauch, dann die Wortbildung, die Weise des Ausdrucks, die Wahl der Tropen und Bilder, — kurz,

*) Vergl. v. Strombeck: Darstellungen aus meinem Leben II. Thl. p. 51.

***) Wer deutsch reden will, der muß nicht der ebräischen Worte Weise führen, sondern darauf sehen, wenn er den ebräischen Mann versteht, daß er den Sinn fasse und denke also: Lieber, wie redet der deutsche Mann in solchem Fall? Wenn er nun die deutschen Worte hat, die dazu dienen, so lasse er die ebräischen Worte fahren und spreche frei den Sinn heraus aufs beste deutsch, so er kann. (Weish. Luth. 2te Aufl. p. 105.)

18

Alles und Jedes darf nur dem Bereiche des deutschen Sprachidioms entnommen sein. Schleiermacher opfert dieses Erforderniß ganz und gar seiner Theorie; weil er aber selbst nicht umhin kann, die Verpflichtung zur Reinheit der Sprache als einen Vorzug der von ihm verworfenen Methode anzuerkennen, so hören wir dies am liebsten aus seinem eignen Munde: „So viel sehen wir gleich, daß die Sprache des Uebersetzers von dieser Methode nicht das Mindeste zu befürchten hat. Seine erste Regel muß sein, sich wegen des Verhältnisses, in dem seine Arbeit zu einer fremden Sprache steht, nichts zu erlauben, was nicht auch jeder ursprünglichen Schrift gleicher Gattung in der heimischen Sprache erlaubt ist.“ Korrekt also muß die Uebersetzung sein, deutsch ohne alle Härte, ohne alle aufgezwungene Sprachbildungen und auffällige Neuerungen. Der Uebersetzer kann und darf Worte und Wendungen bilden, neue Bedeutungen schaffen, aber durchaus nicht mehr, als jeder andre Schriftsteller. Alles aber, was er uns giebt und bietet, muß uns natürlich, homogen, unsrer Eigenthümlichkeit entsprechend sein. So nur wird uns eine neue Stellung, ein neues Wort, sei es wirklich erst gebildet oder aus dem eignen Sprachschätze in den Gebrauch zurückgerufen, nicht als Neuerung erscheinen, sondern das Gegebene wird uns schon beim ersten Anblick gewohnt und heimisch vorkommen, wie wir oft im Leben eine uns verwandte Natur bei der ersten Erscheinung schon als längst gekannt und als ersehnte Ergänzung unsres Innern begrüßen.

Es genügt jedoch nicht, daß der Sprache negativ ihr Recht widerfähre und ihr nicht Gewalt angethan werde, sondern die Sprache der Uebersetzung muß neben der Korrektheit auch anmuthig *), gefällig, wohlthuend, harmonisch sein. Auch hier möge Schleiermacher für uns sprechen: „Nicht nur nichts zu fürchten hat die Sprache von jener Methode, sondern der Uebersetzer hat so sehr als irgend einer die Pflicht, wenigstens dieselbe Sorgfalt für die Reinigkeit und Vollendung

*) Der Uebersetzer muß den Schein der vollkommensten Freiheit mit der vollkommensten Gesetzmäßigkeit behaupten. Es ist nicht genug, Schwierigkeiten zu beseitigen, auch der Schweifs muß verborgen bleiben, den der Sieg gekostet hat. (Jacobs Verm. Schr. II. Th. p. 19).

der Sprache zu beobachten, derselben Leichtigkeit und Natürlichkeit des Stils nachzustreben, die seinem Schriftsteller in der Ursprache nachzurühren ist.“ Wir werden nicht mit ihm darüber rechten, daß er hiebei dasjenige zu einem *minimum* der Uebersetzungsaufgabe zu machen scheint, was uns als das Höchste gilt, sondern wir fragen nur: Wer die Form der alten Schriftwerke nachzubilden sich bestrebt, kann der ein andres Ziel kennen, als Anmuth und Schönheit? Worin liegt denn jener eigenthümliche Reiz der Schriften des Alterthums, welchem keine Zeit seine Blüthe abzustreifen vermag, jener unwiderstehliche Zauber, welcher die Bewunderung aller Jahrhunderte fesselt? Es ist die Grazie selbst, die nie alternde, ewig blühende! Darum ist und bleibt die höchste Aufgabe alles Uebersetzens: Aus dem Schönen ins Schöne! Und wer dieß Ziel nicht erstreben kann oder will, der trübe den lautern Quell klassischer Rede nicht durch unreine Hände, und halte sich fern von dem Alterthum“).

Was Göthe *) ziemlich unverständlich ausdrückt, wenn er als die dritte und höchste Uebersetzungs-Epoche diejenige bezeichnet, wo man die Uebersetzung dem Original identisch machen möchte, so daß eins nicht anstatt des andern, sondern an der Stelle des andern gelten solle, dieß enthält das dritte Erforderniß, welches wir an eine Uebersetzung stellen, daß sie nämlich etwas an sich sei. Sie soll nicht bloß ein Surrogat, ein Ersatz für die Unzugänglichkeit des Originals sein. Wir wollen eine Uebersetzung, welche man für sich genießen kann, und nicht erst in die Urschrift zurückzuübersetzen braucht, um sie genießbar zu

*) Muß denn nicht durch solche Uebersetzungen, wie wir sie namentlich von Tacitus haben, das Urtheil über den künstlerischen Werth der Schriftsteller des Alterthums, also die Vorstellung vom Alterthum selbst gänzlich verkehrt werden? — Der Woltmann'schen Uebersetzung widerfährt, was ihr gebührt, von dem Rez. in der Hall. Allg. Lz. 1826. 89: „Wer wird nicht, wenn er Woltmann's Uebersetzung liest, meinen, Tacitus habe ein Latein geschrieben, so rauh, so ungestalt und barbarisch, als der Kriegsgesang der alten Germanen war, den Ammianus Marcellinus mit dem Rollen eines Rüstwagens über einen Knüppeldamm verglich.“

**) S. W. Thl. VI. p. 239.

20

machen^{*)}. Sie darf nicht erst ihren Werth durch ihr Vorbild erhalten, darf nicht einem Symbole gleichen, welches seine Bedeutung erst durch das gewinnt, woher es genommen ist, nicht einer Reliquie, welche nur durch das, worap sie erinnert, das ist, was sie ist. Die Uebersetzung wird aber dieser Aufgabe entsprechen, wenn sie jene beiden ersten Erfordernisse in sich enthält, denn ein Werk, welches Korrektheit und Grazie in sich vereinigt, ist schon etwas an sich, ein Selbstständiges, und wenn Solger vermeint, eine Uebersetzung sei kein Kunstwerk, weil sie nichts aus dem Gemüthe darstelle, und ein Produkt der Gelehrsamkeit sei, so mag diese Definition für seine Zeiten passen, und wir begnügen uns mit der Erwiederung, das einer Uebersetzung wenigstens das wesentlichste Merkmal eines Kunstwerks nicht fehlen dürfe, die Vollendung in sich selbst.

Eine Uebersetzung darf endlich kein willkürliches, handwerksmäßiges Fortigen einer Waare sein, wie sie der Markt der Uebersetzungsfabriken alljährig zur Schau stellt. Wenn der Zweck alles Uebersetzens Vermittlung des Alterthums und der Gegenwart ist oder sein soll, so ergiebt sich, das die Zeit selbst in sich die Möglichkeit und das Bedürfnis einer solchen Vermittlung enthalten muß. Denn ohne das Vorhandensein einer bestimmten Aehnlichkeit der allgemeinen Zustände und einer gewissen Gleichheit der Stimmung ist ein richtiges Verständniß des wiedergebornen Schriftstellers undenkbar, und ohne die Grundlage solcher analoger Färbungen der Gegenwart, welche allein nur Empfänglichkeit und Anklang bedingen, bleibt eine Uebersetzung ein unfruchtbares Samenkorn, ein fremder Stoff, den der Verdauungsprozess der Zeit ausstößt, ohne ihn in das Blut des Bewusstseins aufzunehmen. Vollends aber muß die Persönlichkeit des Uebersetzers in einer genauen Beziehung zu seinem Original stehen. Man muß selbst ein Dichter sein, um einen Dichter übersetzen zu können. Damit ist jedoch nicht gesagt, das ein gleich großes Talent und Genie erfordert werde, und das wir erst einen deutschen Aeschylus erwarten

*) Und wenn man gewisse Uebersetzungen darum gepriesen hat, das sie dem Leser den Genuss gewährten, sie fortwährend gleichsam in das Original zurück zu überetzen, so scheint mir das dem künstlerischen Werthe solcher Arbeiten geradezu den Stab zu brechen. (Droysen in s. Aristoph. I. Thl. Vorr. p. IX.)

müßten, um ein deutsches Abbild des Originals zu gewinnen. Nicht dies, nicht gleich an Kraft, nur fähig, seinen Schriftsteller in sich aufzunehmen, ihm gleichsam ebenbürtig muß der Uebersetzer sein. Das Vermögen, in den Geist des Urbilds einzugehen, sich in ihn einzuempfinden und einzufühlen, reicht vollkommen hin, um die Originalität darzustellen. Es muß ein Verhältniß zwischen Schriftsteller und Uebersetzer sein, wie es Göthe*) zwischen Wieland und Cicero oder Horaz annimmt, oder, wie es zwischen Göthe selbst und Eckermann Statt findet. Wenn somit ein Uebersetzer nicht bestellt werden kann, wenn es der Fügung überlassen werden muß, wann und wo er erstet, so sind doch die Bedingungen seiner Erscheinung nicht so hoch gestellt, daß die Zeit berufene Uebersetzer nur in laugen Zwischenräumen, wie die großen Originale selbst, zu schauen bekäme.

Welcher Mittel sich unser Uebersetzer zu bedienen, wie er zu verfahren hat, erzieht sich aus dem bisher Gesagten von selbst. Er darf nicht selbst machen, weder auf eigene Faust noch durch Nachäffung, weder in Prosa noch in Poesie. Er darf nichts Fremdes unmittelbar einimpfen wollen, sondern er muß unter dem bereits Vorhandenen das Entsprechende nehmen, und sein Hauptverdienst wird sich in dem Takt und Geschick zeigen, aus dem Bereiche des Volkslebens oder aus der vorhandenen Litteratur mit glücklicher Hand das Anloge herauszugreifen. So war es ein guter Gedanke von Lange, Herodot in dem Gewande der Lutherischen Sprache wiederzugeben, denn allerdings steht diese zu uns in einem ähnlichen Verhältnisse, wie die Sprache Herodot's zu seiner Zeit. Das Milde und doch Kräftige, das Vertrauliche, Redselige, Treuherzige, das Schmuklose und Schlichte, alle diese Elemente sind beiden Sprachen gemeinsam, und daher gewinnen wir aus der Lange'schen Uebersetzung einen ähnlichen Eindruck, wie ihn das Original erzeugt, aber bei Lange erscheint zum Theil gesucht, was bei Herodot natürlich ist: er artet in Manier aus, und wird dadurch widerlich. Darum gebührt ihm das Verdienst des Gedankens, aber die Ausführung ist noch einem Glücklichen vorbehalten. Sogar die Wahl der Anspruchsform**), um ein Beispiel von scheinbar Gleichgiltigerem zu wählen, ist von der größten Bedeutung, wenn es gilt, das Entsprechende und Analoge aus der Muttersprache zu finden. Am meisten hat man alles nationale und volkstümliche

*) S. W. Thl. XXXII. p. 251.

**) Sehr Lesenswerthes s. hierüber in einem Schulprogramm meines ehrwürdigen Vaters, J. A. Schäfer, Ansb. 1794. und in den Vorr. zu seiner Uebers. der Briefe des Plinius.
Der alte Gellert fühlt das Nothwendige und allein Fruchtbringende des Analogens sehr richtig, wenn er in seiner praktischen Abhandlung von dem guten Geschmack in Briefen bei einem Plinianischen Briefe *Tu* mit *Sie* übersetzt und dabei sagt: Bei einem einzelnen Brief, den ich als Exempel anführe, schien mir das *Sie* nöthig zu sein, um die Aechtheit der alten und unserer Briefe fühlbar zu machen, und den Leser geschwinder zu überzeugen, daß die Regeln eines guten Briefs allezeit ebendieselben gewesen sind.

22

Gefühl bei Nachahmung der antiken Metren verläugnet^{*)}, als wenn man so ohne Weiteres das Gleiche mit einem ganz verschiedenen Material wiederherstellen, etwa eine Brücke aus Stein nach demselben Plane wie eine hölzerne, oder eine eiserne gerade wie eine Brücke aus Stein bauen könnte, und nicht vielmehr jeder Stoff seine eigenen Gesetze der Anwendung in sich trüge^{**)}. Einen unbefangenen Uebersetzer wird sein eignes Gefühl leiten, was er zu opfern oder aufzunehmen, und was er in der Muttersprache als Ersatz für das Geopferte zu substituiren habe. Dabei ist wohl zu beachten, dafs, nachdem unsre Sprache durch manchen schönen Zuwachs von allmählich akklimatisirten Metren aus den alten und neuern Sprachen wirklich bereichert worden ist, wir nicht mehr so viel, wie vordem, zu opfern haben, sondern es steht uns bereits ein weites Feld von einheimischen Mitteln offen, um alte Originale mit genügender Wahrheit der Form darstellen zu können.

Wie bekämpft aber Schleiermacher diese von uns verretene Methode, deren Ziel ist, dahin zu wirken, dafs wir die Alten so, wie sie lebten und lebten, endlich auch einmal in unsrer Muttersprache geniessen können? Er verzichtet auf eine solche Uebersetzung nicht, weil er ihre Vorzüge verkennt, sondern weil er sie für unmöglich hält. „Wie kann man einen Menschen von seiner angeboren Sprache trennen wollen, und meinen, es könne ein Mensch oder auch nur eine Gedankensreihe eines Menschen eine und dieselbe werden in zwei Sprachen? Oder wenn sie denn auch auf gewisse Weise verschieden sind, wie kann man sich anmassen, die Rede bis in ihr Innerstes aufzulösen, den Antheil der Sprache daran auszuscheiden, und durch einen neuen, gleichsam chemischen Prozeß sich das Innerste derselben verbinden zu lassen mit dem Wesen und der Kraft einer andern Sprache?“

Allerdings kann man den Menschen von seiner Sprache nicht, wie die Frucht von der Schale, los trennen, und sie ist kein Kleid, das man einem auszieht, um ihm ein andres dafür anzuziehen. Handelt denn aber Schleiermacher's Uebersetzer dieser Wahrheit würdiger als wir? Er kleidet sich, wie der Römer oder Grieche gekleidet war, präsentirt sich dann in dieser Vermummung und beginnt seine Komödie! — Wenn der Gedanke sich seine Form schafft, wie die Seele sich gleichsam selbstthätig mit dem ihr gebührenden Körper umgiebt, so kann er doch wohl das Nämliche noch einmal, im Deutschen, thun, was er bereits einmal, im Griechischen, gethan hat.

*) Fischart, der deutsche Rabelais, fügt, nachdem er seiner Muttersprache wegen der Fähigkeit, auch den Hexameter wahrzunehmen, ein Lob gesungen, hinzu: Wenn sie (die deutschen Verse) nicht die Prosodie oder Stimmförmigkeit also abergläubig, wie bei den Griechen, halten, so ist es erst billig, denn wie sie ihre Sprach mit von andern haben, also wollen sie auch mit nach andern traben. Eine jede Sprach hat ihre sondere angeordnete Tönung und soll auch bleiben bei derselben Angewöhnung.

**) Ueber die Art, wie ein sinniger Uebersetzer im Metrischen zu verfahren habe, muß man Droyson's Vorrede zu s. Aristoph. I. Thl. p. XI. — XVI. nachlesen.

Es handelt sich also nur darum, daß der Uebersetzer geistesverwandt, und daß er hingehend genug sei, um den schon einmal gedachten Gedanken nachzudenken d. h. in sich aufzunehmen und in freiem Geiste (gleichwie das Weib beim Embryo) sich reproduziren zu lassen. Nicht eine Mummerei, sondern ein nochmaliges Entstehen in einem homogenen Geiste und homogenen Elemente wird von uns gefordert*).

Zum Zweiten fürchtet Schleiermacher, eine solche Uebersetzung müsse nothwendig sich in Nachbildung verlieren. Er sucht dies aus der Unmöglichkeit nachzuweisen, die Philosophische, innerhalb der Grenzen eines bestimmten Kreises gänzlich abgeschlossene, Sprache überzutragen, ohne entweder zu paraphrasiren oder nachzubilden, und findet die Aufgabe vollends unausführbar bei der Komödie.

In der Philosophie ist man nun einmal gewohnt, daß jeder Philosoph und jede Philosophie sich eine eigne Kunstsprache bilde und mache. So wollen wir denn auch dem Plato und Aristoteles die ihrige lassen und ihrem Uebersetzer gestatten, daß er hier besondere Ausdrücke sich mache, so weit das technische Gebiet der Begriffsbestimmungen es fordert. In der Komödie aber wird der Uebersetzer allerdings nicht umhin können, theilweise Nachbildner zu sein. Dadurch ist jedoch nur ein gradweiser, nicht ein spezifischer Unterschied von den andern Uebersetzungen bedingt. Theilweise ist jede Uebersetzung, auch die Vofs'sch-Schleiermacher'sche, Nachbildung. Denn durchgängiges Substituiren lauter neuer Dinge, so daß ein Werk ganz und gar aus seiner Umgebung herausgerissen und der unsrigen einverleibt wird, ist Nachbildung, theilweises aber ist Uebersetzung. Wenn übrigens Schleiermacher gerade Aristophanes wählt, um die Unausführbarkeit unsrer Methode darzuthun, so hätte er nicht glücklicher für uns wählen können. Denn hier haben wir nicht nur durch Göthe ein Beispiel der Nachbildung, gegenüber der Uebersetzung, sondern auch in dem letztern Fache zwei Leistungen, wie wir sie passender selbst nicht hätten auffinden können. Nach dem Vorgange Wolf's**), und nach dem mißlungenen Versuche Vofsens***), hat uns Droysen den alten Dichter so wiedergegeben, daß er einer der unsrigen geworden ist, oder, wie ein geistvoller Rezensent †) sagt: „Droysen's Bemühung hat die Stellung des

*) Es ist mir vorgekommen, daß, wer einen solchen großen Alten unserm Jahrhundert darstellen will, sich in ihn verwandelt und nicht slavisch, sondern, wie die Schrift sagt, *κατ' ἑωυτοῦ* den Charakter seines Ausdrucks vortragen soll. Joh. v. Müller. S. W. VIII. p. 413.

**) S. im Schütz'schen Briefw. I. p. 220. Jacobs's Urtheil über Wolf und Vofs.

***)) Die Vofs'sche Uebersetzung ist und bleibt zwar ein merkwürdiges moralisches Phänomen unsrer Zeit, durch diese hervorgerufen und gefördert, dürfte aber in ästhetischem und technischem Betracht selbst noch nicht für ein gelungenes, sondern künftigen Gelingen vorarbeitendes Unternehmen ausgesprochen werden. Jenes dürfte nicht ausbleiben, wenn wir des Gottes eignen Rath beherzigten: (Frösche 1445) Sprich etwas ungelehrter und verständlicher. Rez. im Hermes XVII. p. 7.

†) Hall. Jahrb. 1839. I.

24

wirklichen definitiven Verdauungsprozesses alter Dichter im Gegensatz gegen die Völsische Aufgabe, unsre Sprache und Dichtung mit altklassischer Eigenthümlichkeit zu bereichern. — Er will geben und gibt wirklich nicht eine nur gelehrte und schrullenhaft (?) elegante Uebersetzung, sondern Poesie und den Alten wirklich frisch und verjüngt im geistigen Hauche der deutschen Gegenwart.“

In solchem Geiste und in solchem Sinne muß uns das ganze Alterthum genähert werden. Lasse man immerhin die Befangenheit fürchten, daß die Beimischung von dem Wesen und der Persönlichkeit des Uebersetzer den Autor entstellen, und daß uns sein Bild, durch dieses Medium erblickt, nicht ganz in dem nämlichen Lichte erscheinen möchte! Nimmt auch der Uebersetzer einen Theil des Interesses für seine Persönlichkeit in Anspruch, so zeigt er uns zum Ersatz dafür an seinem eignen Beispiele, was eine treue Beschäftigung mit dem Original gewinnen lasse, und wird unser Führer nicht allein mit den Worten, sondern auch mit der That. Und solchen Gewinn sollen wir bei der Beschäftigung mit den Alten Alle erstreben; aber wir können uns desselben nicht eher erfreuen, als bis wir jene durch und durch und von Grund aus verstehen, so daß wir in ihnen und sie bei uns ganz heimisch werden. Auf halbem Wege wird aber hier Nichts erreicht. Nur selbstsüchtige Menschen oder Schwächlinge bringen halbe Hilfe statt ganzer: jene, indem sie dafür sorgen wollen, daß man ihrer Dienste niemals entzihen könne, diese, weil sie es nicht besser vermögen. Der tüchtige Mensch und der Meister seines Faches drückt nicht mit der einen Hand nieder, indem er mit der andern emporhilft. Nur durch Vermittlungen solcher Art, wie wir sie fordern, wird die Aufgabe gelöst, welche wir dem Alterthum gegenüber, als einem Theil der Weltgeschichte, selbst an uns zu stellen haben, und nur so kann und wird es allmählich erreicht werden, daß dasselbe endlich aufhöre, für uns ein bloßer Name zu sein, und das lähmende Anstauen des Unbegriffenen sich in ein freudiges Erkennen und begeistertes Nachahmen verwandle!

Ich gehe nunmehr zu dem eigentlichen Zweck dieses Programms über, und lade im Namen des Rektorats und sämmtlicher Lehrer alle Gönner und Freunde der Jugendbildung ergebenst ein, die angekündigte Feier der Preisvertheilung mit Ihrer Gegenwart beehren zu wollen.

Erlangen am 28. August 1839.

Prof. D. Karl Schäfer.

ANEXO II

Resenha do ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*, da autoria de Johann Albrecht Karl Schäfer, publicado nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Paedagogik* (Leipzig 1841)

Jahresbericht
 von der
Königlichen Studienanstalt
 zu
Erlangen,
 bekannt gemacht
 bei der öffentlichen Preisvertheilung
 den 7. August 1863.

Vorausgeschickt ist:
De Tiberio et Gaiō Gracchis commentationis particula II.
 von
J. Soergel,
 K. Studienlehrer.

Erlangen,
 Druck der Universitäts-Buchdruckerei von Junge & Sohn

Jahresbericht.

I. Vorbericht.

Das Lehrpersonal erlitt seit der Bekanntmachung des vorigen Jahresberichtes bedeutende Veränderungen.

Am 31. August v. J. geruhte nämlich S. Maj. der König den Studienlehrer Dr. Gottfried Friedlein, der von 1853—55 als Lehrer der I., von 1855—57 der II. und 1857—62 der III. lateinischen Klasse an der hiesigen Studienanstalt mit dem erfreulichsten Erfolge gewirkt hatte, an die Stelle des in Ruhestand getretenen Professors der Mathematik am königl. Gymnasium zu Ansbach Dr. Friederich zu befördern, und die Lehrstelle der III. lateinischen Klasse dem Studienlehrer in Hof Gustav Bissinger zu übertragen.

Am 30. September verlor die Anstalt durch den Tod einen Mann, der seit einer langen Reihe von Jahren an derselben als Lehrer die segensreichste Thätigkeit entwickelt und bei Verhinderung oder Beurlaubung des königl. Studienrektors oft auf längere Zeit dessen Stelle vertreten hatte, über dessen Lebensschicksale sich folgende Aufzeichnung von seiner Hand bei den Akten findet: „Dr. Johann Albrecht Karl Schäfer, geboren den 22. Mai 1800 zu Ansbach, wo sein Vater Dr. Johann Adam Schäfer zuerst als Lehrer und später auch als Rektor des Gymnasiums nahe an sechzig Jahre segensreich wirkte, besuchte von 1808—1817 die Schule seiner Vaterstadt und studirte dann 2 Jahre lang Jurisprudenz zu Erlangen. Da erwachte seine frühere Vorliebe für das Schulfach auf's Neue, und er ging nach München, um sich in dem dortigen philologischen Seminar für dieses auszubilden. Hier fand er an Herrn Hofrath Thiersch einen treuen Lehrer und wohlwollenden Gönner. Nachdem er im Spätsommer 1821 das sogenannte Professoren-Examen bestanden hatte, war er so glücklich, von einem k. Reisestipendium unterstützt, noch für ein Jahr Leipzig besuchen zu können, wo er sich besonders an Professor Spohn anschloss. Noch im Herbste des Jahres 1822 wurde er durch allerb. Rescript, d. d. Tegernsee den 10. Okt. 1822, zum Lehrer der beiden vereinigten Progymnasiaklassen in Erlangen ernannt. Allmählich rückte er in höhere Klassen ein und seit 1838 ist er Lehrer der III. Gymnasiaklasse. So gehört er denn bald vierzig Jahre einer und derselben Studienanstalt an, und kann Gott nicht genug dafür danken, dass er ihn gerade hierher geführt hat,

wo ihm in reichem Masse Alles geworden ist, was sein Herz wünschen dürfte; nur das Glück der Ehe fehlt ihm.“ Seine literarische Thätigkeit beschränkte sich nach seiner eigenen Angabe auf einige Schulprogramme *); seine Verdienste als Lehrer wurden von S. Maj. dem König am 1. Januar 1857 durch Verleihung des Ordens vom h. Michael allergnädigst belohnt.

Dieser Todesfall war für die Studienanstalt, wie für die zahlreichen Freunde und Verehrer des Verewigten um so schmerzlicher, als er höchst unerwartet kam, da Professor Schäfer sein Amt bis zum Schlusse des vorigen Studienjahres wie immer versehen und erst am 8. September bei dem königl. Studienrektorate wegen schwerer Erkrankung ein Gesuch um einen „lange andauernden“ Urlaub eingereicht hatte.

Auf die hierdurch erledigte Lehrstelle der III. Gymnasialklasse wurde durch allerbh. Entschliessung vom 8. November der bisherige Professor der I. Gymnasialklasse in Zweibrücken Iwan Müller versetzt.

Eine in die Verhältnisse der Anstalt noch tiefer eingreifende Veränderung ging daraus hervor, dass S. Maj. der König am eben genannten Tage allergnädigst geruhte, unter Verleihung des Verdienstordens der bayer. Krone und huldvollster Bezengung der allerhöchsten Zufriedenheit und Anerkennung für seine ausgezeichneten Leistungen und Verdienste auf dem Gebiete des Unterrichts und der Erziehung während einer mehr als vierzigjährigen amtlichen Thätigkeit, dem seitherigen Studienrektor Hofrath Dr. Johann Christoph Wilhelm Ludwig von Döderlein in seiner Eigenschaft als Professor der IV. Klasse des Gymnasiums den Ruhestand für immer zu bewilligen und denselben zugleich von der Führung des Rektorates der Studienanstalt zu entheben, und den Berichterstatler, den seitherigen Professor der III. Gymnasialklasse in Schweinfurt, Dr. Ludwig von Jan zum Professor der IV. Gymnasialklasse zu berufen und ihm die Führung des Rektorates der Studienanstalt zu übertragen.

Die Verdienste des Herrn Hofraths von Döderlein um die hiesige Studienanstalt hier näher auseinanderzusetzen verbietet der Raum; wer aber die Schicksale des Erlanger Gymnasiums während seiner 43jährigen Vorstandschaft verfolgt, wird ohne Mühe einsehen, dass der ganze jetzige Bestand der Anstalt als sein mit eben so viel Energie als Einsicht und Liebe zur Sache gefördertes Werk zu betrachten ist, indem er die Anstalt, welche bei seinem Amtsantritt kaum den Namen eines Gymnasiums verdiente, theilweise unter den schwierigsten Verhältnissen zu ihrem jetzigen Zustande

*) 1) *Observationes ad aliquot Demosthenis locos.* 1829. 2) Ueber Biographien überhaupt und die Plutarchischen insbesondere, als Grundlage des ersten historischen Unterrichts. 1834. 3) Ueber die Aufgabe des Uebersetzers. 1839. 4) *Aimae literarum parenti Friderico-Alexandrinae ante hos centum annos conditae solemnia saecularia prima . . . gratulantur Gymnasii Erlangensis collegae interprete D. C. Schaefer.* 1843.

fortzubilden wusste, in welchem sie unter den Studienanstalten unseres Vaterlandes eine ehrenvolle Stelle einnimmt. Was er in diesem langen Zeitraum seinen Collegen und seinen Schülern war, bezeugt deren dankbare Anhänglichkeit.

Nach einem höchsten Minist.-Rescr. vom 4. Juli v. J. sollte der am 3. Juli zum Gymnasialprofessor beförderte Studienlehrer Max Lechner mit dem Beginne des Studienjahres 1862/63 den dem Assistenten zukommenden Unterricht in den oberen Klassen des Gymnasiums übernehmen, und durch hohes Regierungs-Rescript vom 1. Oktober v. J. wurde ihm die Verwesung der III. Gymnasialklasse unter Beiziehung des Studienlehrers Dr. Autenrieth und anderer Lehrer der Studienanstalt übertragen.

In Folge dessen besorgte der Professor Lechner den grössten Theil des Unterrichts der beiden oberen Klassen, theils gesondert theils vereinigt; den Unterricht in der Rhetorik ertheilte der Studienrektor, wie bisher, den beiden Klassen zusammen; derselbe las mit der Oberklasse einige Oden des Horaz; den Geschichtsunterricht übernahm in dieser der Studienlehrer Dr. Autenrieth, wogegen in der I. lateinischen Klasse die Studienlehrer Bissinger und Sörgel den Unterricht im Deutschen theilweise, im Rechnen und in der Geographie besorgten.

Mit dem Anfang des Monats December übernahm der Professor Iwan Müller den Unterricht in der III. Gymnasialklasse; den der Oberklasse führte der Professor Lechner, da der neuernannte Studienrektor wegen Unwohlseins erst am 13. December eintraf und nach der am 16. December stattfindenden Uebernahme des Rektorates sich vor Allem mit den mit demselben verbundenen Geschäften, wie mit dem Stande der einzelnen Klassen bekannt machen wollte, bis zum Schlusse des Jahres fort, und vollendete im Monat Januar noch die begonnene Lesung der Elektra des Sophokles. Durch ein höchstes Ministerial-Rescript vom 10. Januar 1863 wurde er vom Beginne des Monats Februar an seiner Dienstleistungen an der Studienanstalt Erlangen enthoben, und durch ein weiteres vom 4. Februar beauftragt sich nach Würzburg zu begeben, um an der dortigen Universität einen Cyclus von Vorlesungen über Geschichte, Methodik und Literatur der Turnkunst, insbesondere über das Spiess'sche System, zu halten. Von dort zurückgekehrt war er mit der Abfassung eines Leitfadens der Turnkunst für Gymnasien und Elementarschulen beschäftigt, übernahm aber dabei auf eigenen Wunsch die cursorische Lesung der Iliade in der Oberklasse. Für die Zeit der Verwendung des Professors Lechner in Turnangelegenheiten wurden durch höchstes Ministerial-Rescript vom 17. Januar dem seitherigen Inspektor des Alumneums in Ansbach J. Adolf Baumann die Geschäfte des Assistenten an der hiesigen Studienanstalt übertragen, welche so geordnet wurden, dass er in der Oberklasse den grammatischen griechischen Unterricht sammt den dahin einschlagenden Correcturen, in der I. Gymnasialklasse, zur Erleichterung des Professors Dr. von Rücker, die Lesung des Homer und die schriftlichen Uebungen nach Halm und Holzer nebst der Geschichte, in der I. lateinischen Klasse den bis dahin von den Studienlehrern Bissinger und

Sörgel ertheilten Unterricht übernahm, und vom Beginne des zweiten Semesters an, zuerst gemeinschaftlich mit Professor Lechner, den Turnunterricht.

Das Maifest wurde am 22. Mai, wie früher, *intra parietes*, und zwar mit Gesang, Productionen auf dem Clavier und der Violin und Declamation theilweise von den Schülern selbst verfertigter Gedichte und einiger Scenen aus deutschen Dramen gefeiert.

Am 24. Juli fand die mündliche Absolutorialprüfung unter Leitung des königl. ordentlichen Professors der Philologie Dr. Keil Statt, nachdem derselbe an den beiden vorhergehenden Tagen die einzelnen Klassen der Studienanstalt inspiciert hatte.

Die Gymnasialbibliothek erhielt folgende Geschenke, deren Empfang hiemit, theilweise nachträglich, unter ergebenstem Danke bescheinigt wird. Durch die Gnade S. Maj. des Königs: Bavaria, Landes- und Völkerkunde des Königreichs Bayern. II. Bd. I. Abtheil. München 1862. 8. — Von der histor. Commission bei der k. b. Akademie d. W.: Quellen und Erörterungen zur bayerischen und deutschen Geschichte. VI. Bd. München 1861. 8. und II. Bd. II. Abtheil. München 1862. — Von Herrn Dr. O. Heyfelder: Paris, Reisehandbuch von E. Kollof. Paris 1849. 12.; Vorlesungen über die Geschichte der deutschen Nationalliteratur von Wachler. 2 Theile in 1 Bd. Frankfurt 1834. 8.; die Pädagogik des Hauses von Th. Heinsius. Berlin 1838. 8. — Von der Herbig'schen Verlagshandlung: Die grammatischen Lehrbücher der französischen Sprache von Plötz. 4 Bde. Berlin 1860—62. kl. 8. — Von der Evler'schen Verlagshandlung: Lehrbuch der Geschichte der deutschen Nationalliteratur von Dr. W. Buchner. Mainz 1863. — Von der Buchner'schen Verlagshandlung: Formenlehre des attischen Dialekts von L. Englmann. 2. Auflage. Bamberg 1863. 8.; Uebungsbuch zum Uebersetzen vom Deutschen in's Griechische von W. Bauer. 2. Thl. Syntax. Bamberg 1863. 8. — Von Herrn Hofrath von Döderlein: Preisvertheilungsreden von 1861 u. 1862; abgedruckt in den N. Jahrbüchern f. Phil. u. Päd. 1861 Heft 11 u. 1862 Heft 12. — Von Herrn Studienlehrer Dr. Schmidt: Beiträge zur Urgeschichte Erlangens von Dr. J. L. F. Richter. Erlangen 1818. 8. — Von Herrn Prof. Dr. Rheinhard in Stuttgart: *Roma vetus in usum scholarum*. Stuttgart 1862, als Wandkarte.

ANEXO III

Necrológio de Johann Albrecht Karl Schäfer, publicado nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Paedagogik* (Leipzig 1864).

Neue

JAHRBÜCHER

für

Philologie und Paedagogik.

Begründet

von

M. Johann Christian Jahn.

Gegenwärtig herausgegeben

von

Alfred Fleckeisen
Professor in Dresden

und

Hermann Masius
Professor in Leipzig.



VIERUNDDREISIGSTER JAHRGANG.

Neunzigster Band.

Leipzig 1864.

Druck und Verlag von B. G. Teubner.

quibus adolescentes delectati sint, postero tempore commendaverint. A. Litterarum antiquarum studia cur et quomodo colenda sint, ex scriptis Basilii ostenditur.

(Fortsetzung folgt.)

Fulda.

Dr. Ostermann.

Kurze Anzeigen und Miscellen.

V.

Nekrolog.

Das Gymnasium zu Erlangen verlor bereits beim Beginn des vorletzten Schuljahrs durch den Tod einen seiner ältesten und verdientesten Lehrer Professor Dr. Karl Schäfer. Er war ein Sohn des durch seine Uebersetzung der Pliniusbriefe bekannten und als Schulmann hoch geachteten Consistorialraths und Rectors Schäfer zu Ansbach, wo er am 22. Mai 1800 geboren wurde. Der kenntnisreiche Vater erfüllte den Knaben mit der Liebe zu den Studien des Altertums und weckte durch sein Vorbild die Lust am pädagogischen Wirken in seiner Seele. Wenn der Verewigte, wie er gerne that, bei den Erinnerungen aus diesen Jahren der Kindheit verweilte, schilderte er oft mit lebhaftem Danke den würdevollen ersten Vater, der ihn und die Brüder in strenger Schlichtheit erzog. Von 1808 bis 1817 war er der Schüler des Ansbachischen Gymnasiums, das durch seines Vaters kräftige Leitung, sowie durch die Wirksamkeit tüchtiger Lehrer in groszer Blüte und verdientem Ansehen stand. Nachdem er dasselbe mit Auszeichnung absolviert hatte, widmete er sich an der Universität Erlangen zwei Jahre lang dem Studium der Rechte; im Jahre 1819 aber begab er sich nach München, um sich in dem ein Jahr vorher von Thiersch begründeten philologischen Seminar für das Schulfach auszubilden, da — so drückte er sich selbst später aus — seine frühere Vorliebe für dasselbe aufs neue erwacht war. Dort benutzte er eifrig den Unterricht von Thiersch, der ihm viel Wolwollen schenkte, dem er auch sein Leben lang die grösste Verehrung und Treue bewahrte. Als er im Jahre 1821 die Prüfung für das Gymnasiallehramt mit sehr günstigem Erfolge bestanden hatte, erhielt er ein Staats-Reisestipendium, so dass er die Universität Leipzig besuchen konnte. Indem er hier bei Spohn, an welchen er sich besonders anschloss, und G. Hermann hörte, bereicherte er sich mehr und mehr mit den Schätzen gediegenen Wissens. Am 10. Oct. 1822, also gleich nach seiner Rückkehr von Leipzig, wurde er zum Lehrer am Gymnasium in Erlangen ernannt. Vierzig Jahre blieb seine Thätigkeit demselben gewidmet, und er hat es verdient, dass diese Lehranstalt mit Dankbarkeit seiner gedenkt. Von unteren Classen allmählich in höhere aufgerückt, bekleidete er seit 1838 die Lehrstelle der III. (zweitobersten) Gymnasialklasse, in welcher er durch geschmackvolle Anleitung zum deutschen und lateinischen Stil, durch höchst sorgfältige Erklärung des Horaz, Demosthenes, Isokrates und anderer Autoren den Unterricht zu einem sehr fruchtbaren machte. Mit besonderer Liebe übernahm er seit Jahren in der IV. (obersten) Gymnasialklasse die Lectüre des Sophokles. Eifrig beachtete er, wie aus seinen Gesprächen zu erkennen war, alle wissenschaftlichen Erscheinungen, welche seine Lieblingsschriftsteller betrafen. Unter den Programmabhandlungen des Gymnasiums erschienen von ihm 1829: *Observationes*

ad aliquot Demosthenis locos; 1834: Ueber Biographien überhaupt, und die Plutarchischen insbesondere, als Grundlage des ersten historischen Unterrichts; 1839: Ueber die Aufgabe des Uebersetzers. Welches Vertrauen das Staatsministerium in seine Kräfte setzte, zeigt der Umstand, dass ihm dreimal zu verschiedenen Zeiten Rectorate von Gymnasien zugedacht waren; er lehnte jedesmal dankend ab, da er in Erlangen zu bleiben wünschte. Am 1. Jan. 1857 wurde ihm von Sr. Maj. dem Könige das Ritterkreuz I. Classe des Verdienstordens vom h. Michael verliehen. Während seines langen Aufenthalts in Erlangen griff er auch in viele Verhältnisse der Einwohnerschaft thätig ein, namentlich als Förderer gemeinnütziger und mildthätiger Vereine, und nie verheirathet stillte er aus eignen Mitteln manche drückende Not. Viele Studierende fanden an ihm einen wolwollenden Berather und Gönner, vielen blieb er auch nach Beendigung ihrer Studien einflussreicher Helfer. Eine Krankheit, die ihn während der letzten Herbstferien befiel, machte so rasche Fortschritte, dass er am 30. Sept. 1862 derselben erlag und seine Bestattung die erste Handlung war, welche im abgelaufenen Schuljahr Lehrer und Schüler des Gymnasiums vereinigte. Das Gymnasium wird ihm als einem Lehrer, der die Interessen der Schulanstalt stets mit grösstem Eifer vertrat, der von inniger Liebe zu seinem Berufe erfüllt war und zahlreiche Schüler treu heranbilden half, immer ein ehrenvolles Andenken erhalten.

Personalnotizen.

(Unter Mitbenutzung des 'Centralblattes' von Stiehl und der 'Zeitschrift für die österr. Gymnasien'.)

Ernennungen, Beförderungen, Versetzungen, Auszeichnungen.

- Agte, H., als ordentlicher Lehrer am Progymnasium zu Schrimm angestellt.
- Bellermann, Prof. Ferd., Landschaftsmaler, erhielt den rothen Adlerorden IV Kl.
- Bernhardt, Dr., als ordentlicher Lehrer am Gymnasium zu Sorau angestellt.
- Börmann, Provinzial-Schulrath zu Berlin, erhielt den rothen Adlerorden III Kl. mit der Schleife.
- Bouterwek, Dr., Director des Gymnasiums zu Elberfeld, als 'Professor' prädicirt.
- Brüggemann, Dr., Geh. Ober-Reg.-Rath zu Berlin, erhielt den Stern zum rothen Adlerorden II Kl. mit Eichenlaub.
- Busch, Dr., ord. Professor an der Universität Bonn, erhielt den rothen Adlerorden IV Kl.
- Bussmann, Dr., als ordentlicher Lehrer am Gymnasium zu Hamm angestellt.
- v. Daniels, Dr., Obertribunalrath u. so. Professor an der Universität Berlin, erhielt den rothen Adlerorden II Kl. mit Eichenlaub.
- Dorner, Dr., Oberconsistorialrath u. ord. Professor an der Universität Berlin, erhielt den rothen Adlerorden III Kl. mit der Schleife.
- Döring, bisher Gymnasiallehrer zu Wesel, zum ord. Lehrer an der Realschule in Barmen berufen.
- Eggert, Dr., ordentl. Lehrer am Pädagogium zu Jenkau, zum 'Oberlehrer' befördert.

ANEXO IV

Necrológio de Johann Albrecht Karl Schäfer, publicado no Relatório Anual do Liceu Real de Erlangen, em 7 de agosto de 1863.

Beförderungen und Ehrenbezeichnungen. 103

der alle genannten Römer an Grösse und Verdienst hoch überragt und darum eben nur dem Jupiter vergleichbar ist. Schon diese letzte Wendung des Gedichts zeigt, dass an eine weitere Fortführung des Vergleiches nicht gedacht werden darf. Dass übrigens die Anlage der Ode auch in solcher Weise den poetischen Forderungen entspreche, und dass in derselben nichts überflüssig und schleppend, oder gar störend und verletzend sei, darüber ist wohl Niemand in Zweifel, der das Gedicht vorurtheilsfrei betrachtet und überhaupt das Wesen der alten Poesie kennt.

[J.]

ERLANGEN. Dem Jahresberichte von der dasigen kön. Studienanstalt, bekannt gemacht bei der öffentlichen Preisvertheilung den 28. Aug. 1859, ist eine sehr beherzigenswerthe Abhandlung *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* von dem Professor Dr. Karl Schäfer (Erlangen. 51 (24) S. gr. 4.) beigegeben, worin die Frage über die beste Methode der Uebersetzung fremder Schriftsteller in unsere Sprache einsichtsvoll und treffend untersucht und beantwortet ist. Je mehr in der neueren Zeit die Vossische Uebersetzungsweise sich ausgebildet und fast zur Manier erhoben, überhaupt aber die Nachbildung fremder Schriftsteller in die Richtung sich umgestaltet hat, dem Inhalte entweder die Form oder der Form den Inhalt aufzuopfern; um so mehr hat Hr. S. sich veranlasst gesehen, seine Erörterung mit einer Prüfung von Schleiermachers Abhandlung über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens (in den Abhandl. der philos. Classe der kön. Akademie der Wissensch. Berlin 1816. S. 143 ff.) zu beginnen, weil Schleiermacher eben die Richtigkeit der Vossischen Methode zu erweisen und die Vermittlung der erwähnten zwei Extreme herbeizuführen bemüht gewesen ist. Treffend und überzeugend ist dargethan, dass die Schleiermachersche Vermittelung nicht zum Rechten, sondern vielmehr bei consequenter Durchführung zu etwas sehr Verkehrtem führt, und eingewebt sind allerlei Erörterungen über die verschiedenen Richtungen des Uebersetzens, über Paraphrase, Nachbildung und Uebersetzung, über die nothwendige Bewahrung der Form bei poetischen und rhetorisch-oratorischen Schriften, über den Widerstreit unserer accentuirenden Sprache gegen die strenge Prosodik der griechischen und römischen Sprache und dergl. m. Dies führt dann zu einer treffenden Nachweisung der Gewaltthätigkeit, welche durch die Vossische Uebersetzungsweise gegen unsere Sprache geübt wird, und der sprachlich-stylistischen Mängel, woran diese Uebersetzungen leiden, wobei zugleich Göthe's Urtheil über Voss (in den Noten und Abhandl. zum westöstl. Divan Th. 6. S. 239.) limitirt, das Mangel- und Fehlerhafte der Klopstockischen Nachbildungsform angedeutet und darauf hingewiesen ist, dass schon die Alten, z. B. Cicero de opt. gen. orat. c. 5., den rechten Uebersetzungsweg angedeutet und getroffen haben. Zum Schluss sind dann die allgemein gültigen Grundsätze und Bedingungen einer guten Uebersetzung in allgemeine Gesetze und Regeln zusammengefasst, und es wird verlangt, dass eine Uebersetzung vollkommen deutsch sei, d. h. dass sie den Charakter und die Form unseres volksthümlichen Denkens

und Empfindens nach seiner Eigenthümlichkeit rein und klar anpräge; dass die Sprache in ihr nicht blos correct, sondern auch anmuthig, gefällig, wohlthuend und harmonisch sei; dass die Uebersetzung nicht blos als Surrogat für die Unzugänglichkeit des Originals, sondern als Etwas an sich erscheine, was man für sich geniessen könne und nicht erst in die Urschrift zurückzuübersetzen brauche, um es geniessbar zu machen; dass der Uebersetzer sich ganz in die Denk- und Anschauungsweise des Autors hineinversetze und mit dessen Individualität seine eigene möglichst identificire, um eine Nachbildung zu schaffen, welche bei treuer Bewahrung der Spracheigenthümlichkeiten der Muttersprache doch auch die alten oder überhaupt die fremden Schriftsteller, wie sie lebten und lebten, klar erkennen und richtig geniessen lässt. Droysens Uebersetzung des Aristophanes wird hierbei als Muster empfohlen und wegen des Weiteren überhaupt auf dessen Vorrede Thl. I. p. XI—XVI. verwiesen. Die ganze Abhandlung ist eine überaus zeitgemässe und dankenswerthe, da das Uebersetzen und Nachbilden fremder Schriftwerke fortwährend einen so wesentlichen Theil unserer Literatur ausmacht, und der Verf. macht sehr richtig darauf aufmerksam, dass das deutsche Volk nicht nur früherhin, weil seine Bildung gleich vom Anfang an auf die griechisch-römische gegründet wurde und weil Bedürfniss und Achtung des Fremden zu den wissenschaftlichen Erzeugnissen der in Geistesbildung vorangecilteten Nachbarvölker hinzog, sondern auch jetzt noch durch seine Weltstellung und seine Lage im Herzen Europas zum ununterbrochenen Verkehr nach allen Richtungen hin angewiesen und berufen ist, und also ganz natürlich die Nachbildung und Aneignung des Fremden mit Fleiss und Vorliebe übt. Die aufgestellten Uebersetzungsgrundsätze aber wird man unbedingt für richtig und wahr anerkennen, und sie höchstens in einigen Punkten etwas eingeschränkt wissen wollen, weil einige Forderungen doch etwas zu schroff sind, und dieselbe übertriebene Deutung und Anwendung zulassen, welche der Schleiermacherschen Abhandlung Schuld gegeben ist. Weil nämlich der Verf. die gewonnenen Endresultate etwas zu sehr im Allgemeinen gehalten hat, so lässt sich aus seinen Grundsätzen leicht herausdeuten, dass er die Uebersetzungen zu sehr auf das Gebiet freier Nachbildungen hinüberstelle und demnach in den entgegengesetzten Fehler von Schleiermacher gerathen sei, welcher den Begriff der Uebersetzung zu schroff festgehalten hat. Durch ein etwas specielleres Eingehen auf die Sache, welches aber vielleicht der Umfang des Programms nicht erlaubte, würde dieser Uebelstand vermieden worden sein. Vielleicht wäre der Verf. dieser möglichen Missdeutung seiner Ansichten schon dadurch begegnet, wenn er bei der Betrachtung der Uebersetzungsrichtungen der Vorzeit den Umstand etwas schärfer herausgestellt hätte, dass die leitende Idee, nach welcher man die Richtigkeit der Nachbildung fremder Sprachprodukte zu bestimmen pflegt, jederzeit von dem Bedürfniss der Zeit und von der Beschaffenheit und Stellung der Sprachforschung abhängig ist. Klopstocks Leistungen auf diesem Felde z. B. sind ganz ausserordentlich von dem Bedürfniss, den Deutschen erst eine poetische

Beförderungen und Ehrenbezeichnungen. 105

Sprache zu schaffen, und von der unklaren Bewunderung der vermeintlich absoluten und unübertreffbaren Vollkommenheit der römischen und griechischen Literatur abhängig; Voss und Schleiermacher aber konnten das rechte Gepräge einer wahren Uebersetzung darum nicht allseitig erkennen, weil das grammatische Studium der Sprachen noch nicht zu der klaren Erkenntniss ihres Wesens ausgebildet war, wie gegenwärtig. Seitdem man aber mehr und mehr dahintergekommen ist, die verschiedenen Abstufungen der Sprach- und Redeformen, ihre Berührungen und Unterschiede in den einzelnen Sprachen und ihren Einfluss auf das Gepräge und Colorit der Gedanken zu unterscheiden, die grammatischen Sprachgesetze von den rhetorischen und stylistischen, die concreten und abstracten Ausdrucksweisen, die einfache, tropische und figurirte Rede, den prosaischen und poetischen, den historischen, philosophischen und oratorischen oder den epischen, didactischen und lyrischen, den niedern, mittlern und höhern Styl bis in ihre tieferen Nuancen und nach ihrer Gleichheit und Verschiedenheit in den einzelnen Sprachen zu trennen; seitdem man bestimmter weiss, welchen speciellen und verschiedenartigen Einfluss der Verstand und die Vernunft auf die grammatischen Gesetze, die Phantasie auf tropische und metaphorische Ausdrucksweise, die Gemüthsregungen auf die figurirte Rede ausüben, welche verschiedenartigen Abstufungen alle diese geistigen Regungen durch coordinirtes oder subordinirtes Zusammenwirken in der Sprache hervorbringen, auf welchen Bedingungen eine einfach kindliche, lebendige, ruhige, phantastische, gemüthvolle u. dergl. Rede beruht, von welchen Bedingungen des Völkerlebens der Zustand und die Thätigkeit der geistigen Kräfte und ihrer Schöpfungen abhängt, wie und warum z. B. bei den Griechen die einfach-natürliche und sinnlich-concrete Anschauung und Sprachausprägung, bei den Römern die praktisch-verständige, phantasie- und gemüthlose, aber würdevoll erhabene und selbst pomphafte Ausdrucksweise vorherrscht, dagegen bei den Deutschen das höhere und reinere Gemüthsleben auch in der Sprache sich offenbart; seitdem man überhaupt den Unterschied der antiken Denk- und Gefühlsweise von der modernen aus den Sprachformen zu erkennen und gewissermaassen dieselbe in ihrer unmittelbaren Thätigkeit zu belauschen angefangen hat: seit dieser Zeit ist auch die Feststellung bestimmterer und klarerer Gesetze für die rechte Form der Uebersetzungen aus fremden Sprachen möglich geworden. Man weiss jetzt mit klaren Gründen darzuthun, warum die in den Vossischen Uebersetzungen erstrebte Wort- und Satzstreue doch keine Gleichheit des Colorits hervorbringt, warum man überhaupt die wahre Uebersetzung antiker oder überhaupt fremder Schriftwerke nicht in der möglichsten Gleichmässigkeit der Wörter und grammatischen und stylistischen Satzformen suchen, sondern in beiden oft bedeutendere Abweichungen vom Original zulassen muss und doch gleiche Wirkung hervorbringen kann, sobald nur die Grundbedingungen der verschiedenen Ausdrucksweisen gleich sind und die eingetretene Verschiedenartigkeit rein durch die Individualität der Sprache bedingt ist. Ebenso lernt man immer

mehr, dass die Gleichartigkeit des Tones zwischen der Uebersetzung und dem Original ganz besonders von dem strengen Festhalten und treuen (natürlich aber mit der Individualität der Sprache harmonirenden) Wiedergeben der einfachen und erhabenen, concreten und abstracten, natürlichen, tropischen und figurirten Begriffe und der einfachen, erhabenen, geschmückten, erregten Formen des in Worte eingekleideten Gedankens abhängt und dass darin die Haupthedingung einer treuen Uebersetzung zu suchen ist, welche in Wort- und Satzbau mehr oder minder vom Original abweichen darf, dagegen im logischen und ästhetischen Wiedergeben des Gedankens durchaus mit dem Original harmoniren muss. Da nun aber die antike Denk- und Gefühlsweise von der unsrigen sehr wesentlich abweicht, so kann es allerdings kommen, dass die Erfüllung aller dieser Bedingungen doch ein gewisses griechisch-deutsches und römisch-deutsches Colorit der Uebersetzung herbeiführt; allein es wird dasselbe nicht dadurch verursacht sein, dass man die Muttersprache selbst zu sehr gräcisirt oder romanisirt hätte, sondern seinen Grund in dem verschiedenartigen geistigen Denken und Fühlen des fremden Volks haben. Ob übrigens die Erfüllung aller dieser Bedingungen bei Uebersetzungen überall und durchaus möglich sei, das mag man für viele spezielle Fälle allerdings noch zweifelhaft finden, weil die Sprachforschung zwar angefangen hat, auf diese Unterscheidung und Begründung der Sprachgesetze zu achten, aber mit deren Erforschung noch lange nicht zum Abschluss ist. Immer aber würde die Hinweisung auf die bis jetzt schon gewonnenen Resultate Hrn. Schäfer das Mittel an die Hand gegeben haben, seine Forderungen, welche er an eine gute Uebersetzung macht, klarer, bestimmter und überzeugender darzustellen. Gegenwärtig beschränkt sich das Hauptverdienst seiner Abhandlung auf die Nachweisung dessen, was man in der Schleiermacherschen Abhandlung falsch verstehen kann oder geradezu für falsch erklären muss, und wie man die Uebersetzungsgesetze im Allgemeinen richtiger aufzufassen hat. Dagegen lässt er über die Art und Weise, wie man zur Erfüllung dieser Gesetze gelangen kann, trotz mehrerer treffenden Andeutungen doch noch Vieles unbestimmt.

[J.]

ERLANGEN. Bei der dasigen Universität ist in der theologischen Facultät der bisherige ordentl. Professor der Dogmatik, Consistorialrath Dr. *Frdr. Heinr. Ranko* [s. NJbb. 30, 342.] als zweiter Consistorialrath an das protestantische Consistorium in BAYREUTH befördert, und der Repetent und Privatdocent Dr. *J. Chr. K. Hofmann* zum ausserordentl. Professor der Theologie ernannt, in der medicinischen Facultät die durch *Stromeyers* Beförderung nach MÜNCHEN erledigte ordentl. Professur der Chirurgie dem fürstl. Siegmaringischen Leibarzte Dr. *J. F. M. Heyfelder* übertragen, in der philosophischen Facultät der ausserordentl. Professor Dr. *Chr. M. L. J. Droscher* zum ordentl. Professor der orientalischen Sprachen ernannt, und der Professor Dr. *K. Ph. Fischer* aus Tübingen als ordentl. Professor der theoret. Philosophie berufen worden, dagegen der Professor Dr. *Friedr. Rückert* einem Rufe an die Universität Berlin